

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP

CLÁUDIA LAURIDO FIGUEIRA

**Festa popular na Amazônia: Sairé a reinvenção da  
tradição em Alter do Chão (PA)  
(1973 a 1997)**

**MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL**

**SÃO PAULO**

**2014**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP

CLÁUDIA LAURIDO FIGUEIRA

**Festa popular na Amazônia: Sairé a reinvenção da tradição  
em Alter do Chão (PA)  
(1973 a 1997)**

**MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em História Social, sob orientação da Prof. Dr. Amilcar Torrão Filho.

**SÃO PAULO**

**2014**

**BANCA EXAMINADORA**

---

---

---

## DEDICATÓRIA

*À memória de meu querido pai Pedro de Sousa Figueira, que acreditou nas minhas potencialidades.*

*A todos os moradores de Alter do Chão, em especial aos interlocutores (as) que participaram da pesquisa.*

*E ao Igor Figueira Cardoso que suportou minha ausência durante o período desta pesquisa.*

## **AGRADECIMENTOS**

A trajetória de uma pessoa está sempre marcada pela presença de seres que cruzam o caminho e deixam um pouco de si, por isso, o processo de construção do conhecimento não é diferente. Concluir uma etapa desse processo é antes de tudo uma vitória coletiva, não individual.

Em meio a tantos que contribuíram fica difícil nomear cada um, pois a lista é quase infinita, mas os que aqui forem citados representarão todos aqueles que um dia encontrei pelo caminho e que de alguma forma deixaram sua marca.

Em todo caso, começo agradecendo aos meus familiares e faço isso em nome da minha querida avó Juliana Coelho Laurido, pois como matriarca sempre foi o refúgio e a força traduzida na fé. Seus conselhos foram como “força germinativa” que me impulsionaram a realizar essa nobre tarefa. Agradeço minha mãe pelo carinho e cuidado que sempre teve nos momentos que eu precisava estar concentrada nas leituras.

Às minhas irmãs e irmão Daniela Laurido, Joelma Laurido, Ana Karina e Alexandre Laurido pela acolhida e por me fazerem sentir sempre em casa. Obrigada pela compreensão. Aos sobrinhos (as) Danilo, Nicole e Bárbara pela companhia, seus sorrisos foram fonte de inspiração. À tia Maria José Mertens, tio Werner Mertens e primas por compartilharem comigo o afeto familiar. Ao Renato Sampaio por me ajudar a localizar livros e teses na USP.

A você, Igor Figueira Cardoso, meu carinho por suportar minha ausência durante esses dois anos, em minhas lembranças sempre ficará a imagem do seu choro que mais me impulsionou a buscar novos horizontes. Também não poderia esquecer seu amado pai, Rivelino Cardoso, que cuidou de você durante a minha ausência.

Além da família, serei sempre grata pela contribuição dos amigos que fiz nestes dois anos, por isso, agradeço a Matthias Grenzer pela leitura e crítica que fez ao meu trabalho nos primeiros semestres e por dispor de seu precioso tempo para ouvir minhas dúvidas. Ao Tadeu dos Santos por sua gentileza ao me acompanhar durante as viagens do ABC a PUC nos primeiros semestres. Obrigada por compartilhar sua companhia e por me acolher em momentos difíceis quando

inicie a escrita da pesquisa, suas palavras e carinho foram fundamentais, a você meus sinceros agradecimentos.

Aos colegas do mestrado pelas sugestões durante os debates.

Do lado do Pará não poderia esquecer a acolhida que recebi de Daniela Blanco, Laura Emília Sebastiana Mendes, Alenilson Ribeiro, Marilu Roberta, Francisco Araújo, Francisca Canindé, Luís Laurido, Pe. Paulo Shuto, Edna Reis e sua mãe Maria de Jesus, obrigada pelas sugestões, conversas e livros emprestados, os quais foram relevantes para pensar a pesquisa.

Ana Renata Pantoja, agradeço pelo carinho e força que sempre me deu para continuar minha jornada acadêmica, com você aprendi a trilhar o caminho da pesquisa.

Reginaldo Sales por dispor de seu precioso tempo para enviar materiais bibliográficos, os quais foram importantes para aprofundar a pesquisa.

Ao professor Dr. Amílcar Torráo Filho pela atenção, confiança e contribuições durante estes dois anos de pesquisa, que foram essenciais para meu crescimento acadêmico.

Aos professores Dra. Estefania Knotz Canguçu Fraga e Dra. Márcia Maria Cabreira Monteiro de Sousa, pelas observações na banca de qualificação.

Ao professor Dr. Fernando Torres Londonõ pelas sugestões importantes que fez aos meus textos e pelas indicações bibliográficas.

Aos professores (as) do Programa de História, Dr. Antonio Rago Filho, Dra. Maria do Rosário da Cunha Peixoto, Dra. Olga Brites, Dra. Yvone Dias Avelino pelas contribuições durante as aulas dos semestres.

À CAPES pelo apoio financeiro, o qual foi de relevante importância para a continuidade do mestrado.

À SEDUC por possibilitar os estudos através da licença concedida.

Também agradeço imensamente a todos os moradores de Alter do Chão que participaram da pesquisa cedendo suas narrativas, sem elas este trabalho não seria possível. Meu grande apreço e consideração pela acolhida que me deram durante a pesquisa.

Enfim, agradeço a todos que direta ou indiretamente foram importantes para que eu chegasse a este momento.

## LISTA DE SIGLAS

|          |                                                     |
|----------|-----------------------------------------------------|
| CAT      | Centro de Atendimento ao Turista                    |
| CCI      | Centro de Conveniência do Idoso                     |
| CENTUR   | Fundação Cultural Tancredo Neves                    |
| COSAMPA  | Companhia de Saneamento do Pará                     |
| EMBRATUR | Instituto Brasileiro de Turismo                     |
| IBGE     | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística     |
| ICBS     | Instituto Cultural Boanerges Sena                   |
| IMATER   | Instituto Assistência Técnica e Extensão Rural      |
| INCRA    | Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária |
| MEB      | Movimento de Educação de Base                       |
| PNMT     | Programa Nacional de Municipalização                |
| PARATUR  | Companhia Paraense de Turismo                       |
| PFL      | Partido da Frente Liberal                           |
| PT       | Partido dos Trabalhadores                           |
| SESC     | Serviço Social do Comércio/Santarém                 |
| SUDAM    | Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia     |



## **LISTA DE MAPA**

|                                                                                            |    |
|--------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| MAPA 1 Localização da cidade de Santarém e do distrito de Alter do Chão no Estado do Pará. | 16 |
|--------------------------------------------------------------------------------------------|----|

## **LISTA DE TABELA**

|                                                                         |    |
|-------------------------------------------------------------------------|----|
| TABELA 1 Atas das Reuniões do Conselho Comunitário de Alter do Chão PA. | 33 |
|-------------------------------------------------------------------------|----|

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

|                                                                            |    |
|----------------------------------------------------------------------------|----|
| ILUSTRAÇÃO 1 Rodovias Projetadas o I Plano de Desenvolvimento da Amazônia. | 42 |
| ILUSTRAÇÃO 2 Área de distribuição geográfica da dança do Sairé.            | 49 |

## **LISTA DE FIGURAS**

|                                                        |     |
|--------------------------------------------------------|-----|
| FIGURA 1 Programa da Festa do Sairé de 1983.           | 132 |
| FIGURA 2 Programa da Festa do Sairé de 1983.           | 133 |
| FIGURA 3 Matéria do Jornal “Gazeta” sobre Sairé, 1996. | 141 |
| FIGURA 4 Desenho de Alter do Chão, 2006.               | 154 |
| FIGURA 5 Cartaz da Festa do Sairé, 2006.               | 166 |

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

|                                                                                             |    |
|---------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| FOTOGRAFIA 1 – Moradores de Alter do Chão, 1943.                                            | 44 |
| FOTOGRAFIA 2 - Grupo de músicos de Alter do Chão, 1940.                                     | 44 |
| FOTOGRAFIAS 3 e 4 – Símbolo do Sairé, 1976.                                                 | 52 |
| FOTOGRAFIA 5 - Saraipora em frente à Igreja da Nossa Senhora da Saúde, 1976.                | 55 |
| FOTOGRAFIAS 6 – Moradores de Alter do Chão no Puxirum da estrada, 1978.                     | 63 |
| FOTOGRAFIA 7 e 8 – Construção da ponte, 1978.                                               | 64 |
| FOTOGRAFIA 9 – Pausa para almoço, 1978.                                                     | 65 |
| FOTOGRAFIA 10 – Puxirum da construção do grupo escolar Dom Macedo Costa, 1967.              | 66 |
| FOTOGRAFIA 11 – Mulheres no puxirum da limpeza do terreno, 1967.                            | 67 |
| FOTOGRAFIA 12 – Blocos para a construção do grupo escolar, 1967                             | 67 |
| FOTOGRAFIA 13 – Primeiras paredes construídas do grupo escolar, 1967.                       | 68 |
| FOTOGRAFIA 14 – Placa na escola Dom Macedo Costa, 2013.                                     | 69 |
| FOTOGRAFIA 15 - Inauguração da usina de energia em Alter do Chão, 1953.                     | 70 |
| FOTOGRAFIA 16 – Prédio da usina de energia de Alter do Chão, 1958.                          | 71 |
| FOTOGRAFIA 17 – Alunos do grupo escolar Dom Macedo Costa no desfile 07 de setembro de 1976. | 78 |
| FOTOGRAFIA 18 – Programação da semana da Pátria, 1976.                                      | 79 |
| FOTOGRAFIA 19 - Busca dos mastros próximo ao Lago Verde, 1974.                              | 87 |
| FOTOGRAFIA 20 - Cortejo e os mastros, 1974.                                                 | 88 |
| FOTOGRAFIA 21 - Procissão do Sairé, 1977.                                                   | 88 |
| FOTOGRAFIA 22 - Mastros erguidos frente na Praça 7 de Setembro, 1974.                       | 89 |

|                                                                                 |     |
|---------------------------------------------------------------------------------|-----|
| FOTOGRAFIA 23 - Ornamentação do barracão do Sairé, 2008.                        | 90  |
| FOTOGRAFIA 24 - Reverência ao Divino Espírito Santo no barracão do Sairé, 1978. | 91  |
| FOTOGRAFIA 25 – Cerimônia de agradecimento à mesa, 1978.                        | 91  |
| FOTOGRAFIA 26 – Alimentos servidos na abertura da Festa do Sairé, 2007.         | 93  |
| FOTOGRAFIA 27 - Culto religioso de abertura da Festa do Sairé, 2006.            | 95  |
| FOTOGRAFIA 28 - Barracão do Sairé, 1980.                                        | 97  |
| FOTOGRAFIA 29 - Barracão do Sairé, 2007.                                        | 97  |
| FOTOGRAFIA 30 - Cozinha do Barracão do Sairé, 2007.                             | 98  |
| FOTOGRAFIA 31 – Troneira e mordomas, 2007.                                      | 99  |
| FOTOGRAFIA 32 – Saraipora e Juíza, 2007.                                        | 99  |
| FOTOGRAFIA 33 – Dispenseiras, 2007.                                             | 100 |
| FOTOGRAFIA 34 – Foliões e rezadores, 1978.                                      | 106 |
| FOTOGRAFIA 35 – Imagem da Santíssima Trindade, 2013.                            | 109 |
| FOTOGRAFIA 36 – Oratórios domésticos, 2014                                      | 110 |
| FOTOGRAFIAS 37 e 38 - Oratórios domésticos, 2014.                               | 111 |
| FOTOGRAFIA 39 – Grupo de foliões, 2007.                                         | 114 |
| FOTOGRAFIA 40 - Cordão de Pássaro Pipira Brasileira, 1976.                      | 117 |
| FOTOGRAFIA 41 - Integrante da Valsa Ponta do Lenço, Sairé, 1976.                | 118 |
| FOTOGRAFIA 42 - Valsa da Ponta do lenço, Sairé, 1978.                           | 121 |
| FOTOGRAFIA 43 - Pipira Brasileira, Sairé, 1978.                                 | 121 |
| FOTOGRAFIA 44 - Cruzador Tupi, Sairé, 1978.                                     | 121 |
| FOTOGRAFIA 45 - Curimbó, Casa de Cultura, 1978.                                 | 122 |
| FOTOGRAFIA 46 - Barracas em volta da Praça 7 de Setembro, 1974.                 | 125 |
| FOTOGRAFIA 47 - Imagem da praia e das barracas, 2012.                           | 126 |
| FOTOGRAFIA 48 - Grupo Espanta Cão, Sairé, 1978.                                 | 131 |

|                                                                          |     |
|--------------------------------------------------------------------------|-----|
| FOTOGRAFIA 49 - Festa do Sairé, 1986.                                    | 134 |
| FOTOGRAFIA 50 - Show na Praça 7 de setembro na Festa do Sairé, 1988.     | 135 |
| FOTOGRAFIA 51 - Rodovia Fernando Guilhon, 2007.                          | 137 |
| FOTOGRAFIA 52 – Placa de venda de casa e terreno em Alter do Chão, 2014. | 146 |
| FOTOGRAFIA 53 – Condomínio em Alter do Chão, 2014.                       | 147 |
| FOTOGRAFIA 54 – Residência em Alter do Chão, 2014.                       | 148 |
| FOTOGRAFIA 55 – Residência de morador nativo, Alter do Chão, 2013.       | 149 |
| FOTOGRAFIA 56 - Residência de morador nativo, Alter do Chão, 2014.       | 150 |
| FOTOGRAFIA 57 - Hotel “Mirante da ilha”, 2014.                           | 151 |
| FOTOGRAFIA 58 - Show na praia de Alter do Chão, em 1998.                 | 162 |
| FOTOGRAFIA 59 - Lagos Botos, 2006.                                       | 165 |
| FOTOGRAFIA 60 - Praça 7 de Setembro – Imagens dos Botos, 2013.           | 169 |

## RESUMO

A pesquisa tem como objetivo estudar o processo de (re) constituição da Festa do Sairé em de Alter do Chão (PA) em 1973 a partir das memórias das lideranças, relacionando-as às experiências vivenciadas nas festas de santos de devoção familiar e nos puxiruns. Para compreender os valores e elementos constitutivos da festa foi fundamental suscitar as lembranças dos interlocutores considerando seu cotidiano, as quais foram articulados com os registros das reuniões do Conselho Comunitário, registros fotográficos e observações. A partir do cruzamento e análise das fontes foi possível perceber o “sentido comunitário” como princípio norteador da festa experimentado no trabalho, no lazer, nas festas de santos e no Conselho que planejava e organizava a festa. Em 1997 a prefeitura municipal de Santarém apropriou-se da parte folclórica administrando-a e retirando da comunidade seu poder de gerenciamento sobre o recurso da festa. As apresentações foram organizadas na perspectiva do “espetáculo” e do show. Nesse processo, é pertinente entender as tensões, negociações e mediações estabelecidas entre as lideranças e a prefeitura em torno da festa.

Palavras-chave: Sairé; festa; memória; comunidade; tensões; cultura.

## **ABSTRACT**

This study aims to investigate the process of the (re) establishment of the Feast of Sairé in Alter do Chão (PA) in 1973 from the memories of leadership relating them to the experiences in the feasts of saints of family devotion and puxiruns (gathering) process. To understand the values and the constituent elements of the party, it was essential to elicit memories of the interlocutors considering their daily lives which were articulated with the records of meetings of the Community Council, photographic records and observations. From the interlacement, and analysis of the sources it was revealed, the sense of community as a guiding principle of the party experienced in work, leisure, party of saints and the Council who planned and organized the party. In 1997, the municipal government of Santarém appropriated the administration of the folklore part, administering it and removing the community's control and management on the funding of the party. The presentations were organized in perspective of the "spectacles" and concerts. In this process, it is pertinent to understand the tensions, negotiations and mediations established between the leaders and the municipality around the party.

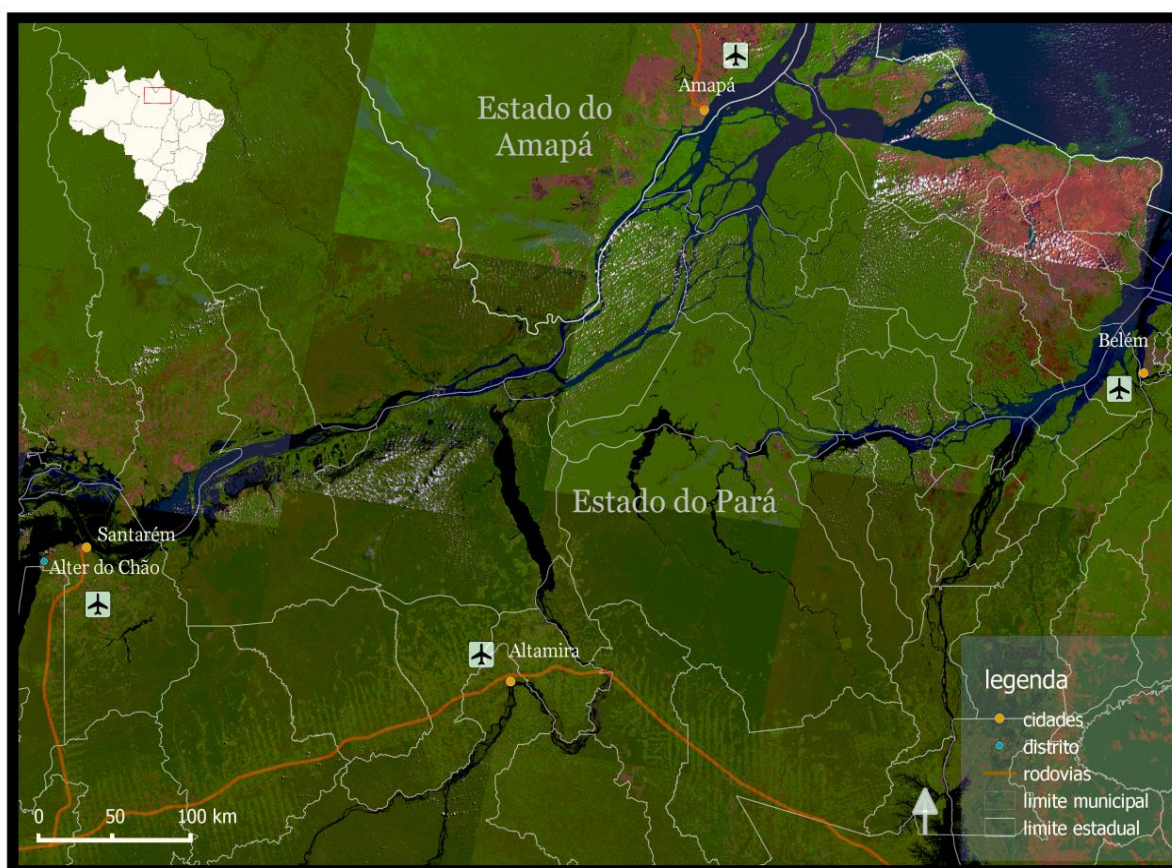
**Keywords:** Sairé; party; memory; community; tensions; culture.

## SUMÁRIO

|                                                                                       |     |
|---------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Introdução                                                                            | 16  |
| 1. A cultura do puxirum e o sentido comunitário na Festa do Sairé                     | 40  |
| 1.1. Fragmentos” de memórias: O Sairé na festa da Nossa Senhora da Saúde              | 40  |
| 1.2. Cotidiano, lutas e modos de viver em Alter do Chão (PA)                          | 56  |
| 2. Festa, tradição e memórias                                                         | 83  |
| 2.1. Barracão, lugar da memória e da resistência                                      | 83  |
| 2.2. O Divino Espírito Santo: vivência de uma religiosidade popular na Festa do Sairé | 102 |
| 2.3. Foliões e rezadores: a força da oralidade                                        | 112 |
| 2.4. “No Sairé antigo não tinha danças folclóricas”                                   | 115 |
| 3. “Não é coisa isolada fazer cultura e fazer política                                | 127 |
| 3.1. “A festa quem faz é a comunidade”                                                | 127 |
| 3.2. “Esse beiradão era nosso”                                                        | 144 |
| 3.3. “Novo modelo de administração da festa do Sairé                                  | 155 |
| 4. Considerações finais                                                               | 174 |
| Referências                                                                           | 181 |
| Anexos                                                                                | 190 |

## INTRODUÇÃO

O Distrito de Alter do Chão, localizado à margem direita do rio Tapajós, está 38 km distante do município de Santarém (PA)<sup>1</sup>. O acesso à vila, hoje, pode ser realizado pela estrada PA-457, ou por via fluvial, através do rio Tapajós, num trajeto que tem duração de três horas. De acordo com o IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística vivem no Distrito cerca 8.078 habitantes, destes 1.298 moram na área urbana, denominada de setor 1<sup>2</sup>.



Mapa 1 – Estado do Pará – localização da cidade de Santarém e Distrito de Alter do Chão.  
Fonte: José Cossermelli, 2014.

<sup>1</sup> Ver mapas 1

<sup>2</sup>Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- Alter do Chão é distrito da cidade de Santarém desde 1911 e está dividido em nove setores, do qual o setor 1 corresponde à área urbana. O limite desta área é a seguinte: Rio Tapajós até confrontar com a travessa Copacabana, reta no sentido leste até a margem do Lago Verde, reta do sentido sul até a Rodovia Santarém-Alter do Chão, reta no sentido oeste paralela a Rua Seis de Março até atingir o rio Tapajós, rio Tapajós até confrontar travessa Peres.



De acordo com dados da Cúria de Santarém (1953, p.17) Alter do Chão, no século XVII, constituiu a missão dos Borari fundada pelos padres jesuítas, os quais através da Carta Regia de 1693 receberam autorização para desenvolver ações missionárias no curso do rio Tapajós, onde fundaram as missões do Arapiuns, São Inácio, São José, Tapajós e Borari. Segundo Reis (1942) e Moreira (1992) os primeiros contatos dos padres inacianos portugueses na Amazônia ocorreu em 1636, com o Padre Luís Figueira, que visitou Belém, São Luis, Tocantins, Pacajaz e o Xingu. No entanto, em torno do Rio Tapajós, os contatos preliminares se deram em 1659 com o padre Antônio Vieira, este enviou em 1661 os padres Tomé Ribeiro e Gaspar Misch para estabelecer os contatos com os índios Tapajós a fim de levantar informações fundamentais para efetivar a ação jesuítica na região do rio (CYPRIANO, 2007). Mas coube ao Padre Felipe Bettendorff<sup>3</sup> realizar a fundação das missões jesuíticas no curso do rio Tapajós (ARENZ, 2010). Após a expulsão dos jesuítas da Amazônia em 1750<sup>4</sup> (FRAGOSO, 1992), a missão dos Borari foi elevada à categoria de vila em 6 de março de 1758 e recebeu o nome de Alter do Chão. Não há informações precisas sobre os Borari até o momento, mas Bates (1863/1979, p. 161), ao chegar a Alter do Chão em 1850 menciona que a vila “tinha sido originalmente uma aldeia de indígenas, denominada Burari”, logo, os habitantes que encontrou possivelmente eram descendentes destes. Assim, as possíveis conjecturas a respeito dos mesmos são genéricas, portanto, associadas aos indígenas que habitavam o rio Tapajós, os quais aparecem nos relatos dos jesuítas.

Após a expulsão dos inacianos, a região Amazônica ficou desprovida de padres e os poucos que eram enviados só realizavam visitas às paróquias na época das festas dos padroeiros. Essa ausência e a pouca assistência possibilitou que os indígenas e seus descendentes continuassem reorganizando seus sistemas religiosos baseadas nos ensinamentos cristãos herdados dos jesuítas e de suas antigas crenças, as quais não foram totalmente destruídas e esquecidas. Segundo Vaz Filho (2010, p, 72)

---

<sup>3</sup>Para maiores detalhes acerca de Bettendorff consultar artigo de ARENZ, Karl Heinz. Do Alzette ao Amazonas: vida e obra do padre João Felipe Bettendorff (1625-1698). **Revista Estudos Amazônicos**. Belém, Vol. V, nº 1, p. 25-78, 2010.

<sup>4</sup> Para maiores informações consultar FRAGOSO, Hugo. **A era missionária** (1686-1759). Petrópolis: Vozes. 1992, p.199-209.

Diante do processo de dominação econômica e cultural a que foram submetidos, as novas gerações de indígenas aldeados reagiam de diferentes formas, principalmente através de estratégias discretas ou silenciosas, exercitadas no espaço privado ou familiar. E no limite do possível, eles conservavam ou recriavam crenças e costumes dos tempos tribais ou das missões e desenvolviam modos de vida adaptados à sua nova realidade. Exemplos: a crença nos *encantados* e nos *pajés*, o trabalho coletivo conhecido como *puxirum* e uma economia que integra extrativismo florestal, caça, pesca e agricultura. São esses traços econômicos e culturais que são normalmente caracterizados pelos estudiosos como compondo a sua condição de caboclo.

Esse processo teria resultado na formação de um sistema religioso regional ao qual Galvão denomina “religiosidade cabocla” pois na zona rural, “(...) predomina crenças e práticas de origem ameríndia e ibérica” (GALVÃO, 1953, p. 2). Estas estariam presentes nas festas de santos padroeiros e santos de devoção.

Em Alter do Chão na festa da padroeira, Nossa Senhora da Saúde, eram comuns as ladainhas rezadas em latim pelos rezadores, a prática da esmolação, a elevação e derrubada dos mastros e a Festa do Sairé, que ocorria no barracão, tais práticas foram denominadas pelos padres de “profanas”. Assim, desde 1904 já existia a intenção de retirá-las das festas religiosas na Prelazia de Santarém<sup>5</sup>. Dom Frederico Costa assumiu a prelatura em 29 de setembro de 1904 e permaneceu até setembro de 1906, quando foi empossado Bispo de Manaus. A prelazia estava dividida em 19 paróquias distribuídas em zonas geográficas, como destaca Santos (1978, p.11):

**Rio Tapajós** – Paróquias de Sant’Ana (Itaituba); Paróquia de Nossa Senhora da Conceição (Aveiro); Paróquia de São Inácio de Loiola (Boim); Paróquia de Nossa Senhora da Assunção (Vila Franca); **Paróquia de Nossa Senhora da Saúde (Alter do Chão)**; Paróquia de Nossa Senhora da Conceição (Santarém); **Rio Amazonas**: Paróquia de São João Batista (Faro); Paróquia de Nossa Senhora da Purificação (Juruti); Paróquia de Sant’Ana (Óbidos); Paróquia de Santo Antônio de Pádua (Alenquer); Paróquia de São Francisco de Assis, em Monte Alegre; Paróquia de Nossa Senhora das Graças (Prainha); Paróquia de Nossa Senhora da Conceição (Almeirim) e Paróquia de Nossa Senhora do Rosário (Arraiólos); **Região do Amapá**: Paróquia de São Jorge (Macapá); Paróquia do Divino Espírito Santo (Amapá); Paróquia de Nossa Senhora da Assunção (Mazagão) e Paróquia de Nossa Senhora da Conceição (Bailique)

<sup>5</sup>A Prelazia de Santarém foi criada em 21 de setembro de 1903 pelo Papa Pio X, na condição de Prelazia “Nullius” e para assumi-la, o referido Papa nomeou no dia 26 de março de 1904 o Cônego Frederico Benício de Sousa Costa para o Prelado de Santarém.

A prelazia abrangia a extensão de 794.313 km<sup>2</sup> que incluía parte da região do Pará e Amapá. Embora o território fosse imenso e considerando as dificuldades financeiras, isso não impossibilitou as visitas pastorais do novo prelado. Dessas visitas resultaram oito Cartas Pastorais do período de 08 de outubro de 1904 a 24 de maio de 1906. É na terceira carta, de 7 de novembro de 1904, que o prelado imprime as normas das festividades religiosas:

(...) o prelado “adota medidas coercitivas proibindo as esmolações e determinava que nenhuma pessoa podia esmolar para fins religiosos, sem licença expressa, por escrito, do Ordinário da diocese ou do Vigário e prescrevia ser absolutamente proibido levar imagens ou coroas nas esmolações. (SANTOS, 1978, p. 66)

Embora o propósito não seja analisar as cartas pastorais de Frederico Costa, o objetivo é destacar que as práticas de esmolações levaram o prelado a adotar medidas coercitivas. No entanto, pelo pouco período que o mesmo atuou na prelazia e diante da extensão e do reduzido número de sacerdotes é possível supor que tais medidas não surtiram efeito. Dom Frederico Costa fazia parte do grupo de clérigos que estudou na Europa e compartilhava do projeto reformador da Igreja. Em decorrência de sua transferência para Manaus, a prelazia foi entregue a ordens religiosas estrangeiras, especificamente, a Ordem dos Franciscanos da Província de Santo Antônio do Brasil Setentrional.

Nesse sentido, em 1907 assume a Prelazia de Santarém o Frei Amando Bahlmann, que atuou até 1940. Seu substituto, Dom Frei Anselmo Pietrulla O.F.M permaneceu até 1968. Estes missionários franciscanos assumiram a Prelazia efetivamente e encontraram em várias comunidades práticas do catolicismo popular, as quais combateram, mas não conseguiram eliminar das festas dos santos padroeiros, como ocorreu em Alter do Chão, que continuou mantendo seu modo religioso de festejar a santa. É relevante destacar que em 1941 o Bispo Prelado de Santarém, Anselmo Pietrulla, recebeu a portaria nº 41 do Departamento de Segurança do Estado enviada pelo chefe de polícia, Salvador Borborema, que proíbe a realização de festas religiosas sem a autorização eclesiástica e trata “os abusos” ocorridos nas referidas festas, que perturbavam a “ordem” e “disciplina”, assim, estas “deveriam conservar o caráter estritamente religioso”, portanto, “ladainhas, mastros votivos, procissões com a condução de imagens de santos da

Igreja Católica”, assim como a venda de bebidas alcoólicas e jogos deveriam ser abolidos, como orienta a portaria:

RESOLVE:

1º) determinar a todas as autoridades policiais do interior do Estado que proibam, terminantemente, que se realizem festividades religiosas com apresentação de imagens de Santos, sem autorização expressa de autoridade eclesiástica do lugar.

2º.) – proibir, de modo geral, que durante as festividades religiosas, ainda mesmo que permitidas, se pratique o jogo de azar de qualquer natureza e espécie, assim como a venda e uso de cachaça;

3º.) – contra os infratores, as autoridades policiais lavrarão, quando couber, auto de flagrante delito ou inquérito policial, cujos autos serão entregues ao Juízo de Direito da Comarca, tudo de acordo com a Lei das Contravenções e Código de Processo Penal. Cientifique-se e publique-se.<sup>6</sup>

O documento indica três aspectos: festividades religiosas devem estar sob a responsabilidade e controle da Igreja, não do laicato; segundo, os jogos e venda de cachaça deveriam ser proibidos nas festas; terceiro as infrações passam a ser caso de polícia. É interessante analisar que o Chefe de Polícia Salvador Borborema, ao emitir essa portaria age de acordo com uma política voltada para a perseguição de todas as práticas consideradas desviantes da ortodoxia católica. Portanto, as religiões de matrizes afro-indígenas e práticas do catolicismo popular como esmolações de santo, ladainhas, também passam a ser combatidas. De acordo com Leal (2011, p.75) “Borborema não pretendia proibir as práticas festivas, mas discipliná-las para garantir a tranquilidade pública tão pregada pelo Estado Novo”. Sobre a proibição da cachaça nas festas, esta se deu principalmente no segundo governo de Magalhães Barata (1943-1945). Ainda segundo o autor a medida com tom moralizador “quebrava os poucos engenhos produtores e beneficiava diretamente a comercialização dos outros tipos de bebida, ao mesmo tempo em que incentivava o mercado paralelo desta e de outras bebidas alcoólicas”. (LEAL, 2011, p. 73).

Desse modo, a figura de Salvador Borborema como chefe de polícia do Pará representou “aplicação do projeto ideológico católico no Pará” na concepção de Leal (2011), isso em parte pode ser explicado devido a família Borborema defender as ideias ortodoxas da Igreja Católica. Assim, essa portaria indica caminhos para entender a proibição da Festa do Sairé em 1943, mas é preciso compreender

---

<sup>6</sup>Ver em anexo A a portaria nº 41 do Departamento de Segurança do Estado do Pará, 1942. Arquivo da Cúria de Santarém (PA).

também que a Igreja tinha interesse em controlar e disciplinar as práticas católicas populares existentes no Pará. Isso já havia começado no século XIX com o movimento romanização que ocorreu na Amazônia com os bispos Dom José Afonso de Moraes Torres (1844-1859) e Dom Antônio de Macedo Costa (1861-1890), mas continuou presente nos anos posteriores, visto que foi preciso controlar e disciplinar práticas religiosas leigas consideradas desviantes da ortodoxia da Igreja Católica. Segundo Maués,

(...) A chamada “romanização” ou “reforma da Igreja no Brasil” corresponde a um longo período que tem seu início na segunda metade do século passado e, de certo modo, prossegue até as vésperas do Concílio Vaticano II. (MAUÉS, 1999, p. 157)

Em meados de 1943, Alter do Chão exercia a função de paróquia e tinha um papel relevante no tocante às questões religiosas. Muitas comunidades ao longo do Tapajós não possuíam capelas, dessa forma, todo o movimento ocorria na vila. Com a chegada dos “padres americanos”<sup>7</sup> a vila perde o estatuto de paróquia, esta foi transferida para Belterra<sup>8</sup> e práticas do catolicismo popular presentes na festa da Nossa Senhora da Saúde como os mastros, ladainhas, esmolações de santos e a Festa do Sairé foram eliminadas. Assim deve-se considerar que as ações dos “padres americanos” estavam pautadas no processo de romanização ainda presente.

Embora o “projeto renovador” da Igreja Católica tenha conseguido implementar mudanças significativas nas festas religiosas, esse processo teve seus limites, visto que em Alter do Chão os moradores continuaram suas experiências religiosas nas colônias<sup>9</sup>, onde realizavam as festas de santos de devoção familiar, longe do controle da Igreja Católica, dentre os quais estavam: Sant’Ana; São Tomé, São Sebastião, Santíssima Trindade e o Divino Espírito Santo. Portanto, a proibição da Festa do Sairé em 1943 pode ser explicada considerando os aspectos mencionados.

---

<sup>7</sup>“Padres americanos” é a referência que marca o tempo da proibição no Sairé. “Os padres americanos” são os quatro franciscanos Tiago Ryan, frei Junípero Freitag, Severino Nelles e Tadeu Prost da Congregação do Coração de Jesus sediada em St. Louis, nos Estados Unidos da América do Norte que chegaram em 25 de junho de 1943 na Prelazia de Santarém. Os mesmos foram incumbidos de realizar os trabalhos pastorais na região do Tapajós, que incluía Alter do Chão.

<sup>8</sup> Belterra era a área destinada à produção de seringa do Projeto Henry Ford, que teve início em 1934.

<sup>9</sup> Colônias aqui significa o local onde moradores de Alter do Chão realizavam o cultivo de roça. Geralmente se dirigiam à vila nos finais de semana ou em tempo de festa.

Dessa forma, a Festa do Sairé, proibida na década de 1940 foi retomada na década de 1970 por artesãs, trabalhadores do campo, pescadores, pequenos comerciantes, portanto, uma ação coletiva que ocorreu em Alter do Chão baseada em referenciais religiosos e nas experiências transmitidas oralmente no cotidiano do trabalho, nos cantos, danças e festas de santos de devoção familiar. A Festa do Sairé é composta de um ritual religioso e uma parte folclórica e durante seu percurso desde sua “reconstituição” foi atualizada, outras atividades foram incluídas, principalmente no aspecto folclórico, como shows, atividades esportivas, festival dos Botos, dentre outros. Apresentamos uma breve descrição da festa como ocorre atualmente, baseada em observações realizadas desde 2006.

A Festa do Sairé ocorre na vila de Alter do Chão, na terceira semana de setembro. Tem início na quinta-feira e encerramento na segunda-feira. São cinco dias com inúmeras atividades organizadas para atender a públicos diferenciados. Uma semana antes da abertura oficial, os agentes do Sairé<sup>10</sup> saem em procissão fluvial para buscar os mastros em localidade próxima à vila. Estes são alojados na praia da Gurita até quinta-feira, quando serão levados em procissão à Praça do Sairé.

Na quinta-feira pela manhã ocorre cerimônia religiosa<sup>11</sup> conduzida pelos próprios agentes do Sairé. Terminado esse momento, o capitão<sup>12</sup> organiza a procissão<sup>13</sup>. Os alferes<sup>14</sup> levam a bandeira do Divino, uma vermelha e outra branca. Os mordomos<sup>15</sup> e mordomas em fila carregam varinhas enfeitadas com adornos coloridos. Entre estes, destacam-se o juiz, a saraipora,<sup>16</sup> que conduz o símbolo do Sairé; a juíza; a Coroa do Divino, a procuradora, o procurador e a troneira<sup>17</sup>. Atrás

<sup>10</sup> Os Agentes do Sairé são: Juiz, Juíza, Saraipora, Procurador, Procuradora, Capitão, alferes, meninas da fita, troneira, foliões, mordomos, mordomas.

<sup>11</sup> O culto era conduzido pelos agentes do Sairé, mas atualmente o pároco da vila tem assumido junto com os agentes do Sairé a parte litúrgica da festa na abertura (quinta-feira) e no domingo.

<sup>12</sup> O Capitão é responsável pela condução da procissão do Sairé. Também auxilia o juiz e o procurador nos trabalhos da festa.

<sup>13</sup> Os agentes do Sairé saem em procissão do barracão e seguem para a Rua Frei Cristão, em direção à praia da Gurida.

<sup>14</sup> São em número de dois. Conduzem a bandeira do Divino Espírito Santo.

<sup>15</sup> Os mordomos são em número de nove, assim como as mordomas. São responsáveis pelos trabalhos na festa, como a retirada dos mastros, ajudam na organização do barracão e carregam os mastros durante a procissão.

<sup>16</sup> Saraipora é a denominação da senhora que carrega o símbolo do Sairé na procissão. É possível que a denominação saraipora foi criada a partir de 1973, quando a festa foi reorganizada, pois esta não consta nas descrições de Pereira (1989).

<sup>17</sup> Troneira é a senhora responsável por zelar pelos símbolos do Sairé e a Coroa do Divino durante o rito religioso. Cuida do Trono do Divino.

vêm os foliões. Também participam prefeito, funcionários da prefeitura, alunos, visitantes e moradores da vila. Ao chegarem à praia da Gurita mordomos e mordomas carregam os mastros em procissão e retornam à Praça do Sairé ao som do marabaixo (Anexo B) entoado pelos foliões. Ao chegarem à praça, os mastros são deixados próximos onde serão erguidos. Todos seguem em direção ao barracão do Sairé de onde é realizada abertura oficial com o hasteamento do pavilhão nacional<sup>18</sup> em seguida a palavra é franqueada às autoridades locais – prefeito e presidente da comunidade. Após os pronunciamentos, inicia-se a ornamentação dos mastros com murta<sup>19</sup> e frutas diversas, após isso estes são erguidos em forma de competição entre homens e mulheres.

É o início da festa. Prefeito, capitão e presidente da comunidade cortam a fibra de eivira<sup>20</sup> inaugurando o barracão. Em seguida é servido café com produtos típicos da região<sup>21</sup> e o dia encerra-se com o almoço servido aos agentes do Sairé. A programação retorna às 18 horas, momento do rito religioso. Todos os agentes do Sairé saem do barracão em procissão, na direção dos mastros, os foliões entoam o canto as três Marias (Anexo B). Dão voltas e retornam ao barracão. Os símbolos são alocados no seu devido lugar e as rezadeiras, rezador, foliões e agentes do Sairé conduzem o momento. Inicia-se a ladainha (Anexo F), e depois disso os agentes dão voltas em torno dos mastros, retornam ao barracão e os foliões acompanham o movimento com o canto Sempre louvemos (Anexo E). Nesse momento a juíza senta-se em frente ao trono Coroa da Santíssima Trindade e a troneira entrega a Coroa em suas mãos. O primeiro a prestar homenagem ao santo é o juiz, em seguida a juíza, procurador, procuradora, saraipora, as meninas das fitas, mordomos, mordomas, alferes e por último os foliões. Após a cerimônia é servido o jantar aos agentes do Sairé.

Durante a realização da festa os profissionais da imprensa fazem cobertura. Na praça há poucas pessoas, algumas se acomodam próximo às barracas que vendem comida e bebida. A comunidade possui uma barraca onde ficam à venda os bombons de cupuaçu e muruci; licores de vários sabores das frutas da região,

---

<sup>18</sup>Várias bandeiras são hasteadas em frente ao barracão, além das bandeiras do Brasil, do Estado e do Município, também fazem parte as bandeiras de Alter do Chão, do Sairé, da comunidade do Laranjal, do Clube de Senhoras, dos clubes esportivos e de outros grupos da comunidade.

<sup>19</sup>Murta é um tipo de vegetação comum na região.

<sup>20</sup>Eivira é uma espécie de fibra.

<sup>21</sup>No café da manhã são comuns os produtos típicos da região, como a macaxeira, beiju, farinha de tapioca, batata doce e cará.

dentre outros, produzidos pelos moradores de Alter do Chão. Também se fazem presentes instituições como SESC - Serviço Social do Comércio/Santarém, Prefeitura Municipal, Corpo de Bombeiros, Polícia Militar, Hospital Regional. Vendedores ambulantes transitam com seus produtos e outras barracas de vendas são erguidas nas mediações da praça. As aparelhagens de som são acionadas e poucos minutos depois cantores regionais animam o momento. Às 21 horas tem início as apresentações das danças tradicionais<sup>22</sup>, do Grupo Espanta Cão<sup>23</sup> e outras danças como: Brincando de Sairé, Carimbó e Cheiro do Sairé, finalizando o show. Neste dia não há aglomerados de pessoas e o acesso ao Lago dos Botos<sup>24</sup> é gratuito.

Na sexta e sábado às 18 horas, como de costume inicia-se o rito religioso, seguido de show na praça e aproximadamente às 22 horas ocorre a apresentação dos Botos Tucuxi e Cor de Rosa<sup>25</sup>. O público dirige-se às arquibancadas de acordo com o Boto de sua simpatia, assim, formam-se as torcidas. Após a apresentação dos Botos, a programação continua com shows. No domingo iniciam às 9 horas com atividades esportivas; durante o dia, visitantes e turistas aproveitam a praia. O domingo é muito agitado devido ao grande número de pessoas que chega, visto que os ônibus saem de Santarém de hora em hora. Às 18 horas ocorre o rito religioso e a noite é finalizada com os shows.

Na segunda-feira acontece o final da festa. Às 8 horas derrubam-se os mastros, que seguida são levados em procissão e alojados em um local previamente escolhido. Ao retorno do cortejo os foliões animam os visitantes com cantos tradicionais (Anexos, G,H, I)<sup>26</sup> no barracão. Enquanto isso, mordomos e mordomas saem pela praça solicitando donativos<sup>27</sup> aos barraqueiros. Na cozinha do barracão do Sairé a equipe de cozinheiros prepara o almoço enquanto a juíza e a procuradora

---

<sup>22</sup> As danças tradicionais são as oriundas dos puxiruns introduzidas na Festa do Sairé em 1973. São elas, o Curimbó, Lundum, Desfeiteira, Roceiro, Marambiré.

<sup>23</sup> Espanta Cão é o nome do grupo de músicos criado em 1973 para acompanhar as danças tradicionais.

<sup>24</sup> “Lago dos Botos” é o local onde ocorrem as apresentações folclóricas e os shows. Todo ano são montados dois palcos, camarotes e arquibancadas.

<sup>25</sup> Os Botos aqui se refere às agremiações “Boto Tucuxi” e “Cor de Rosa” criados em 1997 por grupos de professores da vila de Alter do Chão para compor as apresentações folclóricas na Festa do Sairé.

<sup>26</sup> Os cantos são provenientes dos puxiruns: Macucauá, quebra macaxeira; Curimbó; Barboleta (Barboleta); São Benedito; Baiano.

<sup>27</sup> Donativos geralmente são bebidas e alimentos.



providenciam o tarubá<sup>28</sup>, distribuído aos que desejam tomá-lo. Esse momento encerra-se com o almoço servido aos agentes do Sairé. À noite os agentes do Sairé e donos das barracas confraternizam-se e os donativos arrecadados pela manhã são consumidos na festa. Essa é uma descrição da programação da Festa do Sairé como ocorre atualmente. A mesma é planejada e organizada pela Coordenação do Sairé e pela prefeitura municipal.

O contato desta pesquisadora com a Festa do Sairé ocorreu em 2006 quando houve o primeiro deslocamento até a vila para realizar os primeiros levantamentos para o trabalho de conclusão de Curso de História. Embora nativa da região, tinha conhecimento superficial da festa através dos meios de comunicação (TV e rádio) que a divulgavam constantemente semanas antes de sua realização. Mas sempre existia um questionamento interior acerca do que seria o Sairé.

Dentre os trabalhos que abordam a Festa do Sairé foi localizada a Tese de doutorado da professora Maria do Socorro Santiago, intitulada: *Pelos caminhos do Sairé: um estudo do aproveitamento da cultura popular no teatro-educação*, defendida em 1996 na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. A pesquisadora ampliou seu estudo incluindo dois capítulos sobre a Festa do Sairé em Alter do Chão, descrevendo-a, pois o objetivo se concentrou em levantar princípios norteadores de práticas pedagógicas através de uma experiência teatral tendo como base a festa, portanto, concentrou-se mais na performance do ritual do Sairé na perspectiva de pensá-lo para um contexto teatral. Outro autor que aborda a festa é Nunes Pereira, este realizou em 1953 uma pesquisa em Alter do Chão a partir das narrativas dos moradores, trazendo algumas informações a respeito do Sairé que são utilizadas no presente estudo.

Em 2006 tivemos a honra de conhecer dona Lusia Lobato, moradora da antiga da vila que nos recebeu em uma tarde de sábado do mês de agosto para agendar a primeira entrevista, que ocorreu no dia 29 do mesmo mês, uma quarta feira, às 16 horas em sua residência. Foi através de sua narrativa que entramos em contato com a Festa do Sairé e com outros moradores da vila, os quais fizeram parte da pesquisa como: Terezinha Lobato, Laudelino Sardinha, Edilberto Ferreira, Mauro Vasconcelos, dentre outros.

---

<sup>28</sup> Bebida fermentada feita da mandioca. É servida na Festa do Sairé na busca e na derrubada dos mastros.

O marco inicial da pesquisa é o ano de 1973 quando a Festa do Sairé foi “reconstituída” pelo grupo de liderança, os quais articularam memória de antigos moradores às experiências nos puxiruns e nas festas de santos de devoção familiar as quais foram ressignificadas para o novo contexto em que a vila de Alter do Chão estava inserida.

Segundo Mello (2006, p. 38) nos anos 1970 a Amazônia ganhou destaque nos “projetos geopolítico e econômico” do governo federal que almejavam a ocupação, a exploração e a integração da região, viabilizadas pelos Planos de Desenvolvimento I e II. Assim, a cidade de Santarém foi incluída no programa Polamazônia, que visava melhorar as estruturas dos polos selecionados em detrimento das riquezas naturais (solo, madeiras e jazidas minerais), as quais seriam exploradas. Outro critério levado em consideração foi a “existência de vias de comunicação” e a possibilidade de produção de energia”. Portanto, na década mencionada algumas obras de infraestrutura foram viabilizadas em Santarém, como a construção do porto, do aeroporto e da hidrelétrica de Curuá-Una.

Além disso, a cidade ocupava posição estratégica, pois estava próxima das principais áreas de exploração mineral – Trombetas, Macapá e da Zona Franca de Manaus e possui grande potencial hídrico, o qual poderia ser explorado sob a perspectiva turística. Dessa forma, Alter do Chão entra nesse contexto, pois foi percebida como “vila turística” e durante o início da década de 1970 recebeu inúmeras visitas do presidente da Embratur, do governador Fernando Guilhon e do prefeito Everaldo Martins.

Atentos ao movimento de políticos e funcionários estatais, as lideranças articularam suas experiências e reconstituíram a Festa do Sairé, proibida desde 1943 pelos padres franciscanos, e esta agregou dois momentos: o religioso e o folclórico. Para compor o ritual religioso introduziram o culto do Divino Espírito Santo; e o folclórico foi composto de danças oriundas dos puxiruns<sup>29</sup>. A pesquisa também se limita ao ano de 1997, o que se justifica em decorrência das várias mudanças introduzidas pela prefeitura municipal, que se apropriou da parte folclórica da festa,

---

<sup>29</sup>Segundo o dicionário Papa-xibé do Baixo-Amazonas elaborado pelo professor doutor Frei Florêncio Almeida Vaz, puxirum designa o trabalho coletivo tradicional, aquele em que as pessoas trocam dias de serviço na roça ou limpeza de caminhos. É um trabalho baseado na reciprocidade, na troca entre famílias. Puxirum vem do Tupi, onde as formas mais antigas eram “potirõ ou motirõ”. Daí vieram as palavras puxirum e mutirão.

adaptando-a segundo a lógica de “espetáculo” e a transferiu para um local fechado, administrado pelo poder público municipal, onde o acesso só é possível mediante a compra de ingresso. Assim, as apresentações folclóricas deixaram de ocorrer na praça. Além disso, ao deslocar a data da festa de julho para setembro, vinculou o Sairé aos esquemas da programação turística e a imagem da festa foi associada à praia. Mas, o que trouxe maior tensão entre algumas lideranças de Alter do Chão e prefeitura foi o fato do Conselho Comunitário<sup>30</sup> deixar de planejar e administrar a festa, tais funções foram apropriadas pelo poder público, e embora algumas lideranças façam parte desse processo, sua atuação é limitada. Nesse sentido, “a festa expressa ativamente a realidade social, seus conflitos, suas tensões, suas censuras, ao mesmo tempo que atua sobre eles”. (GUARINELLO, 2001, p. 970-972).

Considerando os dois momentos, nos lançamos ao desafio de estudar a Festa do Sairé e compreender porque as lideranças resolveram reconstituí-la. Que valores perpassam o sentido da festa? Qual o significado da festa para as lideranças que atuaram e os que ainda atuam na sua organização? Quais os elementos constitutivos da Festa do Sairé? Que elementos da tradição foram mantidos? E quais os novos elementos inseridos na festa? Que novos sentidos são atribuídos à festa a partir de 1997? O que realmente muda? O que é mantido? Porque é mantido? Que elementos são focos de tensão entre a comunidade e o poder público municipal?

Dessa forma, procuramos explicar as estratégias que as lideranças de Alter do Chão utilizaram para articular memórias e experiências no processo de reinvenção da tradição da Festa do Sairé a partir da perspectiva da história do cotidiano, rastreando os indícios que revelam o sentido da festa, pois “se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la”. (GINZBURG, 1989, p 177).

---

<sup>30</sup>O conselho Comunitário foi criado em 19 de novembro de 1969 sob orientação do MEB - Movimento de Educação de Base - e tinha como objetivo coordenar e desenvolver as atividades da comunidade visando o bem comum. Era composto por uma diretoria e por representantes dos vários grupos organizados na comunidade - Clube Luso Brasil, Clube do Santo Antônio, Clube das senhoras, clube agrícola, Apostolado, Clube de Jovens e representante do grupo escolar. Era no Conselho que os moradores de Alter do Chão discutiam seus problemas; organizavam as festas; articulavam os puxiruns, dentre outros assuntos pertinentes à vila.

Assim, para entender seu significado foi preciso instigar as lembranças dos interlocutores considerando as vivências na festa da padroeira, do trabalho, da infância, do lazer e nas reuniões. Através do cruzamento e análise da documentação revelar a essência que apresente a visão de mundo dos sujeitos sociais que participam diretamente da festa. Robert Darton (1986) traz em sua obra "O grande massacre dos gatos" a discussão sobre a necessidade do historiador analisar o documento considerando seu aspecto opaco, visto que este é revelador de sistemas de significados que, embora estranhos, podem indicar a visão de mundo.

Para a presente pesquisa, a festa é compreendida a partir das reflexões de Norberto Guarinello,

(...) sempre uma produção do cotidiano, uma ação coletiva, que se dá num tempo e lugar definidos e especiais, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que é celebrado e comemorado e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes na esfera de uma determinada identidade. (...) (GUARINELLO, 2001, p. 970-97)

Portanto, a Festa do Sairé pode ser entendida na perspectiva da cultura popular<sup>31</sup>, pois expressa modos de vida de sujeitos sociais que insistem em manter seus referenciais culturais, os quais foram marginalizados por agregarem elementos do catolicismo popular<sup>32</sup> e da cultura indígena reelaborados pelos ancestrais em tempos posteriores e ressignificados posteriormente por seus descendentes através das festas de santos<sup>33</sup>. Por isso, o tarubá, a prática do puxirum, o beiju, a farinha e a mulher que carrega o símbolo da festa são inseridos às práticas do catolicismo popular como o ressurgimento dos mastros, a ladainha, a folia, rezadores, festeiros e a imagem do santo de devoção familiar.

No seu componente folclórico, as lideranças articularam danças e cantos oriundos da cultura de roça como o marabaixo, curimbó, lundum, estes dois últimos possivelmente agregam marcas da cultura africana, pois em Alter do Chão foi comum mocambos de índios estes juntamente com os "africanos e seus

<sup>31</sup>Marta Abreu em Império do Divino discute que "cultura popular não é um conjunto fixo de práticas ou conceito definido, aplicável a qualquer período histórico, por isso, cultura popular não se conceitua, enfrenta-se". (ABREU, 1999, p. 28)

<sup>32</sup>O conceito de catolicismo popular está embasado na perspectiva de Maués que a define como "conjunto de crenças e práticas socialmente reconhecidas como católicas, de que partilham sobretudo os não-especialistas do sagrado, quer pertençam às classes subalternas ou às classes dominantes". (MAUÉS, 1999, p. 171)

<sup>33</sup>Segundo Vaz Filho (2010, p. 386) "as festas de santo tomaram o lugar das festas tradicionais que os indígenas celebravam ciclicamente, e passaram a desempenhar as mesmas funções sociais daquelas".

descendentes teriam criado rotas de fuga”(GOMES, 2005)<sup>34</sup>, logo, nesse convívio teriam realizado troca de experiências, as quais marcariam a cultura local. Em 1997 a prefeitura tentou retirá-las da programação, mas não conseguiu porque houve resistência da comunidade, portanto, permanecem - embora apenas em uma noite, na quinta-feira.

Nesse sentido, é possível perceber as tensões que se estabeleceram na festa quando a prefeitura almeja retirar ou adequar, segundo seus interesses, elementos que a comunidade considera tradicional, por isso, como discute Hall (2003, p.254-249) “(...) não existe uma cultura popular íntegra, autêntica e autônoma, situada fora do campo de força das relações de poder e de dominação culturais”. A festa durante seus 23 anos após sua “reconstituição” passou por várias mudanças e adaptações realizadas pela comunidade, nesse sentido, é compreensível que as tradições não são inertes, mas podem ser “reorganizadas diferentes práticas e posições e adquirir um novo significado e relevância” (HALL, 2003, p. 259).

Também é interessante pensar a tradição na perspectiva do “movimento dialético da ambiguidade, no seu componente destrutivo em que ocorre o movimento paradoxal da identidade e alteridade, de continuidade e descontinuidade, (...) de recuperação e perda de memória e esquecimento”. (OLIVEIRA,2008, p. 281)

Dessa forma, esse movimento “destrutivo”, de “continuidade” e “descontinuidade” pode ser evidenciado no processo de “reconstituição” da festa em 1973 em relação aos elementos os quais foram selecionados para compô-la.

A maior parte das informações do Sairé foi levantada a partir das lembranças dos antigos moradores, portanto, sua recriação se alicerça na oralidade. Compreendo que a história oral “(...) é uma ciência e arte do indivíduo. (...) conversas com pessoas sobre a experiência e a memória individuais”. (PORTELLI, 1997, p. 15). Por isso, em todas as entrevistas foi estabelecido um diálogo com os interlocutores e aproveitamos as oportunidades para participar de algumas atividades, como a missa de aniversário de casamento de seu Vilésio Pedroso Costa e sua esposa Dulce Costa; acompanhamos as rezadeiras nos ensaios da ladainha realizados na residência do senhor Sirvito Malaquias; participamos como convidados do aniversário de dona Lusia Lobato, na comunidade do Laranjal, próximo de Alter

---

<sup>34</sup>Para maiores detalhes consultar GOMES, Flávio dos Santos. **A hidra e os pântanos**: mocambos, quilombos e comunidades de fugitivos no Brasil. (século XVII-XIX). São Paulo: UNESP, 2005.

do Chão. Em outros momentos estabelecemos conversas informais com a mesma, enquanto preparava doces e licores ou nas visitas frequentes à cozinha do barracão enquanto seu Antônio de Jesus Vieira e sua equipe preparavam as refeições durante o festejo do Sairé. Aprendemos que a confiança se constrói na relação entre entrevistador e entrevistado, pois o fato deste conceder algumas horas de seu tempo não é suficiente para gerar confiança, por isso, é preciso mostrar interesse e se fazer presente em outros momentos considerados relevantes para o mesmo, pois como argumenta Portelli (1997, p.29) realizar história oral é antes de tudo um momento para “(...) tentar aprender um pouquinho e conseguir com que as pessoas (nos) contem histórias”. Por isso, foi fundamental o levantamento e seleção dos interlocutores<sup>35</sup> para participar da pesquisa, pois,

A escolha dos entrevistados não deve ser predominantemente orientada por critérios quantitativos, por uma preocupação com amostragens, e sim a partir da posição do entrevistado no grupo, do significado de sua experiência. Assim, em primeiro lugar, convém selecionar os entrevistados entre aqueles que participaram, viveram, presenciaram ou se inteiraram de ocorrências ou situações ligadas ao tema e que possam fornecer depoimentos significativos. (ALBERTI, 2005, p, 32)

Consideramos relevante entrevistar as lideranças que participaram da “reconstituição” da festa em 1973, os professores que assumiram a coordenação da festa a partir de 1997, o ex-coordenador do Conselho Comunitário, Foliões, cozinheiro; proprietária da Santíssima Trindade<sup>36</sup>, ex-coordenadora do MEB – Movimento de Educação de Base, ex-secretário de cultura de Santarém, artista local.

As entrevistas foram realizadas em sua maioria nas residências dos interlocutores e tiveram a duração de 30 a 60 minutos. Todas as entrevistas foram gravadas e armazenadas em CDs. O roteiro seguiu questões abertas. Optou-se por transcrever respeitando ao máximo a linguagem dos interlocutores por considerar que seu modo de expressão são marcas de sua cultura. A seguir relacionamos nomes e dados relevantes acerca dos interlocutores:

---

<sup>35</sup>Segundo Portelli (1997), “a situação de entrevista institui uma bipolaridade dialógica, dois sujeitos face a face”, assim considerando esta observação compreendemos que a entrevista é um processo em que ocorre o diálogo entre o entrevistador e entrevistado, portanto, denominaremos os participantes da pesquisa de interlocutores.

<sup>36</sup>Pessoa que possui imagem do santo de devoção, geralmente herdado dos antepassados.

1. Eunice Sardinha Vaughan, 85 anos. Trabalhou em Alter do Chão como parteira, catequista. Esteve envolvida diretamente nas atividades da Igreja e participou da reconstituição da Festa do Sairé em 1973.

2. Leocádia Lobato de Vasconcelos, 83 anos. É artesã. Professora aposentada. Também trabalhou em atividades de roça e atuou no Conselho comunitário. Participou da reconstituição do Sairé em 1973.

3. Lusía dos Santos Lobato, 81 anos. Artesã, costureira, produtora de doces e licores. Líder comunitária. Também trabalhou em atividades de roça e atuou no Conselho Comunitário. Participou da reorganização do Sairé em 1973.

4. Terezinha Lobato de Sousa, 80 anos, artesã. Foi presidente do Clube de Mães. Comerciante e líder comunitária. Participou também da reconstituição do Sairé. Foi primeira juíza da festa e atuou no Conselho Comunitário.

5. Vilésio Pedroso Costa, 81 anos. Foi Presidente da associação dos barraqueiros. Ex-coordenador do Espanta Cão. Participa do Sairé como rezador e faz parte da folia. Também atuou no Conselho Comunitário.

6. Maria de Nazareth Sardinha Branco, 73 anos. Artesã. Participou ativamente das atividades da Igreja em Alter do Chão e em Santarém. Líder comunitária. Participou da coordenação da reconstituição do Sairé em 1973.

7. Antônio de Jesus Vieira, 61 anos. Agricultor, pescador. Participa do Sairé como cozinheiro. Seus pais também atuaram ativamente na festa.

8. Maria Antônia Sousa Sardinha, 59 anos. Trabalha em roça. É proprietária da Santíssima Trindade.

9. Heitor Sardinha de Vasconcelos, aposentado. Trabalhou na Petrobrás. Foi coordenador do Conselho Comunitário na década de 1970. Participou da reconstituição do Sairé e atualmente exerce a função de mordomo.

10. Laudelino Sardinha de Vasconcelos, 56 anos. Ex-coordenador do Conselho Comunitário. Foi coordenador da Festa do Sairé em 1996.

11. Mauro Luiz Lobato de Vasconcelos, 44 anos. Professor. Participou do Conselho Comunitário. Foi coordenador do Boto Cor de Rosa. Atualmente é representante do governo municipal na vila.

12. Marlison Lúcio Vasconcelos Soares, 41 anos. Professor. Coordenador do Sairé.

13. Edilberto Ferreira Costa, 41 anos. Professor. É coordenador do Boto Tucuxi.

14. Osmar Vieira de Oliveira, 22 anos. Participa em diversos grupos da Igreja. É folião.

15. Aurenice de Araújo Glabe, ex-coordenadora do MEB em Santarém.

16. Crispiana de Jesus Sardinha, 84 anos. Ocupa o cargo de dispenseira na festa.

17. Maria Justa Corrêa Lima, 82 anos. Ocupa o cargo de Saraipora.

18. Cleuton José Waughan, 51 anos. Coordenador do Sairé.

19. Laurimar dos Santos Legal, 75 anos, artista plástico.

20. Élcio Amaral de Sousa, 74 anos, ex-secretário da secretária de cultura de Santarém.

As narrativas foram transcritas e organizadas de acordo com as recorrências as quais foram articuladas com outros documentos, fotografias, trechos das atas do Conselho, artigos de jornais. Para compreender o processo de “reconstituição” da festa e suas transformações, conduzimos as entrevistas considerando o cotidiano dos interlocutores e trouxemos para a trama da festa como viviam, em que trabalhavam, como se organizavam, enfim, como era o modo de vida em Alter do Chão.

Através das entrevistas foi possível levantar outros documentos, como: as atas das reuniões do Conselho Comunitário; o caderno de registros do senhor Argentino Sardinha, um dos líderes que participou da “reconstituição” de 1973. A consulta dessa documentação só foi possível no final de 2013. A mesma encontra-se na residência da senhora Leocadia Sardinha e estão sob os cuidados de Mauro



Vasconcelos. No quadro abaixo a relação do número de atas e seus respectivos anos. Para a leitura das mesmas estabelecemos dois aspectos: assuntos pertinentes à Festa do Sairé e outros que indicassem o cotidiano da comunidade.

Tabela 1 - Atas das Reuniões do Conselho Comunitário de Alter do Chão

| Ano  | Reun<br>iões<br>ordinárias | Reuniões<br>extraordinárias |
|------|----------------------------|-----------------------------|
| 1973 | 01                         | 01                          |
| 1974 | 09                         | 01                          |
| 1975 | 20                         | 01                          |
| 1976 | 08                         | 01                          |
| 1977 | 01                         | -                           |
| 1978 | 11                         | -                           |
| 1979 | 20                         | -                           |
| 1980 | 11                         | -                           |
| 1981 | 11                         | 01                          |
| 1982 | -                          | -                           |
| 1983 | 05                         | -                           |
| 1984 | 12                         | 01                          |
| 1985 | 11                         | 01                          |
| 1986 | 17                         | 01                          |
| 1987 | 15                         | -                           |
| 1988 | 03                         | -                           |
| 1989 | 10                         | 01                          |
| 1990 | 12                         | -                           |
| 1991 | 01                         | -                           |
| 1992 | 01                         | -                           |
| 1993 | 05                         | -                           |
| 1994 | 06                         | -                           |
| 1995 | 05                         | -                           |

Fonte: Arquivo pessoal de Leocádia Lobato de Vasconcelos

Assim, as atas referentes aos anos de 1973 a 1979 constam do segundo livro, que contém 100 páginas. No livro terceiro constam as atas dos anos de 1980 a 1995, com 200 páginas, todas manuscritas. Assim, no total estão registradas 204 atas, destas, nove são de reuniões extraordinárias. É interessante observar que há uma concentração maior de registros em 1975; 1979; 1986 e 1987 e nos anos 1973, 1977, 1983, 1988 e início da década de 1990 poucas reuniões foram registradas. Em geral os membros do Conselho discutiam problemas cotidianos, como a questão da estrada; da energia; do posto de saúde; transporte; também eram agendadas as festas; realizavam prestações de conta. Quanto à Festa do Sairé a primeira referência consta na ata de 1979. Nas atas anteriores, as lideranças mencionam “festa do folclore”, mas tudo indica que se referiam ao Sairé. É nesse ano também

que aparecem indícios da participação da prefeitura através da liberação de verbas para a festa. Mas os dados mais pontuais e expressivos sobre o Sairé encontram-se registrados nas reuniões da década de 1980 e da década de 1990, em que as lideranças trazem para a pauta a necessidade de divulgação da festa nos meios de comunicação – rádio e TV<sup>37</sup>; programavam e escolhiam os festeiros. A documentação permitiu compreender sobre os problemas cotidianos e as estratégias que as lideranças articulavam para resolvê-los.

Outro campo de pesquisa foi o CENTUR – Fundação Cultural Tancredo Neves<sup>38</sup>, no setor de periódicos, onde foram localizados três principais jornais: o *Semanário*, *A Província do Pará* que está disponível para manuseio nos originais encadernados e *O liberal* disponível em microfilmes. Consultamos somente os meses de maio, junho e julho do ano de 1973 dos dois últimos jornais citados. A decisão de consultá-los foi decorrência das narrativas dos interlocutores, os quais citavam em várias passagens a presença do governador em Alter do Chão; assim, a ideia foi verificar se houve alguma notícia referente às festas no Baixo Amazonas, especialmente em Santarém e Alter do Chão.

Na *Província do Pará* aparecem muitas notícias sobre o Baixo Amazonas, sobre o turismo e ações diversas do Estado e a Igreja Católica. Os artigos geralmente aparecem em colunas ou na lateral direita ou esquerda da folha e são curtos. Também fazem referência à religião afro-brasileira, festa junina e apresentação de Cordões de pássaros<sup>39</sup>. São recorrentes notícias sobre festas de santo no interior, mas não mencionam as de Santarém e Alter do Chão.

Por outro lado, em *O Liberal* as chamadas são significativas e os títulos são destacados. O jornal evidencia notas sobre o dia do trabalhador; notícia de eventos com participação da Igreja em que o conteúdo sobre o clero é mais longo, incluindo a doutrina da Igreja. Aparecem várias pistas sobre a importância do Baixo

---

<sup>37</sup>É relevante destacar que a emissora de TV Tapajós, filiada da Rede Globo, só foi instalada em Santarém em 26 de maio de 1979. Logo até esta data a festa do Sairé era divulgada através das emissoras de Rádio.

<sup>38</sup>Localizado na Av. Gentil Bittencourt, em Belém.

<sup>39</sup>De acordo com Vaz Filho (2010) a dança dos pássaros segue o seguinte: roteiro é singelo: um caçador mata um pássaro os índios o aprisionam e vão buscar o pajé para ressuscitar o animal morto, o que acaba acontecendo, para a alegria geral dos índios.

Amazonas<sup>40</sup>, especialmente Santarém, que estava no auge da mídia em dois grandes eixos: turismo e educação.

Embora os jornais não noticiassem a Festa do Sairé, foi possível identificar que Santarém aparece nas matérias em que a temática turismo é recorrente. É compreensível que a imprensa “reafirma eventos e projetos com os quais pretende articular as relações presente/passado e perspectivas de futuro” (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p.7). Nesse contexto tais jornais se articulavam com determinados segmentos sociais, como os governos Federal e Estadual, empresários, principalmente o Jornal Liberal onde as notícias do turismo eram mais recorrentes. No entanto, as notícias dos dois jornais da capital só ganharam sentido quando foram articuladas com os jornais locais do ano de 1973. Assim, foram consultados três jornais locais – *O Jornal de Santarém*; *O Momento* e a *Gazeta*. Os exemplares estão guardados por ano nos envelopes empilhados em estante e alguns não possuem todos os exemplares de determinado ano, os mesmos se encontram no Instituto Cultural Boanerges Sena - ICBS, de propriedade de Cristovam Sena. Este Instituto é referência em Santarém por dispor de alguns exemplares de jornais da cidade para consulta.

Dessa forma, o único jornal referente aos anos de 1972 e 1973 encontrado nos arquivos do Instituto foi o semanário *O Jornal de Santarém*. A finalidade foi levantar indícios sobre a vila de Alter do Chão, como esta aparece nas notícias e mais especificamente como são relatadas as notícias acerca da Festa do Sairé. O semanário faz referência sobre a temática do turismo, aborda sobre a festa folclórica e destaca Alter do Chão como “centro turístico”.

Para as notícias referentes aos anos 1980 foi analisado o jornal de edição diária *O Momento*. As matérias sobre a Festa do Sairé aparecem em pequena nota no mês de maio de 1981, na folha de capa; em junho do mesmo ano a reportagem aborda a programação da festa enfocando-a como “evento” e a Alter do Chão como “vila balneária”. Também dá destaque às danças folclóricas.

Em relação à década de 1990, encontramos nos arquivos do Instituto o semanário a *Gazeta*, referente ao ano de 1996, dos dias 05 a 11 de junho; de 11 a

---

<sup>40</sup>O Território Baixo Amazonas - PA abrange uma área de 317.273,50 Km<sup>2</sup> e é composto por 12 municípios: Alenquer, Almeirim, Belterra, Curuá, Faro, Juruti, Monte Alegre, Óbidos, Oriximiná, Prainha, Santarém e Terra Santa.

17 e de 18 a 24 de julho. É um jornal que dá ênfase às questões políticas do município e do Estado. Na matéria sobre a Festa do Sairé são destaques as autoridades, sempre enfatizando o apoio financeiro da prefeitura na organização do “evento”. Ao abordar sobre a programação da festa destaca as atividades esportivas. Também menciona a participação do Governo Estadual através da PARATUR - Companhia Paraense de Turismo, que apoia a Festa do Sairé através da Polícia Militar e Corpo de Bombeiros. As imagens apresentadas nas matérias sempre destacam a praia. Embora o jornal tome partido de comerciantes e políticos de Santarém, foi possível articular as informações com as narrativas das lideranças.

A intenção em incluir artigos de jornais como documentação da pesquisa foi com o intuito de perceber como Alter do Chão foi abordada no período estudado e se havia referências sobre a festa. Nos jornais locais pesquisados esta aparece denominada como “vila turística”, “baldeária”. Os trechos dos artigos foram incluídos no texto e procuramos relacioná-los às narrativas dos interlocutores, entendendo a “imprensa não como mero depositário de acontecimentos nos diversos processos e conjunturas” (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p.5) visto que está comprometida com determinado segmento da sociedade que lhe convém, por isso, nos artigos consultados foi evidente que o jornal assumia o discurso do prefeito e dos empresários, pois as informações contidas nos jornais são apresentadas segundo o seu próprio “filtro” (ZICMANN, 1985, p.90).

Quanto à documentação eclesiástica, apesar das inúmeras tentativas, não foi facultado o acesso às cartas pastorais de Dom Frei Anselmo Pietrulla O.F.M.; Bispo-Prelado de Santarém, Dom Frei Floriano Loewenau O.F.M. e Dom Frei Tiago Ryan. A finalidade da pesquisa nos arquivos da Igreja foi a de tentar levantar indícios sobre a posição da Instituição acerca das festas de santo na região do Tapajós, principalmente em Alter do Chão.

Outro conjunto de fontes inserido na pesquisa foram as fotografias encontradas em arquivos diversos. A maioria faz parte do acervo pessoal de moradores da vila de Alter do Chão: Leocádia Lobato de Vasconcelos, Terezinha Lobato de Sousa, Heitor Sardinha de Vasconcelos, Eunice Sardinha Wanghon; outras foram encontradas no Instituto Boanerge Senna e nos arquivos pessoais de Aurenice Glabe Araújo. Tentamos estabelecer uma conexão entre as narrativas e as fotografias selecionadas. A opção de inseri-las no texto reside no fato de que as

mesmas são portadoras de sentidos, visto que também compõem a memória visual da comunidade, pois segundo Kossoy (2001, p.155) “O fragmento da realidade gravado na fotografia representa o congelamento do gesto e da paisagem, portanto a perpetuação da (...) memória do indivíduo, da comunidade, dos costumes, do fato social, da paisagem urbana, da natureza”.

Compreendemos que estas não são retratos fiéis da realidade, pois carregam a intencionalidade do seu produtor que seleciona um fragmento e ao manipular os diversos recursos da máquina fotográfica imprime sobre a imagem efeitos que caracterizam o aspecto estético intrínseco à fotografia. Assim, as fotografias dialogam com a narrativa do cotidiano na vila, destacando a ideia do puxirum (construção da ponte e da escola) e momentos que foram destaque na comunidade, como a inauguração da usina de energia e desfile do dia 7 de Setembro.

Em relação à memória da festa foram inseridas fotografias referentes ao Sairé do ano de 1974. O objetivo foi articular as imagens com lembranças dos interlocutores quando se referem aos símbolos da festa – os mastros, os instrumentos musicais, as bandeiras, a procissão. Foram selecionadas com o objetivo de dialogar com a análise do sentido comunitário vivenciado no barracão.

Na temática da religiosidade popular na Festa do Sairé, destacamos a permanência da devoção ao santo; imagens de rezadores e foliões; o culto religioso conduzido por leigos; a força da crença exteriorizada através dos oratórios. Em relação às danças folclóricas selecionamos imagens que foram citadas pelos interlocutores, discutindo a proximidade entre o público e os dançantes.

O último grupo de fotografia considera os seguintes aspectos: a praça; o comércio; a praia; o Lago dos Botos; a transformação do centro da vila através dos condomínios e hotéis. Outro conjunto de fotografias inserido no trabalho foi elaborado pela pesquisadora durante o desenvolvimento do presente estudo. A intenção é apresentar como a vila mudou sua fisionomia a partir da década de 1990. Também é apresentado o desenho da vila com o objetivo de pensar seu crescimento em termos de extensão territorial, articulando-o com as narrativas dos interlocutores. Outras imagens como mapas, imagens, ilustrações também foram incluídas dialogando com o texto.

No primeiro capítulo, intitulado ***A cultura do puxirum e o sentido comunitário na Festa do Sairé*** procurou-se levantar indícios dos elementos constitutivos da festa a partir das lembranças dos interlocutores acerca da festividade da Nossa Senhora da Saúde e de São José, como também inferir sobre o significado do símbolo Sairé e da mulher que o conduz, os quais representariam possíveis cultos dos ancestrais indígenas adaptados à festa de santo. Assim, as lembranças de dona Leocádia Lobato de Vasconcelos e Eunice Sardinha Wanghon e Osmar Vieira Oliveira foram analisadas à luz das contribuições de Nunes Pereira, João Daniel, Cypriano, Câmara Cascudo, Bruit e Bhabha. Para compreender os valores que perpassam a festa, discutimos o cotidiano, as lutas e os modos de viver dos moradores de Alter do Chão na década de 1970, articulando as narrativas dos interlocutores às atas do Conselho Comunitário e fotografias. Nesse sentido, emerge da análise da documentação o “sentido comunitário” vivenciado e experimentado nos puxiruns e nas lutas cotidianas, o qual estava presente na Festa do Sairé.

No segundo capítulo, intitulado ***Festa, tradição e memórias*** procuramos articular as lembranças dos interlocutores discutindo o processo de “reconstituição” do Sairé, atentando para os elementos considerados tradicionais e selecionados pela comunidade para compor a festa. Desse modo, foi recorrente nas narrativas a imagem do barracão analisado como lugar da memória e da resistência em que tradições são revividas e repassadas. Nesse processo de rememoração da festa emerge o sentido religioso alicerçado no catolicismo popular vivenciado nas festas de santos de devoção familiar, experiência readaptada no Sairé através do culto do Divino Espírito Santo. Outro aspecto abordado é a parte folclórica criada e inserida na festa, a qual expressa a cultura da roça através das danças e cantos herdados dos antepassados considerados tradicionais.

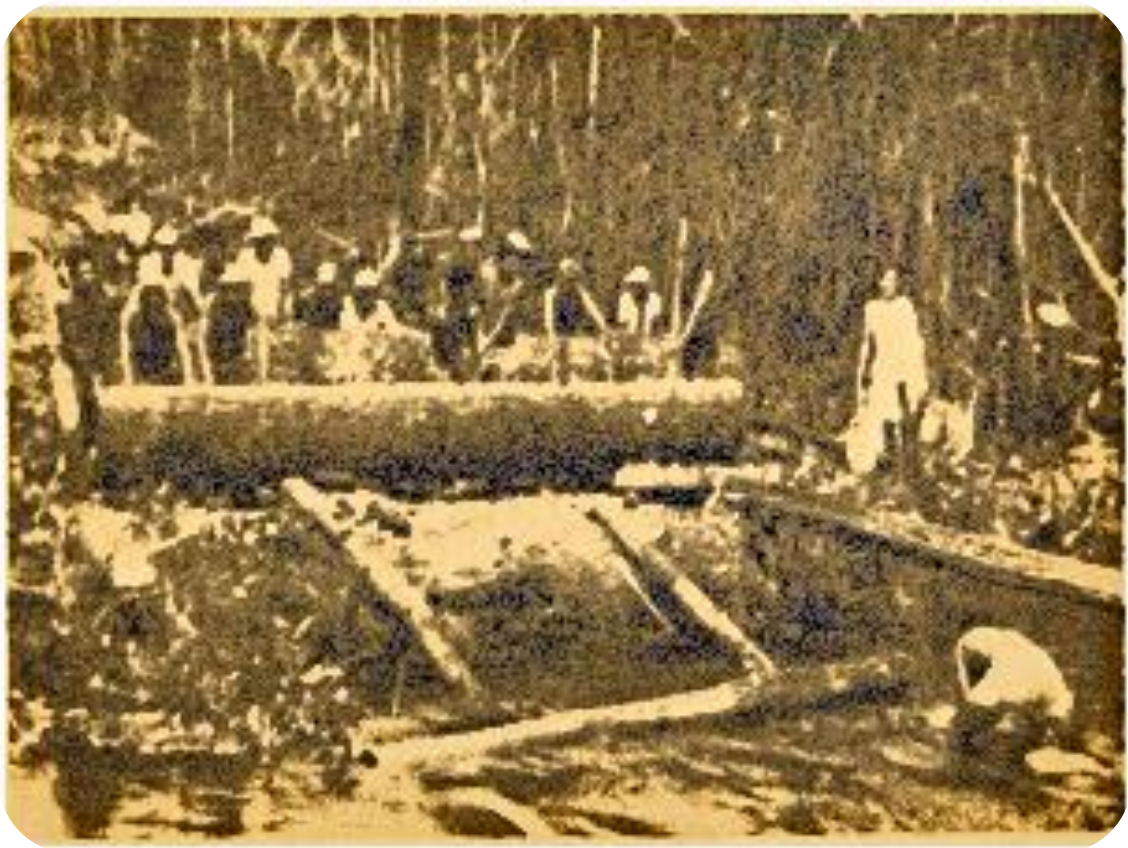
No terceiro capítulo, intitulado ***Não é coisa isolada fazer cultura e fazer política*** buscou-se discutir as mudanças na festa associadas a um conjunto de fatores, como a construção e pavimentação da rodovia Fernando Guilhon, que possibilitou o acesso à vila de Alter do Chão e a articulação das lideranças com a mídia local (Rádio e TV) e outras instituições para continuar promovendo a festa. Shows e outras atividades esportivas foram introduzidos na programação do Sairé em detrimento do público que almejava lazer e entretenimento.

Também é analisado o conflito em torno dos “negócios da festa”, entre empresário de Santarém e donos de barracas e os sentidos atribuídos à vila por empresários e comerciantes, os quais realizaram investimentos construindo pousadas, hotéis, restaurantes e casas de veraneio em virtude da intensa propaganda do governo e da mídia (jornais e TV) que ressaltaram o aspecto turístico da vila. Através das narrativas dos interlocutores analisamos os moradores nativos, que foram vendendo suas propriedades e como esse processo interferiu na dinâmica da comunidade, destituindo o sentido comunitário. Além disso, é discutido “o novo modelo de administração da festa”, em vigor a partir de 1997 quando a prefeitura municipal de Santarém intervém no gerenciamento do Sairé, principalmente, na parte folclórica, limitando o poder da comunidade quando o Conselho Comunitário foi substituído pela Comissão organizadora da festa, o que gerou tensão entre a comunidade e o poder público municipal.

A análise proposta nesta dissertação consiste em uma interpretação possível, dentre muitas outras que poderão ser realizadas a partir de outras metodologias, pois como orienta Bloch (2001, p.60) “(...) nunca se explica plenamente um fenômeno histórico fora do estudo de seu momento.” A Festa do Sairé possibilita, dentre outras coisas, compreender a história dos moradores de Alter do Chão, suas lutas, seu cotidiano, o modo de crer e de festejar expressa nos gestos, nos cantos, na oralidade que se atualizou porque houve narradores que não esqueceram sua função de repassar sua cultura através das histórias contadas às gerações mais jovens.

Segundo Benjamin (1986, p.224) “Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo 'como ele de fato foi'. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo”. Portanto, as reminiscências da festa articuladas com outras fontes fornecem uma imagem do passado, não necessariamente como ocorreu, mas indicam alguns fios que podem ser articulados de forma a constituir um quadro explicativo possível. Assim, entender o movimento da Festa do Sairé, suas transformações e interações entre elementos da tradição e da “modernidade” possibilitar compreender as relações dos sujeitos sociais que dela participam.

## 1 A CULTURA DO PUXIRUM E O SENTIDO COMUNITÁRIO NA FESTA DO SAIRÉ





## 1 A CULTURA DO PUXIRUM E O SENTIDO COMUNITÁRIO

### 1.1 FRAGMENTOS DE MEMÓRIAS: O SAIRÉ E A FESTA DA NOSSA SENHORA DA SAÚDE

A Festa do Sairé ressurge no momento em que ideias de desenvolvimento, segurança das fronteiras e integração da Amazônia estavam em evidência na década de 1970. De acordo com Mello (2006, p. 29) a ocupação e integração da região Amazônica<sup>41</sup> ao país foram projetadas nos Planos Nacionais de Desenvolvimento I e II, instituídos respectivamente nos anos de 1970-1972 e 1975-1979. Assim, nos primeiros anos havia a intenção de realizar a ocupação através de assentamentos de colonos e pequenos produtores oriundos do centro-sul e do nordeste, os quais foram atraídos pela possibilidade de se tornarem proprietários de terras, propaganda divulgada pelo governo federal. No entanto, esse projeto foi substituído nos anos de 1975 a 1979 por uma colonização privada, onde o governo estimulou a instalação de grandes empresas através de incentivos fiscais, estas passaram a explorar a região Amazônica a partir da lógica da ocupação produtiva. Mas essa política governamental gerou, dentre outras coisas, conflitos agrários e degradação ambiental em decorrência do fluxo da população e das novas atividades econômicas.

Ainda segundo a autora,

A Amazônia se transformou num espaço de acumulação tecnológica e científica, e num campo estratégico. Primeiramente, por ser o local de formação e expansão das redes capazes de viabilizar os fluxos econômicos futuros. Em segundo lugar, porque o governo federal assume um posicionamento estratégico pela presença do aparelho de Estado nas fronteiras internacionais, no controle do território e na exploração econômica. (MELLO, 2006, p. 28);

A região Amazônica, em meados da década de 1970, configurou-se em espaço para empreendimentos privados nacionais e internacionais apoiados pelo próprio governo brasileiro. Essa política baseada na expansão e integração da Amazônia através das técnicas e da ciência aumentaram as desigualdades regionais e conflitos de terras na região, além da degradação ambiental.

---

<sup>41</sup> Segundo Daniel Huertas (2009) o conceito de Amazônia Legal instituída no artigo 2 da lei nº 5173. Ganhou conotação geopolítica e baseado em critérios políticos, fisiográficos e geográficos envolveu os estados do Pará, Amazonas, parte dos estados do Maranhão e Mato Grosso e os antigos territórios federais - Acre, Amapá, Guaporé e Rio Branco e cobre uma área de 5.217.423 km<sup>2</sup>.

Nesse processo as rodovias tiveram destaque, visto que com a construção da Belém-Brasília, assim como da Brasília-Acre, cumpriram o papel de “integrar” parte da região Amazônica e possibilitaram também que empresários brasileiros e estrangeiros adquirissem terras, as quais foram utilizadas em atividades econômicas - pecuária e exploração de minérios. Além disso, a região tornou-se mercado consumidor dos produtos oriundos do sudeste.

Assim, os programas do governo traziam como meta a construção de estradas como a Transamazônica, Cuiabá-Santarém; Cuiabá-Porto Velho-Manaus, dentre outras, que serviram de “roteiros de migração para a Amazônia e foram planejadas para o estabelecimento de áreas de atividades econômicas na forma dos chamados 'corredores de desenvolvimento', mas causaram sérios impactos ambientais”. (KOHLHEPP, 2002, p. 37)

Dessa forma, Santarém, através da abertura da rodovia Cuiabá-Santarém (ilustração 1) e por estar próxima das regiões de exploração mineral - Trombetas, Amapá e Zona Franca de Manaus, configurou-se num espaço relevante nesse processo de integração e exploração econômica, pois servia, dentre outras coisas, de elo entre as regiões que estavam incluídas no Plano do Polamazônia. Além disso, a cidade se tornou uma área estratégica e por conta disso o governo militar instalou em 1972 o 8º Batalhão de Engenharia de Construção e um dos objetivos deste foi construir a rodovia BR-163. Logo, não passariam despercebidas pelas autoridades e instituições do governo as potencialidades de Santarém e Alter do Chão, visto que ambas apresentavam potencial hídrico considerável que poderiam ser exploradas sob a perspectiva turística. Também é importante destacar que a Conferência de Estocolmo realizada em 1972 trazia para o debate a questão ambiental no âmbito mundial e a Amazônia ganhou destaque nesse cenário, embora em termos nacionais o interesse estivesse centrado na exploração econômica da região. A ilustração 1 indica as rodovias do Plano de Desenvolvimento I na região Amazônica e Santarém aparece com um dos principais municípios.



Ilustração 1 - Rodovias Projetadas o I PDA.  
Fonte: CAMPOS (2004, p. 90).

Nesse sentido, os interesses sobre a região amazônica estavam direcionados a exploração mineral, aquisição de terras para o desenvolvimento da pecuária e exploração de madeira e também para a exploração turística, portanto, não foi estranho e nem desinteressada a visita em 1973 do presidente da Embratur em Alter do Chão. Além disso, vários empreendimentos de infraestrutura foram viabilizados pelo Governo Federal, como a construção da Hidrelétrica de Curuá-Uma, do cais do porto e do Aeroporto de Santarém.

Todo esse movimento não passou despercebido pelas lideranças de Alter do Chão que romperam com o silêncio trazendo a tona a Festa do Sairé, que não se realizava há trinta anos. Sua “reconstituição” em 1973 agregou dois aspectos que se complementam - o rito religioso (culto do Divino Espírito Santo) e o lúdico, denominado pelos entrevistados de folclórico que corresponde às apresentações de danças e cantos que serão abordados no segundo capítulo.

Assim, esse processo significou, dentre outras coisas, na força da tradição oral que manteve ativa nas memórias, mesmo fragmentadas, as imagens da festa

que foi “retomada”, “recriada” e “reatualizada”. Portanto, seus protagonistas têm raízes no campo que transitam entre as colônias, a mata e a margem do rio em busca da sobrevivência. São portadores de um saber construído no cotidiano, na labuta, nas histórias contadas pelas mães e avós e na vivência com a natureza. São católicos atuantes que compartilhavam os preceitos da Igreja, mas também portadores de uma religiosidade popular vivenciada nas festas de santos.

Nesta perspectiva, para discutir a gênese da Festa do Sairé foi preciso trazer a tona as lembranças dos entrevistados, considerando as experiências vivenciadas na festividade da Nossa Senhora da Saúde e de São José, pois até 1943 a Festa do Sairé ocorria junto com a festa da padroeira, como afirma dona Leocádia Vasconcelos: “Eles falaram que eles faziam aqui o Sairé na época da festa de Nossa Senhora. Tinha o barracão do Sairé como tem até agora”<sup>42</sup>. Assim, através de fragmentos das memórias dos interlocutores é possível levantar indícios da Festa do Sairé. Dona Eunice Wanghon relembra os momentos do preparativo da festa da Nossa Senhora da Saúde:

Todo domingo era ensaio pra festa do dia 07. O instrutor era o seu Peres. Aí quando chegava o mês de julho e agosto todo o domingo, cinco horas da manhã eles tavam na rua marchando<sup>43</sup>. O papai vinha de lá quando acabava a macha, já vinham pro ensaio, ensaiar pro dia 07 até quando terminava a festa junina, já entrava o ensaio da festa de janeiro. Era Setembro, outubro, novembro e dezembro. Era missa, ladainha, tudo, tudo. Começava no Natal, né. Todo tempo era assim, agora o pessoal não ensaiam nada. Ai mandavam buscar o professor Barbosa próximo já no mês de dezembro pra ensaiar com eles.<sup>44</sup>

Os preparativos para a festividade da padroeira iniciavam meses antes e sobressaem nas lembranças de dona Eunice Wanghon os ensaios dos músicos que se apresentavam em ocasiões festivas (7 de setembro, festa junina e da padroeira). As fotografias 1 e 2 são do arquivo de dona Eunice Wanghon, a mesma, ao iniciar sua narrativa, destacou os ensaios organizados por seu pai, instrutor da banda de músicos que tocava nas festas religiosas e cívicas. Na fotografia 1 seu pai, Sérgio Pedroso Sardinha, posa para foto com o instrumento de sopro ao lado de sua esposa Corina Rodé.

<sup>42</sup>VASCONCELOS, Leocádia Lobato de. 21 de agosto de 2013. Residência da entrevistada em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

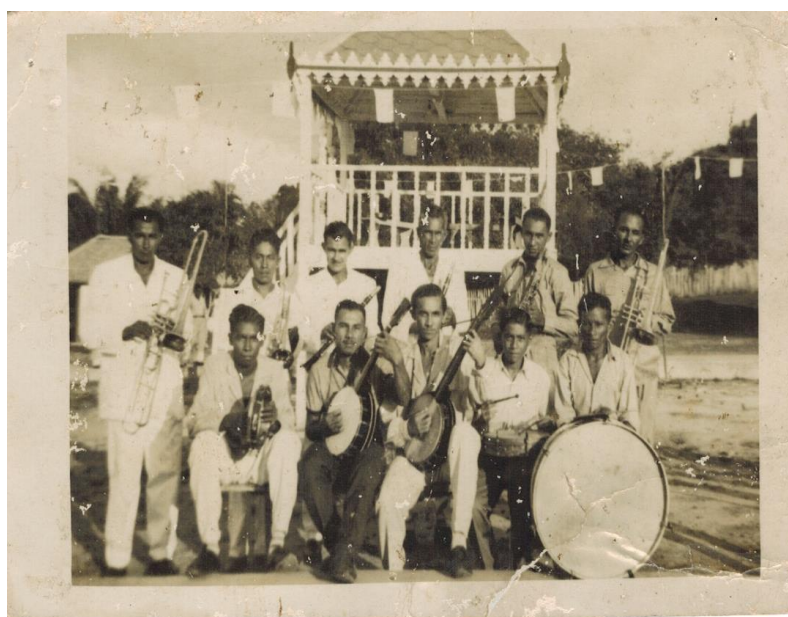
<sup>43</sup>Dona Eunice Wanghon Sardinha está se referindo ao desfile de 7 de setembro que ocorria na vila, marchar significa desfilar.

<sup>44</sup>WANGHON, Eunice Sardinha. 20 de agosto de 2013. Residência de sua irmã em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.



Fotografia 1 – Sérgio Pedroso Sardinha e Corina Rodé Sardinha, em 1943.  
Fonte: Acervo de dona Eunice Sardinha Wanghon.

A Fotografia 2 retrata um grupo de músicos, todos em traje de festa com seus respectivos instrumentos; ao fundo vê-se o coreto em madeira e os enfeites indicam que o momento é festivo, dizem respeito à festa da padroeira.



Fotografia 2 – Grupo de músicos de Alter do Chão posam em frente ao coreto de madeira em dia de festa. Década de 1940.  
Fonte: Acervo de dona Leocádia Lobato de Vasconcelos.

Os foliões saíam nas vizinhanças próximas com a imagem da santa para solicitar donativos. O início da festa dava-se com a busca dos mastros conduzidos em procissão fluvial, portanto, a festa da padroeira não se restringia a Igreja e não iniciava com a missa do sacerdote. Dona Eunice Wanghon lembra do “(...) movimento das canoinhas toda enfeitada cantando marabaixo traziam os mastros da Nossa Senhora, só mulherada e de São José só os homens”<sup>45</sup>. Os mastros representavam os santos festejados e simbolizavam o início e o final da festa. Maués, ao analisar a festa de Santo Antônio realizada no município de Vígia, localizada nordeste paraense, faz referência ao levantamento do mastro na véspera da festa. Este “conduzido em procissão até a frente da capela, onde a ladainha era rezada seguida da festa dançante na sede. No dia posterior encerrava-se a festividade com a derrubada do mastro”. (MAUES, 1995, p. 166).

Mary Del Priore (2000, p, 34), ao discutir a festa no período colonial também faz menção ao soerguimento do mastro comemorativo, o qual estava relacionado ao anúncio da festa, da novena ou nascimento. Ao citar Câmara Cascudo, informa que a tradição do mastro destacava-se nas festas de São João ou orago da Freguesia, sendo erguido diante da igreja, acompanhado de música, cantos e foguetes. A autora também menciona os significados de caráter popular atribuídos ao mastro, os quais se relacionam à oferenda, ao sentido mágico e função lúdica. Em Alter do Chão, o significado dos mastros indica o prenúncio da festa, a relação com a colheita e o barracão, pois eram erguidos próximo ao mesmo, como destaca dona Eunice Wanghon: “Os mastros ficavam próximo do barracão”<sup>46</sup>.

O movimento da vila se fazia com a chegada dos barcos que atracavam na orla trazendo muitos devotos. O sino tocava, anunciando a alvorada. O padre se fazia presente celebrando missa, batismos e casamentos. Todas as noites realizavam-se as novenas. “Era muita gente” e para manter a ordem durante as festividades a comunidade instituiu meios para evitar certos abusos, por isso, o capitão tinha a autoridade de conduzir possíveis infratores ao tronco, mecanismo de coerção para aqueles que infringissem a ordem. Dona Eunice Wanghon lembra que no tempo da festa incidentes não ocorriam porque todos tinham respeito:

---

<sup>45</sup> WANGHON, Eunice Sardenha. 20 de agosto de 2013. Residência de sua irmã em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

<sup>46</sup> Idem.

Tinha o capitão. Aqui não tinha esse negócio de prender alguém, né. Eles tinham um pau como dali pra cá, olha lá a grossura. Eu me lembro disso. Tinha doze correntes, doze corrente que eu digo assim, eram seis, né, era seis desse lado. Eram seis correntes com duas pontas, né. Tinha desse lado aqui eram doze. Então, olha a corrente. Aquilo era a prisão por isso quem viesse abestado que não soubesse o caso como era aqui. E aquilo era com cadiado, me lembro os cadiados era desse tamanho. E aí quando era próximo da festa mês de novembro, dezembro eles começaram a butar (colocar) besteira do lado do pau, onde estava as correntes; as formigas de fogo faziam reino ali. Aí quem queria ir pra lá. Aquele que se fizesse besta, de ao menos querer fazer uma caçoadinha, esse o capitão, lá, corrente. Só ia gente que fosse besta que não sabia como era que ia pra lá. Depois que pegasse espalhou nunca mais houve desordem. Aí desse que quisesse ao menos abusar, fazer anarquia só mandavam pra lá. Era logo cadeado. Quem queria passar muitas horas ali preso na formiga? Ainda mais que era no sol quente (riso). Aí era assim, eles tinham medo. Não só no barracão em qualquer área se quisesse abusar que a prisão era lá, não tinha esse negócio de dizer. Ah! Fulano vai tirar, tirava muito, tirava só quando o capitão mandava.<sup>47</sup>

A ordem era mantida, embora o movimento de pessoas fosse grande, o capitão, espécie de administrador, tinha função importante nesse momento festivo. É relevante a descrição que Bates faz de Alter do Chão em meados do século XIX, a qual faz referência ao capitão:

A vila era habitada quase exclusivamente por índios semi-civilizados, num total de sessenta famílias; suas casas se espalhavam irregularmente ao longo de ruas largas, sobre o chão coberto de relva (...) o vilarejo em si está entregue à miséria e ao abandono, sendo seu chefe (Capitão dos trabalhadores) um velho mestiço apático, que passou toda a sua vida ali. (BATES, 1979, p.161)

O autor descreve que a vila era habitada “exclusivamente por índios semicivilizados”, os quais estavam sob a direção do “capitão dos trabalhadores”, este foi incorporado e ressignificado no contexto da festa em Alter do Chão com a função de manter a ordem e o respeito.

De acordo com as interlocutoras também se rezava a ladainha durante as festividades da Nossa Senhora da Saúde e ao término desta seguiam em direção ao barracão que, na época, localizava-se na Rua Lauro Sodré, onde atualmente funciona o posto de saúde. Assim como dona Leocádia Sardinha, dona Eunice Wanghon lembra do Sairé a partir do barracão:

Aí esse negócio de Sairé tinha um barracão lá onde agora é o posto; Ali naquela área era um barracão enorme. Era da festa do Sairé; não era como agora boto e naquele tempo não era só da igreja. Faziam aquela festa e tudo. Então era muito bonito e muito respeitado. Era grande o barracão, lá tinha tudo. Era tudo de graça, podia ir lá, se fosse com respeito comia o que tivesse. Tinha tudo do café ao jantar. Tinha bastante alimento. Todo mundo

---

<sup>47</sup>Idem.

comia, bibia. Tudo era de graça. Era comida. Criavam porco. Criavam carneiro. Criavam muita galinha, pato tudinho era assim. O pessoal dava gado, tudo tinha, tudo de graça a única coisa do tempo da festa era leilão que faziam. Esse já era pra angariar dinheiro pra pagar a despesa da igreja, né. Tinha que ir pra Prelazia, 10% naquele tempo já se pagava lá. Daí era o leilão, mas sempre isso não saia nada da comunidade porque tinha muita gente que fazia promessa. Aquilo que vinha como promessa já ia pro leilão.<sup>48</sup>

O barracão descrito como grande indica que durante a festa o mesmo era frequentado por muitas pessoas. Embora as lembranças sobre o que ocorria no barracão sejam fragmentadas, é possível perceber a partir das reminiscências de dona Eunice Wanghon que este constituía no lugar da partilha, do respeito e da fartura, pois o alimento oriundo da roça e da criação recebido através das doações era compartilhado coletivamente. Segundo Priore (2000, p, 70): “O banquete, comilança coletiva, tinha forte expressão social e o ato de comer juntos era remetido à aliança ou à força de integração social que se gestava durante a festa”. Assim, entende-se que no barracão do Sairé também estava presente esse sentimento de integração social. As doações advindas das promessas eram leiloadas e destinadas ao pagamento das despesas da Igreja. Nesse sentido, havia uma clara compreensão do que deveria ser compartilhado no barracão e do que se destinava à Igreja.

Eduardo Galvão, ao discorrer acerca da vida religiosa do caboclo da Amazônia faz destaque ao grande barracão, também denominado de ramada construído próximo à capela nos sítios ou povoados o qual se destina ao baile do santo realizado após a ladainha. Ainda segundo o autor, em algumas localidades da região amazônica onde não há capela, esta e a ramada estão combinadas em uma única estrutura. Nesse caso, “o altar é isolado do local de danças, por uma cortina que somente se afasta durante as orações” (GALVAO 1953, p, 4). Nota-se que de forma diversa da mencionada por Galvão, o barracão em Alter do Chão descrito por dona Eunice Wanghon destinava-se a socialização do alimento, mas é provável que no local também ocorressem bailes.

Embora as lembranças da Festa do Sairé da década de 1940 sejam fragmentadas é possível identificar alguns componentes constitutivos da mesma, como: barracão, a distribuição dos alimentos e a relação com a festa da padroeira

---

<sup>48</sup>WANGHON, Eunice Sardinha. 20 de agosto de 2013. Residência de sua irmã em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.



(Santa) mencionado por Nunes Pereira, que esteve em Alter do Chão em 1950 e levantou algumas informações a partir da conversa com três moradores da vila: Manoel Duarte Sardinha, Francelina de Braga e Antônio Perez Pimentel, das quais o autor fez a seguinte descrição:

O símbolo era conduzido por uma mulher e antes da procissão o Sahiré ia até a frente da Igreja, regressando a seguir para o barracão de onde partira, a fim de ir buscar os personagens seguintes: capitão, alferes, sargentos, tambores gaiteiro ou gateira; tamborinhos ou tamborinhas; juiz, juíza, procurador, procuradora, mordomos; mordomas. O capitão levava à cintura uma espada de pau, os sargentos empunhavam alabardas e os tocantes os seus instrumentos; a “tripulação” levava varinhas envolvidas em fitas multicores, ligando-se algumas destas às do Sahiré. Os alferes empunhavam – uma bandeira branca e uma bandeira vermelha, cada um, correspondendo essas bandeiras, que deveriam ser conservadas fechadas, aos santos São José e Nossa Senhora da Saúde. Essas bandeiras só eram desfraldadas depois. No trajeto do barracão ou da ramada à igreja, os tambores, os tamborinhos, o gaiteiro sopravam seus instrumentos. E dizia-se que aquilo era feito “em folia”. O toque do tamborim ou dos tamborins era surdo e o das caixas e tambores era rufado. Cantava-se e rezava-se, em língua geral e em português. (PEREIRA, 1989, p. 70);

De acordo com a descrição de Pereira, a Festa do Sairé realizava-se juntamente com as festividades da padroeira da vila, Nossa Senhora da Saúde e São José, como informaram dona Eunice Wanghon e dona Leocádia Vasconcelos. De acordo com o autor, o cortejo saía do barracão com destino à igreja e destaca que o símbolo do Sairé era conduzido por uma mulher a acompanhado de cantos e reza em língua geral. Os agentes do Sairé são citados juntamente com os instrumentos. (PEREIRA, 1989)

Câmara Cascudo também faz referência ao Sairé:

(...) dança e canto religioso na Amazônia. Também é uma saudação aos missionários. É uma espécie de procissão de mulheres em que carregam o instrumento que tem o mesmo nome, Sairé. Este instrumento é um semicírculo de madeira contendo dentro dois outros menores, colocados um perto do outro, sobre o diâmetro maior. Da união dos dois parte um raio do grande, que excedendo a circunferência, aí forma uma cruz. Os menores têm também o seu raio perpendicular ao diâmetro comum, rematados em cruz. É revestido de algodão e enleados de fitas, e enfeitados com espelinhos, doces, frutas. Este instrumento, inventado pelos jesuítas para perpetuar e firmar mais a religião entre os índios tem uma significação bíblica. O Sairé perpetua o dilúvio e as três pessoas da Santíssima Trindade. Quando se festeja algum santo, por alguma promessa, levantam em casa um altar, onde colocam a imagem milagrosa, aos pés da qual fica o Sairé. Preparam junto a casa uma grande palhoça onde é servido o jantar aos convidados e fazem-se danças. Dias antes da festa preparam o tarubá que é a alma da festa. (CÂMARA CASCUDO, 2001, p. 225-226)

Para o autor, Sairé significa canto; dança; procissão de mulheres, saudação religiosa em festa de santos e instrumento inventado pelos jesuítas para realizarem a catequese dos indígenas na região amazônica e simboliza o dilúvio e as três pessoas da Santíssima Trindade.

Se a Ilustração 2, elaborada por Pereira (1989), for considerada, o Sairé ocorria no entorno do rio Amazonas e Tapajós, assim, sua incidência foi marcante nos estados do Pará e Amazonas.

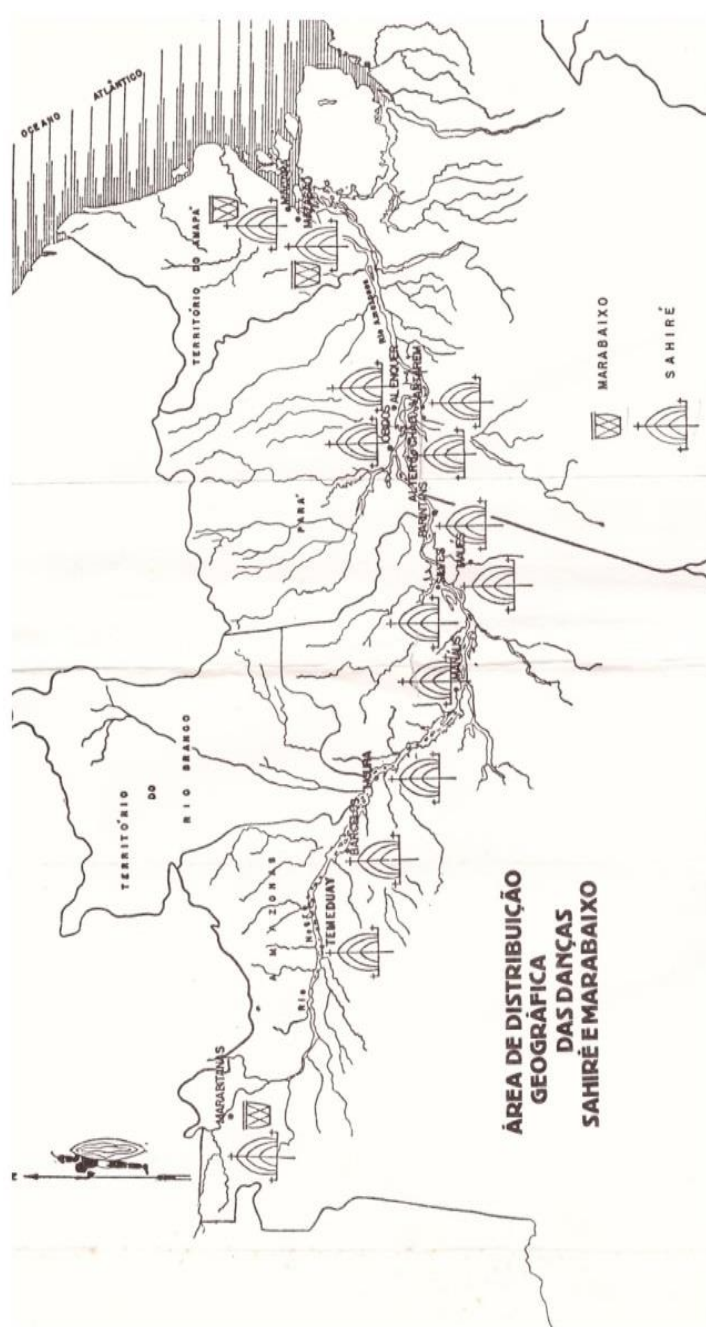


Ilustração 2 - Elaborado por Nunes Pereira indicando os locais onde o Sairé ocorria.  
Fonte: PEREIRA, Nunes. O sairé e o marabaixo. Recife: FUNDAJ, 1989.

Pereira levanta a hipótese de que o “Sahiré” teria se originado em Alter do Chão e posteriormente teria sido levado pelos jesuítas às regiões do Amazonas. Mas, em decorrência da falta de documentação não é possível no presente momento confirmar esta hipótese.

De acordo com Câmara Cascudo e Nunes Pereira, o Sairé foi uma festa específica da região Amazônica, sendo atribuído aos missionários jesuítas a criação do símbolo como instrumento pedagógico para ensinar os preceitos cristãos aos indígenas nas missões. Mas é possível inferir que os padres jesuítas teriam se apropriado de algum símbolo indígena e o adaptaram aos objetivos religiosos. Nesse sentido, é interessante a descrição do jesuíta João Daniel acerca do Sairé:

Os menores meninos e meninas têm sua dança particular, a que chamam o sairé, em que regularmente não entram homens mais do que os tamborileiros, e ainda esses não estão metidos nas danças, mas estão de forma dando o compasso com o tamboril; e o tom, e pé de cantiga, a que responde e corresponde a chusma, com advertência, que os meninos vão em diverso sairé das meninas, e não misturados os de um com os do outro sexo. Consiste o sairé em uma boa quantidade de meninos, todos em fileira atrás uns dos outros com as mãos nos ombros dos que lhe ficam adiante, em três, quatro ou mais fileiras; e na vanguarda anda um menino, se a dança é de ascânios, dos mais altos, ou menina, quando o sairé é de hembras, das mais taludas pegando com ambas as mãos nas bases de um meio arco, o qual em várias travessas está enfeitado com algodão, flores, e outras curiosidades, e no remate em cima prende uma comprida fita que, salvando por cima das cabeças de toda a chusma, vai rematar a outro, ou outra, que na retaguarda lhe pega, e a puxa de quando em quando para trás, e logo laxa para diante conforme o compasso da primeira, que já levanta o sairé, e já o abaixa, já o inclina para diante, agora para trás, e agora para as bandas; (DANIEL, 2004, p, 289)

A partir da descrição do religioso percebemos que o Sairé consistia em dança de meninos e meninas, os quais utilizavam o símbolo (meio arco enfeitado com algodão e fita) e o instrumento musical (tamboril), realizada nas missões amazônicas. De acordo com Cypriano (2007, p, 124):

É preciso acrescentar ainda que, apesar de várias músicas e orações serem lideradas pelo missionário, os índios aldeados utilizavam instrumentos musicais próprios na sua execução. Tambores, gaitas, tamboris e flautas como o *toré*, que media mais de quatro palmos de comprimento, eram tocados, tanto para acompanhar as músicas cristãs, quanto para as danças peculiares de cada um dos grupos.

É provável que os indígenas, ao manipularem tais instrumentos, seus sons, ritmos e toques suscitasse em seus íntimos as lembranças de suas crenças, mesmo misturadas aos cantos e orações cristãs.

É recorrente nas lembranças das interlocutoras os instrumentos utilizados na procissão do Sairé: “Mais os antigos sabiam que tinha a caxa pra rufar os tambores. Tinha o bumbo. Tudo eles sabiam. Era caxinha de rufar. A caxa grande.”<sup>49</sup> “(...) tinha os tocadores de gaitinha, caixa, caixa grande tudo isso tinha”<sup>50</sup>. Assim, tais instrumentos podem ser considerados herança dos antepassados, os quais ficaram na memória dos seus descendentes, logo faziam parte da cultura material da comunidade, sendo que alguns deles foram selecionados para compor o ritual da festa, como será mais bem discutido no segundo capítulo.

É de amplo conhecimento que os missionários iniciavam os ensinamentos da cultura cristã com meninos e utilizavam cantos, dança e instrumentos musicais como métodos pedagógicos, como destaca Hoornaert (1990). É provável que a dança de meninos e meninas tenha sido ressignificada pelos indígenas, os quais os teriam substituído pela mulher mais idosa, responsável por conduzir o símbolo do Sairé. É pertinente analisar o motivo pelo qual esta mulher foi inserida na festa e se faz necessário pensar no seu papel nas sociedades indígenas da região do Tapajós. São reveladoras as observações de João Daniel (2004) sobre a importância das mulheres mais velhas:

É bem verdade que os filhos obedecem com muita sujeição aos pais, os mais moços aos mais velhos, tendo-lhes tanta veneração, e às velhas, que juram nas suas palavras; e o que elas dizem são para eles oráculos, e evangelhos, de sorte que ainda convertidos e domésticos mais depressa acreditam o que lhes dizem as velhas do que o que lhes pregam os missionários. E se alguma velha levantou a voz e diz morram os missionários, tenham estes paciência, porque lhes será muito difícil escapar; e pelo contrário quando os índios amotinados querem matar algum europeu, basta uma para os aquietar. Deste grande respeito que tem aos velhos e velhas nasce o terem em grande veneração os seus contos, que vão passando por tradição de uns aos outros, como é notícia do dilúvio universal, e outra. (DANIEL, 2004, p. 269.v.1)

A descrição de João Daniel é enfática ao destacar os atributos das mulheres, principalmente das mais velhas, as quais foram responsáveis por não deixar desaparecer certos costumes, repassados através dos contos e histórias, pois os missionários não conseguiram delas destituir esse poder. Segundo Cypriano (2007, p, 133), “(...) os missionários não foram eficazes para romper ou substituir a tradição

<sup>49</sup>VASCONCELOS, Leocádia Lobato de. 21 de agosto de 2013. Residência da entrevistada em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

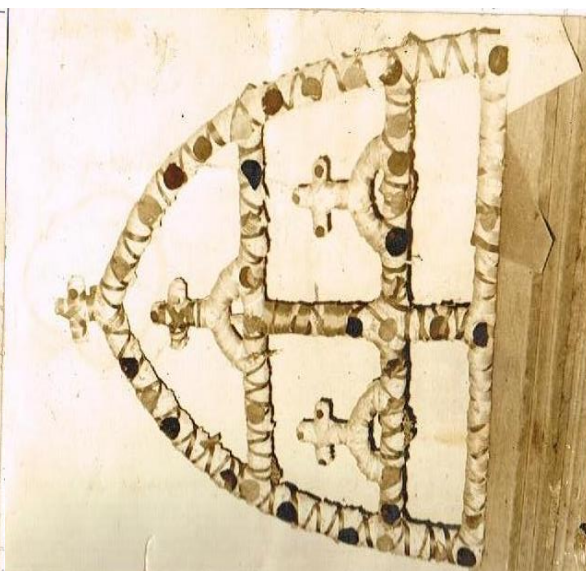
<sup>50</sup>SARDINHA, Crispiana de Jesus. 20 de setembro de 2012. Residência da entrevistada em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

que essas mulheres passavam oralmente”. Compreendemos que por conta disso, em Alter do Chão, atualmente, é evidente a atuação das mulheres em funções essenciais da Festa do Sairé, como condução dos símbolos, administração da despesa, organização da cerimônia religiosa e preparação do tarubá. Este aspecto será retomado no segundo capítulo.

Em conversa com Osmar Vieira Oliveira o mesmo contou que sua avó explicava que o Sairé era a festa da lua, “os antigos faziam a festa na lua crescente”<sup>51</sup>. Essa pista parece ter sentido, pois é possível que em tempos do plantio e colheita os indígenas realizassem seus rituais. Se o símbolo do Sairé for invertido no sentido horizontal o mesmo aproxima-se da imagem da lua crescente. Ver fotografia 3 e 4.



Fotografia 3 – Símbolo do Sairé  
Fonte: Instituto Boanerge, 1976.



Fotografia 4 – Símbolo do Sairé invertido  
Fonte: Instituto Boanerge, 1976.

Assim, a lua exercia fascínio entre os indígenas aldeados que viviam às margens dos rios Tapajós e Arapiuns. A esse respeito é significativo o relato do jesuíta João Daniel que registrou a permanência dos cultos aos elementos da natureza:

E na verdade tem ocasiões em que festejam muito a lua, como quando aparece nova: porque então saem das suas choupanas, dão saltos de prazer, saúdam-na, e dão-lhe as boas-vindas, mostram-lhes os filhos, e a modo de quem os oferece, estendem os braços, além de muitas outras ações ostensivas, de quem na verdade adora. Tudo isto presenciei eu mesmo, achando-me no campo com alguns, não só batizados, mas também

<sup>51</sup> OLIVEIRA, Osmar Vieira de. 29 de agosto de 2013. Residência do entrevistado em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

ladinos; porque gritando um que via a lua, os mais, que estavam recolhidos em uma grande barraca, todos saíram a festejá-la; e alguns, entre as mais ações de alegria, estendiam os corpos, puxavam-se os braços, mãos, e dedos, como quem lhe pedia saúde e forças em tanto que eu cheguei a desconfiar que estavam idolatrando. E, se assim faziam os mansos educados e doutrinados nos dogmas da fé de Cristo, que farão os bravos, e infiéis? (DANIEL, 2004, p.322.v.1)

Dessa forma, segundo Cypriano,

(...) esforços dos missionários na evangelização não foram capazes de suplantar estas manifestações. Elas eram preservadas, sem conflitos, dentro da própria missão através do sigilo e da realização de cerimônias longe do olhar e da ciência do missionário. (CRYPIANO, 2007, p, 134)

Articulada à narrativa de Osmar Oliveira e à descrição de João Daniel, seria pertinente inferir que a reminiscência da festa da lua poderia estar presente em parte do ritual da Festa do Sairé, transmitida pelas avós aos netos através das histórias e contos. Nesse sentido é expressivo o relato de dona Lusía Lobato:

Ela contava histórias. Contava. Ela chamava a gente, a gente ajoelhava tudo pra rezar, depois da reza a gente sentava pelo chão, ou por cima do tupé, ou ia pra rede e ela contava história do sol, da lua, contava a história do Camões, ela contava história do curupira, contava história do mapinguari, contava história do rio, contava a história da cobra grande, então ela contava muitas histórias pra gente.<sup>52</sup>

O ato de contar história tinha um ritual. Rezava-se primeiro e em seguida as histórias são pronunciadas pela avó responsável em repassar a tradição através da oralidade. Fragmentos da memória dos antepassados são transmitidos e como sugere Hoornaert (1990, p, 60) estes “(...) não são simples mortos (...) a presença deles é continuamente evocada”.

Assim, lua, mulher, plantio e colheita correspondem à fertilidade. Logo, se o símbolo já existia entre os indígenas, os jesuítas teriam adaptado, incluindo a marca cristã, as cruzes, e posteriormente outros elementos foram introduzidos, como as fitas e os espelhos. Também é instigante pensar que os indígenas continuariam a cultivar a antiga tradição em segredo ou discretamente. Osmar Oliveira conta que: “(...) a minha tia Eugênia disse que tem muitas coisas sobre o Sairé que não se deve falar. Ela sempre falava nisso, né, agora nós não sabemos o que são essas coisas”<sup>53</sup>. É possível que “essas coisas do Sairé que não se deve falar” podem estar

<sup>52</sup>LOBATO, Lusía dos Santos. 01 de outubro de 2013. Residência da entrevistada em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

<sup>53</sup>OLIVEIRA, Osmar Vieira de. 29 de agosto de 2013. Residência do entrevistado em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

relacionadas à antiga tradição de culto e reverência à lua, a qual não teria desaparecido completamente, pois misturado aos rituais católicos foi mantido e ritualizado junto ao mesmo, pois é preciso não esquecer que “(...) os índios não perderam sua condição de agentes sociais ativos, capazes de frustrar os valores impostos pelos *religiosos* e **imprimir nos rituais religiosos suas crenças**”. (grifo nosso) (BRUIT, 1992, p, 79).

Nesse sentido, o conflito se dava no silêncio, nas sutilezas, pois indígenas e seus descendentes souberam, como sugere Certeau (2012, p. 94) “jogar com o terreno que lhes foi imposto” e resistindo à assimilação total dos preceitos cristãos. Isso pode ser evidenciado em algumas ações lembradas pelos entrevistados, como é o caso abaixo:

(...) ela contava também que quando ela era criança a avó dela juntava na casa e convidava todos os netos aí. Ela começava a contar história sobre a comunidade, sobre lenda, sabe. A respeito da Festa do Sairé a vó dela dizia assim que sempre os cantos do Sairé era um canto triste e lento, aí não se sabe o porquê né. Agora a ladainha só iniciava depois que o símbolo chegava, porque uma que o povo gostava mais da Festa do Sairé do que da Festa da Padroeira. Então esperavam o povo chegar junto com a procissão. (...) Eles contavam que iam rezar a ladainha de Nossa Senhora, aí quando acabava iam deixar o Sairé no barracão. Aí, lá tinha comida, bebida, tudo era de graça.<sup>54</sup>

Onde reside a autoridade eclesiástica se a ladainha da padroeira só iniciava quando o cortejo chegava com o símbolo do Sairé? O ritual realizado no barracão esvaziava o sentido da festa da padroeira? Assim, a partir da análise de Bhabha (1998) a Festa do Sairé e seu símbolo não se enquadravam nas programações oficiais da igreja, sua permanência representava um “passado não dito”, um “silêncio contido” que se fazia presente às margens da Igreja Católica. O canto triste e lento pode indicar um lamento pelas tradições passadas que foram submetidas aos quadros referenciais cristãos, mas também pode ser interpretado como resistência, pois se fazia presente nos rituais católicos, demonstrando que neste jogo os religiosos não dominavam por completo e segundo Bruit (1992, p. 92) “(...) os índios tiraram o máximo proveito para ocultar e manter viva, mesmo que parcialmente, uma história que nas aparências tinha morrido”.

Na Fotografia 5, alferes seguram bandeira do Divino Espírito Santo; entre os dois esta a saraipora com símbolo do Sairé. A imagem é interessante, pois

<sup>54</sup> OLIVEIRA, Osmar Vieira de. 29 de agosto de 2013. Residência do entrevistado em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.



estabelece um diálogo simbólico entre a Igreja enquanto local da religião institucional; as bandeiras representam o catolicismo popular e o símbolo do Sairé é a narrativa que murmura um “passado não dito” expresso também pela presença da mulher que carrega o símbolo.



Fotografia 5 – Saraipora em frente à Igreja da Nossa Senhora da Saúde, 1976.  
Alferes seguram a bandeira do Divino Espírito Santo.  
Fonte: Instituto Boanerge.

Considerando os indícios levantados é possível perceber a Festa do Sairé como forma de resistência, pois até 1943 os moradores de Alter do Chão aproveitaram “brechas” na festividade da padroeira para vivenciarem parte da cultura dos seus antepassados, por isso, o barracão é o lugar da resistência onde o sentido comunitário é vivenciado. Portanto, para compreender o sentido comunitário que perpassa a Festa do Sairé “reconstituída” em 1973 se faz necessário analisar o cotidiano dos moradores de Alter do Chão, evidenciado suas lutas, modo de viver e de se organizar nesse contexto.



## 1.2 COTIDIANO, LUTAS E MODOS DE VIVER EM ALTER DO CHÃO (PA)

O ano de 1973 é para os moradores de Alter do Chão o ano da “reconstituição” da Festa do Sairé. A vila contava com 598 habitantes<sup>55</sup>, estes em sua maioria moravam em casas de barro e cobertas de palha. Alguns mais remediados residiam em casas de madeira. Na época havia apenas três ruas: Rua Lauro Sodré, Rua Turiano Meira e Rua Dom Macedo Costa, todas de chão batido.

A roça era a base do sustento das famílias, que viviam a maior parte do ano nas colônias plantando mandioca, milho, feijão, arroz, jerimum, maxixe, abóbora, batata, cará, dentre outros produtos. Também se praticava a pesca de subsistência. Para comprar o que não produziam, como café, açúcar, roupas e outros produtos, vendiam borracha defumada na cidade; o sernambi<sup>56</sup> e o leite da seringa eram comercializados na vila. Outros produtos coletados na mata também constituíam fonte de renda, como a coleta das sementes de jutaí e de cumaru. “Era um tempo difícil”<sup>57</sup>, no dizer de dona Lusía Lobato.

Dessa forma, através dos puxiruns, os moradores de Alter do Chão realizavam diversas atividades na roça. Seu Vilésio Pedroso Costa explica a partir de sua experiência o que é um puxirum:

Puxirum é um ajuntamento de gente. Eu trabalhava muito nesse negócio de puxirum roçando o mato, derrubando, plantando depois capinando. Era muita gente. O nosso ajuntamento eram duzi (doze) família que se ajudavam. Cada semana a gente ia num serviço. Quando terminava tornava a voltar ia, ia, ia, terminava, tornava assim era o trabalho. Mulheres capinavam, roçavam. Só não faziam derrubar. A derrubada era só com os homens. A mulheres iam pra dá água, fazer comida. Deixava secar a roça com quinze dia, um mês, dois meses. Tacava o fogo pra plantar. Tudo em puxirum..<sup>58</sup>

Compreendido como ajuntamento de famílias, o puxirum agregava homens e mulheres que se ajudavam mutuamente e cada um exercia uma função. A técnica de trabalho consistia na tradicional derrubada e queima da mata para realizar

<sup>55</sup>Dados obtidos no anuário da Prelazia de Santarém referente ao ano de 1973, p. 41.

<sup>56</sup>O sernambi é o leite da seringa que fica armazenado na vasilha. É utilizado para a produção de borracha, mas não é defumado.

<sup>57</sup>LOBATO, Lusía dos Santos. 01 de outubro de 2013. Residência da entrevistada em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

<sup>58</sup>COSTA, Vilésio Pedroso. 20 de agosto de 2013. Residência do entrevistado em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

posteriormente o plantio, dessa forma, a prática do puxirum herdada do antepassado foi mantida pelos moradores de Alter do Chão. Nesse sentido é expressiva a observação de Bates:

(...) O povo se ocupa, durante a maior parte do ano, com suas pequenas plantações de mandioca. Todo o trabalho pesado, tais como derrubar e queimar as árvores, plantar e capinar, é feito na lavoura de cada família por uma associação de vizinhos, a que eles dão o nome de "puxirum". (BATES, 1979, p, 162)

De acordo com Galvão (1955, p. 37) "(...) O trabalho cooperativo nas roças, através dos puxirões, em que um roceiro convida as famílias vizinhas para ajudá-lo, é outro traço que induz maior solidariedade" **entre moradores da região amazônica.** (grifo nosso).

É relevante analisar que a prática do puxirum constituía um momento em que outros laços de solidariedade eram estabelecidos no momento do trabalho e na partilha do alimento, como destaca dona Maria de Nazareth Branco: "Eu lembro que o papai pescava. Ele dizia: - vou pescar porque manhã é puxirum do fulano. O papai já levava comida; aquele já levava comida; outro levava. Então, todo mundo se ajudava ali, tá entendendo. Isso era bonito"<sup>59</sup>. Compartilhava-se o trabalho e o alimento, este último adquirido através da pesca realizada pelos próprios moradores da vila. Também era comum o consumo do xibé<sup>60</sup> e do tarubá durante a realização do trabalho como lembra dona Eunice Wanghon:

Olha a farinha molhada na água tirada no igarapé. Naquele tempo não era poluído. Botava um pouquinho da farinha. Tomava aquele caldo, em vez de tomar uma cachaça, não, tomava aquilo. Aquilo era o alimento deles. E agora vamos dizer o tarubá. Eles tomavam. Faziam pra aquele tempo. Usavam um garrafão grande para meter a massa lá. Quando viesse era só cuar na peneira e o pessoal tomavam. Naquele tempo se tu fosse aguadeira. Tinha uma pessoa do trabalho que se chamava aguadeira, né. Aguadeira que chamavam ia dá o chibé. Era só uma cuia que tinha desse tamanho que eles usavam, não tinha copo pra um não. Era todo mundo ai. Ai enchia aquela cuia, mas era a aguadeira que ia fazer isso. Penerava tudo. Cobria lá, tudo cobertinho. Ai quando queriam era só pedir. Ela ia com aquela cuiada.<sup>61</sup>

<sup>59</sup>BRANCO, Maria de Nazareth Sardinha. 20 de agosto de 2013. Residência da entrevistada em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

<sup>60</sup>Segundo o dicionário Papa-xibé do Baixo-Amazonas elaborado pelo professor doutor Frei Florêncio Almeida Vaz, xibé ou Chibé é de origem Tupi, usada para se referir à comida ou bebida feita de farinha com água, de origem indígena. Pode-se beber o xibé sozinho, ou com peixe ou carne salgada e assada. Ou ainda só com farinha e água, às vezes acrescenta-se pimenta.

<sup>61</sup>WANGHON, Eunice Sardinha. 20 de agosto de 2013. Residência de sua irmã em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

Nesse cotidiano do trabalho percebe-se que hábitos indígenas estavam presentes, como o consumo do tarubá e do xibé, alimentos que “sustentam o corpo” e inibem a fome. A interlocutora ao explicar como o xibé é preparado destaca que os igarapés, locais onde retiravam água para o consumo, não eram poluídos, logo havia uma relação de cuidado com os recursos naturais. O tarubá, produzido especificamente para o consumo no puxirum era preparado e distribuído por uma mulher, denominada aguadeira. Percebe-se várias funções que a mulher exercia roçar, preparar o alimento, distribuir água, o xibé e o tarubá. Cypriano (2007) faz análise de trechos da descrição de João Daniel, indicando que as mulheres mais velhas eram mestras das vasilhas, responsáveis por distribuir em cuias a bebida aos maridos. Seria a aguadeira citada por dona Eunice Waughan uma readaptação dessas mulheres citadas pelo missionário? É possível que sim, pois a presença desta no puxirum com função específica, servir tarubá aos trabalhadores que preparam o solo para o plantio é sugestiva.

É recorrente nas narrativas dos interlocutores a expressão comunitário associada aos puxiruns. Dona Lusía Lobato explica que a “comunidade é tipo o puxirum, porque antigamente faziam aquele conjunto de comunitário desse pessoal que trabalhavam, gostavam de roça. Um conjunto de pessoas que gostavam de se ajudar um ao outro, tá entendendo”<sup>62</sup>. Também a expressão comunitário aparece registrada nas atas do Conselho no momento em que as lideranças discutiam questões relacionadas a terra em Alter do Chão: “(...) o senhor Secundino Sardinha disse que: “o Conselho é comunitário e deveria estar pronto a se dispor a qualquer um que solicite”<sup>63</sup>. Outros, como dona Francisca de Oliveira, também reforça que “o Conselho deveria tomar frente, visto que o grupo é da comunidade”<sup>64</sup>. A percepção de comunidade também apareceu na questão que envolveu a Igreja Católica e o Conselho em relação à casa comunitária<sup>65</sup>, esta localizada ao lado da igreja Nossa Senhora da Saúde. Segundo consta nas atas do Conselho, a Diocese de Santarém havia requerido para si o título de posse da área onde a casa comunitária foi construída. Assim consta em ata:

<sup>62</sup> LOBATO, Lusía dos Santos. 01 de outubro de 2013. Residência da entrevistada em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

<sup>63</sup> Ata da reunião do Conselho Comunitário de Alter do Chão do dia 14 agosto de 1975.

<sup>64</sup> Idem.

<sup>65</sup> A casa comunitária ou Centro Comunitário foi construído pelo Conselho Comunitário para a realização das reuniões e de atividades festivas. É administrado pelo Conselho.

(...) foi lido o contrato, discutido e não teve aprovação dos que estavam presentes. Acharam uma falta de respeito pra com a *comunidade*. Que ele (coordenador) e o senhor Argentino foram ao setor de terras em Santarém e para surpresa encontraram um documento contendo toda a área em nome da Igreja, precisamente no nome da Diocese de Santarém, assinado ou seja requerido por um padre, motivo pelo qual eles não puderam fazer nada, pois não tinham uma procuração e que este documento teve entrada no ano de 1989 e saiu o título de posse no ano de 1992.<sup>66</sup>

Sobre essa questão, algumas lideranças presentes assim expressam:

Raimundo falou que a questão não é querer tomar a casa comunitária e sim que quando fizerem promoções doarem alguma ajuda para a Igreja, pois a mesma está em reconstrução e precisa de dinheiro. (...) Laudelino falou que a Igreja *não é comunidade* e sim sociedade religiosa. D. Benedita falou que faz parte da catequese desde 1958 e que nunca foi falado nas reuniões sobre o documento da Igreja. (...) D. Ivete falou que a *Igreja pertence à Diocese e não à comunidade*, pois é pago 20% para o padre e a comunidade não recebe nada e quando é tempo de festa da Santa toda a *comunidade* ajuda. (...) O sr. Argentino disse (...) que a casa comunitária foi construída pela *comunidade* na época em que o agente municipal era o sr. Antonio Vasconcelos que angariaram dinheiro para essa construção através de festas, quermesses e pedindo para um e para outro e só depois de quase pronta é que a prefeitura municipal de Santarém ajudou. Continuou dizendo que o sr. Manoel Canté deu um documento dando a casa construída para ser uma casa comunitária para os moradores de Alter do Chão e numa visita feita pelo Dom Tiago, o mesmo falou que esta casa é de vocês não deixem que ninguém de fora ganhem dinheiro em cima do suor de vocês.<sup>67</sup>

Nas narrativas registradas percebe-se a tensão entre a Igreja e o Conselho em torno da casa comunitária, construída pela comunidade desde o início de 1975. Seu Argentino Sardinha<sup>68</sup> constrói seu argumento relembrando as estratégias que a comunidade utilizou para construí-la e enfatizou que embora a Prefeitura e outros tenham contribuído, isso não descaracterizaria o sentido comunitário da casa. O mesmo respalda seu argumento trazendo a orientação do próprio bispo de Santarém: “esta casa é de vocês, não deixem que ninguém de fora ganhem dinheiro em cima do suor de vocês”. Também é reveladora a compreensão das lideranças acerca do que é comunidade e do que não é, assim, entendem que a “Igreja não é comunidade, mas sociedade religiosa” e que esta “pertence à Diocese”, portanto, a comunidade ao pagar os 20% do dízimo entende que já cumpriu seu compromisso com a Instituição. Nesse sentido, as lideranças tem clareza do que define a comunidade; a Igreja é percebida como algo externo, portanto, não é reconhecida

<sup>66</sup> Ata da reunião do Conselho Comunitário de Alter do Chão do dia 23 agosto de 1994.

<sup>67</sup> Ata da reunião do Conselho Comunitário de Alter do Chão do dia 23 agosto de 1994.

<sup>68</sup> Seu Argentino Sardinha foi uma das principais lideranças a participar da “reconstituição” da Festa do Sairé em 1973. Exerceu as funções de coordenador do Conselho Comunitário e agente municipal.

como “nós”, mas como “eles”, pois é evidente que o sentido de comunidade envolve trabalho conjunto, ajuda mútua experimentado nos puxiruns. É expressiva a reflexão de Chaves:

(...) é preciso levar em conta que em seu horizonte os sentidos da comunidade refletem não só uma representação ideal, como a própria prática real. Portanto, os sentidos impressos à vida comunitária como um espaço coletivo igual e solidário, derivam tanto de aspectos subjetivos quanto a realidade vivida onde objetivamente a comunidade se realiza. (CHAVES, 2011, p, 125).

O sentido comunitário é vivenciado e experimentado, por isso, para alguém ser reconhecido como comunitário não é suficiente apenas morar na comunidade, é preciso envolver-se nas lutas e nos interesses coletivos que incluem desde a participação em uma festa realizada para levantar fundos, limpeza do cemitério, da rua, até a luta pela preservação da propriedade da terra, da casa comunitária, dentre outros. Por isso, como defende Chaves “(...) a comunidade comporta e promove (...) a necessidade de conservação de seu território de vida e de trabalho, como fator primordial para se reproduzir física, social e culturalmente”. (CHAVES, 2011, p, 128)

Também fazia parte dos puxiruns o momento lúdico. Após o término do trabalho era comum realizarem uma festa animada com cantigas, como lembra dona Eunice Wanghon: “o nome daquele pau era gambá. Aí quando eles batiam dava um som muito bonito e forte. O capitão começava a cantar marambiré. Era curimbó. Era a festa deles. Tenho saudade daquelas festas”<sup>69</sup>. Dona Crispiana de Jesus Sardinha também se lembra das danças e cantos dos puxiruns:

Nós era dançadeira de curimbó com nosso pai. Nosso pai era músico de curimbó. Essas músicas de curimbó foi feita na colônia, dos roceiros. Eles trabalhavam na roça. A gente trabalhava na roça com eles, né. Quando terminava o trabalho deles na roça a gente vinha para casa e fazia fogueira no terreiro. Quando sobrava comida eles assavam. A gente comia junto com eles com o pessoal da roçagem, né que vinham do roçado, porque que tem a brincadeira do roceiro e aí eles escutava o curimbó. Papai cantava, a borboleta cantava marambiré. Eles cantavam muito. O papai cantava. Quando ele dizia assim: Cecília e Eugenia venha pro salão, salão era no terreiro nós brincava com eles.<sup>70</sup>

Os dois relatos são significativos porque apresentam um repertório de músicas e danças que faziam parte da cultura da roça, do puxirum, compartilhada pelo grupo.

<sup>69</sup> WANGHON, Eunice Sardinha. 20 de agosto de 2013. Residência de sua irmã em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

<sup>70</sup> SARDINHA, Crispiana de Jesus. 20 de setembro de 2012. Residência da entrevistada em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

O curimbó<sup>71</sup> e o marambiré são danças introduzidas da Festa do Sairé em 1973 e faziam parte desse contexto de trabalho. Assim, trabalho e lazer não estavam dissociados, após a árdua labuta todos dançavam e cantavam em volta da fogueira. Um marco referencial nas narrativas das duas interlocutoras está no uso dos pronomes “eles” e “nós”, o que indica o grau envolvimento de ambas, pois dona Crispiana de Jesus, diferentemente de dona Eunice Wanghon, residia mais nas colônias, logo sua vivência nos puxiruns era mais efetiva, principalmente pelo fato de seus genitores<sup>72</sup> conhecerem as danças e os cantos citados.

No entanto, a prática do puxirum não se restringia à roça, os moradores de Alter do Chão a realizavam também na limpeza das ruas, do cemitério, na construção da escola e da estrada.

Em meados da década de 1970 os moradores locais articulavam realizar as viagens a Santarém através da estrada, pois eram demoradas pelo rio Tapajós; como lembra dona Leocádia Vasconcelos, havia o motor<sup>73</sup> do Chico Branco e do seu Heitor Sardinha, que conduzia os moradores de Alter do Chão a Santarém. “Saía às 15 horas e chegava à cidade por volta de 18 horas”<sup>74</sup>. Em decorrência disso, homens e mulheres trabalharam em puxirum para abrirem a estrada no “braço”. A precariedade da estrada tornava a viagem demorada, principalmente em tempo de chuva, levando perto de 12 horas para chegar à cidade, como lembra seu Heitor Sardinha de Vasconcelos:

Nós fizemos essa estrada no braço aqui pra Santarém. Era muito feio a estrada. Passava horas pra chegar pra Santarém. Teve uma vez que eu sai daqui num domingo pra levar os idosos pra receber o dinheiro. Saímos daqui 3 horas da tarde e chegamos 10 horas da noite em Santarém de carro.<sup>75</sup>

Através das atas do Conselho Comunitário é possível perceber os esforços das lideranças para conseguir do Poder Público Municipal auxílio para tornar a estrada trafegável; assim na reunião do dia 21 de março de 1976 o senhor Argentino

<sup>71</sup> Ver letras do canto curimbó (Anexo H) e do canto Barbuleta (Borboleta) (Anexo I).

<sup>72</sup> É relevante ressaltar que os pais de dona Crispiana de Jesus tiveram papel ativo no processo de reconstituição do Sairé, pois os cantos e algumas danças inseridas na festa foram ensinados por eles.

<sup>73</sup> A expressão “motor” mencionada por dona Leocádia Vasconcelos refere-se aos barcos que faziam a viagem Alter do Chão - Santarém.

<sup>74</sup> VASCONCELOS, Leocádia Lobato de. 21 de agosto de 2013. Residência da entrevistada em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

<sup>75</sup> VASCONCELOS, Heitor Sardinha de. 24 de outubro de 2013. Residência do entrevistado em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

Sardinha propôs que o Conselho deveria “reforçar os pedidos à prefeitura através dos ofícios”<sup>76</sup>. Na reunião do dia 18 de abril de 1976 novamente é debatida a questão da estrada. Segundo as informações da ata, o prefeito havia encaminhado as lideranças ao senhor Lucivaldo, responsável pelo setor da infraestrutura, para tratar do assunto da estrada. O mesmo considerou que as lideranças desacataram o prefeito ao exigirem no prazo de 10 dias resposta à solicitação. Na ocasião, o senhor Lucivaldo informou do projeto Polamazônia, que previa verba a ser empregada em Santarém e Alter do Chão<sup>77</sup>. Portanto, os trabalhos na estrada estavam condicionados à chegada da referida verba; não se sabe o seu valor, se realmente chegou e se foi empregada devidamente no objetivo proposto, mas é evidente a ausência do Poder Público no atendimento aos serviços básicos, por isso as lideranças através do Conselho Comunitário encaminhavam as solicitações à prefeitura. Mesmo quando esta não as viabilizava, as lideranças se articulavam realizando os puxiruns para resolver os problemas cotidianos, como foi o caso da ponte de São Vicente construída sobre o Igarapé do Sonrisal. Homens e mulheres estavam juntos nessa jornada, como lembra dona Lusía Lobato: “Nós cuzinhando por baixo da palha, a Neca dizia o cubrelo do seu Neco que era uma panela preta quente que a gente carregava comida. E aí a gente penou muito”<sup>78</sup>. A narrativa da interlocutora pode ser articulada com as fotografias 6 e 7 - A presença das mulheres no puxirum preparando alimento. As panelas pretas, circuladas em vermelho, indicam que as refeições eram preparadas à lenha no próprio local onde realizavam o trabalho.

---

<sup>76</sup> Ata da reunião do Conselho Comunitário de Alter do Chão (PA) do dia 21 de março de 1976.

<sup>77</sup> Ata da reunião do Conselho Comunitário de Alter do Chão (PA) do dia 18 de abril de 1976.

<sup>78</sup> LOBATO, Lusía dos Santos. 01 de outubro de 2013. Residência da entrevistada em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.



Fotografia 6 – No puxirum, homens e mulheres trabalham juntos, 1978.  
Fonte: Acervo de dona Leocádia Lobato de Vasconcelos.

Nas fotografias 7 e 8 um grupo de homens às margens do igarapé empurra tronco de árvore para encaixá-lo sobre as peças de madeira. Na imagem é perceptível o esforço físico despendido no trabalho. Seu Heitor Sardinha de Vasconcelos enfatiza que a estrada foi feita “no braço”<sup>79</sup>, por isso o trabalho coletivo era a estratégia para viabilizar a construção da ponte. Na fotografia 9 o grupo posa para o fotógrafo no intervalo do almoço. A refeição era realizada no local de trabalho.

<sup>79</sup>VASCONCELOS, Heitor Sardinha de. 24 de outubro de 2013. Residência do entrevistado em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.





Fotografia 7 – Puxirum da estrada – construção da ponte de São Vicente no Igarapé do Sonrisal, 1978.  
Fonte: Acervo de Terezinha Lobato de Sousa.



Fotografia 8 - A força física aliada ao trabalho conjunto, 1978.  
Fonte: Acervo de dona Leocádia Lobato de Vasconcelos.



Fotografia 9 – Pausa para almoço, 1978.

Fonte: Acervo de dona Leocádia Lobato de Vasconcelos.

Os puxiruns também estavam presentes nas ruas e no cemitério organizados pelo fiscal e Conselho Comunitário que determinavam dias específicos para realizá-los. Nas reuniões do Conselho do dia 02 de fevereiro de 1975 o coordenador avisava aos participantes que as quintas-feiras seriam destinadas ao “serviço da comunidade”<sup>80</sup>. A construção do grupo escolar Dom Macedo Costa<sup>81</sup> também foi resultado do puxirum, como lembra dona Lusía Lobato:

Primeiro a escola era lá do lado do Demetrio, lá do lado do compadre Manoel do Vale. Lá a gente tinha a primeira escola. Primeiro era aqui uma casa grande que tinha. De lá a gente veio para a casa da dona Tutica que era uma outra professora que tinha. De lá fomos para a casa comunitária. Da casa comunitária que a gente veio para cá. Ai essa escola foi feita, tá placa lá, foi “feita por nós para os nossos filhos”. Então foi a gente que montou e a gente trabalhava e era puxirum. Ela era coberta com telha de barro. Mas ela não pode ser vendida. Ela é patrimônio<sup>82</sup>.

Tem destaque nas narrativas a construção do grupo escolar erguido na rua D. Macedo Costa. Dona Lusía Lobato conta dos lugares improvisados onde a escola funcionava. A placa de madeira reforça o protagonismo e a conquista da comunidade que a construiu em alvenaria com telha de barro através dos puxiruns.

<sup>80</sup> Ata da reunião do Conselho Comunitário de Alter do Chão (PA) do dia 02 de fevereiro de 1975.

<sup>81</sup> O grupo escolar foi inaugurado em 1969.

<sup>82</sup> LOBATO, Lusía dos Santos. 01 de outubro de 2013. Residência da entrevistada em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

A ênfase nesse detalhe se justifica por ser esta mais propícia à região, uma vez que não retém o calor, como a telha "Brasilit". Nesse aspecto, é interessante perceber como a comunidade lança mão de um saber ancorado na experiência adquirido através da relação com a natureza.

A construção do grupo escolar foi registrada, dada a relevância da ocasião. As fotografias abaixo pertencem ao arquivo pessoal de dona Terezinha Lobato e dona Leocádia Lobato Vasconcelos . Não foi possível identificar o autor, mas tudo indica que as mesmas foram produzidas a pedido do administrador da vila, seu Argentino Sardinha, no final da década de 1960. Os registros fotográficos indicam algumas etapas da construção da escola, desde a busca do barro para a produção dos blocos, a limpeza do local, até a elevação das primeiras paredes do educandário.



Fotografia 10 – Grupo de moradores em fila carregam latas possivelmente cheia de barro ou de água para abastecer o canteiro de obras, 1967.  
Fonte: Acervo de dona Leocádia Lobato Vasconcelos.





Fotografia 11 – Mulheres em destaque com paneiros no momento da limpeza do local onde o grupo escolar foi construído, 1967.  
Fonte: Acervo de dona Terezinha Lobato de Sousa.



Fotografia 12 - Blocos empilhados e utilizados na construção da escola, 1967.  
Fonte: Acervo de dona Terezinha Lobato de Sousa.



Fotografia 13 – Canteiro de obra e as paredes do grupo escolar levantadas, 1967.

Fonte: Acervo de dona Leocádia Lobato Vasconcelos.

Observando a sequência das fotografias, as imagens selecionadas pelo fotógrafo traduzem o sentido comunitário e as dificuldades que os moradores de Alter do Chão enfrentavam para a realização de projetos indispensáveis, como a escola e a estrada. Embora as fotografias estejam em acervos distintos, sua conservação indica a relevância do ato fotografado, considerado significativo para o grupo de entrevistados mais idosos.

A Fotografia 14 corresponde à escola Dom Macedo Costa atualmente, um anexo da escola Municipal Antônio Pedroso. Embora considerada patrimônio da vila, o prédio não escapou à marca do governo representado pela pintura branca e vermelha e o *slogan* da prefeitura, “cidade da gente”<sup>83</sup> que contrasta com o *slogan* da placa da escola, “construído por nós para nossos filhos”. A posição da placa é bastante significativa, pois, antecipa o *slogan* da prefeitura, ou seja, quem entra na escola visualiza logo a placa de madeira. Esta representa o esforço e a concretização de um anseio dos moradores de Alter do Chão. É a luta de memórias que se estabelecem no prédio da escola. Cada governo que chega ao poder em

<sup>83</sup> O *slogan* “Santarém cidade da gente” corresponde ao governo da ex-prefeita Maria do Carmo Martins Lima, do Partido dos Trabalhadores (PT).

Santarém muda as cores e o slogan da escola, mas a placa de madeira que representa a memória da comunidade permanece, porque existe um sentido maior em torno da escola, pois a construção foi resultado do trabalho do puxirum. É esta memória que os moradores de Alter do Chão querem preservar.



Fotografia 14 – Escola Dom Macedo Costa, 2013.  
Fonte: Cláudia Laurido Figueira.

A escola já era uma conquista em meados de 1970, mas outros serviços básicos, como água encanada e luz elétrica ainda não faziam parte da realidade dos moradores da vila de Alter do Chão. Em Santarém, a luz elétrica chegou apenas em 19 de agosto de 1977, com a construção da hidrelétrica de Curuá-Una<sup>84</sup>, e demoraria alguns anos para chegar à vila. Assim, a iluminação era feita através do gerador de luz que funcionava no local onde atualmente está o posto de saúde. Antes disso, a vila era iluminada por lampiões movidos a querosene. Dona Lúcia Lobato lembra que: “O pai o Zé Araújo, quando eu me entendi, já era ele que acendia o lampião toda seis horas, quando era nove horas não tinha mais ninguém ele ia apagar”<sup>85</sup>. A Fotografia 15 corresponde à inauguração do gerador de luz, que ocorreu em 1953. Mulheres, homens e crianças aparecem vestidos com roupas de

<sup>84</sup> Localizada no rio Curuá-Una, na Cachoeira do Palhão a 70 km a sudeste de Santarém com a potência de 30, 3mw.

<sup>85</sup> LOBATO, Lúcia dos Santos. 01 de outubro de 2013. Residência da entrevistada em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

feira demonstrando a relevância do momento. As madeiras que aparecem na fotografia indicam a estratégia utilizada para conduzir o gerador de luz até o prédio da usina. Segundo seu Heitor Sardinha de Vasconcelos: “a primeira usina elétrica funcionou onde hoje é o posto médico”<sup>86</sup>.



Fotografia 15 – Inauguração da usina de energia em Alter do Chão, 1953.

Fonte: Acervo de dona Terezinha Lobato de Sousa.

É possível perceber na Fotografia 16 que o autor escolhe um ângulo que valoriza a imagem do prédio da usina de energia. O ato de posar na frente do prédio indica o avanço e o poder das lideranças que conseguiam com muita luta os benefícios para a vila.

---

<sup>86</sup>VASCONCELOS, Heitor Sardinha de. 24 de outubro de 2013. Residência do entrevistado em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.





Fotografia 16 – Dona Leocádia Lobato em frente à usina de energia, 1958.  
Fonte: Acervo de dona Leocádia Lobato Vasconcelos.

Em 1972 *O Jornal de Santarém* noticiava a visita do governador Fernando Guilhon à vila de Alter do Chão, que inaugurava a segunda usina de iluminação:

Governador Fernando Guilhon em companhia do prefeito dr. Everaldo Martins visita várias comunidades (...). À tarde a comitiva governamental seguirá com destino à vila de Alter do Chão, onde assistirá a inauguração do novo sistema de iluminação da vila turística. (...) <sup>87</sup>

Assim, a estrada e o novo sistema de iluminação resultaram do trabalho comunitário, mas o destaque foi atribuído ao governador do Estado. A vila de Alter do Chão foi destacada pelo autor da matéria como “vila turística”. Dona Lusía Lobato lembra que através da venda dos artesanatos na Feira da Cultura Popular conseguiram comprar o primeiro poste e o gerador de Luz; sua memória traz à tona o protagonismo da comunidade e a atuação desta no sentido de resolver problemas que seriam de responsabilidade do Poder Público:

(...) ainda hoje eu tava lembrando com a Tete a gente ia pra Feira Popular de barco padecendo, sofrendo aí na beira do rio pelejando pra levar o material pra vender, com o dinheiro da Feira da Cultura Popular nós compramos o primeiro poste, poste de madeira, foi que se comprou um

<sup>87</sup> GOVERNADOR em Santarém. *O Jornal de Santarém*, Santarém, p. 02, 8 de jan.1972.



motorzinho, um gerador que era ali onde era o posto médico, lá era o gerador.<sup>88</sup>

A atividade com artesanato se intensificou com o trabalho do MEB – Movimento de Educação de Base<sup>89</sup> - que realizou, para além da alfabetização, cursos, produção de hortas e orientações para a criação dos Conselhos Comunitários nas comunidades rurais mais próximas de Santarém, como lembra Aurenice Glabe:

Nesse momento já tinham algumas comunidades selecionadas, aquelas mais próximas para o trabalho que se desenvolvia através das aulas radiofônicas, que as aulas radiofônicas fica lá o monitor, você já ouviu falar como funcionava? O monitor com o quadro negro, com giz, com lampião, um radinho, então a gente dava aula com um radinho, desenvolvia todas as orientações. Ia fazendo e ia passando. Então, já tinham umas escolas. Aquelas próximas, me lembro quando eu entrei devia ter umas vinte poucas escolas. Já aqui nas comunidades mais próximas e uma das comunidades próximas era sem dúvida Alter do Chão, São Brás. Primeiro mesmo foram estas Arapemã, Saracura. Nesse período o MEB trabalhava o homem por inteiro, né, se trabalhava o espiritual, físico, moral. Enfim, o homem em todas as suas dimensões. Então a gente trabalhava o aspecto cultural das comunidades, né. Então foram levantando essas questões da sabedoria do povo. Até porque a metodologia do Paulo Freire, ia ter que buscar o saber do povo. O homem mesmo descobrir seus caminho e trazia o que o povo sabia fazer e a gente ia procurando valorizar aquilo que eles sabiam.<sup>90</sup>

Nesse sentido, o artesanato ganha expressividade entre os moradores da vila e se constituiu em alternativa para levantar recursos financeiros, além da agricultura de subsistência da pesca e da coleta extrativista, como consta na ata de 29 de fevereiro de 1973, em que o sr. Ernestino apresentou “o apurado na 4ª. Feira da Cultura e as despesas”<sup>91</sup>. Os recursos adquiridos com a venda dos produtos na Feira da Cultura eram revertidos para a comunidade. Em 1975, na reunião do dia 10 de junho, o coordenador informou sobre o convite enviado à comunidade para participar da Feira da Cultura, o mesmo solicita opinião dos representantes acerca da participação ou não, sendo decidido na reunião que cada um discutisse o assunto no seu grupo. Assim, na reunião do dia 12 de agosto o grupo de senhoras se comprometeu, juntamente com o clube agrícola a representar Alter do Chão na Feira da Cultura.

<sup>88</sup>LOBATO, Lusia dos Santos. 01 de outubro de 2013. Residência da entrevistada em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

<sup>89</sup>O MEB foi criado em 1965 pelo Bispo Dom Thiago Ryan, com o objetivo de realizar alfabetização de adultos através de aula radiofônica em comunidades rurais de Santarém (PA).

<sup>90</sup>GLABE, Aurenice Araújo. 30 janeiro de 2013. Residência da entrevistada em Santarém, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

<sup>91</sup> Ata da reunião do Conselho Comunitário de Alter do Chão (PA) do dia 29 de fevereiro de 1973.

Embora com reduzida circulação entre o público, por atingir apenas alguns leitores da cidade, o semanário *O Jornal de Santarém* noticiou a primeira Feira da Cultura Popular e dava destaque à vila Alter do Chão:

Sem demérito para as demais apresentações que compareceram a Primeira Feira da Cultura Popular de Santarém as quais apresentaram-se muito bem, demonstrando alto índice da cultura do povo por elas representadas, a embaixada de Alter do Chão foi realmente, a que mais se enquadrou dentro do sentido da cultura popular, apresentando verdadeiras obras de arte do seu artesanato que foram bastante elogiadas e admiradas por todos quantos se detiveram para observar (...) os objetos expostos em seus stands. A formosura e os atrativos pessoais aumentados pela singular criação do traje de Isaura Branco, completaram o sucesso que colocou bem alto o nome da terra dos Sardinhas.<sup>92</sup>

Na compreensão de quem elaborou a matéria, o artesanato produzido em Alter do Chão se enquadrava dentro do sentido da cultura popular. A compreensão de cultura popular expressa no artigo sugere uma concepção de cultura “pura” e embora a relação com o turismo esteja ausente, Alter do Chão é exaltado em detrimento das demais comunidades.

A questão da energia elétrica foi desafio menor se for considerada a questão da terra. De 1974 até 1979 foram registradas 60 reuniões no livro de ata, destas 17 ocorreram em 1975, das quais cinco abordaram assuntos relacionados à terra em Alter do Chão, no momento em que o Senhor Amaral, responsável em realizar o serviço topográfico na propriedade do senhor Nilo Antônio Colares procurou os membros do Conselho no dia 12 de agosto de 1975 para informar que alguns moradores da vila estavam residindo e cultivando roça na referida propriedade. Em 14 de agosto foi realizada reunião com tais moradores, os mesmos destacaram que desconheciam o documento e a dimensão do terreno do referido proprietário.

De acordo com a ata da reunião, o senhor Argentino Sardinha orientou os moradores que habitavam a área questionada a procurarem informações no cartório e no INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - para averiguar se a documentação apresentada pelo senhor Colares tinha validade. A questão não foi resolvida. Os moradores não tiveram respostas satisfatórias e isso acarretou uma crise no próprio Conselho em virtude da forma como o coordenador conduziu a orientação aos envolvidos na questão. Essa tensão presente na reunião provocou até mesmo a mudança da coordenação do Conselho em 10 de maio de 1976.

---

<sup>92</sup>Tudo foi ultrapassado. *O Jornal de Santarém*, Santarém, p. 01, 22 nov. 1969.

Muitas questões sobre o problema da terra não são claras nas atas, mas indicam que pessoas da cidade almejavam obter propriedade na vila, o que preocupava os moradores, pois a maioria não possuía a documentação dos terrenos onde morava. A presença de pessoas da cidade com propriedades na vila já era uma realidade. Isso pode ser inferido considerando a ata do dia 26 de janeiro de 1975, quando o Conselho propôs solicitar dos “proprietários de terrenos em Alter do Chão que residiam em Santarém a quantia Cr\$ 200,00 (duzentos cruzeiros)”<sup>93</sup> para contribuírem com o projeto da construção do Centro Comunitário. Não se sabe se essa ajuda se concretizou, pois até meados de 1979 não há registro desse procedimento.

É interessante ressaltar que neste mesmo ano a Prefeitura de Santarém elaborou o Plano de Desenvolvimento Urbano que estava sob coordenação da SUDAM - Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia. O referido plano seguia a normativa da lei nº 6.856 de 24 de março de 1975 aprovada neste ano pela Câmara Municipal. No seu artigo 1º rege o seguinte termo:

O PLANO DE DESENVOLVIMENTO URBANO DE SANTARÉM (PDU) visa disciplinar de forma harmônica e racional o crescimento do território urbano, estabelecendo normas e diretrizes, que o orientam no sentido de dar à população local condições de vida equilibrada na paisagem urbana e demais meios que o circundam ou complementam.<sup>94</sup>

Dessa forma a lei acima citada também instituía o “PROJETO PARA ALTER-DO-CHÃO”, o mesmo no seu artigo 1º assim definia o seguinte objetivo:

Pretende uma ocupação racional e sadia do espaço atual e circundante da vila de Alter-do-Chão, preservando suas belezas naturais e desenvolvendo sua real capacidade turística e recreativa de forma equilibrada como as funções de habitação, trabalho e circulação<sup>95</sup>.

Assim, segundo a lei, a prefeitura responsabilizava-se pela implantação do projeto e pelo loteamento de terrenos na vila, mas as áreas destinadas às atividades balneárias teriam prioridade no planejamento global.

Dessa forma, a área da vila de Alter do Chão seria dividida em seis zonas de uso. Cada zona seria destinada à ocupação específica, tais como: ZR 1 - destinada a habitações unifamiliares preservando os padrões dos lotes; ZR 2 - áreas de residências unifamiliares nos novos padrões fixados na lei obedecendo ao novo

<sup>93</sup> Ata da reunião do Conselho Comunitário de Alter do Chão do dia 26 janeiro de 1975.

<sup>94</sup> Plano de desenvolvimento urbano de Santarém, p. 01, 1975.

<sup>95</sup> Idem, p. 36, 1975.

traçado de vias urbanas; ZC – corresponde a área atual da vila onde serão permitidas atividades comerciais; ZMH – destinadas a hotéis, motéis e camping; ZEC – destinadas a implantação de edifícios para atividades de interesse comunitário (escolas, correios, postos telefônicos dentre outros); PR – áreas verdes de reserva natural destinadas à recreação e ao uso paisagístico.

O referido projeto coordenado pela SUDAM destinado à Alter do Chão tinha caráter de reordenamento da vila, esta seria planejada de acordo com a perspectiva turística. Santarém, principal cidade do Oeste do Pará, como já foi abordado anteriormente, estava incluída no Polamazônia.

Nesse sentido, foram frequentes as visitas do prefeito, governador do estado e funcionários federais, como o diretor da EMBRATUR - Empresa Brasileira de Turismo em Alter do Chão nos primeiros anos da década de 1970 como noticia o semanário *O Jornal de Santarém*:

Visita de Sr. Silva Maia – diretor da EMBRATUR e dois técnicos do Projeto Tapajós. Observar os aspectos turísticos da cidade e regiões vizinhas, a fim de orientarem as atividades da Empresa Brasileira de Turismo, que pretende desenvolver o turismo em nossa cidade.

EM ALTER DO CHÃO

(...) dirigiram-se a vila de Alter do Chão acompanhados do Prefeito Everaldo Martins. (...)

Naquele local dos Sardinhas os visitantes ficaram deslumbrados com as belezas naturais da vila. (...) Segundo as próprias palavras do Sr. Silva Maia, diretor da Embratur, ele vai fazer o possível para nos próximos dias trazer a Alter do Chão o próprio presidente da empresa, a fim de que ele pessoalmente possa observar as belezas das praias e o potencial turístico da vila.<sup>96</sup>

De acordo com a nota do jornal, a finalidade da visita do Diretor da Embratur, Sr. Silva Maia, concentrava-se no levantamento dos aspectos turísticos da região e “as belezas das praias” sobressaem aos olhos do Diretor, que por conta disso conclui que a vila tem “potencial turístico”. O que parece intrigar nesta nota é que a visita foi realizada em março, nesse período as praias da região estão submersas devido às cheias do rio Tapajós, logo o visitante não poderia se deslumbrar com as mesmas. No entanto, independente disso, Alter do Chão já estava incluída como polo turístico.

---

<sup>96</sup> Diretor da Embratur em Santarém. *O Jornal de Santarém*, Santarém, p. 01, 24 mar. 1973.

Após dois meses da visita do diretor da Embratur em Santarém, ocorreu no auditório da SUDAM, em Belém, o Encontro Regional do Turismo noticiado nos principais jornais da capital, *A Província do Pará* e *O Liberal*. Participaram desse encontro a Empresa Brasileira de Turismo; Banco da Amazônia, Suframa, Idesp – (Instituto do Desenvolvimento Econômico Social do Pará), Companhia Paraense de Turismo, Empresa amazonense de Turismo; Empresa Acre de turismo e órgão oficial de turismo do Amapá, Rondônia e Belém. O encontro objetivava, dentre outras coisas, discutir o Plano de Turismo Integrado; aprovar um calendário da Amazônia e o Regimento Interno da Comissão de Turismo Integrado da Amazônia. Segundo o *Jornal O Liberal*,

(...) Com a criação do Plano de Desenvolvimento Turístico da Amazônia e a instalação da Comissão de Turismo Integrado na Região, que terá a incumbência de executá-lo, o presidente da Embratur, Paulo Protásio, encerrou ontem, em Belém do Pará, o Encontro Regional de Turismo da Amazônia (...)

Segundo o presidente da Embratur, o plano observa com especial ênfase a necessidade de criação de uma infraestrutura turística indispensável, sobretudo no setor da hotelaria. Nesse sentido, prevê a definição, a cargo da Embratur, de zonas prioritárias turísticas em que os projetos de empreendimentos turístico terão, de acordo com a legislação do turismo, tratamento prioritário. Nesse caso, já estão incluídas, a priori, as cidades de Manaus, Belém e Santarém, que o presidente da Embratur visitou anteriormente, em companhia do governador Fernando Guilhaon.<sup>97</sup>

É interessante analisar que os órgãos de turismo dos estados da Amazônia, órgãos federais e instituições regionais se faziam presentes no encontro. A preocupação com projetos de turismo integrado também faziam parte da política do Governo Federal, pois na Conferência de Estocolmo, em 1972, temas relacionados ao meio ambiente eram discutidos, assim, foi necessário inserir a região Amazônica em programas de exploração turística. Mas os projetos voltados para o turismo na região foram discutidos apenas entre as entidades governamentais e setores da iniciativa privada, como consta na nota do jornal acima citado, sem levar em consideração os sujeitos sociais que viviam nas regiões onde o referido Plano Turístico seria implantado, no caso em questão, os moradores da vila de Alter do Chão se articulavam para garantir atendimento básico, como saúde, escola, moradia, transporte e alimentação.

Assim, diante dos desafios cotidianos, os momentos de lazer eram expressivos. As famílias geralmente se reuniam no período da vazante do rio

<sup>97</sup> Amazônia já tem plano de desenvolvimento turístico. *Jornal O Liberal*, Belém, p. 8, 2 jun. 1973.

Tapajós; em meados de agosto, quando as praias surgiam, era comum realizarem a famosa piracaia<sup>98</sup>. Poucas pessoas da cidade podiam usufruir das praias de Alter do Chão, pois o acesso à vila era difícil. Como lembra dona Nazareth Branco:

Vinha bem pouca pessoa nessa época. Não era proibido fazer fogo na praia, mas o pessoal não deixava sujo. Tinha vez que se juntava família. Se reuniam e levavam as crianças pra brincar na praia. Era muito comum brincadeira de criança aqui. Brincadeira de roda na noite de luar. As velhas se metiam, as mães se metiam com as crianças.<sup>99</sup>

O lazer na praia fazia parte desse cotidiano. A relação com a natureza era de cumplicidade e respeito, por isso ao fazerem fogueira na praia tinham a consciência de mantê-la limpa. O convívio das crianças com os pais no lazer fazia parte da cultura local. As brincadeiras de roda com participação de adultos (avós e mães) constituíam momentos significativos, pois nas brincadeiras as histórias eram compartilhadas. Seu Heitor Sardinha de Vasconcelos lembra que a areia da praia “era alvinha a gente andava na praia e fazia aquele vique, vique no pé da gente (...)”<sup>100</sup>. Compartilha dessa memória dona Nazareth Branco: “eu me lembro muito que a areia era tão limpa. A gente andava aquilo não sai da minha cabeça; roncava os pés: vinque, vinque, vinque de tão limpinha que era a praia; a água limpa, limpa”<sup>101</sup>.

A referência sobre a condição da areia da praia como “alvinha” e “limpinha” indica que esta não era tão frequentada como ocorre hoje, poucas pessoas tinham acesso à vila, portanto, na maioria das vezes a praia era local de encontro familiar e das brincadeiras de crianças. Outra atividade significativa para os moradores de Alter do Chão era o dia 7 de setembro. Dona Eunice Wanghon lembra: “Todo domingo se juntavam. Eles já sabiam o horário. Todo domingo era ensaio pra festa do dia 7”.<sup>102</sup>

<sup>98</sup> Segundo o dicionário Papa-xibé do Baixo-Amazonas elaborado pelo professor doutor Frei Florêncio Almeida Vaz, a origem da palavra vem do Nheengatu, “pira” (peixe), “caia” (braseiro), peixe assado na brasa na praia.

<sup>99</sup> BRANCO, Maria de Nazareth Sardinha. 20 de agosto de 2013. Residência da entrevistada em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

<sup>100</sup> VASCONCELOS, Heitor Sardinha de. 24 de outubro de 2013. Residência do entrevistado em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

<sup>101</sup> BRANCO, Maria de Nazareth Sardinha. 20 de agosto de 2013. Residência da entrevistada em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

<sup>102</sup> WANGHON, Eunice Sardinha. 20 de agosto de 2013. Residência de sua irmã em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

Nas reuniões do Conselho, a representante da escola informava, dentre outros assuntos, a programação do desfile. Dona Leocádia Lobato Vasconcelos lembra que os professores se mobilizavam para comprar óleo para o gerador, pois utilizavam caixa de som na programação. A concentração ocorria em frente à Igreja Nossa Senhora da Saúde. Em seu álbum de fotografia muitas estão relacionadas ao desfile do dia 7 de setembro.

Na sequência, a Fotografia 17 retrata alunas devidamente uniformizadas, que desfilam em uma das ruas da vila, provavelmente, na Turiano Meira. No cenário registrado é possível observar algumas residências em madeira com cercas, plantas frutíferas e ornamentais, comuns nos quintais dos moradores.



Fotografia 17 – Desfile em 07 de setembro de 1976.

Fonte: Arquivo de dona Leocádia Lobato de Vasconcelos.

Na Fotografia 18 vê-se a concentração em frente à Igreja Nossa Senhora da Saúde. Observa-se que o ponto central não era a escola, mas a igreja, localizada próximo da Praça 7 de Setembro, sendo esta rua o espaço por excelência para a atividade, pois o que separa a igreja da praça é a Rua Dom Macedo Costa. Sua arquitetura imponente dá *status* à vila e a solenidade cívica não estava desvinculada do sentido religioso. No pátio da igreja, uma mesa posta com toalha branca e no centro um crucifixo. A programação realizada pela manhã não dispensava o uso de

aparelho de som e um apresentador oficial. Dona Leocádia Lobato Vasconcelos lembra que trabalhavam muito, pois era necessário dispor de energia durante as programações.



Fotografia 18 - Programação da semana da Pátria em frente a Igreja Nossa Senhora da Saúde, setembro de 1976.  
Fonte: Acervo de dona Leocádia Lobato Vasconcelos.

E por fim as festas. Algumas faziam parte do calendário de programação da vila, como a Festa da Padroeira. Outras eram organizadas pelos clubes esportivos. Em junho as brincadeiras, fogueiras e danças animavam as festividades juninas. Nesse sentido é expressiva a lembrança de dona Nazareth Branco:

Época de festa junina faziam fogueira. Cada casa tinha sua fogueira na rua no meio da rua. Dançava boi bumba. Tinha prendas e adivinhações. Tinha tarubá. Tinha arroz doce, munguzá. Ninguém vendia pra ninguém, tudo era dado. Comunidades que vinham diferente era São Brás, Vila Franca, Belterra e Aramanai que vinha sempre.<sup>103</sup>

A festa na rua indica o compartilhar do alimento e da diversão de famílias e visitantes oriundos de comunidades próximas de Alter do Chão, como São Brás, Vila Franca, Belterra e Aramanai. Através das festas se estreitavam os laços de

<sup>103</sup> BRANCO, Maria de Nazareth Sardinha. 20 de agosto de 2013. Residência da entrevistada em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.



integração e sociabilidade entre elas. Outras festas eram realizadas nos clubes esportivos e nas colônias em homenagem aos santos.

As programações festivas não tinham apenas o intuito de divertimento, também representavam oportunidade para a comunidade levantar recursos financeiros, geralmente utilizados em prol da mesma, como foi o caso da quermesse realizada no dia 01 maio de 1976 que “rendeu a importância de Cr\$ 130,20 (cento e trinta cruzeiros e vinte centavos) empregada na compra de cimento e no pagamento de mão de obra para ser “colocado o cruzeiro no cemitério”<sup>104</sup>. Em outros momentos, as festas deixavam débitos, caso ocorrido na festa do dia 6 de março de 1979. Em reunião, o senhor Ruy Sousa apresentou a seguinte prestação de contas: “a renda da festa foi Cr\$ 2.487,00 (dois mil quatrocentos e oitenta e sete cruzeiros) e as despesas somaram Cr\$ 2.530,00 (dois mil quinhentos e trinta cruzeiros) ficando dessa forma o débito de Cr\$ 156,00 (cento e cinquenta e seis cruzeiros)”<sup>105</sup>.

Outro exemplo referente ao uso da arrecadação das festas é o caso do pagamento do salário do senhor Antonio Garcia, que prestava serviço no posto de saúde. A comunidade ficou responsável por realizar o pagamento do mesmo, no entanto, na reunião do dia 13 de março de 1979, seu Garcia apresentou a prestação de contas informando que havia recebido da Fundação Esperança<sup>106</sup> “em forma de empréstimo o valor de Cr\$ 700,00 (setecentos cruzeiros) e que havia recebido apenas no posto Cr\$ 180,00 (cento e oitenta cruzeiros)”<sup>107</sup>. Em reunião do dia 17 de abril do mesmo ano o senhor Secundino Sardinha se responsabilizou por realizar uma festa com o intuito de levantar recursos para pagar o salário de Antônio Garcia. Assim, na reunião do dia 04 de maio o senhor Secundino entregou ao seu Garcia a importância de Cr\$ 330,00 (trezentos e trinta cruzeiros) referente ao mês de março, sendo que “o restante ficou de ser repassado pelos demais que ainda não tinha prestado conta”<sup>108</sup>. Assim, realizar festa em Alter do Chão era um meio de levantar recursos para suprir as necessidades que deveriam ser atendidas pelo poder

<sup>104</sup>Ata da reunião do Conselho Comunitário de Alter do Chão do dia 01 maio de 1976.

<sup>105</sup>Ata da reunião do Conselho Comunitário de Alter do Chão do dia 13 de março de 1979.

<sup>106</sup>A Fundação Esperança foi fundada em Santarém (PA) em 1969 por Frei Lucas Tupper, na época denominada de Clínica dos Pobres, para atender Santarém e comunidades ribeirinhas, pois o número de médicos na região era reduzido. Com a morte de Frei Lucas, em 1978, a Esperança Foundation foi formada sobre estatutos brasileiros. A referida Fundação se fazia presente em Alter do Chão no final da década de 1970 realizando atendimento médicos.

<sup>107</sup>Ata da reunião do Conselho Comunitário de Alter do Chão (PA) do dia 13 março de 1979.

<sup>108</sup>Ata da reunião do Conselho Comunitário de Alter do Chão (PA) do dia 04 maio de 1979.

público. Na ausência deste, as lideranças, através do trabalho comunitário articulavam o funcionamento dos serviços básicos, como o atendimento à saúde.

Em meio às festas esporádicas e as efetivas, como da padroeira, em 1973 a comunidade “reconstitui” a Festa do Sairé que foi noticiada no semanário *O Jornal Santarém* como “Festa Folclórica”:

A vila de Alter do Chão vai viver as grandes emoções de uma grande festa transformando-se em centro de atração daqueles que apreciam as coisas pitorescas especialmente quando elas estão associadas com a tradição e cultura do povo.

A terra dos Sardinhas vai promover no próximo mês de junho uma grande festa folclórica na qual serão revividas as tradições de velha Tupauilândia guardadas na lembrança daquela gente hospitaleira e boa.

De acordo com o programa, será uma semana de grandes atrações que certamente levará o povo de Santarém e de outras localidades a visitar a tradicional vila que se prepara para transformar-se no centro de atração turística da região.<sup>109</sup>

A notícia dá destaque à “grande festa folclórica” em Alter do Chão. As expressões “serão revividas as tradições guardadas na lembrança” são indícios de que a festa mencionada é o Sairé. A vila é percebida como “centro turístico”, portanto, o jornal assume o discurso do governo.

Nesse sentido, a comunidade percebeu o movimento das autoridades e aproveitou para “reconstituir” a Festa do Sairé e através das lembranças articulou seus elementos constitutivos, os quais foram readaptados e agregados aos novos elementos. Esta expressou as experiências vivenciadas nos puxiruns e o modo de vida religioso dos moradores de Alter do Chão, afirmando sua identidade, pois os conselhos, os mitos e as histórias contadas pelas mães e avós estavam carregadas de sentidos e não se perderam porque foram conservadas por uma comunidade de ouvintes, como lembra Benjamin (1986, p, 205).

Dessa forma, será abordado no segundo capítulo o processo de “reconstituição” da Festa do Sairé a partir do barracão como lugar da memória e da resistência, destacando elementos constitutivos da festa e relacionando-os com as experiências vivenciadas nas festas de santos de devoção familiar, do qual faz parte o culto ao Divino Espírito Santo e da Santíssima Trindade, ambos incluídos como santos de devoção no ritual religioso. Em seguida será analisado o significado do

---

<sup>109</sup> Festa Folclórica. *O Jornal Santarém*. Santarém, p. 4, 31 mar. 1973.

aspecto folclórico da festa, destacando as marcas culturais que identificam a comunidade.

## 2 FESTA, TRADIÇÃO E MEMÓRIAS



## 2 FESTA, TRADIÇÃO E MEMÓRIA

### 2.1 BARRACÃO, LUGAR DA MEMÓRIA E DA RESISTÊNCIA

(...) é no barracão que é a festa, ali é que significa o Sairé (...) <sup>110</sup>

Reconstituir a Festa do Sairé não foi tarefa fácil, exigiu trabalho conjunto, criatividade e articulação. Reuniões e quermesses foram realizadas em prol da festa. No caderno de anotações do senhor Argentino Sardinha consta a prestação de contas de duas quermesses realizadas nos dias 21 de fevereiro e 18 de março, ambas renderam respectivamente Cr\$ 48,00 (quarenta e oito cruzeiro) e Cr\$ 31,95 (trinta e um cruzeiro e noventa e cinco centavos). Outras estratégias foram articuladas, como solicitar a contribuição de empresários na cidade. Não é possível indicar neste trabalho outros dados quanto a essa questão, por não ter sido encontrado registro que informe mais detalhadamente o aspecto econômico da festa.

Dona Terezinha Lobato lembra que a ideia de reviver a Festa do Sairé partiu de algumas lideranças que pensaram em “trazer algum ganho” para a comunidade, assim, é expressiva sua narrativa:

A ideia foi de Ernestino Sardinha, Argentino Sardinha e o Bráulio né. E aí marcam uma reunião e convidaram vários casais aonde foi Edno e Nazaré. Essa como não tem par foi só <sup>111</sup>. Ai eu fui com Mingote e outros e outros que eu não me lembro mais. Ai em janeiro de 1973 se reuniram pra pensar a Festa do Sairé, pra fazer algum ganho que todo mundo vivia da pesca, da roça e da seringa que naquele tempo ainda tinha. Quem tinha mais fazia mais, ia pra Santarém comprar roupa, as coisas que não tinha aqui. <sup>112</sup>

Através do registro do senhor Argentino Sardinha foi possível identificar os 22 moradores que participaram da reunião do dia 4 de fevereiro de 1973. Constan do livro os seguintes nomes: Argentino Sardinha, Bráulio Sardinha, Ernestino Sardinha, Heitor Sardinha, Edno Branco, Manoel do Vale, José Alfredo, Domingos Sousa, Cilos Lobato, Nazaré Sardinha, Luzia Lobato, Marilda Vasconcelos, Teodora Branco,

<sup>110</sup> LOBATO, Lusía dos Santos. 01 de outubro de 2013. Residência da entrevistada em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

<sup>111</sup> Dona Terezinha neste momento da entrevista aponta para dona Lusía Lobato, que estava presente na entrevista.

<sup>112</sup> SOUSA, Terezinha Lobato. 02 de setembro de 2013. Residência da entrevistada em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

Florinda do Vale, Pedro Nelson, Leocadia Lobato, Flavia Ferreira, Mirciana Lobato, Glória Souza, Terezinha Lobato e Eunice Sardinha. Além dos nomes dos participantes da reunião também foi registrado o nome do juiz e da juíza. Dona Terezinha Lobato lembra que a escolha foi realizada através de sorteio:

Foi mês de janeiro, fevereiro, março paresque (parece). Eu não me lembro mais os meses. Eu sei que não parou mais. Fizeram uma porção de bilhetinho e quando abriu foi eu a juíza e seu Edno o juiz. E agora, vamos se virar. Ai o grupo tudinho ajudaram.<sup>113</sup>

Assim, emergem os agentes do Sairé composto por: juiz, juíza, procurador, procuradora, capitão, alferes, saraipora, mordomos e mordomas. Então, fazer a festa baseado como era constituiu o desafio para as lideranças, por isso, a necessidade de ouvir os antigos e articular os fios das lembranças destes e trazer à tona as histórias contadas pelas avós. Essas memórias silenciadas transmitidas de geração a geração através da oralidade encontraram no ano de 1973 o momento propício para serem expressas. Logo, as lideranças perceberam que podiam se apropriar dessa circunstância e articular meios para melhorar as condições de vida na comunidade.

De acordo com Pollak (1989, p. 8):

Distinguir entre conjunturas favoráveis ou desfavoráveis às memórias marginalizadas é de saída reconhecer a que ponto o presente colore o passado. Conforme as circunstâncias, ocorre a emergência de certas lembranças, a ênfase é dada a um ou outro aspecto.

Embora a memória encontre no presente e nas circunstâncias o momento propício para emergir, ainda assim foi difícil expô-la, a desconfiança e o medo de expressá-la fazem parte desse processo, dona Nazareth Branco relembra a dificuldade que encontraram para que os antigos falassem sobre suas lembranças. Ela identifica essa postura como “vergonha de contar” ou a “dificuldade de lembrar” atribuída o longo tempo em que a festa ficou sem ocorrer:

Olha a gente andava de casa em casa, ninguém sabia, parece que eles tinham vergonha de dizer pra gente. Aí diziam: Ah! Não me lembro. Não sei, não sei. A primeira pessoa que nos recebeu querendo ajudar foi a mulher do seu Satuca e depois foi a mãe da nega, da Cecília. Elas duas foi que contaram mais ou menos pra gente, sabe. Agora também eu dou razão

---

<sup>113</sup> SOUSA, Terezinha Lobato. 02 de setembro de 2013. Residência da entrevistada em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

porque muita coisa eles não se lembravam mais, né porque ficou parado todos esses anos.<sup>114</sup>

A “vergonha de contar” ou a “dificuldade de lembrar” pode ser traduzida como desconfiança, uma estratégia de sobrevivência herdada dos antepassados, os quais protegiam do colonizador seu patrimônio cultural através do silêncio e da indiferença, como explica Vaz Filho (2010). Assim, é compreensível essa postura dos moradores antigos em relação ao grupo de liderança interessado em trazer de volta a memória de uma festa proibida, mantida no silêncio durante 30 anos. Nesse sentido, poucos foram aqueles que se desafiaram a ponto de contar alguma coisa sobre a antiga festa e nesse processo foi necessário conquistar a confiança, pois “sempre existe uma barreira”, na expressão de Portelli (2010, p. 34) que só é ultrapassada quando o interlocutor decide o que pode ou não ser contado. Portanto, no caso dos moradores antigos de Alter do Chão a barreira entre estes e a equipe de liderança foi ultrapassada no momento em que a festa foi entendida como expressão da comunidade, pois comunidade traduz a ideia de comum, de pertencimento, do “nós”, como lembra dona Nazareth Branco: “(...) dona Veroca, conte pra gente direitinho, a festa é nossa, não é minha, não é sua é da comunidade. Aí eles foram se lembrando e contando, sabe”<sup>115</sup>.

Assim, a Festa do Sairé foi “reconstituída” em 1973 por grupos de artesãos, trabalhadores do campo, pescadores, pequenos comerciantes e professores, que compartilhavam experiências transmitidas oralmente no trabalho da roça, nos momentos lúdicos manifestados nos cantos, danças e nas festas de santos de devoção familiar. Embora a festa seja pensada no contexto em que a vila foi percebida como turística, as lideranças escolheram o mês de junho para realizá-la, desconsiderando os períodos em que efetivamente aparecem as praias. A Festa do Sairé foi reorganizada a partir de dois momentos que não se excluem - o religioso e o folclórico, portanto, consistiu num mosaico formado por elementos traduzidos e readaptados, pois a festa é uma “bricolagem de ritos (...) festejos de devoção e diversão”. (BRANDÃO, 1989, p. 13).

Dessa forma, as lideranças articularam através das suas lembranças e as dos antigos os elementos constitutivos da festa, destacando o barracão como lugar

<sup>114</sup> BRANCO, Maria de Nazareth Sardinha. 20 de agosto de 2013. Residência da entrevistada em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

<sup>115</sup> Idem.

de memória e resistência, considerando momentos significativos em que ocorre a transmissão das experiências entre as gerações. Em seguida serão analisadas as adaptações que a comunidade fez para incluir o culto ao Divino Espírito Santo na parte religiosa da festa, este reelaborado a partir das experiências vivenciadas das festas de santos de devoção familiar na expressão de Vaz Filho (2010). No segundo momento abordaremos o aspecto folclórico, destacando suas marcas culturais, as quais identificam a comunidade.

Analisando as narrativas dos interlocutores é recorrente a lembrança do barracão onde histórias são compartilhadas e revividas, por isso é comum às interlocutoras lembrarem da Festa do Sairé a partir deste, visto que as lembranças estão associadas aos lugares onde esta ocorria. Dessa forma, a festa se anuncia através das procissões (fluvial e terrestre) e possibilita a trafegabilidade e a visitação em diversos espaços da vila: nas ruas, na praça, no barracão, na mata, no rio, estes dois últimos indispensáveis à sobrevivência. Segundo Brandão,

A festa é uma viagem: vai-se a ela e ali transita-se entre seus lugares. Por isso o desfile, o cortejo, a procissão, a folia e tudo o mais que possibilite fazer deslocar, entre as pessoas e pelos lugares que a própria festa simbolicamente reescreve e redefine: sujeitos, cerimônias e símbolos. (Brandão, 1989, p. 13).

A busca dos mastros marca o prenúncio da festa, é o momento significativo como pode ser observado na Fotografia 19. São evidentes o rio e a mata. Mulheres, homens e crianças se fazem presentes, próximos ao rio. As bandeiras, o bumbo e os mastros compõem o cenário do ritual, símbolos que emergem das lembranças dos antigos, os quais foram selecionados para compor a festa, como expressa dona Leocadia Vasconcelos: “Eles sabiam que tinha a caxa pra rufar, os tambores, tinha o bumbo. Tudo eles sabiam. E tudo eles conseguiram no primeiro ano. Era caxinha de rufar. A caxa grande. Em 73 foi o Sairé”.<sup>116</sup>

---

<sup>116</sup> VASCONCELOS, Leocádia Lobato de. 21 de agosto de 2013. Residência da entrevistada em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.





Fotografia 19 – Busca dos mastros próximo ao Lago Verde, 1974.  
Fonte: Acervo de Heitor Sardinha de Vasconcelos.

Mas o que interliga esses sujeitos sociais e esses símbolos é a presença marcante do rio e da mata; ambos têm relevância porque constituem a base da subsistência econômica, como também atuam no imaginário social, visto que as histórias, cantos, lendas, abordam a relação dos homens com os elementos da natureza.

A procissão, permanência e marca da cultura cristã católica foi ressignificada na perspectiva do catolicismo popular, visto que outros sentidos e símbolos são introduzidos segundo a lógica da comunidade. É possível percebê-los nas imagens a seguir (Fotografias 20 e 21) que destacam a procissão, os mastros, a bandeira do santo e o símbolo do Sairé, elementos abolidos da festa da padroeira pela Igreja Católica na década de 1940, mas a comunidade insistiu em trazê-los de volta, pois percebeu que as procissões também “são fenômenos comunitários” como defende Priore (2000, p.23). Nesse sentido, marcas do catolicismo popular estão presentes no cortejo. A mulher, representada pela saraipora, ganha destaque no cortejo conduzindo o símbolo da festa, sua presença indica outros significados, que serão discutidos a seguir.



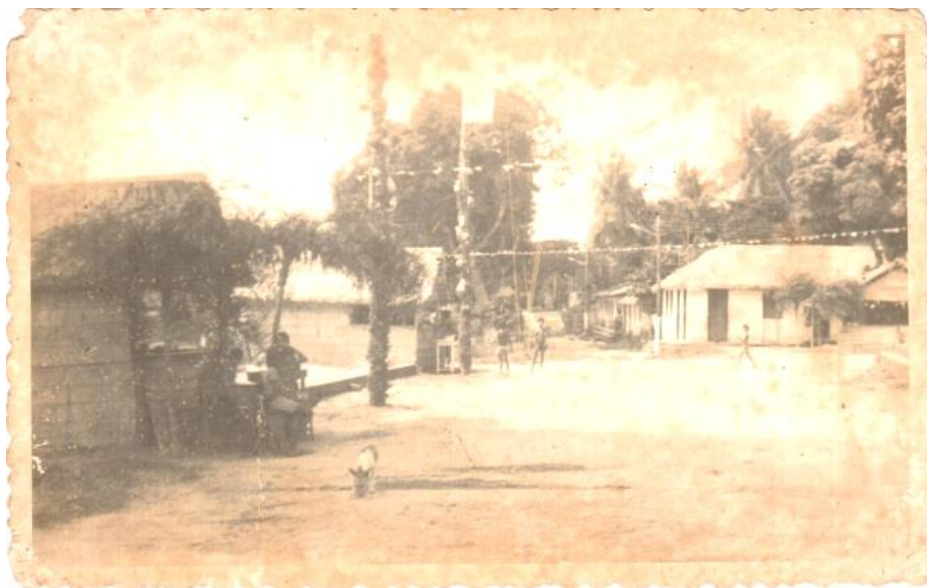
Fotografia 20 – Cortejo e os mastros, 1974.  
Fonte: Acervo de Heitor Sardinha Vasconcelos.



Fotografia 21- Procissão do Sairé, 1977.  
Fonte: Arquivo de Aurenice Glabe

O momento registrado na fotografia 21 refere-se a levantamento dos mastros, o indício desse fato é o senhor que carrega a bandeira branca menor, que é amarrada ao mastro quando erguido. A rua em destaque é a Lauro Sodré, próxima da Praça 7 de Setembro. A procissão segue o trajeto até os mastros e algumas pessoas observam o momento, principalmente crianças. Na imagem seguinte (fotografia 22) mastros enfeitados com frutas e bandeiras erguidos em frente à Praça 7 de Setembro. Ainda nesta imagem a casa do canto foi reconhecida por dona Terezinha Lobato, que emocionada disse que antigamente era sua residência.

Lembrou que nos primeiros anos do Sairé a casa da juíza e do juiz também era enfeitada.



Fotografia 22 – Mastros erguidos em frente a praça 7 de Setembro, 1974.  
Fonte: Acervo de Heitor Sardinha Vasconcelos.

Segundo Dona Lusía Lobato “(...) é no barracão que é a festa, ali é que significa o Sairé (...)” deixa evidente a relevância do mesmo, por isso são recorrentes nas narrativas: “(...) nós saímos de casa em casa dos antigos perguntando como era que eles faziam. Já íamos colhendo alguma coisa, né. Eles faziam bem aqui o barracão do Sairé”<sup>117</sup>. O “aqui” destacado refere-se ao local onde hoje funciona o posto médico; “(...) tinha o barracão do Sairé como tem até agora, iam lá buscar o juiz para tomar café no barracão”<sup>118</sup>; “Aí então, o barracão era montado aí na praça e aí começamos a fazer o mesmo ritual: Tirar o mastro, buscar, levantar na véspera da festa”<sup>119</sup>. O barracão do Sairé montado na Praça 7 de setembro é o local onde gerações se encontram e as experiências são transmitidas entre avós e netos, pais e filhos. Assim, o Sairé é a festa da família.

A construção do barracão requer o trabalho conjunto, por isso, mordomos, procurador, juiz e capitão adentram a mata para buscar palhas e madeira para

<sup>117</sup> VASCONCELOS, Leocádia Lobato de. 21 de agosto de 2013. Residência da entrevistada em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

<sup>118</sup> SOUSA, Terezinha Lobato. 02 de setembro de 2013. Residência da entrevistada em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

<sup>119</sup> LOBATO, Lusía dos Santos. 01 de outubro de 2013. Residência da entrevistada em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.



construí-lo como antigamente. As três fotografias (23, 24 e 25) em sequência destacam os momentos em que os encontros entre as gerações ocorrem: na construção do barracão, no ritual religioso, na socialização do alimento. Participar da construção do barracão gera o sentimento de pertencimento, a compreensão do “nós”, do sentimento comunitário que é demonstrado em pequenas ações em que os gestos dizem mais que palavras. Dona Edinéia Ferreira<sup>120</sup> compartilha com o neto esse momento significativo. Avó e neto juntos amarram folhas da “murta”<sup>121</sup> para enfeitar o barracão do Sairé.



Fotografia 23 – dona Edineia Ferreira (troneira) e seu neto no dia da ornamentação do barracão, 2008.  
Fonte: Cláudia Laurido Figueira,.

A Fotografia 24 retrata o centro do barracão, onde uma juíza vestida de branco segura a Coroa do Divino Espírito Santo, enquanto uma senhora de joelho beija o Santo demonstrando seu respeito e devoção. Nas laterais, mordomos e mordomas seguram bastões e velas. Completam a imagem as bandeiras do santo. É possível visualizar parte do barracão feito de palha e os enfeites coloridos; atrás da juíza o trono do Divino e ao lado deste o símbolo do Sairé.

---

<sup>120</sup> Edinéia Ferreira, moradora de Alter do Chão, participa da Festa do Sairé com a função de troneira.

<sup>121</sup> Murta é uma espécie de vegetal que é utilizada para enfeitar o barracão.



Fotografia 24 – Reverência ao Divino Espírito Santo no barracão, 1978  
 Fonte: Arquivo de dona Terezinha Lobato de Sousa, 1978.

Na fotografia 25 o momento registrado é o ato de agradecimento à mesa, cerimônia em que os agentes do Sairé, acompanhados dos foliões, cantam diante da mesa exposta com o alimento, que é oferecido aos mesmos. No interior do barracão é possível visualizar os enfeites coloridos, a Coroa do Divino exposta no trono e ao lado o símbolo do Sairé. Na cabeceira da mesa está sentado um dos foliões e nas laterais homens, mulheres e crianças compartilham o alimento. Em meio às louças, sobressai uma cuia pintada e a farinha posta sobre a mesa.



Fotografia 25 – Agradecimento à mesa, 1978.  
 Fonte: Arquivo de dona Terezinha Lobato de Sousa.

Nos primeiros anos em que o Sairé foi reconstituído, essa cerimônia era denominada de ceicuiara e ocorria no último dia da festa, como explica dona Terezinha Lobato:

A ceicuiara era troca de comida. Sempre eu explico assim: Ai eu convidava você pra ficar no meu lugar como mordoma. Você fazia a comida também, você trazia no prato pronto. Eu levava o prato pronto. Chegava na hora você ficava na minha frente na mesa e eu ficava atrás de você. Ai na hora do almoço eles ficavam cantando e lambando com a bandeira. É hora da ceicuiara, ai eu dava meu prato pra você e você dava o seu pra mim, é isso que é a ceicuiara.<sup>122</sup>

Dona Leocádia Vasconcelos também faz referência a ceicuiara:

(...) o Argentino organizou o almoço dos novos e almoço dos velhos. Os velhos davam pro novos e os novos davam pro velhos aqueles pratos de comida. Era troca dos velhos com os novos. Era muito bonito. Era lá na praça, no barracão<sup>123</sup>.

Relevante essa prática costumeira instituída para escolher a nova diretoria da festa através da comida que ocorria no barracão, no entanto, a tradição vai se modificando, pois o ritual da ceicuiara foi substituído anos depois pela cerimônia de agradecimento da mesa. É interessante perceber que embora o objetivo do ritual mude, o sentido do partilhar a comida permanece. O alimento tem papel central na festa, pois considerando o cotidiano dos moradores de Alter do Chão em que famílias para produzirem sua subsistência realizavam os puxiruns nas roças, logo, nas festas também se revivia a socialização do alimento produzido coletivamente.

Dona Terezinha Lobato lembra que antigamente os alimentos consumidos no barracão advinham da roça, mas a partir de 1973 cada um contribuía com o beiju, a farinha de tapioca, o café porque alguns ainda cultivavam a mandioca. As lideranças também solicitavam ajuda na cidade, mas deixa claro que a festa era realizada à “custa” da comunidade. Assim narra a interlocutora:

(...) os antigos explicavam que os mordomos ajudavam o juiz na roça. Eles iam fazer a farinha de tapioca, a farinha d'água, bejú. Eles vendiam pra comprar o açúcar e o café. Em 73 cada um já trazia um pouco e eles pediam na cidade. Era a nossa custa. Era só café com farinha de tapioca, bejú, essas coisas. Naquele tempo tinha roça, cada um dava um pouquinho.<sup>124</sup>

<sup>122</sup> SOUSA, Terezinha Lobato. 02 de setembro de 2013. Residência da entrevistada em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

<sup>123</sup> VASCONCELOS, Leocádia Lobato de. 21 de agosto de 2013. Residência da entrevistada em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

<sup>124</sup> SOUSA, Terezinha Lobato. 02 de setembro de 2013. Residência da entrevistada em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.





Fotografia 26 – Sobre a mesa bandejas com frutas e Beiju mole e macaxeira – servidos na abertura oficial da Festa do Sairé, 2007.

Fonte: Cláudia Laurido Figueira.

Embora outros alimentos como a carne, peixe, frango, dentre outros sejam consumidos, a farinha de tapioca e o beiju são considerados tradicionais, por isso são mantidos até hoje. Além disso, também se distribui o tarubá na busca e na derrubada dos mastros. Dona Leocádia Vasconcelos diz que “era bebida dos antigos”<sup>125</sup>. No canto “macucauá”<sup>126</sup> o tarubá, cuia pitinga, juiz e juíza são mencionados. O referido canto faz referência ao cotidiano dos puxiruns, assim como outros eram entoados após o longo trabalho na roça e foram readaptados para a Festa do Sairé.

<sup>125</sup> VASCONCELOS, Leocádia Lobato de. 21 de agosto de 2013. Residência da entrevistada em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

<sup>126</sup> Macucauá é nome de um pássaro. Seu canto no final da tarde consistia no anúncio do fim do trabalho. O canto é apresentado no último dia da Festa do Sairé pelos grupos de foliões.

Cadê o nosso juiz  
 Por ele pergunto eu  
 Ninguém me respondeu  
 De vergonha eu não chorei  
 Cadê a nossa juíza  
 Por ela pergunto eu  
 Cadê o tarubá  
 Dentro da cuia pitinga.  
 Cadê o nosso juiz  
 Cabeça de jacutinga  
 A Senhora da Saúde  
 Que ilumina todo mundo  
 Despedida será hoje  
 Amanhã não pode ser.

Seu Vilésio Costa explica como a massa do tarubá é preparada:

Tirava a mandioca. Ralava e deixava. No outro dia ia fazer o bejú. Aí deixava esfriar. Tirava e esfarelava dentro do panela. Metia na água. Deixava escorrer aquela água e aí ia botar na palha. Fazia aquela cama de palha. Botava tudo e espalhava. Botava em baixo o carimã. Espalhava tudinho. Depois tirava o curumim que é (folha) de uma árvore. Tirava os galhos pra botar por cima, pra abafar. Ai com quatro dia começava a recender e ai ia ver já tava no ponto pra tirar. Enchia no garrafão. Aí no dia de fazer esse trabalho ia aguar. Penerava tudo e aí levava pro pessoal tomar.<sup>127</sup>

Compreendemos que o tarubá tem um sentido ritualístico na Festa do Sairé, pois tomá-lo é uma forma de relembrar o passado do tempo dos puxiruns. A distribuição do mesmo, como já mencionado, se dá ao início e no final da festa, dois momentos significativos, preparado pela juíza, procuradora e mordomas. Buscamos explicar o sentido do tarubá na festa a partir da Fotografia 27, produzida em 2006. A mesma refere-se à abertura da festa na quinta-feira pela manhã. Trata-se da cerimônia de abertura religiosa presidida pelo juiz e algumas senhoras que participam de grupos da igreja. O momento registrado corresponde à oração do Pai Nosso, por isso os participantes rezam de mãos dadas. A cerimônia foi realizada em frente ao barracão do Sairé. É possível identificar entre os participantes as mordomas, vestidas de saia branca e blusa verde; as rezadeiras; o capitão; o juiz; juíza; procuradora; saraipora e as meninas da fita. A mesa é coberta por uma toalha branca que contém a imagem da Nossa Senhora da Saúde e sobre a mesma estão expostos o crucifixo, as frutas e uma cuia grande, que são inseridos à mesa como oferta, os quais são associados ao alimento, à vida e a partilha.

<sup>127</sup> COSTA, Vilésio Pedros. 20 de agosto de 2013. Residência do entrevistado em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.





Fotografia 27 - Culto religioso de abertura da Festa do Sairé, 2006.  
Fonte: Cláudia Laurido Figueira.

A simbiose entre os elementos que têm relação com os rituais: o alimento, a cruz e um utensílio de origem indígena representado pela cuia pitinga, pois nos puxiruns realizados nas colônias, o tarubá era servido aos participantes em cuia semelhante a exposta na mesa. Acreditamos que a Festa do Sairé está relacionada com fertilidade, alimento e partilha. Nesse sentido, é significativa a narrativa de dona Eunice Wanghon: “Era só uma cuia que tinha desse tamanho que eles usavam. Era todo mundo ai. Ai enchia aquela cuia, mas era a aguadeira que ia fazer isso. Ela ia com aquela cuiada”<sup>128</sup>. A interlocutora lembra que a aguadeira preparava e a distribuía o tarubá aos participantes dos puxiruns realizados nas colônias. Assim, no contexto dos puxiruns é possível identificar elementos que se interligam: A aguadeira (mulher) que representa fertilidade, prepara e distribui o tarubá na cuia (pitinga) aos homens que realizam o plantio (alimento), logo, a cuia parece ter uma relação com a produção do alimento, pois é através desta que é servida a bebida, assim, é possível pensar que ao ingeri-la estavam munidos de “energia” da fertilidade transferida pela aguadeira. Embora a fotografia acima analisada seja recente, é possível estabelecer relação entre os elementos da festa considerados tradicionais. Além disso, é possível que o tarubá esteja relacionado com as práticas

<sup>128</sup> WANGHON, Eunice Sardinha. 20 de agosto de 2013. Residência de sua irmã em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira. Dona Eunice ao expressar “desse tamanho” demonstra com as mãos o tamanho da cuia que era grande.

de antigos rituais dos ancestrais readaptados ao contexto do trabalho e, depois, da festa.

A preparação do alimento na festa também é um momento em que homens e mulheres se ajudam mutuamente. Seu Antônio de Jesus Vieira participa da Festa do Sairé há 14 anos, e explica como se tornou cozinheiro da festa:

(...) minha mãe e meu pai falavam e a minha vó que eles faziam um movimento aqui. Tinha um barracão pra li aonde eles ficavam. Eles ficavam nisso porque a vila era pequenininha. Eles participavam direto da festa. Ai, meu pai trabalhava muito nesse negócio de cozinha. Ele ajudava muito o pessoal. Eles formavam equipe, né dois e três trabalhava hoje, dois e três trabalhava amanhã e assim eles ia revezando o trabalho deles. Era assim que eles viviam. A minha mãe participou porque tem que ter na cozinha duas mulheres, então ela ia junto com o meu pai. Digamos ia dois casais, assim por dia. E depois ela ia comigo pra mim ajudar, pra fazer qualquer coisa, porque cozinha é mais chegado pra mulher. Ela é que tem mais experiência. Eu ia pra lá, participava (...) a gente ficava olhando como é que eles faziam por lá, pra cá pra li. Falavam: - vai pegar tão coisa ali. Já ia pegar. Então era assim essa tradição antes quando eu me entendi mais de 12 anos pra frente. A minha mãe foi festeira. Ela era juíza da festa se eu não me engano foi no terceiro ano, depois que ele reviveu de novo. É, e aí como eles eram assim apegado à festa eu tomava de conta da cozinha, só que era aqui em casa, bem no canto porque não tinha aquele barracão grande. O barracão que tinha era sempre pra fazer aquela resinha, o ritual religioso. Comecei como ajudante, é pra tu chegar lá tem que ir devagarinho. Ai o pessoal me convidava, aí os dois anos aqui em baixo eu fiquei direto com o pessoal, ninguém ganhava nada. Agora dão uma gratificação pra nós. Tem que dá porque a gente passa oito dias direto lá.<sup>129</sup>

A trajetória de seu Antônio de Jesus no Sairé está relacionada às tarefas realizadas na cozinha. A família era envolvida e o mesmo aprendeu “olhando como eles faziam” e embora já tivesse certa experiência só assumiu a função de chefe da cozinha quando a coordenação da festa o convidou, como diz o interlocutor, tem que “ir devagarinho”. O mesmo menciona que os alimentos eram preparados na casa dos seus pais, pois o barracão do Sairé não tinha cozinha, era “só pra fazer a resinha”, logo, é evidente que barracão foi readaptado de acordo com as mudanças que ocorreram na festa. A Fotografia 28 contempla a procissão do Sairé. Na imagem é possível observar o barracão do Sairé de estrutura menor erguido na praça. Em destaque no círculo, um dos foliões tocando o bumbo e na frente o alferes com a bandeira do Divino. Também é possível visualizar o rio Tapajós. A Festa do Sairé ocorria nas imediações da Praça 7 de Setembro, próximo da igreja da Nossa Senhora da Saúde.

<sup>129</sup> VIEIRA, Antônio de Jesus. 20 de setembro de 2013. Residência do entrevistado em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.



Fotografia 28— Barração do Sairé, 1980.  
Fonte: Instituto Boanerge Sena.



Fotografia 29 – Barração do Sairé, 2007.  
Fonte: Cláudia Laurido Figueira.

Imagem do barracão do Sairé construído em 2007 em frente à Praça do Sairé, construída em 1997. Em decorrência da mudança do local houve necessidade de ampliá-lo, acrescentando a cozinha, a dispensa e um cômodo para guardar os símbolos, roupas, dentre outras coisas. Na fotografia 30, a cozinha é feita apenas de estacas, as quais são amarradas com uma espécie de fibra. Utiliza-se o fogão à lenha para preparar os alimentos. Próximo a ele, sacos com frutas que serão

colocadas nos mastros. A estrutura composta por apenas um cômodo é readaptada, mas sua composição continua a mesma.



Fotografia 30 – Cozinha do Barracão, 2007.  
Fonte: Cláudia Laurido Figueira.

Outro aspecto citado na narrativa de seu Antônio de Jesus é a tradição de homens e mulheres realizarem atividades juntos na festa, como foi o caso dos seus genitores. Isso lembra os puxiruns, em que a presença de homens e mulheres também era comum. Acredita que a mulher tem mais experiência na cozinha, mas na festa do Sairé os homens ajudam na preparação dos alimentos e em outras atividades necessárias. Mas há tarefas realizadas na festa exclusivamente por mulheres, dentre as quais podemos destacar as exercidas pela saraipora, juíza, dispenseira e troneira. As duas primeiras têm papel de destaque porque somente elas conduzem os principais símbolos da festa – o Santo e o Sairé. As duas últimas funções estão diretamente voltadas para o barracão. A troneira<sup>130</sup>, embora não ocupe uma função de destaque, desempenha tarefa essencial, pois organiza e limpa o barracão, além de cuidar dos símbolos utilizados no ritual religioso, entregando-os nas mãos da juíza, saraipora, mordomos, mordomas e alferes. Antes da cerimônia de reverência ao santo, a troneira repassa a imagem para a juíza, e o juiz é o primeiro a beijá-lo. Em seguida, a coroa é entregue ao juiz e a juíza realiza o mesmo procedimento. Assim a troneira procede com os demais, por exemplo, aos

<sup>130</sup> A denominação troneira esta associada ao trono do Divino Espírito Santo. É uma função importante porque somente a troneira pode cuidar do trono e dos símbolos durante a festa.



mordomos entrega as varinhas enfeitadas enquanto procedem a reverência. Na Fotografia 31, dona Edinéia Ferreira entrega às mordomas as varinhas antes da procissão.



Fotografia 31 – Troneira distribuindo os bastões as mordomas, 2007.  
Fonte: Cláudia Laurido Figueira.



Fotografia 32 – Procissão em volta aos mastros – Saraipora conduzindo o símbolo do Sairé e Juíza a Coroa da Trindade, 2007.  
Fonte: Cláudia Laurido Figueira.

A dispenseira tem autoridade na cozinha. Administra a dispensa; todos os alimentos consumidos na festa ficam sob sua responsabilidade, como conta dona Crispiana Sardinha:

Eu que mando na cozinha. Mando assim, vamos dizer como eu estava explicando, né tudo é assim se eu vou pra despensa tudo que entra pra despensa eu é que dou. Se você quer uma caixa de fósforos eu vou tirar e dou. Se você quer o tempero pra cozinha, eu vou tiro e dou tudo e assim se traz uma coisa pra eu guardar eu tenho que dar conta daquilo pra entregar<sup>131</sup>.

Há uma organização e controle na cozinha e a dispenseira tem autoridade e sua função vital no barracão. Geralmente este cargo é atribuído à mulher mais velha, com mais experiência. Marina Maluf em “Ruídos da memória” traz a reflexão sobre a importância da despensa nos casarões de café, pois “o controle sobre o setor vital da casa estava nas mãos da mãe, que guardava a chave. O repasse da chave à filha simbolizava a transferência de responsabilidade porque a despensa simboliza o alimento, a manutenção da vida”. (MALUF, 1994, p. 271). Embora sejam realidades diferentes, é possível pensar na importância das funções reservadas as mulheres na Festa do Sairé. Dona Crispiana Sardinha assumiu a função de dispenseira em lugar de sua irmã dona Maria Cecília Corrêa que devido ao seu estado de saúde foi obrigada a deixar a função.



Fotografia 33 - Do lado esquerdo dona Maria Cecília Correa, antiga dispenseira. Do lado direito dona Crispiana Sardinha, a atual.  
Fonte: Cláudia Laurido Figueira, 2007.

<sup>131</sup> SARDINHA, Crispiana de Jesus. 20 de setembro de 2012. Residência da entrevistada em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

Selecionamos as imagens fotográficas acima apresentadas para discutir o significado da frase proferida por dona Lusía Lobato ao afirmar que “(...) é no barracão que é a festa, ali é que significa o Sairé (...)”<sup>132</sup>, pois o barracão é construído coletivamente, envolve o empenho de homens, mulheres e crianças. Também revivem tradições que são repassadas através dos gestos e ações associadas às palavras pronunciadas, pois como orienta Benjamin: “Na verdadeira narração, a mão intervém decisivamente, com seus gestos, aprendidos nas experiências do trabalho, que sustentam de cem maneiras o fluxo do que é dito”. (BENJAMIN, 1986, p, 221)

As lideranças introduzem o símbolo que dá o nome à festa, o Sairé, relacionado à Santíssima Trindade pela maioria dos interlocutores, por conter em sua arte três cruzeiras, porém, este tem outras significações que podem ser decifradas, mesmo que parte do seu significado genuíno tenha se modificado. É possível sugerir algumas possíveis interpretações já iniciadas no primeiro capítulo acerca da simbologia do Sairé, pois a festa não pode ser explicada apenas a partir do símbolo, este ganha significado maior relacionando-o as outras pistas levantadas nas entrevistas.

A partir da análise dos puxiruns são significativos os indícios que agregam a mulher, o tarubá, a colheita e o alimento presente na festa. A presença da saraipora conduzindo o símbolo pode traduzir memórias dos antepassados, pois como destacou João Daniel (2004): “(...) de sorte que ainda convertidos e domésticos mais depressa acreditam o que lhes dizem as velhas do que o que lhes pregam os missionários”, onde o jesuíta compreendia o limite da ação dos seus ensinamentos, pois as “velhas” tinham mais autoridade na palavra do que os missionários, mesmo em se tratando dos convertidos. A presença da saraipora representa a marca da cultura indígena presente na Festa do Sairé porque no seu processo de “reconstituição” foram as mulheres quem rememoraram a festa de tempos passados, como alertou dona Maria de Nazareth Branco: “A primeira pessoa que nos recebeu querendo ajudar foi a mulher do seu Satuca e depois foi a mãe da nega, da Cecília. Elas duas que contaram mais ou menos pra gente, sabe”<sup>133</sup>. Em 1973 as mulheres

---

<sup>132</sup> LOBATO, Lusía dos Santos. 01 de outubro de 2013. Residência da entrevistada em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

<sup>133</sup> BRANCO, Maria de Nazareth Sardinha. 20 de agosto de 2013. Residência da entrevistada em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

foram instigadas a exporem suas lembranças, as quais estavam restritas ao recinto da casa, do particular e ganharam projeção maior a partir da festa que se tornou pública. Nesse sentido, essas mulheres representaram seus antigos antepassados nos aldeamentos que conseguiram manter viva parte da cultura através “dos contos”, os quais eram repassados oralmente como afirma João Daniel (2004). Portanto, mais do que representar a fertilidade, as mulheres mais velhas representam a resistência, sua autoridade reside em suas lembranças repassadas de geração em geração através das histórias contadas aos filhos e netos após as orações, antes de dormir, como lembrou dona Lusía Lobato. Assim, na Festa do Sairé a saraipora representa a resistência e a força da tradição oral, pois parte da festa sobreviveu porque os “ouvintes (*filhos e netos*) compartilhavam da companhia das narradoras (*mães e avós*)”. (BENJAMIN, 1986, p. 221)

Por outro lado, é no barracão que as experiências religiosas do catolicismo popular marginalizadas nos meios institucionais cristãos são revividas. Essas experiências ressignificadas e readaptadas na década 1970 fazem parte do modo de vida religioso dos moradores de Alter do Chão vivenciadas nas festas de santo de devoção familiar, como é o caso do Divino Espírito Santo e da Santíssima Trindade, que foram deslocados junto com os mastros, as procissões, cantos, ladainhas, os foliões e rezadores para compor o aspecto religioso da festa.

## 2.2 O DIVINO ESPÍRITO SANTO: VIVÊNCIA DE UMA RELIGIOSIDADE POPULAR NA FESTA DO SAIRÉ

“(...) no Sairé antigo era só o movimento da igreja, (...) eles faziam o Sairé na época da festa de Nossa Senhora”<sup>134</sup>

No processo de “reconstituição” da Festa do Sairé foi preciso organizar o ritual religioso da forma que ocorria tradicionalmente, como afirmou dona Leocádia Vasconcelos “os antigos faziam o Sairé na época da festa da Nossa Senhora”. Era preciso o santo. “Cadê o santo?”<sup>135</sup> Como não havia possibilidade de realizar a festa junto à festividade da padroeira, as lideranças lançaram mão das experiências

<sup>134</sup> VASCONCELOS, Leocádia Lobato de. 21 de agosto de 2013. Residência da entrevistada em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

<sup>135</sup> LOBATO, Lusía dos Santos. 01 de outubro de 2013. Residência da entrevistada em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.



vivenciadas nas festas de devoção familiar existentes em Alter do Chão, dentre os quais estavam Santíssima Trindade, São Tomé Sant' Ana e Divino Espírito Santo<sup>136</sup>. Essas duas últimas são lembradas por dona Leocádia Vasconcelos:

Olha dessa época do meu pai, da minha mãe eles festejavam Sant'Ana. Até agora tem uma reza da Sant'Ana. Eles festejavam do avô, da avó, daí esse pessoal de Sardinha, né. Eles tinham uma colônia onde eles trabalhavam. Era oito dia de festa. Meu pai que contava. Antes de começar a festa saiam os caçadores. Aí matavam veado, matavam cutia, matavam paca. Era tudo farto nesse tempo. Nos dia de festa eles não trabalhavam. Faziam bastante bejú, tarubá, farinha, farinha de tapioca. Era pra aqueles dias de festa. Era **tudo de graça** eu tô dizendo. Tinham os que pescavam todo o dia. Naquele tempo era farto de peixe. Depois da Sant'Ana tinha a festa do Divino Espírito Santo. Era também na colônia deles, perto do Caranazal por aí. Aqui tem uma ilha chamada Sant'Ana, aqui no lago, aí é que faziam a festa do Divino Espírito Santo. Meu pai rezava muito a ladainha do Espírito Santo. Eram três que cantava a ladainha do Espírito Santo. Todos já morreram. Era meu pai, seu Sardinha e seu Agostinho. Por exemplo, o santo tava aqui nessa mesa eles punham os panos, dobravam os panos pra eles ajoelharem. Ajoelhavam os três e cantavam a ladainha do Espírito Santo. Era uma ladainha muito bonita aí um fazia a primeira voz, uma fazia a segunda e um fazia a terceira voz. A senhora acredita era três, meu pai, seu Sardinha e seu Agostinho, já morreram. É uma ladainha comprida. Eles faziam essas vozes.<sup>137</sup>

Dona Leocádia Vasconcelos enfatiza o caráter familiar das festas de santos realizadas nas colônias, cita a do Divino Espírito e a de Santa'Ana, esta última pertencia aos seus pais, donos do santo<sup>138</sup>. Também relata que durante a realização dessas festas o trabalho era suspenso e o cardápio variava entre caça, pesca e produção cultivada na roça e seus derivados (farinha, tarubá, beiju) distribuídos gratuitamente. Outra festa memorada é a do Divino Espírito Santo e desta sobressai a imagem dos rezadores, dentre os quais estava seu pai, os detalhes de como eles cantavam a ladainha a três vozes, de joelhos, em frente ao santo são relembrados; eles aprenderam a ladainha ouvindo e exerciam um papel de destaque em tais festas. Segundo a narrativa é possível identificar elementos que compõem o catolicismo popular como rezadores, imagem do santo da devoção familiar, ladainha e a predominância dos homens como rezadores, estes destacam-se como condutores do ritual religioso, logo, não havia presença de padre. Essa prática do culto ao santo do catolicismo popular "(...) é uma herança do Portugal medieval que

<sup>136</sup> Segundo Marta Abreu a Festa do Divino teria começado no início do século XIV por iniciativa da rainha d. Isabel (1271-1336), casada com o rei d. Diniz de Portugal (1261-1325). ABREU (1999, p. 39).

<sup>137</sup> VASCONCELOS, Leocádia Lobato de. 21 de agosto de 2013. Residência da entrevistada em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

<sup>138</sup> Pessoa que possui uma imagem do santo de devoção, geralmente herdado dos antepassados.

se instalou no Brasil pelos colonizadores leigos” (OTTE, 1990, p. 95). Na região Amazônica, o culto aos santos também se faz presente de forma significativa, como destaca Eduardo Galvão:

A religiosidade do caboclo se manifesta, sobretudo, no culto dos santos, ou mais propriamente no de suas imagens locais, a que se empresta caráter de divindade com poderes de ação imediata e não apenas representações de intermediários entre uma força superior e o homem. A expressão máxima do culto dos santos se observa na festividade com que se celebra o “dia do santo”. Cada povoado sítio, ou comunidade, tem o seu santo padroeiro e alguns mais, de devoção. (GALVÃO, 1953, p, 3)

Essa religiosidade cabocla referida pelo autor foi resultado de um longo processo que iniciou nas missões que atuaram na Amazônia efetivamente até 1759, quando foram expulsas através da política do Marquês de Pombal. Assim, os indígenas aldeados, em contato com santos de devoção teriam atribuído a eles outros sentidos, os quais fugiam dos esquemas religiosos dos missionários, readaptando-os segundo a sua lógica (GALVÃO, 1953).

De acordo com Vaz Filho (2010), após a expulsão dos jesuítas, a região do Tapajós ficou desprovida de padres ou raramente deles recebia visitas, as quais ocorriam apenas nos períodos das festas dos padroeiros. Assim, somente em 1908 é que a região foi assistida com a chegada dos franciscanos da Província de Santo Antônio do Brasil e posteriormente esta ficou sob a direção dos padres franciscanos da América do Norte. Então, durante 149 anos, desde a expulsão dos jesuítas até a chegada das duas ordens missionárias franciscanas, indígenas e posteriormente seus descendentes teriam reelaborado os sistemas religiosos herdados das missões aos cultos dos antepassados, adaptando-os ao culto dos santos. Nesse sentido, o autor defende que:

(...) as festas dos santos tomaram lugar das festas tradicionais indígenas  
(...) o Divino Espírito Santo e a Santíssima Trindade são cultuados, efetivamente, sob a forma de *feira de santo*, mas eles têm imagens, que são coroas com uma pomba, em miniatura, na parte superior, e um cetro. Ou seja, sempre que Deus é objeto de devoção o é na forma de um *santo/imagem*. (VAZ FILHO, 2010, p, 391)

Dessa forma, a religiosidade cabocla se manifestava através do culto aos santos padroeiros e aos santos de devoção familiar. Nessas festas era comum a presença de rezadores de ladainhas, folias, esmolação de santos, mastros, danças, dentre outros, que foram combatidas pelas duas congregações franciscanas e abolidas das festas dos padroeiros com a atuação dos franciscanos estadunidenses,

como foi o caso de Alter do Chão. No entanto, essas práticas do catolicismo popular continuaram e continuam até hoje nas festas de santos de devoção familiar, as quais não são controladas pela Igreja Institucional. Assim, estas festas, presentes no referido local, fazem parte do contexto abordado, por isso, no ano de 1973 as lideranças readaptaram a cerimônia de um santo, o qual a comunidade compartilhava e controlava. Dona Lusía Lobato lembra que o Divino Espírito Santo foi escolhido porque “(...) tinha reza em latim” e tinha “conjunto de pessoas”<sup>139</sup>. A interlocutora estabelece comparação entre a festa do Divino e a de Sant’ Ana e lembra que esta última “era mais exclusiva da família Sardinha”. Portanto, a festa do Divino era mais popular e agregava mais pessoas. Por isso, segundo a mesma, o senhor “Secundino deu o Divino dele pra ir pro barracão”<sup>140</sup>.

Nesse sentido, ao introduzirem o culto do Divino na cerimônia religiosa da festa, as lideranças legitimaram seus “sistemas populares de crenças e culto” e reafirmaram a independência dos leigos (rezadores e foliões) em relação aos “agentes eclesiais”. Assim, os elementos constitutivos do ritual do culto do Divino Espírito Santo adaptados para a Festa do Sairé foram: a ladainha; a cerimônia de reverência ao Santo; a imagem da Coroa e o cetro; o trono construído no barracão e a folia. Dona Lusía Lobato lembra que nos primeiros anos da festa a ladainha do Divino (ANEXO F) era cantada na igreja:

Antes de rezar a ladainha no barracão o padre ainda dava a igreja e a gente rezava e vinha pro barracão com o Sairé e o santo ficava lá. Depois eles fecharam as portas não deixaram mais a reza lá. A gente rezava no barracão. Então, a gente fazia a reza do Divino Espírito e a gente reza até hoje pro Sairé. Essas rezas antigas é muito demorada. Ela demora mais ou menos uma hora e meia<sup>141</sup>

De acordo com o relato houve tentativa da comunidade em manter a cerimônia da ladainha no recinto da igreja, o que não foi aceito pelo padre na época. Assim, a reza e a reverência ao Santo foram transferidas para o barracão, logo ocorrem fora do controle eclesial, por isso dona Lusía Lobato expressa de forma enfática que “a igreja não atua em nada”<sup>142</sup> no ritual religioso. Entendemos que a interlocutora refere-se à Igreja institucional, visto que alguns agentes do Sairé

<sup>139</sup> LOBATO, Lusía dos Santos. 01 de outubro de 2013. Residência da entrevistada em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

<sup>140</sup> Idem.

<sup>141</sup> Idem.

<sup>142</sup> Idem.

participam ativamente de grupos e atividades desta, por isso, na cerimônia de abertura da festa são os leigos que coordenam e realizam a programação religiosa. É pertinente analisar que a ladainha do Divino Espírito Santo conduzida pelos rezadores, dispensava a presença do padre, portanto, permitir uma prática devocional do catolicismo popular no recinto da igreja que não se enquadrava nas regras eclesiásticas e sem poder controlá-la era inadmissível. Por outro lado, é possível explicar que as lideranças também não admitiram o controle dos “agentes eclesiásticos” sobre a festa. Mas a tática das lideranças foi não entrar no confronto direto, apenas transferiram a cerimônia da ladainha para o barracão do Sairé. Embora a Fotografia 34, a seguir, não retrate os primeiros anos do Sairé, é também reveladora porque indica o ato de devoção dos foliões diante da imagem do Divino Espírito Santo. O fotógrafo captura rezadores e foliões em frente ao trono do Divino que demonstram através dos gestos das mãos postas, do ato de fazer o sinal da cruz e do olhar fixo, a devoção e o respeito diante do santo. Apesar dos limites da fotografia, é possível perceber os detalhes dos arranjos coloridos do trono, a imagem a Coroa, do cetro e a vela acesa sobre a mesa.



Fotografia 34 - Rezadores e foliões diante do trono do Divino Espírito Santo, 1978.

Fonte: Acervo de dona Terezinha Lobato.

De acordo com os interlocutores, o rito religioso constitui na procissão dos agentes do Sairé que saem do barracão em direção aos mastros e dão voltas em torno dos mesmos. Esse movimento é acompanhado pelos foliões que entoam o canto das três marias e uma vez encerradas as voltas retornam ao barracão. Os rezadores se organizam em frente ao trono onde o Coroa do Divino está exposta e iniciam a ladainha. Terminada a reza inicia-se a cerimônia de reverência ao santo, por isso, a juíza senta-se na cadeira e a troneira entrega na mão da juíza a Coroa. Os primeiros a realizarem a cerimônia de beijar a fita do Santo são os agentes do Sairé. Durante esse processo, os foliões entoam cantos, estes são os últimos a realizar a reverência ao santo. Esse ritual repete-se todas as noites. O símbolo do Sairé fica exposto ao lado do trono, geralmente em uma mesa. Após o ato religioso o jantar é servido aos agentes do Sairé.

Dessa forma, as lideranças montaram o esquema da festa considerando referências os quais fazem parte do seu repertório religioso ao incluírem a cerimônia do Divino na festa.

Compreendemos que o ritual religioso da festa foi organizado pela própria comunidade como uma forma de ver a si mesma; é um momento em que revive suas tradições. Durante a pesquisa, em 2006, observamos momentos significativos da festa, por exemplo, na reunião dos agentes do Sairé antes da busca dos mastros que ocorre na residência do senhor Sirvito Malaquias, um dos foliões mais antigos. É lá que a juíza e mordomas enfeitam a Coroa com fitas. Confraternizam-se. Tomam café com farinha de tapioca. Contam histórias, riem de situações lembradas. Isso também ocorre na busca dos mastros e durante a festa é comum o encontro na cozinha do barracão onde tomam café e conversam. Esses momentos reafirmam laços de amizade, promovem o encontro de familiares que na época da festa trabalham no barracão.

Dona Lusía Lobato explica que, anos depois, a Coroa do Divino foi substituída pela imagem da Santíssima Trindade<sup>143</sup>:

Ai o Secundino disse que não ia mais dá o Divino dele **porque** o Divino ficava lá no trono e ai o pessoal ia beber, ficar porre lá dentro do barracão e o santo dele tava **lá** e aí ele não ia mais admitir. Foi **que** ele se escasseou, não deu mais. Foi aí que a Maria Luzia buscou a Trindade. No ano **que eu fui** a juíza do Sairé eu mandei **fazer** um Espírito Santo, mesmo que era pra

<sup>143</sup> A Santíssima Trindade é festejada na comunidade do Caranazal, próxima a Alter do Chão. Sua festa é realizada pela sua protetora ou por algum devoto que faz promessa.

deixar lá nesse ano, não sei o que rumo levou aquele Santo. Depois que a Maria Luzia morreu foi que o Alípio e a Baia tomou conta e já estavam se escasseando também a Trindade<sup>144</sup>.

Na narrativa da interlocutora é possível analisar dois aspectos relevantes: o primeiro, entrar bêbado no barracão na presença do santo é interpretado como desrespeito e foi desaprovado pelo dono do santo; o segundo, não é qualquer imagem que é reconhecida pelos devotos, dona Lusía menciona que mandou “fazer um Espírito Santo”<sup>145</sup>, o sentido do desaparecimento deste indica que o santo produzido não foi incorporado, pois não fazia parte das experiências religiosas da comunidade. Portanto, a imagem da Santíssima Trindade substituiu o Divino Espírito Santo no ritual religioso do Sairé, mas a ladainha entoada continuou sendo a do Divino, como destaca dona Lusía Lobato: “Mas a ladainha que a gente reza não é da Trindade e sim era em homenagem ao Divino Espírito Santo”<sup>146</sup>; mas dona Terezinha Lobato não vê essa diferença ao dizer que: “Mas é a mesma coisa que a Santíssima Trindade é o poder das três pessoas né”<sup>147</sup>.

É interessante perceber as adequações realizadas durante o percurso da festa, como a substituição do Divino pela Santíssima Trindade não acarretou nenhum problema na ordem da realização do rito, pois embora a imagem seja da Trindade, a ladainha rezada continua sendo a do Divino, pois para a comunidade não há diferenças entre os santos. Muda-se o santo, mas o ritual permanece.

Na Fotografia 35 vê-se a imagem da Santíssima Trindade e da sua protetora, dona Maria Sousa, que herdou a santa, como a denomina, do seu pai. Receber o santo significa adquirir prestígio na comunidade, principalmente se este é milagroso, além disso, firma o compromisso de dar continuidade à tradição familiar, como explica a interlocutora:

Eu tenho a Santíssima Trindade. Essa santa era da mãe do meu pai de criação. Aí da mãe do meu pai passou pra minha tia que era irmã dele. E da minha tia passou pra ele. Aí ele sempre falava não era pra um, nem pra dois. Ele falava o dia que ele falecesse, ele ia deixar essa santa pra mim. Aí deixou pra mim. Isso é uma herança.<sup>148</sup>

<sup>144</sup> LOBATO, Lusía dos Santos. 01 de outubro de 2013. Residência da entrevistada em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

<sup>145</sup> Idem.

<sup>146</sup> Idem.

<sup>147</sup> SOUSA, Terezinha Lobato. 02 de setembro de 2013. Residência da entrevistada em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

<sup>148</sup> SARDINHA, Maria Antônia Sousa. 23 de agosto de 2012. Residência da entrevistada em Caranazal, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

A promessa é o elo entre o devoto e o santo e a festa é a manifestação maior em que se concretiza o compromisso, a obrigação, segundo dona Antônia Sardinha “(...) a festa é em doação de quem tem fé (...) aí a pessoa faz aquele pedido, a pessoa fica melhor, aí compra fita, caixa de vela. Tem muita gente que faz promessa pra ela (...)”<sup>149</sup>. A narrativa da interlocutora refere-se à festa da Santíssima Trindade que ocorre na comunidade do Caranazal. Através da narração percebemos que, assim como o Divino, a Trindade também é popular por realizar milagres.

O Divino Espírito Santo e a Santíssima Trindade, ambos introduzidos na Festa do Sairé como já destacado, fazem parte das experiências religiosas dos moradores de Alter do Chão. Dessa forma, a Festa do Sairé traz em sua “gênese” o embrião da rebeldia, pois o ritual religioso instituído faz parte do catolicismo popular que continuou presente no cotidiano dos seus moradores através das festas de santos de devoção familiar. Essa devoção pode ser evidenciada através dos oratórios (Fotografias 36, 37 e 38) existentes nas residências das senhoras Leocádia Lobato Vasconcelos, Maria Cecília Correa e Terezinha Lobato de Sousa. Isso indica que os reorganizadores (as) da Festa do Sairé compartilhavam e atuavam ativamente nas festas de santos.

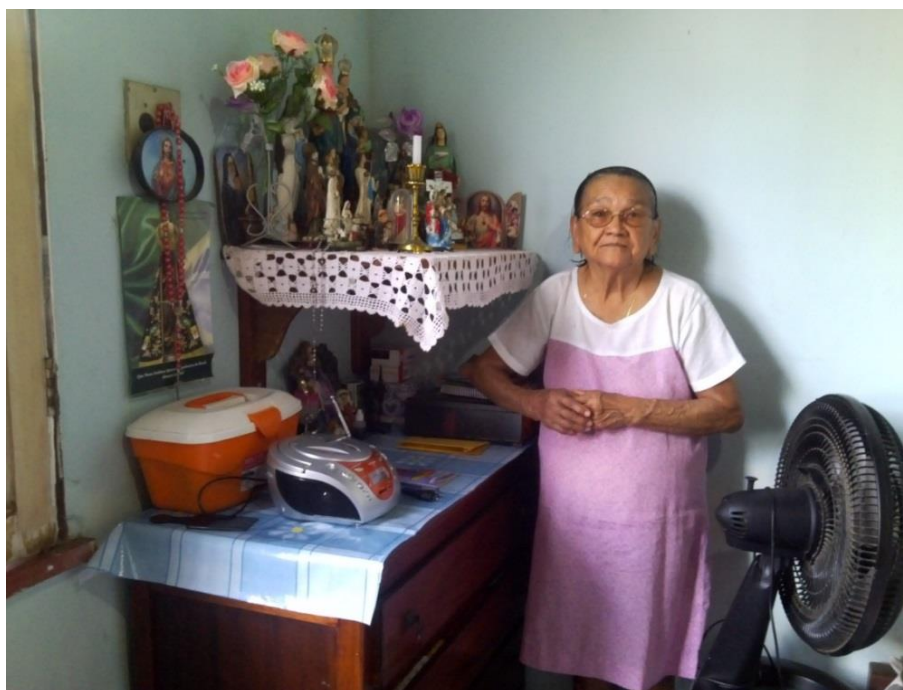


Fotografia 35 – Santíssima Trindade e sua protetora, dona Maria Antônia Sousa Sardinha, 2013.  
Fonte: Cláudia Laurido Figueira.

---

<sup>149</sup> SARDINHA, Maria Antônia Sousa. 23 de agosto de 2012. Residência da entrevistada em Caranazal, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

Dona Leocádia Vasconcelos reservou um lugar em seu quarto, próximo a cama, para alocar o oratório com as imagens do Sagrado Coração de Jesus, Santa Terezinha, Nossa Senhora da Conceição e Santo Antônio. Outros objetos da cultura religiosa como terços e castiçal aparecem devidamente expostos juntos aos santos.



Fotografia 36 – Oratório doméstico de dona Leocádia Vasconcelos, 2014.

Fonte: Cláudia Laurido Figueira.

A Fotografia 37 apresenta o oratório de dona Cecília Correa<sup>150</sup>. Exposto no seu quarto no canto da parede amarrado por um fio. Feito de sobras de madeira, não deixa de expressar a devoção que mesma tem por Nossa Senhora da Conceição, Santa Rita e Sagrado Coração de Jesus e os três terços expostos. No dia do registro dessa fotografia dona Cecília encontrava-se fragilizada em decorrência de enfermidade.

<sup>150</sup> Dona Célia Corrêa é mãe do senhor Antônio de Jesus (chefe da cozinha do barracão do Sairé); avó de Osmar Vieira (folião) e irmã da dona Crispiana Sardinha (dispenseira). A mesma atuou como juíza da festa e exercia a função de dispenseira, cargo repassado para a sua irmã.





Os oratórios expressam o sentido religioso de suas proprietárias, que no passado e atualmente compartilham da devoção aos santos e santas. As imagens não estão expostas como decoração, mas preservam a memória religiosa, pois “a imagem no altar ou no oratório concretiza o próprio santo. Possibilitam-se deste modo relações familiares e íntimas com o santo” (OTTEN, 1990, p, 96). Essas experiências com a devoção ao santo fazem parte do universo religioso dos moradores locais, onde os foliões e rezadores são sujeitos sociais importantes, pois através dos seus ofícios - rezar ladainha e cantar - completam o ato de devoção ao santo.

### 2.3 FOLIÕES E REZADORES: A FORÇA DA ORALIDADE

O ato de rezar e cantar faz parte da reverência ao santo, por isso foi necessário trazê-los para compor o ritual religioso, assim, as lideranças resgatam a folia da festa da Nossa Senhora da Saúde e de São José, incorporada na festa com a função de acompanhar a procissão e o ritual da ladainha.

Em Portugal a Folia foi uma dança popular e profana, muito comum, sobretudo durante os séculos XVI e XVII. Em uma descrição do início do século XVII, “Folia” é uma dança de homens “vestidos à portuguesa” com guizos nos dedos, gaitas e pandeiros girando e pulando à roda de um tambor. Já em um texto espanhol de 1793, “Folia” é tanto uma dança profana de rapazes fantasiados, quanto qualquer dança que pareça “folia”, uma quase loucura. (BRANDÃO, 1985, p, 141).

Segundo o autor, as folias teriam chegado ao Brasil através dos missionários jesuítas que introduziram as dramatizações litúrgicas como “uma dança de fundo religioso” apresentada nas festas natalinas, de Páscoa, de Corpus Christi e Pentecostes. As festas realizadas pelas irmandades e confrarias também as incorporaram, porém a recomendação das cartas pastorais as consideravam “práticas profanadoras” quando eram realizadas sem o controle dos agentes eclesiásticos. (BRANDÃO, 1985)

Mas as normas eclesiásticas que proibiram os ritos religiosos populares não conseguiram destituir a força da tradição oral que atualiza as memórias passadas através da transmissão das experiências entre as gerações. A narrativa do senhor Vilésio Pedroso Costa é significativa nesse sentido, pois aprendeu com os “antigos”

os cantos e a “puxar a ladainha em latim”. Embora seu estado de saúde hoje limite sua participação na festa, sente-se na obrigação de dar continuidade à tradição. Assim narra como se tornou folião e rezador:

Olha comecei a participar depois que começou a renovação aí na praça da Nossa Senhora da Saúde. Desde dessa época que eu comecei, porque eu era mordomo, assim ajudava lá. Eu comecei ajudando meu padrinho Manuel Sardinha. Ele era tabelião. Ele era meu padrinho. Ele me chamou um dia e disse que era pra mim começar a participar, ajudar ele na ladainha, na folia com os foliões, porque ele era só tirador da ladainha esse meu padrinho e o resto era folião, aí era pra mim ajudar ele participando quando ele morresse queria que eu ficasse no lugar dele. Cabeí que fiquei. Aí eu disse que queria ajudar. Rezei com ele com o finado meu padrinho, depois eu ajudava na folia com o finado Euzébio que era rufador de caixa, é ele era caxeiro da folia. Aí foram morrendo e aí eu ia passando um para o outro, ajudando assim, até meu pai também foi rezador, tirador de ladainha e eu passei ajudando ele, depois ele morreu. Depois fiquei já com Umbelindo que era meu tio por parte do papai, chamava tio pra ele e aí assim eu fui passando. Depois morreu esse Umbelindo ficou já esse meu sogro, Café, ele que tirava a folia e tirava a ladainha e aí eu ajudava já ele também. Fiquei ajudando foram, foram, foram morrendo tudo. Agora já é eu que ajudo as mulheradas na ladainha que ajudo a cantar a ladainha. E tô até agora.<sup>151</sup>

Ao narrar sua trajetória seu Vilésio Pedroso Costa apresenta antigos foliões e rezadores com os quais aprendeu o ofício. Através de sua narrativa é possível perceber como as ladainhas e os cantos foram transmitidos e a preocupação que os “antigos” tinham em repassá-los. Desse modo, é evidente que a festa possibilitava a atualização da tradição como também o seu repasse. É preciso esclarecer que o grupo de rezadores<sup>152</sup> inicialmente era formado apenas por homens, as mulheres participavam apenas acompanhando como segunda voz. Os rezadores responsáveis em rezar a ladainha e os foliões participavam da segunda parte do ritual, no momento da reverência ao santo em que todos os presentes beijavam a fita do mesmo.

Assim, os cantos oriundos das festas de santos substituíram os antigos entoados na Festa do Sairé em tempos anteriores. Segundo Osmar Oliveira “(...) os cantos do Sairé era só uma melodia, não tinha letra. Era acompanhado com o batuque da caixinha e da flauta. Era um canto triste e lento, aí não se sabe o porquê

<sup>151</sup> COSTA, Vilésio Pedroso. 20 de agosto de 2013. Residência do entrevistado em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

<sup>152</sup> Atualmente são as mulheres que assumiram a função de rezadeiras. Seu Vilésio Pedroso é o único homem entre elas, pois os demais faleceram.

né. Isso antes de 73”<sup>153</sup>. Segundo Pereira (1989), os cantos e rezas do Sairé eram em língua geral e português, mas o autor não conseguiu nenhum registro desses cantos e rezas em Alter do Chão.

Na Fotografia 39 vê-se um grupo de foliões na Festa do Sairé de 2006. Diante do trono onde está a Coroa que representa a Santíssima Trindade entoam um canto acompanhado dos instrumentos reque-reque, tarol e caixa. Na primeira fila jovens foliões comungam com os mais experientes o momento de devoção. Entre eles estão seu Vilésio Pedroso e seu neto Cleidir Costa Sardinha. Gerações que se encontram e partilham experiências com o sagrado através dos cantos.



Fotografia 39 - Grupo de foliões, 2007.  
Fonte: Cláudia Laurido Figueira.

Nesse processo de “reconstituição” da Festa do Sairé as lideranças, após articularem os elementos fundamentais do rito religioso, compreenderam que estavam em um novo tempo, por isso concordaram em fazer um movimento para alegrar o “povo” depois da reza, assim, introduziram a parte folclórica na festa, que expressou a cultura local através das danças e cantos oriundos dos puxiruns, cujo detalhamento será elaborado no próximo tópico.

<sup>153</sup> OLIVEIRA, Osmar Vieira de. 29 de agosto de 2013. Residência do entrevistado em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

## 2.4 “NO SAIRÉ ANTIGO NÃO TINHA DANÇAS FOLCLÓRICAS”<sup>154</sup>

Aí, depois disso começou as reuniões e agora? O que a gente vai fazer depois da reza? Fazia o palanque aí na praça. Cada grupo ficou responsável de fazer uma apresentação. Tinha Luzo Brasil. Tinha músicos “Quem são eles”. Tinha Clube de Mães. Tinha o Espanta Cão que fazia parte dos músicos. Todos esses velhos se animaram e ajudaram a gente. E por baixo de chuva vinham ensaiar. E aí nós fizemos a festa, se lembrava das brincadeiras antigas a gente aprendeu com os antigos daqui que dançavam depois do puxirum. Iam pra roça quando era de tarde vinha jantar, enquanto estavam jantando, tocando e cantando, dançavam lundum, dançava tudo. Tinha a dona Xivica que era mãe da Cecília ela ensinou a gente a dançar o lundum, né o curimbó. O curimbó **nosso** daqui foi ela que ensinou a gente. (...) Cada grupo apresentava uma coisa, clube de mãe, músicos, Luso Brasil apresentavam um ou duas dança. E passamos o mês de março, abril e maio. Ai junho era a festa.<sup>155</sup>

Na Festa do Sairé as lideranças resolveram incluir as danças na parte folclórica. O palanque em madeira foi erguido na praça. Cada grupo da comunidade – Clube de mães, Luso Brasil, grupos de músicos dentre outros, contribuíram com a organização das danças, parte destas oriundas dos tempos dos puxiruns, denominadas de “brincadeiras”, ensinadas pelos antigos como o lundum, marambiré, marabaixo, desfeiteira e o curimbó. Dona Lusía Lobato ao fazer referência às danças antigas questiona: “Quando eu me entendi elas já existiam, as danças nas colônias e nos puxirum. Quem inventou? Quem criou? Onde eles acharam? Será que era de índio mesmo?”<sup>156</sup> Essas questões levantadas pela interlocutora são relevantes, visto que é possível perceber que marcas das culturas portuguesa, indígena e africana se cruzam no processo de “reconstituição” da festa, como é caso do lundum.

De acordo com Marta Abreu:

Os folcloristas e pesquisadores da música popular são unânimes em afirmar a dificuldade de se precisarem as diferenças entre as chulas, os fados e o próprio lundu. Suas origens remontariam ao final do século XVIII, na fusão ou mistura de diferentes ritmos e movimentos, mas tendo, inegavelmente, uma matriz popular e negra bastante nítida. (ABREU, 1999, p.78);

Embora a predominância étnica da população amazônica seja de origem indígena e portuguesa, não se pode negar as marcas dos negros africanos, estes

<sup>154</sup> VASCONCELOS, Leocádia Lobato de. 21 de agosto de 2013. Residência da entrevistada em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

<sup>155</sup> SOUSA, Terezinha Lobato. 02 de setembro de 2013. Residência da entrevistada em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

<sup>156</sup> LOBATO, Lusía dos Santos. 01 de outubro de 2013. Residência da entrevistada em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

chegaram à Amazônia por volta dos séculos XVI e XVII, especificamente na região do Amapá, através dos ingleses, como afirma Gomes (2005). No entanto, a entrada mais efetiva e sistemática dos africanos se deu através da Companhia Geral do Comércio do Maranhão e Grão-Pará. Estes, ao lado dos indígenas, foram empregados em várias atividades desde lavouras, coleta das “drogas do sertão” e serviços públicos, como construção dos fortes. Esse convívio com os indígenas não ocorreu apenas nos espaços do trabalho escravo, mas também nos quilombos que foram se disseminando em várias regiões como “Santarém (Trombetas, Alenquer, Óbidos, Monte Alegre) (...) nos rios Curuá e Cuminá”. Além disso, era comum os “mocambos de índios” onde se destacavam as regiões de Alter do Chão, Melgaço, Nogueira, Santarém, Boim, Barcelos, Serpa, Colares, Portel. Assim, “os africanos e seus descendentes, com o apoio e juntamente com os índios, criaram suas rotas de fuga e buscavam a autonomia no meio da floresta”. (GOMES, 2005, p. 46-65).

Nesse sentido, esses encontros e convívio possibilitaram, dentre outras coisas, trocas de experiências e a formação de uma cultura afro-indígena, portanto, não se pode negligenciar as marcas da cultura africana nas várias regiões da Amazônia. Assim, é pertinente considerar que negros fugitivos teriam se amalgamado com indígenas em Alter do Chão, por isso uma das marcas desse encontro pode ser percebida pela presença do lundu e do curimbó, danças reconhecidas pelos entrevistados como patrimônio da comunidade. Além do lundum, do marambiré, curimbó, outras danças foram compondo o momento lúdico da festa. Dona Leocádia Vasconcelos lembra quando o grupo decidiu em reunião incluir as danças na festa e deixa claro que no “Sairé antigo” não existiam as danças folclóricas. Recorda com saudosismo os cordões de pássaros, os quais faziam sucesso nas apresentações:

Mas aí com reunião e tudo, porque a gente não faz isso para animar mais? Teve cordão de pássaro. Teve o Rouxinó. Teve a Patativa. A Pipira Brasileira é um cordão muito bonito. Tinha o Cruzador Tupi, muita bonita, já foram saindo, não tem mais.<sup>157</sup>

A Fotografia 40 destaca a apresentação da Pipira Brasileira, no palanque de madeira erguido próximo à Praça 7 de Setembro. É possível visualizar o público, em sua maioria crianças.

<sup>157</sup> VASCONCELOS, Leocádia Lobato de. 21 de agosto de 2013. Residência da entrevistada em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.





Fotografia 40 – Cordão de Pássaro Pipira Brasileira, Sairé, 1976.  
Fonte: arquivo de dona Leocádia Vasconcelos Lobato, Sairé.

Em anos posteriores outras danças foram compondo o repertório, como a brincadeira do boi e a Valsa da Ponta do Lenço, esta última criada pela comunidade e lembrada com muito entusiasmo.

Por sinal a gente criou a Valsa da Ponta do Lenço. Era valsa da ponta do lenço porque as damas levavam um lenço vermelho e eles um lenço branco. Ficava bonito. A gente não tinha dinheiro pra comprar a renda. A gente comprava o rendão. (...) o primeiro ano que nós fizemos a minha anágua pegou sete metro de murim. Levou 17 metros de volta ao mundo, todo colorido né, vermelho, preto e branco. E aí a gente dançava. E cada um se virava pra fazer sua roupa, não tinha ajuda de ninguém.<sup>158</sup>

Dona Leocádia Vasconcelos afirma que no “Sairé antigo não existia as danças folclóricas” esta frase é significativa porque o termo folclórico foi incorporado pelas lideranças que em 1973 articularam as danças antigas para compor o repertório da parte folclórica da festa: “Foi aí que nos fomos buscar nossas danças que a gente dançava nas colônias, nas festas antigas e nos puxirum (...)”<sup>159</sup> A comunidade se reconhece herdeira e produtora da cultura do puxirum. Seus protagonistas são pescadores, agricultores, coletores de seringa, artesãos, estes

<sup>158</sup> LOBATO, Lusía dos Santos. 01 de outubro de 2013. Residência da entrevistada em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

<sup>159</sup> LOBATO, Lusía dos Santos. 01 de outubro de 2013. Residência da entrevistada em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

embora vivessem nos limites da sobrevivência tinham a preocupação com a roupa da festa, como lembra seu Antônio de Jesus Vieira “(...) gente batalhava tanto pra conseguir dançar umas quatro ou cinco dança e todo mundo comprava a sua roupa. Era roupa bonita (...)”<sup>160</sup>. A roupa constituía um elemento importante, pois as danças apresentadas também se destacavam pelas roupas de seus integrantes, as quais eram “bonitas” e “boas” produzidas na própria comunidade. Dona Lusía Lobato além de artesã, também exercia o ofício de costureira e em 1973 passou dias e noites confeccionando a roupa da Valsa da Ponta do Lenço.



Fotografia 41 - Integrante da Valsa Ponta do Lenço, Sairé, 1976.  
Fonte: arquivo pessoal de dona Leocádia Vasconcelos Lobato.

Desse modo, a comunidade criou a parte folclórica para “chamar atenção do povo”<sup>161</sup> porque nas festas de santos é comum o baile após a ladainha, no entanto, na década de 1970 para a divulgação da vila como turística exigia-se que a comunidade organizasse grupos folclóricos para se apresentarem no período da vinda de turistas. Na manchete de jornal da capital que noticiava o I Festival Folclórico da Pérola do Tapajós (Santarém) constava:

Com a finalidade de incrementar o turismo na cidade, um dos grandes objetivos na administração Osvaldo Alvinerti, a Prefeitura Municipal de Santarém está promovendo neste mês o I Festival Folclórico da Pérola do Tapajós com disputas também em Belterra e Alter do Chão.

<sup>160</sup> VIEIRA, Antônio de Jesus. 20 de setembro de 2013. Residência do entrevistado em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

<sup>161</sup> LOBATO, Lusía dos Santos. 01 de outubro de 2013. Residência da entrevistada em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.



O Festival visa a escolha de um ou mais grupos que deverão representar a cultura folclórica do município em apresentações na capital e outras cidades do interior do Estado e ainda, se possível, nas demais capitais brasileiras.

Esses grupos escolhidos se apresentarão, também, durante as programações de excursões turísticas àquela cidade, que vem se tornando frequentes, graças ao apoio dado pela prefeitura local na administração do engenheiro Osvaldo Aliverti.

Isso sem falar que Santarém, é uma das poucas cidades do interior paraense com uma infraestrutura necessária que permita a exploração do potencial turístico da Amazônia. Dessa forma, Santarém possui um hotel de categoria internacional, o Tropical Hotel de Santarém e conclui obras da pista de jatos de seu aeroporto, que permitirá os pousos internacionais naquela cidade.

Além do Festival Folclórico, diversas outras promoções estão sendo elaboradas nesse sentido, como excursões a Belterra e Alter do Chão, onde se localiza uma das mais belas praias de todo o Estado.<sup>162</sup>

A notícia destaca o prefeito Osvaldo Aliverti<sup>163</sup> como promotor e articulador do Festival Folclórico, este associado ao turismo. Santarém é destaque como uma “das poucas cidades do interior paraense com uma infraestrutura (...) para exploração turística”, relacionando-a ao hotel Tropical e a construção do aeroporto. É interessante analisar que no ano da publicação da matéria, 1974, a Amazônia estava no foco das políticas do governo federal e das preocupações em termos mundiais. Assim, ao realizar o I Festival Folclórico a prefeitura tinha como objetivo central selecionar grupos para representar a “cultura folclórica” do município. É evidente que os grupos de danças da comunidade foram percebidos pelo poder público como “produto” selecionado para se fazer presente quando solicitado, portanto, este desconsiderou o contexto em que as danças foram criadas. Desse modo, Alter do Chão deveria estar preparada para receber turistas, os quais eram encaminhados à vila. Para tanto, em meados de julho de 1978 o senhor Argentino Sardinha comunicou na reunião do Conselho que: “(...) no dia 28 de outubro a 10 de novembro a comunidade iria receber visitas, as quais desejavam ver alguns grupos folclóricos e exposição de artesanato<sup>164</sup>. Consta também que dia 5 de dezembro de 1978 o senhor Argentino Sardinha leu uma carta “datada de 27 de novembro de 78 da Agência Turismo Concórdia sobre uma excursão prevista nesta vila onde querem apresentação do folclore para 5 de janeiro até 23 do mesmo de 79”<sup>165</sup>. No ano de

<sup>162</sup> I Festival Folclórico da Pérola do Tapajós. **A Província do Pará**, p.9, 19 ago. 1974.

<sup>163</sup> Osvaldo Aliverti foi o terceiro prefeito nomeado, pois a partir do decreto de lei n. 866 em 21 de setembro de 1969 Santarém é incluída na Área de Segurança Nacional. O mesmo governou Santarém no período de 1974 a 1975.

<sup>164</sup> Ata da reunião do Conselho Comunitário de Alter do Chão do dia 5 de julho de 1978.

<sup>165</sup> Ata da reunião do Conselho Comunitário de Alter do Chão do dia 5 de dezembro de 1978.

1978 a prefeitura municipal de Santarém financiou as roupas da Festa do Sairé.

Dona Terezinha Lobato lembra desse momento:

O Argentino andava o que a prefeitura dava era fio pra botar na praça, nas barraquinhas. Terminava colhia e levava de volta. Era a ajuda que ela dava. Quando foi em 78 que o João Imbiriba descobriu que a prefeitura **tinha** obrigação de dá uma ajuda. Tinha uma verba pra ajudar. Aí ele falou no comércio. Abriu o crédito pra gente comprar a roupa nossa lá. Aí eu acho que pagou com o dinheiro da prefeitura uma coisa assim. Eu sei que em 78 que nós começamos a comprar a roupa por conta da prefeitura. Era só nesse tempo e acabou-se, acabou-se e era **pouco** e ainda eu não sei se foi nesse primeiro ano ou se foi no segundo que nós ainda **pagamos**, porque o dinheiro não deu. Nós que pagamos a metade da dívida lá da roupa, é.<sup>166</sup>

Dona Nazareth Branco lembra com indignação o momento que a prefeitura começou a financiar as roupas:

Aí quando nós prestamos atenção ninguém queria comprar roupa esperando pela prefeitura. Vinha só aquela raleza<sup>167</sup>. Mas, no nosso tempo, três anos ou quatro a roupa era boa. A gente não tinha vergonha de se apresentar porque era coisa boa<sup>168</sup>.

Em torno das roupas houve certo descontentamento por parte das lideranças que organizavam a festa por entenderem que a prefeitura desvalorizou suas danças e a própria imagem da comunidade ao financiar tecidos considerados inferiores comparados aos que eram comprados pelos próprios integrantes das danças. Dona Terezinha destaca que essa “ajuda” era limitada e incerta, prejudicando, dessa forma, a organização da festa, pois alguns ficavam esperando pela prefeitura, logo, criou certo comodismo. Mas também pode ser considerado que a prefeitura tentou, ao seu modo, direcionar a festa, o que poderia provocar a desaprovação das lideranças.

As Fotografias 42 e 43, produzidas em 1978 destacam duas apresentações na Festa do Sairé – a dança Valsa da Ponta do Lenço e Cordão de Pássaro “Pipira Brasileira”. No palanque de madeira e com uma iluminação limitada, os componentes das danças apresentam-se devidamente trajados com as indumentárias financiadas pela prefeitura.

<sup>166</sup> SOUSA, Terezinha Lobato. 02 de setembro de 2013. Residência da entrevistada em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

<sup>167</sup> Dona Nazareth Branco ao falar “raleza” quer dizer que o tecido das roupas financiados pela prefeitura eram de pouca qualidade.

<sup>168</sup> BRANCO, Maria de Nazareth Sardinha. 20 de agosto de 2013. Residência da entrevistada em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.



Fotografia 42 – Valsa da Ponta do lenço, Sairé, 1978.  
Fonte: Acervo de dona Terezinha Lobato de Sousa.



Fotografia 43 – Pipira Brasileira, Sairé, 1978.  
Fonte: Acervo de dona Terezinha Lobato de Sousa.

A Fotografia 44 contempla a apresentação do Cruzador Tupi, com seus integrantes vestidos de marinheiros que também faz parte do repertório das apresentações da Festa do Sairé.



Fotografia 44 – Cruzador Tupi, Sairé, 1978.  
Fonte: Acervo de dona Terezinha Lobato de Sousa



Fotografia 45 – Curimbó, Casa de Cultura, 1978.  
Fonte: Acervo de dona Terezinha Lobato de Sousa.

Dessa forma, as danças têm significados para os moradores de Alter do Chão porque estão associadas à memória do trabalho. O lundum, o curimbó e o marambiré são constantemente citados e entendidos como cultura local, consideradas tradicionais. Logo, o folclórico estava associado à cultura do roçado, do campo, do trabalho incluído na festa para “animar o povo”. Considerando tais aspectos compreendemos o folclórico a partir da concepção de Brandão:

(...) folclore é uma cultura de classe, uma cultura das classes subalternas e que se opõe ao que ele chama de cultura oficial. Uma cultura que, mesmo quando resultante de expropriações e imposições no passado, resiste como

modo de “pensar, sentir e fazer” do povo. O folclore parte do que alguns chamam “o poder dos fracos”. Seus modos de expressar a vida, as lutas das classes populares, a defesa de formas próprias. (BRANDÃO, 1982, p, 102).

Os grupos de danças organizados pela comunidade não ficaram restritos à Festa do Sairé, pois eram convocados para se apresentar em eventos organizados pela prefeitura, através da Secretaria de Cultura ou em decorrência das excursões, quando a vila era visitada por turistas geralmente encaminhados pela direção do Hotel Tropical, visto que o objetivo estava voltado para a exploração do turismo na região de Santarém, Alter do Chão e Belterra. Nesse sentido, a compreensão de folclore da prefeitura desconsidera o “modo de pensar, sentir e fazer” da comunidade, que tinha clareza de que as danças expressavam sua cultura forjada no cotidiano do trabalho, as quais são lembradas com satisfação.

No entanto, é interessante destacar as danças eram apresentadas no palanque de madeira erguido na praça e o grupo de músicos Espanta Cão animava o momento. Havia interação com o público que circulava na praça assistindo as danças ou degustando os doces e comidas vendidas nas barracas construídas para tal finalidade, tornando-se tradição na festa. Todas as barracas foram padronizadas, construídas de palha em torno da praça. Em anos anteriores a comida era compartilhada com todos os visitantes, mas a partir de 1973 essa prática ficou restrita aos agentes do Sairé, ocorrendo no barracão. Dona Terezinha Lobato lembra que o comércio da festa era exclusivo dos moradores de Alter do Chão:

Nos primeiros anos a gente botava **ordem**. As famílias faziam a barraquinha tudo igual. Tudo bonitinho. A melhor sempre ganhava prêmio. E aí davam os filhos pra dançarem, enquanto os pais ficavam vendendo nas barracas. Uns vendiam galinhada, outros vendiam assado de brasa, outros vendiam doce. Era todos daqui, né. Uma vez nos jogamos com uma casa de lona que armaram debaixo da mangueira. Tira. A gente trabalha meses pra festa. Chega um da cidade e finca quatro paus e tava lá embaixo. Tira. No tempo que a gente mandava era assim, agora não, a gente não manda nada.<sup>169</sup>

No relato sobressai o episódio da “casa de lona” pertencente a “gente da cidade” que começava a chegar à vila com o intuito de participar nos negócios da festa através do comércio, no entanto, as lideranças tinham o controle e não permitiam que comerciantes da cidade se estabelecessem na vila sem a devida permissão. Dona Terezinha lembra que nos primeiros tempos a comunidade

<sup>169</sup> SOUSA, Terezinha Lobato. 02 de setembro de 2013. Residência da entrevistada em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

“mandava e agora não manda mais”, faz referência aos dias atuais em que a praça foi invadida pelos vendedores da cidade, aspecto será que abordado com mais detalhes no terceiro capítulo.

É interessante perceber que a partir de 1973 a prática do comércio começa a ser mais frequente entre algumas famílias que deixaram de praticar a agricultura de subsistência para tornarem-se vendedores de alimentos na Festa do Sairé e em outros períodos, visto que foi frequente a presença de visitantes e turistas na vila, mas as vendas na praia tiveram início em 1972, como lembrou seu Vilésio Pedroso:

Dá praia foi em 72. Não tinha casa nenhuma, não era só as árvores. Nós começamos fazer aqueles barracos de lona. A gente armava a casa. Eu tenho até aí, aquelas lonas, era de cobrir minha casa. Nós cobria de manhã. Trabalhava. Quando era seis horas pra vim pra casa tinha que tirar tudinho, enrolar e trazer. Quando era de manhã, no outro dia pra ir pra lá que a gente ia sábado passava o dia todo, sábado tirava de tarde vinha embora e quando era domingo tinha que cobrir cedo de novo. Viesse de lá domingo de tarde tinha que tirar tudinho era um transtorno danado. Ai foi depois que nos pensamos fazer uma associação pra fazer as barracas, mas tudo só de um jeito padronizado. Ai teve a mudança, não sei qual era o prefeito, ele mandou fazer as barracas padronizadas. Até eu questionei muito, era pequena as barracas era 6 por 6 não dava pra gente acumular todo o material da gente dentro. Ai eu questionei muito, mas tem que ser é assim e fizemos. Mas depois nós fizemos da nossa parte, aumentamos pra cada lado um pedacinho ai depois fizemos a minha essa daqui é 7 por 7 e as outras também é 7 por 7. Tem parece que umas quatro que é 6 por 5 que é pequena.<sup>170</sup>

O seu Vilésio Pedroso sintetiza a trajetória dos vendedores de alimentos na praia, da qual ele fazia parte, e descreve as dificuldades para montar as “barracas de lona na praia”. Assim, a praia tornou-se uma alternativa para as famílias da comunidade que produziam sua subsistência através da venda de alimentos aos visitantes e turistas. Outro aspecto destacado pelo interlocutor diz respeito a interferência da prefeitura ao tentar padronizar as barracas, desconsiderando as necessidades dos vendedores. No entanto, seu Vilésio Pedroso lembra que foi contra a proposta da prefeitura, que insistiu em delimitar o tamanho das barracas, posteriormente essas decisões foram desobedecidas, e consideraram as suas reais necessidades. Também é relevante perceber que as famílias que começaram a trabalhar com as vendas de alimentos na praia organizaram sua associação. É

---

<sup>170</sup> COSTA, Vilésio Pedroso. 20 de agosto de 2013. Residência do entrevistado em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

compreensível que tenham percebido a necessidade de organizar sua entidade para gerenciar e proteger os “negócios” na praia, visto que empresários de Santarém almejavam se estabelecer em Alter do Chão. Nesse sentido, é expressivo um fato narrado por seu Vilésio Pedroso acerca da praia:

É o (pausa) mas como é já o nome dele, eu disse o nome dele, Luizinho é ele queria, ele dando licença que nós só podia fazer aquilo cinco anos só, só cinco anos podia fazer a barraca. Depois tinha que tirar as barracas tudinho que ia pertencer a ele fui já pra nós entrar na questão pedir pra esse doutor Filício foi pra ele, ele disse que ia fazer por nós, ver se nós tem direito ou não de ficar lá na praia. Aí foi que ele foi tirar licença em Brasília, lá no presidente de lá. Recorreram a justiça, recorreu ele não tinha nadinha. O Luisinho não tinha. Aí ele ficou com raiva de nós. Ficou com raiva porque nós ganhamos a questão. Se ninguém se espertasse, ninguém tava lá, ninguém, ele tinha invadido, ia botar restaurante grande, disque ia botar, não sei mas o quê tudo ele ia colocar aí na praça.<sup>171</sup>

Todo esse movimento em torno do turismo em Alter do Chão atraiu empresários da cidade que tinham a clara intenção de restringir o direito dos moradores da vila, como no exemplo citado, pois a praia que sempre foi de domínio da comunidade passou a ser disputada judicialmente. A comunidade se articulou e ganhou a questão, impedindo o projeto do empresário. Na Fotografia 46 é possível observar as barracas de palha padronizadas em torno da Praça 7 de Setembro, próximo aparece parte do barracão do Sairé.



Fotografia 46 - Praça 7 de Setembro - comunitários organizando os parques enfeites na praça, 1974.

Fonte: Acervo de Heitor Sardinha de Vasconcelos.

<sup>171</sup> COSTA, Vilésio Pedroso. 20 de agosto de 2013. Residência do entrevistado em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.



A fotografia 47 contempla a imagem da praia que surge em frente a vila, onde é possível perceber as barracas destinadas a venda de alimentos. Em torno da ponta de areia forma-se o “lago verde”<sup>172</sup> ao qual se referem os interlocutores.



Fotografia 47 – Imagem da praia e das barracas, 2012.  
Fonte: Cláudia Laurido Figueira, 2012.

Então, novas perspectivas e relações se estabelecem em torno da Festa do Sairé em vista da atuação mais pontual da prefeitura e do Governo do Estado, como também da presença de empresas de cerveja e comerciantes. A festa ganha outra projeção a partir da sua divulgação através de outros meios de comunicação, como emissora de TV, site, propagandas em revistas e outdoor. Tendo em vista todas essas transformações será relevante perceber como os elementos da tradição dialogam com essas mudanças e o que estas representaram para os comunitários de Alter do Chão, como a festa é percebida no novo contexto.

---

<sup>172</sup> Lago verde é a denominação que os moradores atribuem ao curso do rio que se localiza na frente da vila. Na época do verão se forma uma longa extensão de terra que tem o aspecto de um lago.



### 3 “NÃO É COISA ISOLADA FAZER CULTURA E FAZER POLÍTICA”



### 3 “NÃO É COISA ISOLADA FAZER CULTURA E FAZER POLÍTICA”<sup>173</sup>

#### 3.1 “A FESTA QUEM FAZ A FESTA É A COMUNIDADE”<sup>174</sup>

Pensar a Festa do Sairé no seu movimento histórico requer lançar mão de instrumentais teóricos que permitam analisá-la na perspectiva da tensão e interação entre agentes sociais – poder público municipal e os agentes populares – lideranças comunitárias no processo de organização e gestão da festa nas décadas de 1980 e 1990. Pretendemos enveredar na “complexidade das interações entre o cultural e o político” no contexto da “trama”, como sugere Martin Barbero (2009). Para estabelecer essa análise serão utilizadas as narrativas das lideranças de Alter do Chão; as atas do Conselho Comunitário das décadas de 1980 e início da década de 1990; artigos dos dois jornais locais - *A Gazeta* e *O Momento do Povo Santareno*; programa da festa de 1983 e fotografias do acervo pessoal de dona Leocádia Lobato de Vasconcelos e outras realizadas pela pesquisadora durante o presente estudo.

Consta em ata que o senhor Argentino Sardinha solicitou a demissão do cargo de agente policial “antes da Festa do Sairé”; (...) membros do Conselho Comunitário decidem que a eleição da nova coordenação se daria “depois da Festa do Sairé”.<sup>175</sup> Esses dois exemplos são significativos para perceber que em meados da década de 1980 a festa tornou referência na comunidade de tal forma que as ações cotidianas eram realizadas “antes” ou “depois” da festa.

Durante a década de 1970 os festeiros (juiz e juíza) eram escolhidos no último dia da festa. A forma de escolhê-los era através das bandeiras as quais eram jogadas e as pessoas que as pegassem seriam os festeiros do próximo ano. Seu Antônio de Jesus Vieira explica como ocorria: “Todo mundo queria pegar a bandeira, né. Aquele que pegava assumia a festa. Agora não, agora já escolhe um pra cá, outro pra lá, um já passa dois ou três anos direto, mais naquela época não”.<sup>176</sup> É

<sup>173</sup> VASCONCELOS, Laudelino Sardinha de. 22 agosto 2013. Residência do entrevistado em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

<sup>174</sup> Ata da reunião do Conselho Comunitário de Alter do Chão (PA) do dia 20 de abril de 1990. Frase dita pelo coordenador do Conselho, o senhor Argentino Sardinha.

<sup>175</sup> Ata da reunião do Conselho Comunitário de Alter do Chão (PA) do dia 8 de maio de 1989.

<sup>176</sup> VIEIRA, Antônio de Jesus. 20 de setembro de 2013. Residência do entrevistado em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

possível perceber a partir do registro da ata do Conselho a mudança no procedimento da escolha dos festeiros antes do final dos anos 1990, assim consta em ata:

Sra. Terezinha falou que os juízes cuidam da parte deles e a coordenação coordena tudo principalmente a parte do folclore e que ano passado ouve (houve) o problema porque o coordenador não aceitava opiniões. Mario falou que é a favor do juiz ser da própria comunidade para não ter que está sempre convidando para as reuniões. Sr. Vilésio falou que ele acha que tem ter gente de fora do Conselho na coordenação da festa e não só do conselho. (...) sra. Ermita então perguntou quem se vai convidar para ser juiz, pois a juíza vai ser convidar pra a próxima reunião. Sra. Terezinha falou que a Bety é uma pessoa da comunidade e ela sabe já das tradições da festa.<sup>177</sup>

O fragmento acima traz vários dados relevantes, o primeiro é que havia uma divisão clara nas tarefas principais da festa. O juiz responsabilizava-se pela parte religiosa e o Conselho com a folclórica. Havia a preocupação do Conselho quanto à escolha do juiz, pois em outros anos o cargo foi ocupado por pessoas da cidade. Através da matéria do jornal “*O Momento do povo santareno*” é possível confirmar essa realidade, que revela o nome do juiz e da juíza da Festa do Sairé em 1981:

A comissão organizadora da Festa do Sairé que vem se reunindo normalmente às quartas feira, definiu em sua última reunião os detalhes para o lançamento de um “livro de ouro” da festa que servirá para angariar donativos em prol da organização do Sairé deste ano que está marcado para os dias 25, 26, 27 e 28 de junho. (...) A comissão de organização que este ano tem como representante de Santarém Celso Wanghon e Vera Lúcia (...).<sup>178</sup>

Além de informar sobre o livro de ouro, também destaca os nomes do juiz, Celso Wanghon e da juíza Vera Lúcia, ambos de Santarém, que no referido ano estavam à frente da coordenação da festa. Neste sentido, pessoas da cidade ocupavam o cargo de festeiros, não foi possível saber se o coordenador que “não aceitava opiniões” mencionado na ata referia-se ao senhor Celso Wanghon. Dessa forma, o procedimento da escolha do juiz e da juíza através da prática da bandeira não correspondia mais às expectativas das lideranças, pois algumas pessoas pegavam a bandeira, mas não compreendiam o seu significado, como explica seu Antônio de Jesus Vieira: “(...) tinha gente que pegava a bandeira e nem sabia por que era. Eles achavam que era só pegar a bandeira, quando acaba não, depois que

<sup>177</sup> Ata da reunião do Conselho Comunitário de Alter do Chão (PA) do dia 23 de janeiro de 1986.

<sup>178</sup> Sairé com data marcada. Folclórico da Pérola do Tapajós. **O Momento do Povo Santareno**, 30 mai.1981.

ia explicar pra eles como que ia ser a festa”<sup>179</sup>. Pegar a bandeira exigia da pessoa compromisso com a comunidade, por isso era preciso estar presente nas reuniões para planejá-la. Desse modo, o Conselho Comunitário passou a escolher os festeiros, esse novo procedimento evitou que pessoas da cidade assumissem a festa e as lideranças concordaram que tal cargo deveria ficar com pessoas da comunidade que conhecem as tradições da festa, logo, não seria qualquer pessoa que assumiria a coordenação da Festa do Sairé.

Atualmente, a juiz e a juíza são escolhidos previamente pela Coordenação da Festa do Sairé como explica o Cleuton Wanghon<sup>180</sup>: “(...) desde 97 a gente escolhe um juiz e uma juíza. Então hoje a gente já define: - juiz, juíza querem continuar com a gente no próximo ano? Queremos. Então vão lá pegar a bandeira”<sup>181</sup>. A escolha dos festeiros foi se modificando de acordo com as mudanças que ocorriam na festa, mas “pegar a bandeira” continua simbolizando a tradição dessa escolha e a comunidade articulou meios para manter a festa sob seu controle. Além da organização da festa, o Conselho Comunitário e a coordenação realizavam prestações de contas e definiam o destino do recurso. Assim, consta em ata da reunião de 1984 o rendimento de “Cr\$ 2.025.300,00” (dois milhões, vinte e cinco mil e trezentos cruzeiros) e parte deste montante, “Cr\$ 1.000.000,00 (hum milhão de cruzeiros)”<sup>182</sup> foi empregado na construção do Centro Comunitário projetado desde 1975. O dinheiro também podia ser utilizado quando algum comunitário necessitava, como foi o caso registrado na reunião do dia 08 de agosto de 1986:

(...) a Sra. Ermita falou do problema do Laudelino. Ela foi procurada por alguns membros do Conselho para adquirir uma ajuda para o mesmo. Como o Conselho não tinha dinheiro em caixa, a coordenação procurou o tesoureiro da Festa do Sairé para emprestar mil cruzeiros e perguntou como se pagaria esse dinheiro. Seu Argentino falou que não tinha que pagar, pois o mesmo ajudou bastante na festa, junto com seus amigos.<sup>183</sup>

As lideranças são sensíveis diante da necessidade de um dos membros da comunidade e reconhecem que a doação do recurso para esse fim é legítima, por isso não precisava ser pago. A ação solidária das lideranças pode ser pensada

<sup>179</sup> VIEIRA, Antônio de Jesus. 20 de setembro de 2013. Residência do entrevistado em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

<sup>180</sup> Cleuton José Vanghon Sardinha é atual coordenador do Sairé e presidente do Conselho Comunitário.

<sup>181</sup> SARDINHA, Cleuton José Wanghon. 01 de outubro de 2013. Residência do entrevistado em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

<sup>182</sup> Ata da reunião do Conselho Comunitário de Alter do Chão (PA) do dia 03 de agosto de 1984.

<sup>183</sup> Ata da reunião do Conselho Comunitário de Alter do Chão (PA) do dia 08 de agosto de 1986.

como uma “resistência moral” na expressão de Certeau (2012, p. 83), pois o sentido de doar parte do lucro da festa nega posturas individualistas, visto que o recurso era utilizado em prol do coletivo.

Realizar a Festa do Sairé não foi uma tarefa fácil, membros do Conselho e da comissão se articulavam para levantar recursos. Por isso, viajavam constantemente a Santarém para solicitar patrocínio. Também realizavam promoções na comunidade, como a proposta de dona Lusía Lobato em “(...) fazer uma festinha neste mês de março em benefício da Festa do Sairé a mesma foi aprovada ficando com a data marcada para o dia 24 de março de 1984”<sup>184</sup>; e solicitavam apoio dos donos de restaurantes existentes na vila “(...) para assumissem a construção do barracão do Sairé”<sup>185</sup>

O jornal local “*O Momento do povo santareno*” em uma nota sobre a Festa do Sairé em 1981, publica em 27 de junho do mesmo ano a matéria “Danças folclóricas na festa do “Sairé”<sup>186</sup>, onde apresenta resumidamente as atividades desenvolvidas na programação da festa, que incluíam o ritual religioso, atividades esportivas e a festa dançante, esta ocorria no sábado e era animada pelo grupo de músicos existente na vila denominado “Quem são eles”. As danças folclóricas acompanhadas pelo grupo “Espanta Cão” eram apresentadas no palanque erguido na praça. O grupo de músicos foi organizado em 1973 para acompanhar as danças. É formado por homens que aprenderam a tocar instrumentos apenas ouvindo; são autodidatas que ganharam expressividade na Festa do Sairé. O nome atribuído ao grupo é explicado pelo senhor Vilésio Pedroso Costa:

Aí esse Servito saiu na frente e disse: O violino tá aqui e aí este arco aqui pra tocar o violino tá fazendo uma cruz, tá espantando o cão e no que nós tamos tocando, o cão não entra do meio. Então, pronto ficou Espanta de Cão, o violino faz cruz aí o satanás não vem no meio, tá fazendo, está espantando ele.<sup>187</sup>

O ato de tocar o violino na festa traduzia proteção porque a simbologia do gesto em forma de cruz no instrumento dava ao grupo o poder de trazer para o momento lúdico o sagrado, através da crença de que a cruz protege. Portanto, a

<sup>184</sup> Ata da reunião do Conselho Comunitário de Alter do Chão (PA) do dia 09 de março de 1984.

<sup>185</sup> Ata da reunião do Conselho Comunitário de Alter do Chão (PA) o dia 18 de maio de 1987.

<sup>186</sup> Danças folclóricas na festa do “Sairé”. **O MOMENTO DO POVO SANTARENO**, 27 jun. 1981.

<sup>187</sup> COSTA, Vilésio Pedroso. 20 de agosto de 2013. Residência do entrevistado em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

escolha do nome do grupo se baseava nesta perspectiva de que a música tocada por eles “espanta o cão” e os males, indicando que compartilham de um universo religioso popular em que sagrado e profano não se excluía, mas se integram na festa. Segundo Maués, para o leigo “(...) todos os elementos da festividade, mesmo a música e a dança, os foguetes, o jogo de futebol, a comida e a bebida, o leilão, a diversão do arraial, são como que “sacralizados”, por pertencerem também à festa do santo”. (MAUÉS, 1999, p, 186).



Fotografia 48 – Grupo Espanta Cão, Sairé, 1978.  
Fonte: Acervo de dona Terezinha Lobato de Sousa.

Embora a Fotografia 48 seja de 1978 é ainda significativa, pois destaca o grupo de músicos “Espanta Cão”. As Figuras 1 e 2 correspondem ao programa da Festa do Sairé/83, que apresenta com detalhes as atividades desenvolvidas na festa, semelhante ao que foi divulgado pelo jornal *O Momento* em 1981. O referido programa contém informações interessantes, pois indica os componentes e organizadores do Sairé nominalmente. O convite é destinado ao público familiar e as imagens inseridas destacam o aspecto religioso da festa, como a procissão, o símbolo do Sairé, barracas, rufadores com seus instrumentos (bumbo, reque e tarol). É relevante destacar que toda a programação está direcionada ao ritual religioso e às apresentações das danças da comunidade realizadas na praça; o baile foi animado pelo grupo “Espanta Cão” e a festa dançante só ocorria no sábado, na







Figura 2 – Programa da Festa do Sairé, 1983

Fonte: Arquivo de Heitor Sardinha de Vasconcelos, morador de Alter do Chão (PA).

A programação descrita pode ser articulada com a Fotografia 49, referente ao Sairé/86, onde é possível inferir que o momento registrado se trata de um domingo, em decorrência do fluxo de pessoas que circula nas mediações da Praça 7 de Setembro. A presença dos automóveis sugere que o acesso à vila era restrito ao público que possuía transporte próprio, provavelmente advindo de Santarém. São perceptíveis também algumas propagandas de produtos comercializados na festa - o guaraná "Taí" e a cerveja "Brahma" - que indicam o monopólio desses produtos. Próximo às barracas padronizadas aparece uma casa comercial local "Do Mingote"



de propriedade de dona Terezinha Lobato Sousa, onde também é possível visualizar o barracão do Sairé com arco na porta de entrada. Até meados de 1986 é provável que programação da Festa do Sairé se mantivesse dentro do esquema acima apresentado, sem sofrer grandes alterações.



Fotografia 49 – Festa do Sairé 1986 – pessoas transitam próximo à Praça 7 de Setembro.

Fonte: Arquivo de dona Leocadia Lobato de Vasconcelos .

Ao final da década de 1980, entretanto, as lideranças ampliaram a programação da Festa do Sairé, incluindo nos três dias (quinta a sábado) as festas dançantes e no domingo o show na Praça 7 de Setembro. Para viabilizá-las foi necessário negociar patrocínio junto à Rádio Guarany<sup>188</sup>, que se responsabilizou pela divulgação da festa. Essa parceria com a mídia indica as estratégias que as lideranças articulavam para viabilizar a festa, assim como, incluíam na programação o show e as festas dançantes, possibilitando ao público outras formas de vivenciar o momento. Assim, “(...) a mídia se transformou, até certo ponto, na grande mediadora e mediatizadora e, portanto, em substituta de outras interações coletivas” (CANCLINI, 2006, p, 289). No entanto, as lideranças negociavam a participação da Rádio que, em troca da divulgação, dividia os recursos provenientes das vendas dos ingressos das festas dançantes como foi discutido na reunião do Conselho Comunitário em 10 de abril de 1988, assim consta:

<sup>188</sup> A rádio Guarany foi fundada em 1981 é filiada a rede Record com frequência de 100.3 (FM).

(...) tivemos contato com a empresa Guarany que vai divulgar a festa nas emissoras de rádios e televisão na cidade e também fazer propaganda volante. Além disso, a parte de segurança das festas é por conta a empresa. Sobre as vendas das festas a de 5ª. feira a porta será rachada e as de 6ª. feira e sábado. Eles (...) se responsabilizam com o show na praça domingo com várias atrações. Foi marcada a reunião com as pessoas interessadas por barracas no período da festa também foi aprovada<sup>189</sup>.

Assim, a comunidade, através do Conselho Comunitário, apresentava e discutia as propostas, logo as decisões eram de caráter coletivo, como foi o caso da parceria realizada com a empresa Rádio Guarany. A divulgação nos meios massivos - TV e rádio - mobilizou o público da cidade para determinadas programações da festa, principalmente para o show e festas dançantes. Nesse sentido, estas atividades passam a ser mais destacadas em relação às outras – ritual religioso e as danças folclóricas. A fotografia 50 registra o show na Praça 7 de Setembro realizado em 1988.



Fotografia 50 – Show na Praça 7 de setembro na Festa do Sairé, 1988.

Fonte: Arquivo de dona Leocádia Lobato de Vasconcelos .

Na fotografia é possível observar vários elementos que parecem desconexos. Em meio ao público estão os símbolos da Festa do Sairé – barracão e mastros que dialogam com o novo da festa, o show que invade a Praça 7 de Setembro. Pelo

<sup>189</sup> Ata da reunião do Conselho Comunitário de Alter do Chão (PA) do dia 06 de junho de 1998.

aglomerado de pessoas é provável que seja domingo. Parte do público em traje de banho demonstra que alguns têm interesse pela praia, embora o período desta seja a partir de agosto. A presença de dois policiais no local evidencia a preocupação que o poder público começa a ter em relação ao aglomerado de pessoas que se fazia presente no local, pois como já discutiu Priore (2000, p. 91): “As aglomerações sempre pareceram problemáticas para as instituições de poder”. Em Alter do Chão, até o final da década de 1980 a segurança da vila ficava a cargo de um “delegado regional”, geralmente um morador da vila, nomeado pela prefeitura, como foi o caso do senhor “Cipriano Costa que participou ao Conselho sua nomeação como Guarda Municipal através da Portaria 079/84 e 28/02/84”<sup>190</sup>, mas como a festa tomava proporções maiores, já se fazia necessária a presença de policiais. O palanque de madeira parece não ter função no contexto do show, no entanto, tem importância nas noites em que as danças e músicos se apresentam. Entre enfeites e outros adereços se destacam dois produtos - “Ki Bom sorvane”, marca de sorvete e picolé e a cerveja “Brahma”. A presença de um público maior no show também pode ser explicada em virtude do acesso à vila de Alter do Chão ter sido viabilizado através da Rodovia Fernando Guilhon. De acordo com Mendes e Oliveira (2010, p. 8)

(...) a rodovia Fernando Guilhon com seus 15 km é uma das principais vias de deslocamento e pessoas, serviços e mercadorias na cidade, além de ligá-la a várias comunidades rurais do município e ainda destaca-se por sua importância turística visto que para se deslocar até Alter do Chão, principal praia do rio Tapajós, é preciso pegar este eixo viário.

A construção da referida rodovia na década de 1980 possibilitou também que áreas do entorno fossem ocupadas, e surgissem novos bairros como Santarezinho, Maracanã, Amparo e Conquista, em geral habitados por pessoas oriundas das regiões rurais de Santarém. A consequente expansão da cidade ocorreu a partir das rodovias, como discute Oliveira:

Na década de 1980 verifica-se um acelerado processo de expansão urbana em Santarém, acompanhando a orientação dos eixos das rodovias Santarém-Curuá-Una, Cuiabá-Santarém e Av. Fernando Guilhon (Santarém-Aeroporto). Esta expansão tem assumido grandes proporções, verificando-se, portanto, o espraiamento de sua periferia nas direções sul (Cuiabá-Santarém e Santarém-Curuá-Una) e sudoeste (Fernando Guilhon). (...) A reprodução dessa expansão urbana configurou a definição de algumas manchas urbanas. Ao longo da Cuiabá-Santarém, a mancha atingirá a Vila de São José. Na Curuá-Una a expansão se adensará até a

<sup>190</sup> Ata da reunião do Conselho Comunitário de Alter do Chão (PA) do dia 09 março de 1984.

área do planalto do Diamantino e pela Fernando Guilhon, até a Vila de São Braz, em direção à Vila de Alter-do-Chão. (OLIVEIRA, 2008, p. 2)

Ainda segundo a autora, a expansão de Santarém na década de 1980 através da Rodovia Fernando Guilhon viabilizou a circulação de pessoas, mercadorias e serviços em direção aos novos bairros, como também o acesso à Alter do Chão, que se tornou opção de lazer para a população de Santarém. Na Fotografia 51 vê-se a localização da rodovia PA 163, denominada Fernando Guilhon, sentido Santarém a Alter do Chão. Para construí-la foi preciso aterrar parte do igarapé existente nessa área que pertence à COSAMPA – Companhia de Saneamento do Pará, responsável pelo abastecimento de água em Santarém.



Fotografia 51 - Rodovia Fernando Guilhon sentido Santarém a Alter do Chão, 2007.

Fonte: Cláudia Laurido Figueira.

Em meados de 1990 as lideranças debatiam sobre a possibilidade da “festa ser realizada por outras pessoas”<sup>191</sup>. Analisando o conteúdo das falas transcritas na ata é perceptível certa tensão entre o subprefeito<sup>192</sup>, o senhor Rui Sousa e o senhor Argentino Sardinha, coordenador do Conselho, este fez o seguinte pronunciamento: “tem gente louco para realizar o Sairé”, mas (...) não se preocupa com quem quer

<sup>191</sup> Frase dita por seu Laudelino Sardinha na reunião do Conselho Comunitário do dia 20 de abril de 1990.

<sup>192</sup> Subprefeito é um cargo criado pela prefeitura de Santarém para atuar como seu representante na vila de Alter do Chão. Geralmente um morador da vila é escolhido para ocupar o cargo.



tomar frente, pois acha que se a comunidade não quiser, não sai a festa, pois a festa quem faz é a comunidade”<sup>193</sup>. Pelo tom da fala registrada é possível perceber que se estabeleciam disputas em torno da festa entre o representante da prefeitura e a liderança comunitária. Essa tensão foi presente no episódio da “Semana Santa”, abordado na mesma reunião em que um dos moradores interditou a rua próxima à Igreja. Essa atitude foi interpretada pelo senhor Rui Sousa como quebra de autoridade e ordenou que a rua fosse liberada; tal ação desagradou as lideranças que não aceitaram a imposição do funcionário da prefeitura. Não foi possível saber quais pessoas desejavam tomar a frente da festa por não constar na ata, no entanto é pertinente pensar que empresários, comerciantes de Santarém ou de outras localidades do Brasil perceberam a oportunidade de negócios em virtude do programa de turismo organizado pelo município, divulgado nos meios de comunicação, como também o acesso à vila de Alter do Chão propiciado pela construção do eixo viário. Por isso, o interesse de empresários em financiar a divulgação da festa, como foi o caso do senhor “Aluísio da Cristal” que se comprometeu a isso, sendo o valor estimado para tanto da ordem de “Cr\$ 510,770 (quinhentos e dez mil setecentos e setenta cruzeiros)”<sup>194</sup>; e a empresa Guarany que continuou financiando o show e divulgando a festa como consta na ata do Conselho “(...) quanto ao show de domingo ele conseguiu com a Guarany o patrocínio desde que haja um acordo da coordenação para montar uma cabine de televisão e rádio para a divulgação do Sairé.”<sup>195</sup>

Em 1991 o Conselho entra em crise devido ao estado de saúde do coordenador<sup>196</sup>, em decorrência deste fato uma coordenação provisória é eleita para realizar os trabalhos da entidade. De 1991 até 1995 poucas reuniões foram registradas, e por esse motivo também ficaram escassas as informações acerca da festa, mas foi possível saber que coordenador do Conselho havia organizado uma comissão para realiza-la.<sup>197</sup>

É interessante notar que a coordenação ampliou sua visão sobre a festa. Nesse sentido é expressivo o pronunciamento do senhor Laudelino Sardinha: “(...) a

<sup>193</sup> Frase dita por Argentino Sardinha na reunião do Conselho Comunitário do dia 20 de abril de 1990.

<sup>194</sup> Ata do Conselho Comunitário de Alter do Chão (PA) do dia 3 de maio de 1990.

<sup>195</sup> Ata do Conselho Comunitário de Alter do Chão (PA) do dia 5 de junho de 1990.

<sup>196</sup> O coordenador do Conselho neste ano era o senhor Argentino Sardinha.

<sup>197</sup> A comissão foi assim constituída: coordenador – Argentino Sardinha; secretária – professora Conceição; juiz e tesoureiro o senhor Luciano; juíza a senhora Dinair Vasconcelos.

preocupação da comissão da Festa do Sairé é dar uma boa visão da festa a todas as pessoas que vêm de vários lugares para prestigiar essa grande manifestação folclórica de nossa região”<sup>198</sup>. A preocupação com a “boa visão da festa” demonstra que o público do Sairé ampliava-se, incluindo “pessoas de vários lugares”, logo não se restringia apenas aos moradores de Santarém e comunidades próximas de Alter do Chão. Nesse sentido, as programações requeriam maiores recursos e equipes de trabalho, por isso, foram articuladas parcerias com a academia Djalma Lima, responsável por organizar as atividades esportivas que incluíam torneios de futebol e de vôlei financiados pela Caixa Econômica Federal em 1992. É interessante também notar que as lideranças se apropriaram do discurso da prefeitura e da mídia ao denominar a Festa do Sairé como a “grande manifestação folclórica da região” no início da década de 1990.

A presença de um público diversificado, de outras regiões do Brasil atraiu comerciantes, pois diante do crescente número de visitantes que se deslocavam para Alter do Chão ampliavam-se as possibilidades de comércio, o que levou as lideranças a fornecerem, em 1992, “licença para a comercialização”<sup>199</sup> durante a festa, demonstrando dessa forma que estas detinham o controle do comércio na vila. Mas não tardaria para ocorrerem conflitos entre comunidade e comerciantes, como foi o episódio entre o dono da balsa restaurante “Pontão das Águas” e os donos de barracas em Alter do Chão, ocorrido em 1996. Segundo Mauro Vasconcelos,

(...) em 96 houve um problema muito sério aqui entre a comunidade e os vendedores de Santarém. Tinha um restaurante, uma balsa em Santarém chamado Pontão das águas que era do Heimar Coimbra, irmão do deputado federal na época Hilário Coimbra. Ele veio e atracou em frente ali a praça e os comunitários não queriam que ele ficasse ali porque ele era um restaurante e começou aí um conflito entre eles, e o Sairé de 96 foi muito tumultuado. Os barraqueiros pressionavam o prefeito Rui Correa pra tirar o Pontão e o cara do Pontão disse que não saía e aí os barraqueiros entraram em greve. Fecharam as barracas. Foi assim uma desorganização muito grande. A Comissão do Sairé não soube administrar o conflito<sup>200</sup>.

O jornal local “Gazeta” abordou o episódio ocorrido na Festa do Sairé:

(...) A tradicional festa folclórica do Sairé, este ano foi marcado por vários desentendimentos entre membros da comissão organizadora e empresários de Santarém, dispostos até judicialmente a terem o seu direito de participarem com seus negócios do movimento da festa. Em protesto contra

<sup>198</sup> Ata do Conselho Comunitário de Alter do Chão (PA) do dia 11 de maio de 1994.

<sup>199</sup> Ata do Conselho Comunitário de Alter do Chão (PA) do dia 11 de maio de 1994.

<sup>200</sup> VASCONCELOS, Mauro Luis Lobato. 01 de setembro de 2013. Residência do entrevistado em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

a presença destes empresários, houve a cancelamento das apresentações folclóricas na primeira noite do evento. (...) Os organizadores tentaram ainda impedir a presença de uma balsa restaurante (...).<sup>201</sup>

Articulando a notícia do jornal com a narrativa de Mauro Vasconcelos, dois aspectos podem ser analisados. O primeiro, é que o protesto realizado não foi exclusivo da comissão organizadora da festa, mas, principalmente, dos donos de barracas da comunidade que desde 1973 vendiam alimentos na festa; segundo, o protesto estava direcionado a um empresário específico, o dono do Pontão das Águas – a balsa restaurante – que ameaçava a venda dos barraqueiros de Alter do Chão. O nome do empresário não é citado na reportagem, mas é destacado na narrativa de Mauro Vasconcelos, pois se tratava do irmão do deputado Hilário Coimbra, o senhor Heimar Coimbra.

Assim, o “direito de participarem com os negócios do movimento da festa” não dava o direito do empresário infringir os códigos morais estabelecidos pela comunidade, pois esta não se opunha à presença de outros vendedores, por isso a comissão do Sairé em 1992, por exemplo, concedeu autorização aos interessados em realizar vendas na festa. No entanto, a presença da balsa restaurante ameaçava a economia local de famílias que nesse período ganhavam seus recursos com a venda de produtos. Foi uma concorrência desleal, por isso, o protesto em suspender as apresentações do primeiro dia de festa. Essa atitude foi interpretada como “desorganização” e “radicalismo”, mas foi uma tática que pequenos comerciantes utilizaram para defender seus direitos.

É possível verificar na Figura 3 a página do *Jornal Gazeta* com destaque para a matéria que direciona o leitor para o grupo de moradores que fazem parte da coordenação da festa, sugerindo que os mesmos desejam “acabar com o Sairé”, deixando em segundo plano o conflito verificado entre os donos das barracas e o empresário do Pontão das Águas, razão que levou à suspensão da programação das atividades folclóricas no primeiro dia da festa. Além disso, dá destaque apenas à posição de um dos moradores da vila, seu Argentino Sardinha, o qual expressa seu posicionamento contrário à ação da coordenação ao cancelar as programações sem razões justas. O autor da matéria informa que a vila recebeu “o maior número de

---

<sup>201</sup> Líderes xiitas de Alter do Chão querem acabar com a Festa do Sairé. **A Gazeta**, p.7, 18 a 24 jul.1996.



visitantes”, informação vaga e sem consistência, por não estar embasada em nenhuma pesquisa que informe com exatidão o público presente ao evento. Conclui destacando que a comissão da festa avaliará os resultados obtidos e dá a entender que as lideranças que protestaram contra a presença da balsa restaurante são “radicais”. Na mesma sessão destaca outra matéria, intitulada: “Embratur escolhe Santarém para iniciar interiorização do turismo”, onde informa que Santarém foi uma das principais cidades escolhidas na região norte para receber recursos de âmbito federal através do Programa Nacional de Municipalização do Turismo – PNMT, desenvolvido pela Embratur. No segundo item, dá destaque às ações do prefeito Rui Corrêa, direcionadas à política pública de desenvolvimento do turismo em Santarém.

Compreendemos que as duas reportagens em uma única sessão do jornal tinha a intenção de destacar que embora Santarém fosse escolhida pela PNMT por apresentar potencial turístico, seria necessário articular mudanças na Festa do Sairé, pois esta ocorre justamente em Alter do Chão, principal ponto turístico da região. Assim, “líderes radicais” não deveriam coordenar a festa, considerada a “maior manifestação folclórica da região”. Além disso, propõe implicitamente que esta seja realizada no período das praias, para atender aos visitantes que se deslocam com a finalidade de visitá-las.



Figura 3 – Jornal “Gazeta”, p. 7., 18 a 24 jul. 1996.  
Fonte: Instituto Boanerge Sena, Santarém (PA)

Assim, em meados de 1996 a prefeitura municipal de Santarém através do prefeito Ruy Corrêa viabilizava ações, como a criação do Conselho de Turismo, além de estudos acerca da demanda turística. A vila de Alter do Chão foi incluída como um dos pontos turísticos, embora essa visão já estivesse presente desde a década de 1970. Portanto, as atividades desenvolvidas na vila, como a Festa do Sairé, deveriam estar de acordo com a política de turismo da cidade, por esse motivo aparecem nas atas do Conselho desde 1994 referências ao projeto da festa, apresentado pela comissão à Secretaria da Cultura e à prefeitura de Santarém. As lideranças articulavam com o poder público municipal através de um registro escrito, provavelmente exigência dos órgãos públicos.

Dessa forma, a prefeitura, através da Secretaria de Cultura tentou interferir na festa propondo a mudança da data de sua realização para setembro, no entanto, houve resistência da comissão que não aceitou a sugestão e manteve a festa em julho, como de costume.

Durante toda a década de 1980 e início de 1990 a comunidade, através de suas lideranças, busca adaptar a festa de acordo com as mudanças e suas necessidades. Como já abordado no segundo capítulo, a escolha dos festeiros na década de 1970 era feita através da cerimônia da “ceicuirá”, mas foi substituída pela bandeira que era jogada ao público no último dia da festa. Tal procedimento, entretanto, tornou-se inadequado, pois colocava em risco o próprio controle da comunidade sobre a festa, onde pessoas que desconheciam o significado do ritual poderiam assumir o importante papel. Então, o Conselho assumiu para si a escolha do juiz e da juíza, reforçando dessa forma que estes deveriam ser da comunidade - e que esta tinha o direito de coordenar a Festa do Sairé, demonstrando que percebiam o interesse de pessoas estranhas à comunidade em “fazer a festa”, como consta em ata do Conselho do dia 3 de maio de 1990. Até meados de 1986 a programação da Festa do Sairé se restringia ao ritual religioso, às apresentações folclóricas na praça e nos bailes, onde a atração musical era o próprio grupo de músicos da vila “Quem são eles”, que animavam a noite. Mas, a partir de 1988 é possível perceber que essa programação amplia-se em decorrência de outras atividades (show, festas dançantes, outras atividades esportivas) ali incluídas. Através das atas do Conselho é possível perceber as dificuldades que as lideranças encontravam para realizar a Festa do Sairé, pois não tinham recursos financeiros

para custeá-la, para não deixar de fazer a festa que já era tradição foi preciso negociar parcerias com empresas. Entretanto, é preciso salientar que a comunidade detinha o controle da festa, as lideranças a discutiam nas reuniões do Conselho, logo, as decisões tomadas eram embasadas no pensamento coletivo.

O papel da mídia foi relevante, pois possibilitou a divulgação da festa e da comunidade, que também se projetou nesse processo e se apropriou do discurso da mídia e do poder público ao denominar a festa como a “maior manifestação folclórica da região”. A comunidade vivenciava uma nova fase, pois a cada ano deslocavam-se à vila pessoas de diversas localidades para prestigiar a festa e a praia, embora esta não se fizesse presente no período. Nas matérias dos jornais locais havia forte apelo para a mudança da data da festa, justificando que a maioria dos visitantes deslocava-se até a vila em virtude da praia e assim assumem o discurso do poder público quando este se refere à Festa do Sairé, deslocam as informações para o aspecto natural (praia), na tentativa de reforçar a ideia da prefeitura em enquadrar as programações da festa sob a perspectiva do turismo.

Todas essas mudanças também se refletem nos “negócio da festa” que passam a ser disputados entre os donos de barracas e os empresários de Santarém. Com o asfaltamento da estrada que liga Santarém a Alter do Chão, o número de visitantes, turistas e comerciantes aumenta o fluxo de pessoas na vila, portanto, ampliava-se também possibilidade de negócios, os quais seriam certos devido a ampla divulgação das potencialidades turísticas locais. A comunidade se vê envolvida em disputas pelo comércio de produtos, antes exclusivo dos moradores. Mas a comunidade não se intimidou diante do “Pontão das Águas” que se instalou em 1996 durante a Festa do Sairé e demonstra a força de sua organização comunitária, de forma que impediu a sua permanência na vila, pois o que estava em jogo não era a ideia do lucro, mas a sobrevivência de famílias que em anos anteriores viviam da roça, da pesca e do extrativismo e desde ano de 1972 se dedicaram à prática da venda de alimentos durante a festa e nos períodos de praia.

No entanto, outras mudanças ocorreriam, provocando mudanças estruturais na vila, que passa a ser divulgada como “vila balneária”. Para tanto era preciso infraestrutura para atender a demanda de turistas e visitantes. Nesse sentido, foi preciso construir hotéis, pousadas, albergues, restaurantes, lojas, que demandavam

investimentos maiores - e a maioria dos moradores de Alter do Chão não tinham recursos para viabilizá-los.

Assim, empresários da cidade e de outras localidades seriam os futuros investidores nesse ramo e os moradores, diante das suas necessidades e de outras possíveis razões começaram a se desfazer de parte de suas terras, vendendo-as aos interessados, aspecto que será tratado no próximo tópico deste estudo.

### 3.2 “ESSE BEIRADÃO ERA NOSSO”<sup>202</sup>

A memória da Festa do Sairé está associada aos espaços da vila de Alter do Chão. São recorrentes as lembranças vinculadas a casa onde moravam, da praia, da rua, da praça, enfim, são memórias dos lugares articuladas com o cotidiano, com a festa e com as lutas. Assim, festa e a vila cresceram e tomam outras proporções, como expressa seu Antônio de Jesus Vieira: “Era bem pequenininho, mas depois o pessoal começou a vim pra cá. Evoluiu muito e agora tá muito longe. Tá muito grande Alter do Chão” e “(...)o Sairé do começo era só umas bandeirinha, agora não”<sup>203</sup>.

Assim, o deslocamento de pessoas para Alter do Chão não se restringiu apenas durante a Festa do Sairé. Alguns com poder aquisitivo considerável conseguiram comprar terras por preços abaixo do valor e realizaram investimentos construindo pousadas, hotéis, restaurantes, museu, dentre outros. A vila, que tinha um aspecto rural passou a ter uma fisionomia urbana e tornou-se local promissor onde negócios podiam ser realizados em decorrência do fluxo de visitantes e turistas principalmente por conta da intensa divulgação e propaganda das praias e das belezas naturais realizadas pela mídia e pelo poder público municipal. Assim, desde a década de 1970 as terras na vila já eram cobiçadas pelos visitantes e esse processo continuou com mais intensidade nos anos 1990. São recorrentes as lembranças dos entrevistados sobre a venda dos terrenos em Alter do Chão. Nesse sentido são expressivas as duas narrativas abaixo:

---

<sup>202</sup> VIEIRA, Antônio de Jesus. 20 de setembro de 2013. Residência do entrevistado em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

<sup>203</sup> Idem.

(...) era bem nesse canto aonde é o Araribá, é, a gente morava bem aí, mas depois o meu pai foi vendendo um pouco, pouco, pouco, foi se acabando, agora tem dois araribá. Inclusive a frente é alugado pro Araribá, a casa da minha mãe, ela mora nos fundos, é alugada só frente dela, ainda é casa da minha mãe. É, era muito bom esse terreno aí, quando eu me entendi esta vila era só até aqui nessa rua. Daí foi, foi passando tempo, daí que foi aumentando já pra cá, cada vez mais chegando mais gente, né. Eu passei praticamente a metade da minha idade que era só daqui pra ali, só tinha essas três ruas. É, era bem pequenininho, mas depois o pessoal começou vim pra cá evoluiu muito e agora tá muito longe pra dentro. Tá muito grande Alter do Chão.<sup>204</sup>

(...) tínhamos casa aqui também. Ficava lá próximo, tem praça, lá até tem um restaurantzinho, bem naquela pousada na beira ai da praça, tem a pousada, a outra casa, restaurante, era o nosso. Ai depois que o papai morreu e a mamãe cada um já tinha suas famílias, aí saímos tudo. Eu já tinha minha casa também. Ai ficou minhas irmãs morando lá na casa. Ai quando eu soube elas já estavam negociando, esse pedacinho do terreno. Ai eu chamei o meu irmão mais velho que era esse Cipriano que mora ali, tá também doente. O Cipriano é meu irmão. E aí nós se reunimos fumos lá com as irmãs também, a mais velha e a mais criança da mais velha. Elas que tinham ficado lá. Era Maria Lendina e a Justina. Tinham ficado lá na casa. Deixamos lá, que era um casarão danado, grande. Elas ficaram lá, depois começaram já a vender pra um senhor lá de Santarém eu tô até esquecido o nome dele. Aí ele comprou primeiro um pedacinho dela, mas era besteirinha daqui pra ali, onde ela fazia uma vendinha dela. Ela pegou e vendeu já. E caiu no nosso ouvido e nós se reunimos, chamados os outros irmãos e fomos lá. Sabe que mais, umbora logo vender. Vender não, demos o dinheirão que tá valendo ali, já pediram até 300 mil, lá. Foi dado por sete mil parece, dado, dado. Daí o que eu tive de lucro, uma tesoura (riu). Até um tempo tava por aqui rolando essa tesoura.<sup>205</sup>

Os dois interlocutores ao narrarem sobre seu cotidiano na vila em tempos posteriores, lembram-se do lugar onde moravam com os pais e contam como a venda dos terrenos se deu em Alter do Chão a partir das experiências que viveram. A compra se dava aos poucos, de “pedacinho”. Geralmente o comprador era de Santarém ou de outros estados, como é caso do paulista que possui três lojas denominadas Araribá<sup>206</sup>. A mãe do seu Antônio de Jesus Vieira ainda vive na mesma rua, no terreno que não foi vendido, mas a frente deste é alugada para o proprietário do Araribá. Com o tempo a vila tomou outras proporções e para explicar o tempo dessa mudança o interlocutor relaciona com sua idade: “Eu passei

<sup>204</sup> VIEIRA, Antônio de Jesus. 20 de setembro de 2013. Residência do entrevistado em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

<sup>205</sup> COSTA, Vilésio Pedrosa. 20 de agosto de 2013. Residência do entrevistado em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

<sup>206</sup> Araribá é constituída de três lojas. A primeira é maior, voltada para turistas geralmente estrangeiros. Os produtos vendidos são peças indígenas vendidas a um valor consideravelmente alto para o padrão da população local. A segunda loja é mais para o turista nacional, são vendidos desde artesanatos, roupas, colares e boa parte são provenientes de várias regiões do Brasil, da Índia e da África. A terceira loja comercializa roupas de praia, camisas com desenhos da praia e dos Botos, bijuterias em geral, com preço mais acessível, voltada para o público da região.

praticamente a metade da minha idade que era só daqui pra ali, só tinha essas três rua”<sup>207</sup>, o mesmo está se referindo às ruas Lauro Sodré, Turiano Meira e Dom Macedo Costa. Seu Vilésio Pedroso Costa ao lembrar-se da residência dos pais que se localizava próximo à Praça 7 de setembro faz referência ao restaurante e à pousada que substituem as casas dos antigos moradores e explica que a estratégia de comprar um “pedacinho”, “besteirinha” deu certo, como ocorreu com o terreno dos seus pais que foi vendido para um morador de Santarém por um preço considerado por seu Vilésio irrisório, que se ressentia, pois atualmente o terreno está estimado em valor muito superior.

Na Fotografia 52, o destaque é para o anúncio expresso na placa fixa na barraca de produtos de artesanato sobre a venda de terrenos e casas em Alter do Chão, que continua ocorrendo.



Fotografia 52 – Placa de venda de casa e terreno localizada nas mediações da Praça 7 de setembro, 2014.  
Fonte: Cláudia Laurido Figueira.

A especulação imobiliária se tornou uma realidade em Alter do Chão e transformou a dinâmica da comunidade, pois muitos moradores antigos venderam suas casas e foram obrigados a se transferirem para locais mais distantes do centro da vila. Seu Antônio de Jesus Vieira Viera, seu Laudelino Sardinha de Vasconcelos,

<sup>207</sup> VIEIRA, Antônio de Jesus. 20 de setembro de 2013. Residência do entrevistado em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.



Heitor Sardinha de Vasconcelos e Dona Lusía dos Santos Lobato estão entre os poucos moradores que resistem às propostas dos possíveis compradores. Dona Lusía Lobato conta que: “Daqui dessa rua só esta eu de morador antigo (...) por ali todos que estavam venderam. Às vezes estão pereado<sup>208</sup>. Estão longe de água” e faz referência ao condomínio construído próximo da sua residência: “Essas casas agora que não tem ninguém, uma beleza que fica aí trancado atrás de um muro grande”.<sup>209</sup>

Na Fotografia 53 a imagem retrata o fundo do condomínio. A rua em destaque é a Turiano Meira, onde mora dona Lusía Lobato. A construção do prédio tirou a possibilidade da mesma usufruir da paisagem do lago verde e dificulta a ventilação, que não chega à sua propriedade.



Fotografia 53 – Condomínio que fica localizado em frente a residência de dona Lusía Lobato, 2014.

Fonte: Cláudia Laurido Figueira.

Laudelino Sardinha tece crítica à arquitetura de algumas residências construídas na vila, as quais são inadequadas para região de clima quente, pois não favorecem a ventilação e por isso necessitam de ar condicionado, aumentando o consumo de energia.

<sup>208</sup> “Pereado”, quer dizer estão com dificuldades.

<sup>209</sup> LOBATO, Lusía dos Santos. 01 de outubro de 2013. Residência da entrevistada em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.



Eu lembro de Alter de Chão com três ruas. Perde a característica da vila o cara vem pra cá e nem pode olhar a beleza da casa dele, porque ele está dentro de uma coisa quente aí dentro. Ele está almoçando fora e o ar condicionado tem que está ligado lá, quando vão deitar tem que está no ar condicionado.<sup>210</sup>

Na Fotografia 54 vê-se a casa azul, toda murada, construída em toda a extensão do terreno, que contraria a forma de viver dos moradores nativos da vila, que mantêm o quintal com árvores e plantas ornamentais e frutíferas. As árvores que aparecem ao lado da casa são do quintal do seu Laudelino Sardinha. Chama atenção também no portão da casa a imagem dos Botos Tucuxi e Cor de Rosa.



Fotografia 54 – A imagem da casa azul, à qual seu Laudelino faz referência, 2014.

Fonte: Cláudia Laurido Figueira.

A imagem da Fotografia 55 refere-se a casa do senhor Antônio de Jesus Vieira, localizada na Rua Dom Macedo Costa, que luta há anos para construí-la. O objetivo é mostrar os fragmentos da casa anterior, feita de barro com ripas de madeira. Segundo o interlocutor algumas pessoas o orientaram a não retirar a casa antiga, pois poderia ganhar dinheiro com a vinda de turistas à vila, no entanto confessa que não tem interesse nesse tipo de negócio, mas lembrou que seu neto

<sup>210</sup> VASCONCELOS, Laudelino Sardinha de. 22 agosto 2013. Residência do entrevistado em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

cobrava dos turistas que iam visitar o Museu do Índio<sup>211</sup> um dólar para fotografarem sua casa, como explica o entrevistado:

O pessoal não queria que nem derrubasse essa casinha de barro pra fazer de alvenaria. Quando esse museu funcionava aqui os turistas vinham pra cá e batiam muita foto porque que era coberta de palha, assim de barro. Eles admiraram muito aqui, quem gostava muito era um netinho meu, ele ficava aqui e cobrava um dólar cada.<sup>212</sup>



Fotografia 55 – Residência do senhor Antônio de Jesus Vieira, localizada na rua Dom Macedo Costa, 2013.  
Fonte: Cláudia Laurido Figueira.

Assim, seu Antônio de Jesus Vieira se recusa a ser percebido pelos turistas como parte “exótica” da paisagem, um “morador típico” da vila, como também se recusa a viver da mesma forma que os outros moradores que venderam suas casas e atualmente vivem em condições precárias nos bairros mais afastados que surgiram à década de 1990, como expressa o interlocutor: “Já veio muita gente pra comprar aqui. Eu disse: Não dou 80 mil nesse terreno aqui. Eu disse não. Eu vou

<sup>211</sup> Até meados da década de 1990 funcionou um Museu Indígena em Alter do Chão, que ficava ao lado da casa do senhor Antônio Vieira. O museu era de propriedade de um norte-americano casado com uma indígena. O mesmo montou o museu com diversas peças de variadas tribos da região. Após sua morte o museu foi desativado e as peças foram entregues ao governo do estado.

<sup>212</sup> VIEIRA, Antônio de Jesus. 20 de setembro de 2013. Residência do entrevistado em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

vender aqui, pra onde é que eu vou, depois de ter uma casa aqui eu vou lá pro mato<sup>213</sup>”.

Assim como seu Antônio de Jesus, outro morador que resiste em vender sua propriedade é seu Heitor Sardinha de Vasconcelos, o mesmo é constantemente procurado por pessoas que desejam comprá-la, embora ele já tenha vendido a maior parte de seu terreno em anos posteriores. O mesmo contou o motivo que o levou a isso:

Tudo isso era nosso até lá beira. Nós vendemos. Foi o tempo que ela adoeceu muito passou 19 anos doente. Levei ela duas vezes pra Manaus. Nós tinha 43 cabeças de gado. Tinha motor. Tinha uma C10. Tinha uma casa em Santarém e eu vendi tudinho, pra gastar com ela. Ai ficamos só com esse pedaço aqui e um sitio que ainda tá, pra lá do Caranazal.<sup>214</sup>



Fotografia 56 – Residência do senhor Heitor Sardinha de Vasconcelos.  
Fonte: Cláudia Laurido Figueira, 2014.

Seu Heitor Sardinha de Vasconcelos narra o motivo que o levou a vender os bens que possuía, o mesmo tinha uma condição privilegiada em relação aos demais moradores da vila. É possível localizar na Fotografia 56 a residência do senhor Heitor atualmente, a qual está entre o hotel “Mirante da ilha” e a casa branca de três

<sup>213</sup> VIEIRA, Antônio de Jesus. 20 de setembro de 2013. Residência do entrevistado em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

<sup>214</sup> VASCONCELOS, Heitor Sardinha de. 24 de outubro de 2013. Residência do entrevistado em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.



pavimentos. Toda a área que inclui estes imóveis pertencia ao seu Heitor. A fotografia 57 mostra a extensão do hotel “Mirante da Ilha”, as árvores em destaque indicam que nestes espaços residem moradores antigos da vila, assim como seu Heitor Sardinha de Vasconcelos e seu Antônio de Jesus Vieira.



Fotografia 57 – Fundo do hotel “Mirante da ilha”, localizado na rua Lauro Sodré, 2014.

Fonte: Cláudia Laurido Figueira, 2014.

A presença de prédios e casas de alvenaria compostas por muros interferiu nas relações de vizinhança, porque muitos moradores não residem mais no centro da vila, em lugar dos vizinhos estão o hotel, a pousada, o restaurante e residências fechadas. Seu Laudelino Sardinha analisa essas mudanças:

(...) Tem pessoas de outros países que não moram aqui, mas tem casa. Tem varias pessoas de São Paulo. Pessoal que fez concurso no Incra todos moram aqui. Existem algumas pessoas que estão preocupados com a comunidade com a questão ambiental, da infraestrutura, mas tem pessoas que vem pra cá e só pensa em se dá bem. Dane-se pra questão da tradição da comunidade.<sup>215</sup>

Além disso, destaca que Alter do Chão também é opção de moradia para algumas pessoas que passam em concurso público, porém, outros são estrangeiros que também possuem casas, mas só aparecem esporadicamente. Logo, a vila,

<sup>215</sup> VASCONCELOS, Darcilei Viana de. 12 de dezembro de 2006. Residência da entrevistada em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

antes formada por moradores nativos de ascendência indígena, agora também é composta por pessoas de origens diversas, e apenas alguns residem diretamente na vila, assim, a noção de comunidade se esvaziou, pois os laços de solidariedade, de ajuda mútua, do compartilhar da cultura local em parte foi comprometido porque a maioria dos nativos não vivem mais no centro da vila como anteriormente. Além disso, segundo seu Laudelino Sardinha, apenas algumas pessoas se engajam e se preocupam com a comunidade, mas outras possuem comportamentos individualistas e não estão interessados com a tradição da comunidade, esta representa as relações de solidariedade, do trabalho conjunto como eram exercidas nos atividades de puxiruns e nas reuniões do Conselho.

Darcilei Viana de Vasconcelos foi presidente do Conselho Comunitário em 2006 e aborda criticamente que o crescimento desordenado da vila interferiu na participação dos próprios moradores:

Hoje eu sinto dificuldade de trabalhar por conta desse crescimento desordenado que aconteceu, então a comunidade perdeu aquele espírito comunitário então ela só se interessa quando ela vai ganhar alguma coisa, por exemplo, na festa do Sairé, a comunidade toda participa porque ela tem um retorno, porque ela vai vender, o Conselho só gasta. Então tenho essa dificuldade porque as pessoas ficaram muito individualistas. Na verdade hoje a gente só tem 40% dos nativos a maioria hoje são pessoas de outras comunidade que vieram pra cá, como temos moradores de todo o Brasil.<sup>216</sup>

O crescimento da vila em decorrência da vinda de pessoas de outras comunidades e de outras regiões do país foi interpretado por Darcilei Viana de Vasconcelos como um fator que contribuiu para a “perda do espírito comunitário” e acrescenta que a maioria dos habitantes da vila é de fora, os nativos são poucos. Assim, atualmente, a comunidade trabalha conjuntamente na Festa do Sairé porque almeja retorno financeiro, portanto, o “espírito comunitário” foi substituído pelo individualismo. A mesma explica essa mudança através do exemplo da limpeza do cemitério:

O cemitério é também comunitário. A gente tem dificuldade de reunir as pessoas. Todo mundo tem sua preocupação. Quando morre eles me procuram e a gente faz um registro das pessoas que morrem e não paga nada, e a gente só pede que participe da limpeza. Neste ano, por exemplo, antes da iluminação nos passamos um semana para limpar o cemitério, poucos participaram, quando foi no terceiro dia eu coloquei uma nota na radio comunitária. Eu falei que a partir daquela data a família que não

---

<sup>216</sup> VASCONCELOS, Darcilei Viana de. 12 de dezembro de 2006, Alter do Chão: Entrevista. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

participar da limpeza do cemitério a gente ia cobrar, aí foi que as pessoas vieram participaram, daí eu expliquei pra eles que eu não ia cobrar, mas eu queria que eles participassem<sup>217</sup>

O cemitério é organizado e administrado pela comunidade através do Conselho. Os moradores de Alter do Chão não pagam taxa para sepultamento, mas em contrapartida assumem o compromisso de participar da limpeza do mesmo realizado de forma coletiva. Na década de 1970 o Conselho instituía a quinta feira para os moradores realizarem essas atividades comunitárias, mas em 2006 a coordenadora encontrava dificuldade em articular os moradores para a limpeza do cemitério.

Na Figura 4 o desenho não representa a realidade da vila de Alter do Chão atualmente, mas através deste é possível perceber as transformações que a mesma sofreu durante as décadas 1980 e 1990. A área pontilhada de azul corresponde à vila anteriormente, com apenas três ruas, como destacam os entrevistados - Lauro Sodré, Turiano Meira e Dom Macedo Costa; as travessas horizontais - Antônio Alves, Travessa dos Mártires, Agostinho Lobato e Copacabana. No Círculo nº 01 - local onde ocorria a Festa do Sairé, Praça 7 de setembro. No círculo nº 02 - Praça do Sairé construída em 1997; o círculo nº 03 agrega a delegacia, subprefeitura e a estação rodoviária; círculo nº 04 - CAT - Centro de Atendimento ao Turista e no círculo nº 05 localiza-se o posto de saúde, local onde o barracão do Sairé era construído na década de 1940.

---

<sup>217</sup> VASCONCELOS, Darcilei Viana de. 12 de dezembro de 2006. Residência da entrevistada em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.



Figura 4 – Desenho de Alter do Chão PA.

Fonte: Instituto Boanerue Sena

Dessa forma, o processo de reordenamento de Alter do Chão modificou a dinâmica comunitária. A maioria dos moradores nativos foi posto cada vez mais longe do centro da vila. Para os que ainda permanecem, a praia como lugar de lazer da família; os locais onde plantavam a roça e coletavam materiais para o artesanato; a casa dos pais onde passaram a infância, a rua onde as brincadeiras e danças se realizavam fazem parte das lembranças, pois hoje impera a marca do negócio simbolizado pelos hotéis, lojas, casas de veraneio e pousadas.

Atualmente, alguns moradores de Alter do Chão, dentre os quais está dona Lusía Lobato, participam da Associação Indígena Borari criada para discutir os problemas da comunidade, principalmente, os referentes à terra. É uma estratégia para defenderem seu patrimônio territorial que hoje está ameaçado pela



especulação imobiliária, pois os moradores nativos que ainda vivem na vila só possuem como documento do terreno o recibo de compra e venda, logo, alguns encontraram na Associação um mecanismo para fazer valer os seus direitos. Não é o objetivo deste estudo discutir esta temática, mas podemos citar esta como uma das estratégias que parte da comunidade encontrou para requerer a posse das terras que ainda não foram ocupadas, embora não seja mais possível recuperar o “beiradão” que um dia pertenceu à comunidade. O movimento pode, entretanto, conter “forças germinativas” de resistência capazes de responder aos anseios da comunidade nesse processo de luta pelos direitos sociais (BENJAMIN, 1986). Como está em curso, pesquisas futuras serão necessárias para melhor discutir a atuação da Associação Indígena em Alter do Chão. No momento, tal temática foge dos objetivos desta pesquisa.

No próximo item serão abordadas as mudanças ocorridas na Festa do Sairé em 1997, das quais duas foram estruturais: o Conselho Comunitário deixou de coordenar a festa e a parte folclórica foi apropriada pela prefeitura.

### 3.3 “NOVO MODELO DE ADMINISTRAÇÃO DA FESTA”<sup>218</sup> DO SAIRÉ

A Festa do Sairé ganhou maior projeção a partir do final da década de 1980 e se intensificou em meados de 1990. Em 1997 algumas mudanças foram implementadas na festa, como a criação da comissão organizadora do Sairé; a substituição da data e do local e a introdução do Festival dos Botos na parte folclórica. Para entender os significados dessas mudanças e a relação entre cultura e política serão analisadas as narrativas das lideranças e dos professores que assumiram a coordenação da festa em 1997. Segundo Barbero,

(...) é fundamental a compreensão da natureza comunicativa da cultura. Isto é, seu caráter de processo produtor de significações e não de mera circulação de informações, no qual o receptor, portanto, não é um simples decodificador daquilo que o emissor depositou na mensagem, mas também um produtor. (BARBERO, 2009, p. 289).

---

<sup>218</sup> VASCONCELOS, Laudelino Sardinha de. 22 agosto 2013. Residência do entrevistado em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

As narrativas estão carregadas de sentidos políticos em decorrência da atuação ativa das lideranças, por isso, a percepção sobre cultura não está desvinculada de política, assim, na compreensão de seu Laudelino Sardinha de Vasconcelos partir de 1996 em Alter do Chão se estabeleceu um novo modelo de administração da festa. É expressiva sua narrativa nesse sentido,

(...) em 1972 um grupo de doze pessoas reuniram né, em Alter do Chão para resgatar o Sairé. Dona Luzia, seu Argentino, dona Nazaré. Eles conseguiram fazer uma reconstituição da festa. Eles introduziram a questão folclórica na festa e colocaram duas coisas pra chamar atenção. Eles fizeram apresentação folclórica que era feito no palanque e um torneio de futebol. Eles uniram uma festa bem do interior e introduziram a questão folclórica. Ai a partir da década de 80 foi introduzida mais outras coisas como atletismo. Teve corrida de bicicleta. Teve maratona de Santarém. Teve natação, canoagem. Tudo isso era coordenado pela coordenação da Festa do Sairé. E como vai aumentando a participação das pessoas, vários grupos acabam coordenando. Eu era o coordenador da festa. Como se elegia o coordenador do conselho se elegiam coordenador da Festa do Sairé que era a mesma pessoa. O Lira Maia foi eleito prefeito em 96 e com isso ele não queria e não aceitava de jeito nenhum da gente coordenar a festa e a partir de 97 o Conselho Comunitário deixou de ser coordenador da festa. Eles criaram uma comissão e fizeram uma eleição. Queriam que eu concorresse à eleição. Aí houve apoio dos professores foram primeiro para a Comissão da Festa e depois se dividiram para fazer as duas coordenações dos botos. Houve um domínio da prefeitura sobre essa coordenação e aí a vila deixou de coordenar a Festa do Sairé em 97. Então a comunidade não foi mais chamada para discutir. Foi um novo modelo de administração da festa.<sup>219</sup>

Laudelino Sardinha de Vasconcelos reside em Alter do Chão desde que nasceu. Liderança ativa na comunidade, atuou como coordenador do Conselho Comunitário e coordenou também a Festa do Sairé até 1996. Sua narrativa apresenta sinteticamente as mudanças ocorridas na festa desde 1973, como as danças folclóricas, o futebol, atletismo, maratona, canoagem e natação. Essas mudanças dialogam com a dinâmica social inserida pela coordenação da festa, pois o público se diversificava, portanto, foram necessárias. Assim, as “novidades” indicam o movimento de transformação e “interação” entre elementos da tradição e da “modernidade” na Festa do Sairé e demonstra que a comunidade estava atenta às mudanças.

O interlocutor deixa claro que a festa tinha coordenação e esta atuava com o Conselho Comunitário. Compreende que o novo modelo de coordenar a festa se dá

<sup>219</sup> VASCONCELOS, Laudelino Sardinha de. 22 agosto 2013. Residência do entrevistado em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

a partir de 1996 quando foi eleito o prefeito de Santarém, Joaquim de Lira Maia<sup>220</sup>. Os professores articularam a eleição para a nova comissão da festa e a partir desse momento o Conselho Comunitário deixou de coordená-la, por isso entende que a “comunidade não foi mais chamada para discutir a festa”.

Outro aspecto relevante nessa narrativa é o fato do prefeito não aceitar que o senhor Laudelino Sardinha coordenasse a festa, embora não tenha mencionado, ele é militante do PT - Partido dos Trabalhadores. Logo as parcerias articuladas por Joaquim Lira Maia, do PFL – Partido da Frente Liberal foram realizadas com grupos da comunidade que compartilhavam com seu projeto político. Assim, o grupo dos professores argumentou que o Sairé não tinha coordenação, mas essa ideia não representa a realidade, pois as lideranças discutiam e planejavam a festa no Conselho Comunitário, portanto, as decisões tomadas tinham legitimidade para a comunidade. No entanto, os professores pretendiam assumir a Festa do Sairé e formar a Comissão organizadora, como relata Mauro Vasconcelos, professor, ex-coordenador da Agremiação do Boto Cor de Rosa e ex-membro do Conselho Comunitário e atual agente da prefeitura. É filho do seu Argentino Sardinha e dona Leocádia Lobato de Vasconcelos, ambos líderes ativos na comunidade. Fazia parte, juntamente com Laudelino Sardinha, do Conselho Comunitário em 1996 e conta como percebeu o movimento da Festa do Sairé nesse ano:

A minha participação no Sairé é desde pequeno. O papai foi um dos que incentivou o ressurgimento do Sairé em 73. A mamãe também e outros comunitários. Desde pequeno eu participo do Sairé. A gente dançava nos cordões, mas eu nunca me envolvi na organização do Sairé, assim, quer dizer até a pouco tempo né, a partir de 95 eu fui convidado para participar da coordenação do Sairé. Eu era o secretário da coordenação. Então em 95 a gente começou organizar a festa e a gente percebeu logo que essa festa tinha um grande público. (...) Então fomos com o Conselho Comunitário e exigimos a criação de uma Equipe Organizadora da Festa. Foi feito uma eleição na comunidade com todos os comunitários para decidir e o Cleuton Wanghon ficou como presidente da Comissão do Sairé. Eu fiquei como vice-coordenador. Eu sei que era uma comissão formada mais ou menos por 15 pessoas. A maioria eram professores da escola. Então, a gente resolveu fundar a Comissão Organizadora do Sairé em 96 e justamente em 97 houve a mudança também na administração de Santarém e aí entrou Lira Maia<sup>221</sup>

<sup>220</sup> Joaquim de Lira Maia candidato a prefeito de Santarém pela coligação – Desenvolvimento Participativo (PFL/PDT/PSC/PL/PV) venceu a eleição em 1996 com 25.087 votos.

<sup>221</sup> VASCONCELOS, Mauro Luis Lobato. 01 de setembro de 2013. Residência do entrevistado em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

Ao fazer referência aos pais, o interlocutor legitima sua trajetória na festa embasada na experiência dos seus genitores e afirma que sua participação no Sairé se deu nas danças folclóricas. Nos anos 1990 atuou como secretário da coordenação e percebeu que “atraía um grande público”, por isso era preciso dar novos rumos à festa. Assim, os professores exigiram do Conselho Comunitário a criação da Comissão Organizadora do Sairé, mas o processo de eleição foi tenso, visto que parte da comunidade, principalmente os “idosos” não aceitavam a mudança da coordenação, como relata Edilberto Ferreira Costa, professor, coordenador da Agremiação Boto Tucuxi:

Foi um tumulto na comunidade. Todo mundo reclamou porque tudo que é de primeira assim, né causa impacto. Eu sei que foi um reboição total porque nós estávamos compondo a chapa. Éramos jovens, inclusive o nome da chapa era renovação e ai eles acharam que estava havendo uma cúpula contra os idosos. Uma outra tradição do Sairé<sup>222</sup>

O “tumulto” e o “reboição” indicam que os “idosos” compreenderam que a comunidade deixaria de administrar a festa, pois as decisões que antes eram discutidas no Conselho seriam debatidas em reuniões articuladas pela prefeitura municipal, assim uma nova forma de conceber e administrar a festa surgia, retirando do Conselho Comunitário sua autoridade sobre a mesma. Cleuton José Vanghon Sardinha, professor e coordenador da Comissão da Festa do Sairé lembra como ocorreu o processo de escolha da nova coordenação:

(...) os professores se reuniram na casa da professora Conceição que é diretora pra formar uma chapa pra concorrer a eleição da Coordenação do Sairé e ai eu não estava presente, só fizeram me indicar e as pessoas que coordenavam a festa queriam novamente coordenar e ai e eu aceitei e não teve nem eleição porque não tinha com quem concorrer, não tinha concorrente comigo ai foi feito aclamação a gente passou esses anos como Coordenador da festa. Nós constituímos juridicamente a coordenação, né pra poder a gente receber recursos.<sup>223</sup>

A nova coordenação foi aclamada e instituída juridicamente, desvinculando-se do Conselho Comunitário. Em torno da festa se estabelecem disputas entre as lideranças em Alter do Chão. Sob esta ótica, Guarinello discute que a festa pode definir cooperação, consenso, mas,

<sup>222</sup> COSTA, Edilberto Ferreira. 4 de outubro de 2013. Residência do entrevistado em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

<sup>223</sup> SARDINHA, Cleuton José Vanghon. 01 de outubro de 2013. Residência do entrevistado em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

(...) pode, por vezes, ser abertamente competitiva e conflituosa, quando não há consenso sobre como deva dar-se, quem deve produzi-la como deve ser lida, correndo mesmo o risco de desorganizar o sentido e romper com a identidade que se propunha a produzir. (GUARINELLO, 2001, p, 974)

Para viabilizar as mudanças propostas, foi preciso anteriormente retirar a coordenação da festa das lideranças resistentes que não compartilhavam com o projeto da prefeitura. Nesse sentido, é importante pensar nas mudanças e permanências no Sairé após a nova coordenação. Um primeiro aspecto a considerar é sobre o local onde ocorria o mesmo, pois era notória a necessidade de transferi-lo, portanto, não era novidade, como defende Laudelino Sardinha: “A ideia não foi dele. A comunidade já tinha a necessidade de um local. O local foi uma marca que eles acham que foi da administração”.<sup>224</sup> Ainda sobre essa questão é relevante a narrativa de Mauro Vasconcelos:

Antes o prefeito Rui Correa já tinha um projeto de fazer um local próprio para o Sairé. Ele queria fazer naquele campo de futebol, mas a negociação com a associação do Santo Antônio nunca deu certo. Quando o Lira Maia entrou, ele já sabia desse projeto porque o Alexandre era secretário do Rui. Foi que nós reunimos com ele e pedimos pra levar em frente esse projeto de mudar o local que tava pequeno. Aí ele topou em fazer, inclusive ele sugeriu que a gente mudasse a data do Sairé.<sup>225</sup>

Tanto seu Laudelino Sardinha como Mauro Vasconcelos abordam que a mudança do local da festa não foi ideia do prefeito eleito, pois a coordenação anterior e o ex-prefeito Rui Correa já haviam discutido a necessidade de construí-lo. Assim, já existia um projeto e o prefeito Lira Maia o instituiu como marca da sua administração, portanto, este tinha interesse em administrar e interferir na festa. Nesse sentido, é expressiva a narrativa de Élcio Amaral Sousa, Secretário de Cultura na época:

(...) quando nós retornamos a Secretaria de Cultura, o Lira Maia fez algumas observações. Ele podia financiar, abrir uma verba maior para fazer o Sairé e ele falou duas coisas: primeiro temos que ver um local pra fazer; segundo nós temos que mudar a data. (...) nós tivemos que convencer parte da população e mudar a data e mudar o local, não tinha condição da gente promover uma festa de porte né, então nós fizemos aquela Praça do Sairé em 70 dias.<sup>226</sup>

<sup>224</sup> VASCONCELOS, Laudelino Sardinha de. 22 agosto 2013. Residência do entrevistado em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

<sup>225</sup> VASCONCELOS, Mauro Luis Lobato. 01 de setembro de 2013. Residência do entrevistado em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

<sup>226</sup> SOUSA, Élcio Amaral. 27 de outubro de 2006. Residência do entrevistado em Santarém, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

O prefeito eleito condicionou o financiamento da Festa do Sairé à mudança da data e do local, proposta que não foi aceita por parte da população. Assim, para realizar a “festa de porte” foi preciso construir a Praça do Sairé e transferir a data da festa para setembro.

Este fato interferiu na participação dos agentes do Sairé mais idosos, pois os mesmos têm dificuldade em se locomover até a praça, por isso, restringem-se em realizar apenas suas tarefas no ritual religioso, entendido como “obrigação” como narra dona Terezinha Lobato:

Não foi tanta mudança porque aqui na praça não dava mais pro pessoal. Crescendo cada ano. Crescendo, crescendo, crescendo mais e aí já não dava mais, já era uma confusão. Essas barraquinhas que eles vendem lá, já vinha pra cá, já era barraca pra lá e não sei o quê. E aí mudou pra lá por isso. Tem que mudar. Porque eu tenho preguiça. Eu não vou quase, lá. Lusía também. Só mesmo rezar e já volta. Mas aqui não, a gente tava na festa toda hora e aí pra nós, pros outros não sei. Pra mim, por exemplo, o primeiro, o segundo e o terceiro ano ainda foi bom. Era mais nova e tudo. Agora eu não me animo mais. Eu só vou rezar porque eu gosto, gosto, gosto, gosto. A gente vai com a Lusía e volta<sup>227</sup>

A interlocutora considera que a transferência do local da festa foi necessária por conta do número de pessoas e de vendedores que a cada ano era maior, por isso avalia que não foi novidade. Confessa que participava mais da festa quando a mesma era realizada na Praça 7 de Setembro, próximo da sua residência, mas após a mudança para a nova praça sua presença é mais expressiva no ritual religioso realizado no barracão. Mauro Vasconcelos explica o motivo que justificava o crescente número de pessoas presente em Alter do Chão na época da festa:

Muita gente nessa praça central da vila. O ritual religioso era feito ali no meio da multidão pouca gente dava importância na parte religiosa da festa. As danças eram feitas ali no elevado da praça. Era no máximo uns 20 casais e a participação do público na parte cultural era pequena. A gente percebeu que o povo na verdade vinha pra praia. Vinha na empolgação da própria fama que já tinha o Sairé<sup>228</sup>

Na percepção do interlocutor “a festa tinha um grande público”, porém este não apreciava o “ritual religioso e as danças folclóricas”, logo, a presença de um número considerável de pessoas na vila se dava em decorrência da praia. Nesse

<sup>227</sup> SOUSA, Terezinha Lobato. 02 de setembro de 2013. Residência da entrevistada em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

<sup>228</sup> VASCONCELOS, Mauro Luis Lobato. 01 de setembro de 2013. Residência do entrevistado em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

sentido, é relevante analisar como a festa era divulgada. Assim, de acordo com o jornal *Gazeta*:

O Sairé transforma o bucolismo de Alter do Chão. (...) Nesse período acontecem festas dançantes e torneios esportivos, além de várias competições esportivas. Outra que deveria ser a grande atração do Sairé, as praias de areia cristalina que circundam o lago verde e toda a vila ainda estão submersas pelas cheias do Tapajós. (...) Orientações como chegar à vila (...) através da estrada que tem boa cobertura asfáltica. (...) A viação Pérola do Tapajós que detém a exploração da linha de ônibus para Alter do Chão está prometendo aumentar o número de viagens durante a semana e no final de semana do Sairé deverá oferecer ao usuário ônibus de hora em hora. (...) O preço da passagem é de R\$ 1,00.<sup>229</sup>

Ao destacar que o “Sairé movimenta o final de semana” e transforma o “bucolismo de Alter do Chão” desconsidera as trajetórias de lutas e os desafios cotidianos dos moradores da vila que vivenciaram momentos difíceis, como já relatado no primeiro capítulo. Assim essa imagem “bucólica” e “sossegada” passada na matéria não é uma realidade presente em Alter do Chão. Além disso, faz referência apenas às atividades esportivas, festas dançantes e show, logo, outros aspectos da Festa do Sairé não eram divulgados, como as danças folclóricas e o ritual religioso. Além disso, reforça novamente que “a grande atração do Sairé” seriam as praias, por isso, implicitamente propõe a transferência da festa para o período que estas aparecem. A matéria informa também que a empresa “Viação Pérola do Tapajós” realizará viagens de Santarém a Alter do Chão, indício que revela que o número de visitantes era bem maior no final de semana, pois a empresa que monopolizada o transporte disponibilizava ônibus de hora em hora, e isso contribuiu para que muitas pessoas se deslocassem à vila principalmente no sábado e domingo.

Na fotografia 58, que destaca show realizado na praia<sup>230</sup>, além do expressivo número de pessoas também se faz presente a propaganda da cerveja “Cerpa” como uma das patrocinadoras da festa.

<sup>229</sup> Sairé movimenta Alter do Chão neste final de Semana. **A Gazeta**. p.12, 11 a 17 jul. 1996.

<sup>230</sup> Atualmente não mais é realizado show na praia devido aos riscos e por conta da degradação ambiental que essa atividade proporcionava.





Fotografia 58 - show na praia de Alter do Chão, 1998.  
Fonte: Arquivo de dona Leocádia Lobato de Vasconcelos.

Nesse sentido, a Praça 7 de Setembro não comportava o número crescente de visitantes, como destaca Mauro Vasconcelos: “O Sairé era feito em julho e não tinha praia. Geralmente nos cartazes do Sairé aparece a praia, então era uma propaganda enganosa e muita gente vinha com aquela fé que tinha praia”. Segundo o interlocutor, a mudança da festa para setembro está relacionada ao movimento das águas do rio Tapajós, mas esta proposta já havia sido cogitada em 1994 pelo secretário de cultura, o senhor Élcio Amaral Sousa. Além disso, havia os recorrentes apelos presentes nas matérias dos jornais que noticiavam a festa, como o caso do jornal Gazeta.

Dessa forma, é evidente que os jovens professores assumiam também o discurso do poder público e dos meios de comunicação, mas seu Laudelino Sardinha percebe que essa mudança tinha objetivo político,

Os nossos políticos podem fazer política, mas eles entendem pouco da questão cultural do povo. Eu vejo que existe um interesse que o Sairé virasse show e fechasse uma campanha eleitoral. O Sairé era em julho. Eu briguei. Eu falei um dia que o pessoal pegar vai ficar na véspera das eleições. E tiraram do mês de julho para setembro, exatamente 15 dias antes da eleição. Não só foi alteração na data, mas sofreu alteração na questão cultural. O festival folclórico se tornou um show e as pessoas vêm

pra curtir e pra ver o show e isso pra mim houve uma perda cultural muito grande.<sup>231</sup>

Na compreensão do interlocutor, a transferência da data foi estratégia política, visto que possíveis candidatos utilizariam a Festa do Sairé para se projetar, assim, não estariam preocupados com a “questão cultural do povo”, visto que o aspecto folclórico da festa se tornaria um show, portanto outros sentidos eram atribuídos ao mesmo. O destaque sobre o fato que os “políticos entendem pouco da questão cultural do povo” é significativo, pois comprovam a assertiva ao ampliarem a programação da festa introduzindo mais show e desconsiderarem as danças folclóricas que fazem parte do repertório cultural dos moradores de Alter do Chão, readaptadas para a festa do Sairé desde 1973. Dessa forma, a mudança da data não se orientou apenas a partir do movimento das águas do Tapajós, mas tem sentido político, pois possibilitou que prefeitos, vereadores e governadores se projetassem durante a festa. Priore, ao analisar as festas no período colonial já destacava que a festa possibilitava ao grupo social “(...) exaltação de posições e valores, de privilégios e poderes, era uma forma do indivíduo ou do grupo social afirmar seu lugar a cidade e a sociedade política”. (PRIORE, 2000, p, 37)

Assim, os shows têm relevância, pois agregam um público jovem que se deslocava à vila nos dias em que estes ocorriam. Dessa forma, para agradá-lo a apresentação de bandas locais não é suficiente, por isso são incluídas atrações nacionais que ganham destaque na programação e nas propagandas, como explica Mauro Vasconcelos,

(...) a gente trouxe shows nacionais porque o Sairé tem vários públicos. Tem o público do religioso que são os pesquisadores, os repórteres. São pessoas que fazem pesquisa que vem pro Sairé para assistir essa parte. Existe o público do folclore que gosta de qualquer tipo de dança. Existe aquelas pessoas que vêm pra se divertir. Então a gente tinha que dá uma opção pra eles e foi justamente os shows que começaram a ter. E tem gente que vem pra curtir a praia, então a gente pensou em tudo isso.<sup>232</sup>

O ritual religioso, as apresentações folclóricas, os shows e a praia são oferecidos ao público que frequenta a Festa do Sairé, mas o ritual religioso neste contexto aparece como fragmento do passado voltado apenas para aqueles que

<sup>231</sup> VASCONCELOS, Laudelino Sardinha de. 22 agosto 2013. Residência do entrevistado em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

<sup>232</sup> VASCONCELOS, Mauro Luis Lobato. 01 de setembro de 2013. Residência do entrevistado em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

desejam estudá-lo, seu Laudino Sardinha avalia que o destaque aos shows indica “perca cultural”, pois estes acabam desconsiderando o significado genuíno da Festa do Sairé, o ritual religioso que tem pouca expressividade nesse novo contexto.

A Praça do Sairé projetada para atender o “grande público” agrega barracão, as barracas de vendas e a quadra, estruturada com arquibancadas e camarotes onde ocorrem as danças folclóricas, os shows e o Festival dos Botos. Esta constitui no local fechado e seu acesso só é possível mediante o pagamento do ingresso. Dona Lusía Lobato analisa criticamente o significado que este espaço tem para a comunidade e para o poder público municipal:

E aí então quando é na época da festa eles mandam gente da prefeitura pra ficar na porta pra ver se tu paga, se tu entra. Quem entra. Eles ficam lá na porta. Vem o dinheiro, vem o dinheiro. O povo daqui se não quiser pegar um bilhete tem que rodar lá por trás do Sairé, pra pegar uma fila grande pra ele entrar, pra ter direito de entrar. Se ele não fizer isso ele tem que entrar por aqui e pagar a entrada dele. O ano passado (2005) eu tinha uma apresentação para fazer lá. Nós saímos do barracão. Aí ela disse: ah! por aqui não pode entrar. Eu digo: Eu entro. Eu vou entrar, já estou dentro e passei e entrei e eu volto se eu quiser! Já vai me impedir. Aí entrei. Então é isso que a prefeitura castiga. No fim eles pegam o dinheiro. Ninguém não sabe quanto deu por que se eles fizessem essa cobrança, mas quando fosse na varrição da festa, vinha. Olha comunidade, tá aqui o dinheiro, deu tanto, por exemplo pega isso pra lá, pega isso pra cá. Ninguém sabe quanto deu é de mil é muito dinheiro<sup>233</sup>

As apresentações folclóricas que antes eram realizadas no palanque de madeira na Praça 7 de setembro, acessível à comunidade e aos visitantes, foram transferidas para espaço privado e administrado pelo poder público. A comunidade tem que se contentar com um número limitado de cortesias distribuídas pelos funcionários da prefeitura. Além do controle do espaço a prefeitura não realiza prestação de conta do recurso arrecadado, pois era prática o Conselho Comunitário discutir a finalidade dos recursos e realizar a prestação de conta, como pode ser evidenciado na ata do dia 03 de agosto de 1984. Dona Lusía Lobato não questiona a cobrança das entradas, mais reivindica que os recursos adquiridos deveriam ser divididos com a comunidade.

---

<sup>233</sup> LOBATO, Lusía dos Santos. 01 de outubro de 2013. Alter do Chão: Entrevista. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.



Fotografia 59 - Lagos dos Botos – local onde ocorrem as apresentações folclóricas, 2006

Fonte: Cláudia Laurido Figueira.

Também compartilha dessa ideia Marlison Vasconcelos Soares, coordenador do Sairé:

Na verdade a Festa do Sairé é trabalhada muito mais pela prefeitura de Santarém. Você observa na bilheteria quem organiza ali são pessoas das secretarias. A gente precisa ter a festa como nossa. Nós ficamos refém aqui, não tem o financeiro. Olha a prefeitura faz porque ela se sente dona da festa. A bilheteria vai pra prefeitura, o dinheiro que entra vai pra prefeitura, a gente nem vê na verdade, a gente não sabe nem quanto que deu na porta. A prefeitura é a maior patrocinadora. Eu critiquei nesse ano, nos cartazes do Sairé a realização prefeitura de Santarém não tiveram a preocupação de falar prefeitura municipal e comunidade de Alter do Chão. Estamos tentando o patenteamento da marca do Sairé, só quem pode fazer essa festa somos nós. Falta iniciativa nossa. A festa quem vai fazer somos nós, prefeitura nós queremos só o apoio em relação a estrutura de Alter do Chão. É preciso vestimos a camisa e trabalhar.<sup>234</sup>

Essa avaliação do interlocutor é realizada quinze anos após as mudanças na Festa do Sairé. O mesmo reconhece que o lucro da festa não é compartilhado com a comunidade. “A dona da festa” é a prefeitura que administra a renda da bilheteria e detém os patrocínios, por isso nos cartazes de propaganda da festa, esta é destacada como a realizadora da festa.

<sup>234</sup> SOARES, Marlison Hélio Vasconcelos. 27 de setembro de 2013. Residência do entrevistado em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.





Figura 5 - Cartaz da Festa do Sairé, 2006.  
Fonte: Instituto Boanerge Senna.

A imagem focaliza a praia, portanto, a mensagem da festa está associada ao aspecto natural da vila. A frase em destaque traz o *slogan* da prefeitura “nossa gente” como também a cor vermelha simboliza o PT - Partido dos Trabalhadores - que estava no poder nesse ano. O símbolo do Sairé parece associado aos Botos, relacionando-os às agremiações do Tucuxi e Cor de Rosa e a frase em destaque – “encanto e sedução” – faz referências aos mesmos e não o símbolo do Sairé. As imagens selecionadas para compor o conjunto do cartaz são referentes aos dois momentos da festa: a folclórica representada por duas fotos referentes à rainha do artesanato e ao carimbó, que são apresentações que ocorrem no Festival dos Botos; o segundo é o religioso, representado pelas duas últimas imagens que destacam a procissão, os foliões e o símbolo do Sairé. Assim, o cerne da festa, o religioso, é posto em segundo plano e não há nenhuma referência às danças tradicionais da comunidade, assim “a festa depende muito de quem coordena”, como destaca seu Laudelino Sardinha:

Eu vejo que o Sairé não vai sumir, não vai deixar de existir, por causa desse simbolismo e também por causa de Alter do Chão abraçar as coisas que tem, então por mais que seja pouquinho, mas daqui a pouco, vai, aumenta, diminui, aumenta, depende muito às vezes de quem tá na coordenação da festa, depende do poder de mobilização, do poder de liderança que essa pessoa tem. Então a festa depende muito de quem tá coordenando, prioriza

esse ou aquele segmento, ah! vou priorizar o Boto, o Sairé não é importante, vamos tirar o torneio, entendeu.<sup>235</sup>

Assim, a Festa do Sairé inclui o religioso e o folclórico, este último agrega as danças tracionais, os shows e o Festival dos Botos; os torneios – o que vai ser destacado na festa depende do poder de mobilização da liderança, ou seja, depende do que é selecionado como mais relevante. A prefeitura patrocina a festa, logo, o aspecto que recebe mais investimento é o que gera lucro e dá maior projeção, pois segundo Marlison Vasconcelos Soares “os Botos é mais comercial, gera emprego, dinheiro. Tudo é pago”<sup>236</sup>. É a prefeitura quem administra os recursos em torno desse aspecto da festa.

O festival dos Botos inserido na programação do Sairé constituiu numa outra festa voltada mais para o espetáculo, para o evento, pois além de recursos possibilita também a projeção política. Assim, é bastante comum a presença do prefeito, vereadores, deputados e governador nesse momento que agrega um público grande, por isso a preocupação de seu Laudelino quando o poder público começa a “gerenciar a cultura”:

Eu tenho uma preocupação muito grande quando o município, o estado, o governo quer gerenciar a cultura. É importante para o governo o Sairé com 50 mil pessoas, porque é um evento que vai trazer o prefeito, vai trazer o vereador, vai trazer o deputado, vai trazer o governador, sabe. Então não interessa se vai perder a questão da tradição, a questão cultural.<sup>237</sup>

A introdução dos Botos na parte folclórica da festa consistiu na eliminação de algumas danças consideradas tradicionais da comunidade. De acordo com os professores entrevistados, a ideia de introduzir os Botos na festa do Sairé partiu do senhor Ormino Sardinha. O mesmo tomou conhecimento através do senhor Laudenor Albarado, Secretário de Cultura, que almejava realizar o Festival dos Botos em Santarém. De posse de tal informação, seu Ormino Sardinha sugeriu aos novos coordenadores do Sairé que incluíssem os Botos no Sairé, portanto, é perceptível que algumas lideranças articularam tais mudanças, as quais deram

<sup>235</sup> VASCONCELOS, Laudelino Sardinha de. 22 agosto 2013. Residência do entrevistado em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

<sup>236</sup> SOARES, Marlison Hélio Vasconcelos. 27 de setembro de 2013. Residência do entrevistado em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

<sup>237</sup> VASCONCELOS, Laudelino Sardinha de. 22 agosto 2013. Residência do entrevistado em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

outros sentidos à festa, transformando a parte folclórica em festival, como lembra Marlison Vasconcelos Soares :

Existem várias histórias como surgiram. O que nós sabemos mesmo foi que o Laudenor Albarado conversando com o tio Ormino Sardinha falou que pretendia fazer em Santarém a disputa do Boto Tucuxi e o Boto Cor de Rosa. Nesse momento tio Ormino falou pra nós:- Olha, porque a gente não faz aqui a disputa do boto. Então, isso foi falado numa piracéia, numa turma de jovens que nós fazíamos parte. Tava o Mauro Luís atual coordenador do Boto Cor de Rosa. Então ele lançou a ideia e foi bem aceita porque a gente precisava ter naquele momento algo mais atrativo para o público, além das danças tradicionais. Aí houve a apresentação em 97, não tinha disputa. O povo gostou da apresentação.<sup>238</sup>

Os Botos surgem nesse contexto como um atrativo para o público e constituiu na marca da nova coordenação que criou a apresentação baseada nas experiências dos cordões de pássaros, da conversa com artistas locais e de Parintins, como lembra Mauro Vasconcelos:

Em 97 quando assumimos a coordenação da festa a gente pensou no folclore né, como melhorar o folclore, aumentar a quantidade de brincante, ter mais espetáculo (...) Na verdade pra fazer esse cordão dos botos eu fui pedi opinião do Laurimar Leal e do Renato Sussuarana. Só que em 97 os botos surgiram num único cordão, não eram separados. O Luis Alberto fez a música que esta no cd de 97. A apresentação de 97 foi muito bonita e quem confeccionou as fantasias foi o Renato e o Laurimar confeccionou os botos. Aí nós fizemos a apresentação foi umas 100 pessoas. Tinha os dois botos, animal e homem. Tinha a iara. Tinha o pajé. Tinha o índio. Tinha carimbó. A apresentação de 97 foi muito bonita. O Cor de Rosa com disputa com o Tucuxi, matou o Tucuxi. O Tucuxi morreu, aí veio o pajé pra curar o Tucuxi e foi justamente pensando nessa ressurreição que o Laurimar falou que tem que ter morte e ressurreição. Aqui em Alter do Chão era habitada pela tribo Borari, então a gente pensou que esse pajé seria o pajé dos Borari, então foi feito tudo assim, uma pesquisa pra fazer a apresentação dos botos, então ouvimos muitas pessoas sabe, até o pessoal de Parintins, nos fomos lá e acharam muito interessante a disputa, então deram algumas dicas, deram o estatuto da disputa como era lá, então foi feito assim. Em 98 não houve disputa por causa desse fato que um artista trabalhava pra um e pra outro. Quando a gente já conseguiu cada boto ter seu artista, seu enredo, aí a gente iniciou a disputa dos botos<sup>239</sup>

O grupo de professores pretendia melhorar o folclore, trazer o espetáculo, o “novo”, para atrair o público como ocorria em Parintins com o Festival dos Bois. As primeiras orientações para montar o esquema de apresentação dos Botos foram sugeridas pelo artista plástico Laurimar Leal. O mesmo explicou que:

<sup>238</sup> SOARES, Marlison Hélio Vasconcelos. 27 de setembro de 2013, Alter do Chão: Entrevista. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

<sup>239</sup> VASCONCELOS, Mauro Luis Lobato. 01 de setembro de 2013. Residência do entrevistado em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.



(...) a história dos grupos de bichos na Amazônia se baseiam na morte e ressurreição do bicho, isso aí era influência de quem? Dos padres. Morte e ressurreição. Mas o padre nunca conseguiu fazer um boi levantar, o padre ia e benzia, quem levantava o boi era o pajé, então essa ideia foi transportada para os grupos de pássaros, quem levanta o pássaro é o pajé. A mesma ideia era pro boto, o tema, a razão era a mesma morte e ressurreição, mas não aconteceu.<sup>240</sup>

Laurimar Leal havia orientado que o esquema de apresentação dos Botos seguiria o mesmo dos grupos de pássaros em que a “morte e ressurreição” estavam presentes no enredo e de certa forma, as danças de pássaros questionavam o poder, o padre, pois quem “ressuscita o bicho morto é o pajé”, portanto, este é valorizado na história como sujeito principal. Mauro Vasconcelos explicou que esse esquema de apresentação adaptado para os Botos só foi apresentado em 1997 e nos anos posteriores articularam parcerias com artistas de Parintins e abandonaram a ideia inicial, por isso Laurimar Leal lamenta que “não aconteceu”.



Fotografia 60 - Praça 7 de Setembro – Imagem dos Botos, 2013.  
Fonte: Cláudia Laurido Figueira.

O poder público municipal apoiou a iniciativa dos novos coordenadores da festa. No entanto, a introdução dessa novidade ocasionou a retirada das danças

<sup>240</sup> LEAL, Laurimar dos Santos. 1 novembro de 2006. Residência do entrevistado em Santarém, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

tradicionais da comunidade; apenas algumas foram selecionadas para compor a programação folclórica, como relembra seu Élcio Amaral Sousa:

Colocamos tudo o que eles tinham lá, por exemplo, todas as danças de pássaros tudo para nós fazermos uma seleção, para nós temos uma ideia e depois escolher o que era que o público queria, se o público não aceitar não adianta nós fazermos, não adianta ser realizado. Ela só cria desenvolvimento se o público aceita como foi o Boi, como foi a festa das tribos em Juruti e assim consequentemente aí nós criamos os Botos<sup>241</sup>

Considerando a narrativa acima é perceptível que a prefeitura tentou selecionar as danças da comunidade que deveriam ser apresentadas na parte folclórica. Dessa forma, não só o espaço foi controlado e administrado pelo poder público, mas também o que deveria ser apresentado. Assim, mesmo as danças da comunidade deveriam passar por uma reorganização e para tanto foram contratados professores de dança para ensinarem novos passos e ritmos. Dona Terezinha Lobato lembra esse momento:

Eu não concordo sabe porque quando nós começamos quem ensinou pra nós os passos do curimbó era uma senhora que já morreu. Nós chamamos curimbó porque os antigos chamavam curimbó, nós estamos guardando isso. Eu não concordo que ela venha mudar o passo de curimbó aqui. Botar a música dela pra gente dançar. Não! Eu não concordo. Nós podemos muito bem criar outras letras. Outras músicas do curimbó. E mais no curimbó ela não meteu o bico<sup>242</sup>

Algumas danças foram retiradas do repertório tradicional, como a Pipira Brasileira e o Cruzador Tupi, por não se enquadrarem na nova perspectiva da festa. Mas outras - como o lundum e o curimbó - por exemplo, oriundas da cultura da roça, foram mantidas porque as lideranças antigas resistiram e não consentiram as “inovações” propostas, como “os passos, as letras e músicas”, pela professora de dança possivelmente contratada pela prefeitura. Dona Terezinha Lobato traz a tona algo relevante que está presente na transmissão das experiências através da tradição oral valorizada pelo grupo de moradores, principalmente, das lideranças que aprenderam os passos do curimbó com os antigos e se sentem na obrigação de mantê-lo. Por isso, modificar os passos, a música ou letra do curimbó é uma tarefa que cabe à comunidade e não a alguém que desconhece seu valor e significado. Assim, na programação da Festa do Sairé foi reservada apenas a quinta

<sup>241</sup> SOUSA, Élcio Amaral. 27 de outubro de 2006. Residência do entrevistado em Santarém, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

<sup>242</sup> SOUSA, Terezinha Lobato. 02 de setembro de 2013. Residência da entrevistada em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

feira para as apresentações das danças tradicionais da comunidade, as noites restantes são reservadas aos shows e à apresentação dos Botos. Assim como as danças foram reduzidas, diminuiu também o tempo reservado à cerimônia do barracão do Sairé; alguns mordomos, mordomas, por exemplo, e outros ficam mais interessados em participar das apresentações dos Botos. Dona Lusía Lobato comenta que são “essas coisas que perturba” a participação efetiva dos agentes do Sairé, pois são poucos.

Só que agora o pessoal reclama, por exemplo, eu estou lá rezando fazendo a minha parte. Eu vou porque eu gosto da cultura. A gente começou a gente inventou, mas eles reclamaram assim, não tem mais ninguém prestando atenção no barracão do Sairé e sim só vai pro Boto. Só que as vezes as pessoas são poucas, o tempo por exemplo que mordoma ou qualquer um daqui da cerimônia, da reza ele já está preocupado com o Boto. Ele não vem mais aqui porque lá é mais interessante. Ele já vai pra lá, não dá mais atenção aqui e são essas coisas que perturba, né. Mais acho que é festa. A gente tem se preparar para o povo que vem de fora, né. Então eu acho que se a gente que preservar a cultura, então cuide dela, não deixe ela escapar, né<sup>243</sup>

Também compartilha desse pensamento dona Maria Justa Lima:

(...) nós até reclamamos pra querer voltar pro mês de julho porque hoje em dia não estão mais dando aquela assistência direito pro Sairé, por causa dos Botos, porque primeiro quando era aqui a gente rezava, fazia todas aquelas cerimônias, mas demorava, agora a gente tem que ser ligeiro, eu já vou dançar, aquele dali já vai pra lá. Oh! meu Deus que não tem aquele tempo que a gente tinha né, aquela cerimônia que o Sairé merece, agora já é tudo ligeiro, foi essa mudança pra lá a gente quis voltar mais ficaram falando que não dava pra mudar porque já tinha todas essas coisas quantia de movimento<sup>244</sup>

As “inovações” representadas pelos Botos, os shows, não só diminuíram o tempo das danças como também o tempo reservado para a cerimônia da reza que era “demorada”, mas é abreviada por conta das apresentações, isso indica o que realmente é considerado relevante na festa. Na prática observa-se que o tempo e o espaço na festa que antes eram reservados e controlados pela comunidade passam para o domínio da prefeitura. Ficaram nas lembranças dos interlocutores o tempo dos cordões dos pássaros e das estratégias que faziam para comprar as roupas e para fazer parte da maioria das danças, pois “era só mesmo o pessoal da vila que

<sup>243</sup> LOBATO, Lusía dos Santos. 01 de outubro de 2013. Residência da entrevistada em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

<sup>244</sup> LIMA, Maria Justa Corrêa de. 3 de setembro de 2013. Residência da entrevistada em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

participava”<sup>245</sup>. O fato de solicitar ajuda da prefeitura e os Botos agregarem pessoas da cidade faz seu Antônio Viera entender que a festa não é mais da comunidade. Assim no tempo que esta fazia a festa, a vila era menor, as brincadeiras eram simples, havia o esforço de todas para programá-la e depois levavam as danças até a rua, como lembra seu Antônio de Jesus Vieira:

(...) a gente brincava as danças, né, não tinha Boto naquela época. Era só pássaro, cordãozinho era essas coisas mais fácil de fazer, e a gente batalhava tanto pra conseguir dançar. A gente dançava umas quatro ou cinco dança e todo mundo comprava a sua roupa, ninguém esperava pedi de ninguém essas coisa como é agora, fulano promete, promete quando chega na hora nem vem. E era assim que a gente vivia sabe, a gente ia pra dentro da mata cortava seringa pra compra roupa, quando era no dia da abertura todo mundo tava arrumadinho, mas só uma pessoa dançava quatro ou cinco brincadeira e ele conseguia a roupa. É porque era pequeno aqui, não tinha pra onde corre muito. Era roupa bonita. Antes do Sairé ou depois que acabava o Sairé a gente brincava nas casas, nas ruas passava aquelas horas não tinha outro movimento. É agora não pra ir lá é um sacrifício danado, era só mesmo o pessoal daqui que participava o pessoal de Santarém não tinha, porque naquele tempo era a gente que fazia a festa, a gente não lembrava desse negócio vai pedir em Santarém da prefeitura daqui, dali, não pessoal passava aqui, uma semana ou três semana a gente programava a festa, né.<sup>246</sup>

Ao abordar a prática de realizar danças nas ruas da vila após a Festa do Sairé indica o grau de proximidade entre os moradores e a rua, lugar público efetivamente vivenciado em tempos de festa. Segundo Brandão, o sentido dos rituais e celebrações populares no Brasil possibilita o “trazer a rua para a casa e devolver a casa à rua” (BRANDÃO, 1989, p. 21)

A Festa do Sairé desde a “reconstituição” em 1973 a 1997 passou por várias transformações; algumas tradições foram mantidas e outras reelaboradas. As mudanças implementadas em 1997 deram outros sentidos à festa, os quais são constantemente ressignificados. É relevante considerar que durante todo o percurso da festa, desde sua “reconstituição” as mudanças sempre foram presentes no Sairé, portanto não são exclusivas do ano de 1997. Isso indica o caráter dinâmico da festa que se atualiza no transcurso do tempo mediatizado pela atuação dos sujeitos sociais que a vivem e a organizam.

Considerando as mudanças implementadas em 1997, compreendemos que duas delas romperam a tradição: a primeira quando o Conselho Comunitário deixou

<sup>245</sup> VIEIRA, Antônio de Jesus. 20 de setembro de 2013. Residência do entrevistado em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

<sup>246</sup> Idem.

de coordenar a festa e a segunda está relacionada à apropriação da prefeitura no aspecto folclórico do Sairé. Em relação à primeira, o fato não está centralizado no Conselho em si, mas no significado que esta instituição tem na comunidade. As lideranças exerciam papel relevante no processo de discussão e planejamento das atividades que eram realizadas na vila, desde a limpeza da rua até a organização de uma festa como a do Sairé, por exemplo. Muitas conquistas da comunidade estão presentes na memória dos antigos e nos lugares, como a escola, o cemitério, as ruas, o posto médico, a estrada, o Centro Comunitário, dentre outros. São lugares de memória que expressam as marcas das conquistas e o sentido comunitário. Embora, a Comissão Organizadora da Festa do Sairé tenha substituído o Conselho no processo de pensar e organizar a festa, esta não herdou dos antigos líderes a “força genuína” da luta alicerçada no sentido do comum que foram experimentadas nos puxiruns. Assim, as novas lideranças, ao desconsiderarem o sentido comum - que significa partilhar ideias, projetos, realizar ações com fim no coletivo - destituíram em parte a autoridade da comunidade, transferindo-a para a prefeitura, que se tornou “dona da festa”. Assim, embora a Comissão seja constituída juridicamente, fator relevante nesse processo, faltou autoridade, esta não se constrói em cartórios, mas na vivência, no cotidiano, nas experiências das lutas diárias. Foi nessa trajetória que antigas lideranças adquiriram a experiência do sentido comunitário.

É pertinente analisar que o aspecto folclórico do Sairé criado em 1973 para “animar o povo”, a partir de 1997 passou a ser privado, pois a prefeitura estruturou um local em frente à Praça do Sairé com arquibancada e camarotes. O que antes era apreciado na praça por membros das famílias, agora não é mais acessível, pois o preço da entrada restringiu o acesso da comunidade ao local. Os recursos adquiridos também não são partilhados com a comunidade. Ao se recorrer às atas do Conselho é possível perceber que era prática das lideranças, após o término da festa, realizarem prestação de contas e empregarem parte dos recursos em benefício da comunidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Sairé significa pra mim é uma lembrança assim dos velhos que vai deixando pros mais novos, sabe. Assim que eu penso porque no tempo da minha avó era tudo diferente aí vai mudando, vai mudando é uma lembrança que vai ficando dos velhinhos prós mais novos, se visse o Sairé do começo era só umas bandeirinhas, agora não.<sup>247</sup>

Pra mim o sairé era uma festa da comunidade, bem organizada. Todos participavam. E aí foi crescendo. Eu acho já que não é uma festa da comunidade é mais uma festa comercial (...) já trabalham pra ganhar o seu dinheiro (...) não participam do barracão, da ladainha, da festa, só os mordomos, o resto tudo tá fazendo suas vendas pra ganhar seu dinheiro.<sup>248</sup>

O sairé é uma herança que ficou dos nossos antepassados pra gente tá fazendo agora. Ali (barracão) que é a festa, ali é que significa o Sairé.<sup>249</sup>

O Sairé pra mim significa a lembrança dos antepassados daqui. Pra mim lembra muito como o povo vivia e como o povo cultuava as coisas da religião. O pessoal não quer perder aquilo que os nossos antepassados viveram, né para os outros pode até ser sem graça, mas pra nós filho do lugar vem lembrar os nossos antepassados, nossa gente como eles viviam meio matutado, mas era isso, né.<sup>250</sup>

Enveredando pelos caminhos das memórias, pretendemos deixar algumas reflexões, as quais não são ponto de chegada, mas possibilidades para novas saídas na busca incessante do conhecimento histórico que se refaz continuamente. Estudar a Festa do Sairé a partir das memórias das lideranças considerando seu cotidiano, lutas e modos de viver possibilitou encontrar pistas significativas sobre o sentido da festa, o qual se faz presente no corpo, nos gestos, no olhar, no modo de fazer e nas histórias herdadas dos antepassados.

Retornando às discussões desta pesquisa a partir das narrativas dos quatro interlocutores acima citados, pois de alguma forma sintetizam os aspectos principais da Festa do Sairé e o significado que esta tem para os mesmos. O primeiro aspecto é que a festa é percebida como uma lembrança dos antepassados transmitida pelos “velhos” (avós) à geração mais nova. Essa lembrança continua realimentada e transmitida através das histórias, dos contos e lendas pelas avós responsáveis por

<sup>247</sup> VIEIRA, Antônio de Jesus. 20 de setembro de 2013. Residência do entrevistado em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

<sup>248</sup> VASCONCELOS, Leocádia Lobato de. 21 de agosto de 2013. Residência da entrevistada em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

<sup>249</sup> LOBATO, Lusía dos Santos. 01 de outubro de 2013. Residência da entrevistada em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

<sup>250</sup> BRANCO, Maria de Nazareth Sardinha. 20 de agosto de 2013. Residência da entrevistada em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

manter vivas as tradições. Elas representam a força da tradição oral que encontrou uma “comunidade ouvinte”, que escutou atentamente essas histórias antes de dormir e as internalizou como herança.

Relembramos as observações do jesuíta João Daniel ao mencionar o papel das mulheres velhas na transmissão das tradições que os indígenas escutavam e obedeciam. Logo, tais mulheres detinham a autoridade da palavra e eram respeitadas por exercer a função de narradoras da tradição. As experiências dessas mulheres continuam em curso, pois seus “apelos” não foram “rejeitados” e os “ecos de vozes” (BENJAMIN, 1986) ressoam nas histórias contadas por mulheres que viveram e vivem em Alter do Chão. Estas podem ser representadas pela saraipora porque esta traduz o sentido de resistência, as mulheres velhas, a força da tradição oral, pois a partir das lembranças dessas mulheres emergiram símbolos, rituais e personagens adaptados num contexto em que Alter do Chão foi percebida pelos programas governamentais como “vila turística”.

Nesse processo de reinvenção da tradição compreendemos que a festa é dinâmica, se atualiza e se transforma no transcurso de sua realização. Desta forma, práticas como a cerimônia de “ceicuiara” e a escolha dos festeiros através da bandeira deixaram de existir, pois passaram a ser escolhidos no Conselho. O barracão ampliou-se após sua transferência para a Praça 7 de Setembro; os shows foram incluídos na programação da festa; a ladainha que inicialmente era rezada na Igreja foi transferida para o barracão, enfim, percebemos como a comunidade vai modificando a festa, pois aspectos são selecionados e outros excluídos porque deixam de ter “sentidos referenciais”. Por isso, a tradição não pode ser vista como algo estático, imóvel, “não se fixam para sempre” (HALL, 2003, p. 260) e “contém o elemento perturbador da seleção e exclusão” (OLIVEIRA, 2008, p. 282).

Para compreender os valores que perpassam a Festa do Sairé foi preciso instigar nos interlocutores as lembranças da infância e da festa da padroeira. Assim, emergiu das reminiscências a vida cotidiana marcada pelas necessidades e desafios resolvidos através dos puxiruns, cujas marcas estão expressas no prédio da escola, na estrada, na casa comunitária, no cemitério. Por isso, as memórias da festa estão relacionadas à memória dos lugares, do puxirum, do trabalho. O sentido comunitário vivenciado nos puxiruns é ritualizado em vários momentos da festa: na busca dos mastros; da construção do barracão; na partilha do alimento; na distribuição do



tarubá. Mas, o sentido comunitário também estava presente nas reuniões do Conselho, que agregava homens e mulheres, os quais se posicionavam politicamente, planejavam e discutiam a festa e empregavam os recursos adquiridos em benfeitorias usufruídas coletivamente. Portanto, o Sairé é festa da comunidade.

Entendido como herança, a Festa do Sairé se realiza no barracão, lugar da resistência e da memória porque possibilita o encontro de gerações, da família, onde a tradição é transmitida nos gestos, no canto, na reza, no fazer o alimento, no tocar os instrumentos. As experiências transmitidas durante a festa se realizam na prática, no fazer, onde mulheres, homens e crianças compartilham do momento. O barracão exposto na praça é aberto ao público, sua estrutura é receptiva - feito de palha, construído pelos homens e enfeitado com adereços coloridos confeccionados pelas mulheres e insiste em permanecer em meio aos shows e ruídos das músicas “modernas” que ganham a praça, mas é onde a Festa do Sairé é vivenciada. Assim, o barracão é acessível e identifica a comunidade.

O sentido da festa se faz também no ato religioso em que o santo exerce função essencial, porque antes de comer é preciso rezar, agradecer. A Festa do Sairé traz em seu cerne a rebeldia ao agregar práticas do catolicismo popular, as quais foram abolidas pela Igreja da festa da padroeira, desse modo, os mastros, ladainha, foliões, rezadores ganham expressividade e visibilidade na festa. O culto do Divino e da Santíssima Trindade foi adaptado para compor o rito religioso. Trazê-los é “relembrar os antepassados”. É a força do catolicismo popular que se faz presente no barracão.

“Novos tempos” exigem que a comunidade introduza “novidades” na festa, pois no final da década de 1980 e início de 1990 o acesso à vila de Alter do Chão foi facilitada por conta da pavimentação da Rodovia Fernando Guilhon, viabilizando através do transporte coletivo o acesso de visitantes, principalmente nos finais de semana, logo, o fluxo de pessoas aumentou consideravelmente. A comunidade aceitou o desafio e ampliou a programação para o novo público, como os bailes e shows na praça, isso exigiu articulação de parcerias com entidades e a imprensa, tendo esta última desempenhado papel importante ao divulgar sua programação. Nesse sentido, o Sairé ganhou a mídia, mas a comunidade planejava e realizava a festa.

O sopro da “modernidade” trouxe desafios à comunidade, pois junto com visitantes e turistas também chegaram comerciantes e empresários que perceberam a possibilidade de lucro econômico, logo, outros sentidos são atribuídos à vila e à Festa do Sairé. Assim, o centro da vila transformou-se rapidamente, casas feitas de taipa foram cedendo lugar a pousadas, hotéis e lojas e os moradores nativos foram ocupar áreas mais distantes, as quais denominam de “bairro novo”, Jacundá, dentre outros. E o “beiradão” deixa de ser da comunidade e passa a pertencer ao dono do hotel e de pessoas que moram em Santarém ou em outras localidades, que só aparecem nos finais de semana.

O crescimento da vila e a redução do número de nativos residentes nesta interferiu na dinâmica da comunidade e o sentido comunitário ficou comprometido, pois a participação nas atividades organizadas pelo Conselho, como a limpeza do cemitério, por exemplo, tornou-se mais difícil.

Assim, em meados de 1997, a Festa do Sairé foi transferida para a Praça do Sairé, construída pela prefeitura para melhor atender o público que se dirigia ao local no período da festa. O barracão, mastros e barracas foram deslocados para a nova praça e a prefeitura se apropriou da parte folclórica da festa e atribuiu a mesma outros sentidos, pois para alocar as apresentações (danças e shows) foi montado um local com estrutura móvel, ao qual a comunidade não tem acesso, por ser um espaço fechado formado de arquibancadas e camarotes, logo, projetado para outro público. Relembrando o ano de 1973, as lideranças criaram a parte folclórica na Festa do Sairé para “animar o povo”. Os artistas eram os próprios moradores de Alter do Chão, que trabalhavam muito para conseguir comprar as roupas das danças. Estas eram apresentadas no palanque de madeira construído na praça. Havia proximidade entre o público e os artistas. As famílias podiam assistir as apresentações porque eram públicas e os recursos adquiridos no Sairé advinham das vendas das barracas. Mas a prefeitura, ao se apropriar desse aspecto da festa a transforma em privada, com acesso pago, gerando recursos, mas estes não são repartidos com a comunidade.

Dessa forma, o “Largo dos Botos” necessitava de apresentações que atraíssem público, já que o objetivo era financeiro. Nesse sentido, as danças da comunidade não se enquadravam ao novo modelo de apresentação folclórica e por conta disso algumas danças foram retiradas da programação; nas que foram

mantidas, houve tentativa da prefeitura em modificá-las, segundo o esquema do “espetáculo”. Logo, é possível perceber a luta em torno da cultura, pois as lideranças não permitiram a retirada total de suas danças, principalmente, as oriundas dos puxiruns, visto que são consideradas tradicionais e heranças dos antigos. A atuação da prefeitura não é absoluta, porque sempre há formas de resistência da comunidade quando esta quer modificar certas tradições.

Segundo Hall (2003, p, 263). “A cultura popular é um dos locais onde a luta a favor ou contra a cultura dos poderosos é engajada; é também o prêmio a ser conquistado ou perdido nessa luta”.

Nesse embate, a comunidade perde o controle da parte folclórica da festa, restou apenas um dia - a noite de quinta-feira - para as apresentações das danças tradicionais, mas, por outro lado, os agentes do Sairé ganharam a mídia e aproveitaram para contar suas histórias, pois é comum no barracão a presença de fotógrafos e repórteres contratados pela prefeitura para fazerem a cobertura da festa. É nesse momento que os agentes do Sairé apropriam-se da mídia, projetando-se como protagonistas. É fato que a abertura da Festa do Sairé ocorre em frente ao barracão e esta inicia com seus rituais – procissão e levantação dos mastros – logo, a imprensa volta-se para os agentes do Sairé.

Outra mudança que destituiu parte do poder da comunidade em relação ao controle da festa foi o momento em que o Conselho Comunitário deixou de coordená-la. Considerando as atas das reuniões do Conselho, as festas tinham a função de levantar recursos financeiros para resolver a necessidade da comunidade. Todas eram programadas e discutidas nas reuniões e era comum também apresentarem as prestações de contas das festas. Assim, as lideranças que apoiaram a prefeitura em 1997 se ressentem, pois a administração e planejamento da Festa está sob a coordenação da prefeitura, através das secretarias de cultura, turismo e infra estrutura, pois os recursos adquiridos na parte folclórica, dentre outros, não são divididos com a comunidade como também não há prestação de contas. Além disso, o espaço onde ocorrem as apresentações não é reconhecido pela comunidade, que a vê como algo “deles”, “do outro”, da “prefeitura”. Por isso,

muitas expressões saltam nas narrativas destacando esse sentimento do não pertencimento: **“naquele tempo era a gente que fazia a festa”**<sup>251</sup>.

Ainda sob este aspecto, as novas lideranças (professores) criaram dois grupos, o “Tucuxi” e o “Cor de Rosa”, que ganharam expressividade e tornaram-se uma das principais atrações da festa, mas exigem recursos financeiros, portanto, dependem da prefeitura para viabilizá-los. Desde 1997 é visível que as imagens divulgadas da Festa do Sairé que sobressaem nos cartazes, *outdoor*, *site* são dos “Botos” e da praia, mas a comunidade tem como certo que a festa está associada ao “barracão”.

Em relação à mudança da data da festa, desde o início da década 1990 a prefeitura e a imprensa argumentavam que o número de visitantes seria maior se realizada no período da praia, no entanto a comunidade resistia, pois parte desta sobrevivia em decorrência da venda de comidas, bebidas, doces, e como não havia praia em julho a Festa do Sairé era um motivo para atrair os visitantes. Retirando esta do mês de julho, a comunidade ficaria no prejuízo. Mas as forças políticas foram avassaladoras e a comunidade não conseguiu manter o Sairé em julho, porém, algumas lideranças criaram outra atividade cultural, o festival do Borari, realizado em julho, o qual é coordenado pela comunidade. Percebe-se que esta cria estratégias de sobrevivência para defender seus direitos. Não foi possível trazer mais informações sobre o festival do Borari, sendo necessário aprofundá-lo em outro momento.

Outro aspecto indicado na documentação e que precisa ser estudado detalhadamente é a questão fundiária, bastante discutida entre as lideranças desde 1975. Na década de 1990 a intensa especulação imobiliária transformou a vila em lugar de hotéis, pousadas, restaurantes e casas de veraneio. Atualmente, algumas lideranças tem articulado através da Associação Indígena Borari, estratégias para evitar que áreas ainda não habitadas sejam adquiridas ilegalmente. Assim, este é outro tema que poderá ser estudado, pois parte dos moradores de Alter do Chão identificam-se e assumiram sua identidade indígena, portanto, seria pertinente um estudo de como esse processo está ocorrendo.

---

<sup>251</sup> VIEIRA, Antônio de Jesus. 20 de setembro de 2013. Alter do Chão: Entrevista. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

A Festa do Sairé possibilita a análise de varias temáticas, como a da religiosidade popular, a questão de identidade presente no movimento indígena e a defesa de direitos fundamentais, como a terra, dentre outros. Em sua “gênese” existe o germe da resistência que se manifesta nas lutas cotidianas e são expressas na festa e embora a modernidade se faça presente, esta convive com práticas tradicionais que não foram destituídas, como a força da oralidade e da transmissão das experiências através dos gestos e da prática entre as gerações que ocorre na festa em seus vários momentos. Assim como os padres jesuítas não conseguiram anular o poder que as “mulheres velhas” detinham ao repassar a tradição através das histórias, a prefeitura, mesmo com sua força política também não conseguiu destituir o protagonismo da comunidade que articula outras estratégias para continuar exercendo sua autoridade.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Martha. **O império do Divino**: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830 –1900. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999.
- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- ANNAES DA BIBLIOTECA ARCHIVO PÚBLICO DO PARÁ. **Festas populares no Pará**. Belém, 1904.
- APONTAMENTOS PUBLICADOS PELA CÚRIA PRELATÍCIA, EM COLABORAÇÃO COM OS PP. FRANCISCANOS DE SANTARÉM. **O Cinquentenário da Prelazia de Santarém** – 1903 a 1953. Petrópolis: Vozes, 1953.
- ANUÁRIO DA PRELAZIA DE SANTARÉM. N. 10. Santarém, 1973
- ARENZ, Karl Heinz. Do Alzette ao Amazonas: vida e obra do padre João Felipe Bettendorff (1625-1698). **Revista Estudos Amazônicos**. Belém, Vol. V, nº 1, p. 25-78, 2010.
- BARBERO, Jesus Martín. **Dos meios às mediações**. Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.
- BATES, Henry Walter. [1863] **Um naturalista no rio Amazonas**. São Paulo: Ed. Ataliaia, 1979.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**. Ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é folclore**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- \_\_\_\_\_. **A cultura na rua**. Campinas: Papirus, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Memória do sagrado**. Estudos de religião e ritual. São Paulo: Paulinas, 1985.
- BRUIT, Héctor. O visível e o invisível na conquista hispânica da América. In: VAIFAS, Ronaldo (org.) **América em tempo de conquista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas**. 4ª. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

CÂMARA CASCUDO, Luis. **Dicionário do folclore brasileiro**. São Paulo: Global, 2001.

CAMPOS, Simone Martinoli Madeira. **Espaço Nacional e Amazônia**. A concepção do Estado Brasileiro, 2004. Disponível em: <[http://www.usp.br/fau/cursos/graduacao/arq\\_urbanismo/disciplinas/aup0270/4dossi e/martinoli04-amazonia/Espaco-nacional-e-Amazonia.pdf](http://www.usp.br/fau/cursos/graduacao/arq_urbanismo/disciplinas/aup0270/4dossi e/martinoli04-amazonia/Espaco-nacional-e-Amazonia.pdf)>.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CHAVES, Maria do Perpétuo Socorro R. **De “cativo” a “liberto”**. O processo de constituição sócio-histórica do seringueiro no Amazonas. Manaus: Editora Valer, 2011.

CRUZ, Heloisa de Faria. PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. **Na oficina do historiador: conversa sobre história e imprensa**. Projeto História, São Paulo, dez. 2007.

CYPRIANO, Doris Cristina Castilhos de Araújo. **Almas, corpos e especiarias**. A expansão colonial nos rios Tapajós e Madeira. Instituto Ancietano de Pesquisas: Rio de Grande do Sul, 2007.

DANIEL, João. **Tesouro descoberto no máximo rio Amazonas**. V.1. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos, e outros episódios da história cultural francesa**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

FRAGOSO, Hugo. A era missionária (1686-1759). In: HOORNAERT, Eduardo. **História da igreja na Amazônia**. Rio de Janeiro: Vozes, 1992.

GALVÃO, Eduardo. **Santos e visagens**. Um estudo da vida religiosa de Itá; Amazonas. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.

\_\_\_\_\_. Vida religiosa do caboclo da Amazônia. **Boletim do museu nacional**, Rio de Janeiro, n 15, p. 1-10, abril. 1953.

GINZBURG, Carlo. **Mitos e emblemas: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOMES, Flávio dos Santos. **A hidra e os pântanos: mocambos, quilombos e comunidades de fugitivos no Brasil**. (século XVII-XIX). São Paulo: UNESP, 2005.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Festa, trabalho e cotidiano. In. KANTOR, Iris.



JANCSÓ, István (orgs). **Festa: Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa**. Vol. II. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial, 2001.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidade e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HOORNAERT, Eduardo. **O cristianismo moreno do Brasil**. Rio de Janeiro: Vozes, 1990.

HUERTAS, Daniel M. **Da fachada atlântica à imensidão amazônica: fronteira agrícola e integração territorial**. São Paulo: Annablume, 2009.

KOHLHEPP, Gerd. Conflitos de interesse no ordenamento territorial da Amazônia brasileira. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 16, p. 37-61, agosto 2002. Número 45

KOSSOY, Boris. **Fotografia&História**. 2ª. ed. São Paulo. Atilie Editorial, 2001.

LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. Nossos intelectuais e os chefes de "mandinga": repressão, engajamento e liberdade de culto na Amazônia (1937-1951), 2011. 231 f. **Tese** (Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos ) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2011.

LEÃO, Renato Freitas de Castro; OLIVEIRA, Janete Marília Gentil Coimbra. O plano diretor e a cidade de fato: o caso de Santarém-PA. **Revista Geográfica de América Central**. Numero especial EGAL, 2011 pp 1-15.

MALUF, Marina. **Ruídos da memória**. A presença da mulher fazendeira na expansão da cafeicultura paulista. (Tese de doutorado – Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.). São Paulo, 1994.

MARIANO, Neusa de Fátima. **A divina festa do Espírito Santo: uma manifestação da religiosidade popular em Mogi da Cruzes, SP**. Espaço e Tempo, São Paulo. N. 25, 2009, p.89.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Uma outra “invenção” da Amazônia. Religiões, histórias, identidades**. Belém: Cejup, 1999.

\_\_\_\_\_. **Padres, pajés, santos e festas: Um estudo antropológico uma área do interior da Amazônia**. Belém: Cejup, 1995.

MELLO, Neli Aparecida de. **Políticas territoriais na Amazônia**. São Paulo: Annablume, 2006.

MENDES, Luiz Augusto Soares. OLIVEIRA, Janete Marília Coimbra. Expansão urbana e a produção de periferias em Santarém (PA): um estudo de caso sobre o entorno da avenida Fernando Guilhaon. **Anais XVI Encontro Nacional de Geografo:**

Crise, práxis e autonomia. Espaços, resistência e de esperanças. Espaços de dialogo e práticas. Porto Alegre, 2010.

MOREIRA, Carlos de Araújo Neto. Os principais grupos missionários que atuaram na Amazônia brasileira entre 1607 e 1759. In: HOORNAERT, Eduardo. **História da igreja na Amazônia**. Rio de Janeiro: Vozes, 1992.

OLIVEIRA, Luís Inácio. **Do canto e do silêncio das sereias**: um ensaio à luz da teoria da narração de Walter Benjamin. São Paulo: EDUC, 2008.

Oliveira, Janete Marília Gentil Coimbra de. Expansão urbana e periferização de Santarém-PA, Brasil: questões para o planejamento urbano. Diez años de cambios en el Mundo, en la Geografía y en las Ciencias Sociales, 1999-2008. **Actas** del X Coloquio Internacional de Geocrítica, Universidad de Barcelona, 26-30 de mayo de 2008. Disponívem em: <<http://www.ub.es/geocrit/-xcol/268.htm>>.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

OTTE, Alexandre. **Só Deus é grande**. A mensagem religiosa de Antônio Conselheiro. São Paulo: ed. Loyola, 1990.

PEREIRA, Nunes. **O sahiré e o marabaixo**. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1989.

PEREZ, Léa Freitas. AMARAL, Leila. MESQUITA, Wania (orgs). **Festa como perspectiva e em perspectiva**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro. Vol. 2 n. 3, 1989, p. 3-15.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre ética na história oral. In: **Projeto História**. São Paulo, nº 15, p. 13-49, 1997.

\_\_\_\_\_. **Ensaio de história oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PREITURA MUNICIPAL DE SANTARÉM. **Plano de desenvolvimento urbano de Santarém**. Santarém, 1975.

PRIORE, Mary Del. **Festas e utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

REIS, Artur Cezar Ferreira. **A conquista espiritual da Amazônia**. São Paulo:?, 1942.

SANTIAGO, Maria do Socorro de Farias. Pelos caminhos do Sairé: um estudo do aproveitamento da cultura popular no teatro-educação. São Paulo, 1996. **Tese de Doutorado**. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

SANTOS, João. **Monsenhor Frederico Costa**: 1º. Prelado de Santarém. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1978.

SEIXAS, Jacy Alves. Os tempos da memória: (des) continuidade e projeção. Uma reflexão (in) atual para a história?. **Projeto História**, São Paulo, jun. 2002.

\_\_\_\_\_. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais: In: BRESCIANI, Stella, NAXARA, Márcia. **Memória e (re) sentimento. Indagações sobre uma questão sensível**. 2ª. Ed. Campinas –SP: Editora da Unicamp, 2004.

SOUZA, Laura de Mello. **O diabo e a Terra de Santa Cruz**: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

VAZ FILHO, Florêncio Almeida. A Emergência étnica dos povos indígenas do baixo Rio Tapajós, Amazônia. Salvador, 2010. **Tese de Doutorado**. Universidade Federal da Bahia.

\_\_\_\_\_. **Dicionário** Papa-xibé do Baixo-Amazonas, 2010.

ZICMAN, Renée Barata. História através da imprensa – algumas considerações metodológicas. In: **Projeto História**, São Paulo, jan/dez. 1985, p, 90.

## FONTES

### **Atas das reuniões do Conselho Comunitário de Alter do Chão**

Ata da reunião do Conselho Comunitário de Alter do Chão (PA) do dia 29 de fevereiro de 1973.

Ata da reunião do Conselho Comunitário de Alter do Chão (PA) do dia 26 janeiro de 1975.

Ata da reunião do Conselho Comunitário de Alter do Chão (PA) do dia 02 fevereiro de 1975.

Ata da reunião do Conselho Comunitário de Alter do Chão (PA) do dia 14 agosto de 1975.

Ata da reunião do Conselho Comunitário de Alter do Chão (PA) do dia 21 de março de 1976.

Ata da reunião do Conselho Comunitário de Alter do Chão (PA) do dia 18 de abril de 1976.

Ata da reunião do Conselho Comunitário de Alter do Chão (PA) do dia 01 maio de 1976.

Ata da reunião do Conselho Comunitário de Alter do Chão (PA) do dia 5 de julho de 1978.

Ata da reunião do Conselho Comunitário de Alter do Chão (PA) do dia 5 de dezembro de 1978.

Ata do Conselho Comunitário de Alter do Chão (PA) do dia 13 março de 1979.

Ata da reunião do Conselho Comunitário de Alter do Chão (PA) do dia 04 maio de 1979.

Ata da reunião do Conselho Comunitário de Alter do Chão (PA) do dia 09 março 1984.

Ata da reunião do Conselho Comunitário de Alter do Chão (PA) do dia 09 de março de 1984.

Ata da reunião Ata da reunião do Conselho Comunitário de Alter do Chão (PA) do dia 03 de agosto de 1984.

Ata da reunião do Conselho Comunitário de Alter do Chão (PA) do dia 23 de janeiro de 1986.

Ata da reunião do Conselho Comunitário de Alter do Chão (PA) do dia 08 de agosto de 1986.

Ata da reunião do Conselho Comunitário de Alter do Chão (PA) do dia 08 de agosto de 1986.

Ata da reunião do Conselho Comunitário de Alter do Chão (PA) o dia 18 de maio de 1987.

Ata da reunião do Conselho Comunitário de Alter do Chão (PA) do dia 8 maio de 1989.

Ata da reunião do Conselho Comunitário de Alter do Chão (PA) do dia 20 de abril de 1990.

Ata da reunião do Conselho Comunitário de Alter do Chão (PA) do dia 3 de maio de 1990.

Ata da reunião do Conselho Comunitário de Alter do Chão (PA) do dia 11 maio de 1994.

Ata do Conselho Comunitário de Alter do Chão (PA) do dia 5 de junho de 1990

Ata da reunião do Conselho Comunitário de Alter do Chão (PA) do dia 23 agosto de 1994.

## Entrevistas

BRANCO, Maria de Nazareth Sardinha. [20 de agosto de 2013]. Residência da entrevistada em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

COSTA, Edilberto Ferreira. [4 de outubro de 2013]. Residência do entrevistado em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

COSTA, Vilésio Pedroso. [20 de agosto de 2013]. Residência do entrevistado em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

GLABE, Aurenice Araújo. [30 janeiro de 2013]. Residência da entrevistada em Santarém, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

LEAL, Laurimar dos Santos. [1 novembro de 2006]. Residência do entrevistado em Santarém, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

LIMA, Maria Justa Corrêa de. [3 de setembro de 2013]. Residência da entrevistada em em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

LOBATO, Lusía dos Santos. [01 de outubro de 2013]. Residência da entrevistada em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

OLIVEIRA, Osmar Vieira de. [29 de agosto de 2013]. Residência do entrevistado em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

SARDINHA, Cleuton José Wanghon. [01 de outubro de 2013]. Residência do entrevistado em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

SARDINHA, Crispiana de Jesus. [20 de setembro de 2012]. Residência da entrevistada em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Claudia Laurido Figueira.

SARDINHA, Maria Antônia Sousa. [23 de agosto de 2012]. Residência da entrevistada em Caranazal, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

SOUSA, Élcio Amaral. [27 de outubro de 2006]. Residência do entrevistado em Santarém, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

SOUSA, Terezinha Lobato. [02 de setembro de 2013]. Residência da entrevistada em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

SOARES, Marlison Hélio Vasconcelos. [27 de setembro de 2013]. Residência do entrevistado em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

VASCONCELOS, Darcilei Viana de. [12 de dezembro de 2006]. Residência da entrevistada em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

VASCONCELOS, Heitor Sardinha de. [24 de outubro de 2013]. Residência do entrevistado em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

VASCONCELOS, Laudelino Sardinha de. [22 agosto 2013]. Residência do entrevistado em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

VASCONCELOS, Leocadia Lobato de. [21 de agosto de 2013]. Residência da entrevistada em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

VASCONCELOS, Mauro Luis Lobato. [01 de setembro de 2013]. Residência do entrevistado em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

WANGHON, Eunice Sardinha. [20 de agosto de 2013]. Residência de sua irmã em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

VIEIRA, Antônio de Jesus. [20 de setembro de 2013]. Residência do entrevistado em Alter do Chão, PA. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

## **Fotografia**

Acervo Instituto Boanerge Sena

Acervo pessoal de Eunice Sardinha Wanghon

Acervo pessoal de Heitor Sardinha de Vasconcelos

Acervo Aurenice Glabe Araújo

Acervo pessoal Leocadia Lobato de Vasconcelos

Acervo pessoal de Terezinha Lobato de Sousa

Outras fotografias foram produção durante a pesquisa

## **Jornais**

Tudo foi ultrapassado. **O Jornal de Santarém**, p. 01, 22 nov. 1969.

Governador em Santarém. **O Jornal de Santarém**, p. 02, 08 jan. 1972.

Diretor da Embratur em Santarém. **O Jornal de Santarém**, p. 01, 24 mar.1973.

Festa Folclórica. **O Jornal de Santarém**, p. 04, 31 de mar. de 1973.

Amazônia já tem plano de desenvolvimento turístico. **O Liberal**, p. 08, 02 jun. 1973.

I Festival desenvolvimento turístico. **A Província do Pará**, p. 09, 19 ago. 1974.

Sairé com data marcada. **O Momento do Povo Santareno**, 30 mai.1981.

Danças folclóricas na festa do "Sairé". **O Momento do Povo Santareno**, 27 jun. 1981.

Sairé movimenta Alter do Chão neste final de Semana. **A Gazeta**, p.12, 11 a 17 jul. 1996.

Líderes xiitas de Alter do Chão querem acabar com a Festa do Sairé. **A Gazeta**, p. 07, 18 a 24 jul.1996.



**ANEXO A - Portaria nº 41 enviada ao Prelado de Santarém, Mons. Frei Anselmo Pietrulla**

**CIRCULAR N. 1**

Santarém, 15 de Março de 1942.

**Revmo. Sr.**

**Pax et bonum.**

Para cortar definitivamente os abusos que por ocasião das festas religiosas sempre de novo se repetem, tanto em despróveito da ordem e disciplina publicas como da piedade dos fieis, peço a V. Rerma, que leve ao conhecimento dos seus paroquianos a seguinte Portaria do Exmo. Sr. Chefe de Policia de Belém, valendo-se da mesma perante as respectivas autoridades, para as festas religiosas conservarem, durante todo o seu pereurso, o carater estritamente religioso:

**Departamento de Segurança**

*12 de fevereiro de 1942*

**Portaria n. 41**

*O Chefe de Policia do Estado, usando de suas atribuições legais e considerando que vem recebendo constantes reclamações contra as festividades religiosas que se realizam na sede e no interior dos municipios do Estado, sem a necessaria autorização das autoridades eclesiasticas, tais como ladainhas, mastros votivos, procissões, etc. nas quais se conduzem imagens de Santos da Igreja Católica;*

*Considerando que essas festividades se prolongam por noites seguidas com funcionamento de casas e bancas de jogo e venda de cachaça;*

*Considerando que essas praticas visam a exploração de crença religiosa do povo, para dele se obter dinheiro sobre a falsa alegação de que se destina ao Santo homenageado;*

*Considerando que este fato constitue, por si só, grave desrespeito aos Santos e fere os sentimentos religiosos do povo paraense, além de ser ludibriado em sua fé;*

*Considerando que o jogo é uma contravenção proibida pela lei penal, por ser um mal social pelas consequencias nocivas e prejudiciais que traz ao individuo e á coletividade, da mesma forma o uso da cachaça, cujo abuso leva o mais pacato cidadão ao crime, além de correr para sua propria degeneração e de sua prole.*

**RESOLVE:**

*1º) — determinar a todos as autoridades policiaes do interior do Estado que proibam, terminantemente, que se realizem festividades religiosas com apresentação de imagens de Santos, sem autorização expressa de autoridade eclesiastica do lugar;*

*2º) — proibir, de modo geral, que durante as festividades religiosas, ainda mesmo que permitidas, se pratique o jogo de azar de qualquer natureza e especie, assim como a venda e uso de cachaça;*

*3º) — contra os infratores, as autoridades policiaes lavrarão, quanto couber, auto de flagrante delito ou inquerito policial, cujos autos serão entregues ao Juizo de Direito da Comarca, tudo de acordo com a Lei das Contravenções e Codigo de Processo Penal. Cientifique-se e publique-se.*

**Salvador de Borborema, Chefe de Policia.**

De V. Revma. humilde servo em Jesus Cristo

*Mons. Frei Anselmo Pietrulla*

Administr. Apostol. da Prelatura de Santarém

## **ANEXO B – Cantos do ritual religioso da Festa do Sairé**

### **Marabaixo**

Marabaixo, maracima  
 Quem te trouxe nesta terra  
 Suspiro de uma viúva  
 Lágrimas de uma donzela  
 Suspiro de uma viúva  
 Remando contra a maré  
 Para ver se encontramos

Lágrimas de uma donzela  
 Por aqui vamos andando  
 Bom Jesus de Nazaré  
 Para ver se encontramos  
 Bom Jesus de Nazaré  
 Por aqui nasceste rosas  
 Rasteirinha pelo chão  
 Vamos todos festejar

Vamos todos festejar  
 Quinta-feira da Assunção

### **As três Marias**

Três Marias se vestiram, ai se vestiram  
 Ai, numa noite, ai de luar (2X)  
 A procura do Senhor, aí do senhor  
 Que nunca poderão achar,(2x)  
 Foram achar Senhor em Roma, Senhor em Roma  
 Ai, residindo no Altar, ai residindo no altar.  
 Com cálice (calis) de ouro na mão, de ouro na mão  
 E a hóstia por consagrada,(2x)  
 E a hóstia foi consagrada foi consagrada  
 Missa nova, ai por dizer, a missa nova, ai por dizer  
 Oh! Que linda Missa nova, ai missa nova  
 Que no céu ai de haver que no céu, ai de haver  
 Só no céu há de haver, ai de haver  
 E os anjos com alegria e os anjos, com alegria  
 Jesus Cristo é Rei da Glória, rei da glória  
 Aí, filho da virgem Maria ai filho da Virgem Maria

**ANEXO C – Cantos do ritual religioso da Festa do Sairé****Canto do ritual de agradecimento**

Já cantemos ai, já rezemos  
Ai, já rezemos  
Ai, já cumprimos as orações  
Rezemos com alegria  
Ai, no Rosário de Maria  
Os devotos que rezaram  
Ai, que rezaram  
Ai, com amor e devoção  
Rezemos com alegria  
Ai, no Rosário de Maria  
Tem os anjos por companha  
Ai, por campanha  
Ai, para nossa salvação  
Rezemos com alegria  
Ai, no Rosário de Maria  
Oh! Virgem nossa senhora  
Senhora és mãe de nossos corações  
És mãe de nossos corações  
Rezemos com alegria  
Ai, no Rosário de Maria  
Seja para glória vossa  
Ai, glória vossa  
Ai, glória para sempre amém.  
Ai, glória para sempre amém.

**ANEXO D – Cantos do ritual religioso da Festa do Sairé****Glorioso São João**

Já se vai o alegre dia  
Ai já se vai o alegre dia  
Já se vem a triste noite  
Os anjos estão rezando o sinal da santa cruz  
A ele seja nosso guia.

Jesus Cristo é o Rei da glória  
Filho da virgem Maria  
Glorioso São João, ai glorioso São João  
Ai ele seja nosso guia.  
Jesus Cristo é o Rei da glória  
Filho da virgem Maria

Glorioso São João, ai glorioso São João  
Venha benção da noite  
Os devotos estão aqui para ouvir sua benção  
Glorioso São João, ai glorioso São João  
Ai ele seja nosso guia  
Jesus Cristo é o Rei da glória  
Filho da virgem Maria

Já se vai o alegre dia  
Já se vem a triste noite  
Os anjos estão rezando o Pai Nosso e Ave Maria

Glorioso São João, ai glorioso São João  
Ai ele seja nosso guia  
Jesus Cristo é o Rei da glória  
Filhos da virgem Maria  
Glorioso São João, ai glorioso São João  
Ai ele seja nosso guia  
Jesus Cristo é o Rei da glória  
Filho da virgem Maria

**ANEXO E – Cantos do ritual religioso da Festa do Sairé****Sempre Louvemos**

**Sempre louvemos de noite e de dia  
Fruto do ventre e da Virgem Maria**

Cheguem todos irmãos devotos  
Curvai os joelhos no chão  
Cheguem todos a receber  
De deus santa benção

**Sempre louvemos de noite e de dia  
Fruto do ventre e da Virgem Maria**

Lá vem a pomba voando  
Vem chegando lá de Roma  
Vem dizendo viva, viva  
Viva senhoras mordomas

**Sempre louvemos de noite e de dia  
Fruto do ventre e da Virgem Maria**

O que aquilo que ali vejo  
Naquela salva redonda  
Na salva tem uma coroa  
Na coroa tem uma pomba

**Sempre louvemos de noite e de dia  
Fruto do ventre e da Virgem Maria**

No altar da mãe de Deus  
Lá tem coisa que lá recendem  
Não cravos nem são rosas  
São as ceras que se acedem

**Sempre louvemos de noite e de dia  
Fruto do ventre e da Virgem Maria**

Dentro desta casa anda  
Uma pombinha voando  
É a Virgem Santa Maria  
Que estas nos abençoando

**Sempre louvemos de noite e de dia  
Fruto do ventre e da Virgem Maria**

Lá vem pomba voando  
Entrando pela matriz  
Vem dizendo viva, viva a nossa imperatriz

**Sempre louvemos de noite e de dia  
Fruto do ventre e da Virgem Maria**

Viva a nossa imperatriz  
Raminhos de cravidade  
Que ela foi escolhida  
Por Santíssima Trindade

**Sempre louvemos de noite e de dia  
Fruto do ventre e da Virgem Maria**

Lá vem a pomba voando  
Junto com o nosso Senhor  
Vem dizendo viva, viva  
Viva o nosso imperador

**Sempre louvemos de noite e de dia  
Fruto do ventre e da Virgem Maria**

Viva o nosso imperador  
Raminhos de cravidade  
Que ele foi escolhido  
Por Santíssima Trindade  
A pomba foi ao Jardim  
Escolher as nove rosas  
Três brancas, três rosas  
Três amarelas e cheirosas

**Sempre louvemos de noite e de dia  
Fruto do ventre e da Virgem Maria**

Cheguem irmãos devotos  
Cheguem todos pra beijar  
Nossa Senhora tão que alegre ela está

**Sempre louvemos de noite e de dia  
Fruto do ventre e da Virgem Maria**

Já cantemos, já rezemos  
Pra Virgem Santa Maria  
Guardemos a nossa caixa  
Fizemos nossa folia

**Sempre louvemos de noite e de dia  
Fruto do ventre e da Virgem Maria**

## ANEXO F – Ladainha do Divino Espírito Santo rezada na ritual religioso do Sairé

### Ladainha:

Dominus me dei ajotarium  
 Pra me entender  
 Dominus jovanes, cristine  
 Glória ao Pai, ao Filho, ao Espírito Santo  
 Sicundera no principio, ed nunca  
 Ed sempre, ed século, seculorum, amém  
 Vem o Espírito de luz  
 O divino consolador  
 Abraza os nossos corações  
 Nas chamas de teu amor  
 O duro inferno  
 Faz-nos cruel guerra, tudo no mundo  
 Reúne sedutor, tudo é para nós  
 Perigo sobre a terra só tu só tu nos livra oh Senhor  
 Vem o Espírito de luz  
 Só tu, so tu nos livrará Senhor  
 Pra ti vai nossa prudência  
 Aí que nos possa desviar  
 Vem socorrer nossa inteligência Espírito de inteligência.  
 Vem nossas trevas dissipar  
 Vem oh Espírito Santo de Luz  
 Pai nosso que estais no céu  
 Santificado seja o Vosso Reino  
 Seja feita a vossa vontade  
 Assim na terra como no céu  
 O pão nosso de cada dia  
 Nos daí hoje, perdoai as nossas dívidas  
 Assim como nós perdoamos os nossos  
 Devedores, não deixeis  
 Cair em tentação nos livra nosso  
 Senhor e de todo mal. Amém Jesus.  
 Ave Maria cheia de Graça  
 -O senhor é convosco Bendita sis  
 Vós entre as mulheres  
 -Bendito é o fruto do vosso ventre Jesus  
 Santa Maria mãe de Deus, rogai por nós pecadores,  
 Agora e na hora de nossa morte amém Jesus.  
 Emitte spiritum tuum et creabuntur  
 R: Et renovabis faciem terrae. Amém  
 Divino Espírito – Pomba sem mancha  
 Abrazae as nossas almas  
 Abrazae as nossas almas  
 Na bem aventuraça  
 Divino Espírito  
 Fogo e caridade

Recebei as nossas almas  
 Recebei as nossas almas  
 De pureza e humilde  
 Divino Espírito  
 Nosso Pai e guia  
 Assiste-a nos propicio  
 No último dia  
 Kyrie, aleison  
 Christie, audi nos  
 Pater de caelis Deus miserenobis  
 Filie, Redemptor mundi Deus, miserenobis  
 Spiritus Saint Deus miserenobis  
 Sancta Trinitas unus Deus, miserenobis  
 Sancta Maria, Ora pro nobi  
 Sancta Dei Genitrix, Ora pro nobis  
 Mater Christi, Ora pro nobis  
 Mater puríssimo, Ora pro nobis  
 Mater castíssima, Ora pro nobis  
 Mater inviolata, Ora pro nobis  
 Mater intermerata, Ora pro nobis  
 Mater amabilis, Ora pro nobis  
 Mater admirabilis, Ora pro nobis  
 Mater boni consilii, Ora pro nobis  
 Mater Creatoris, Ora pro nobis  
 Mater Salatoris, Ora pro nobis  
 Virgo prudentissima, Ora pro nobis  
 Virgo venerada, Ora pro nobis  
 Virgo praedicanda, Ora pro nobis  
 Virgo Potens, Ora pro nobis  
 Virgo Clemens, Ora pro nobis  
 Virgo Fidelis, Ora pro nobis  
 Speculum justitiae, Ora pro nobis  
 Sedes sapientiae, Ora pro nobis  
 Vas Spirituale, Ora pro nobis  
 Vas honorabile, Ora pro nobis  
 Vas insigne devotionis, Ora pro nobis  
 Rosa mystica, Ora pro nobis  
 Turris Davidica, Ora pro nobis  
 Domus aurea, Ora pro nobis  
 Foederis Arca, Ora pro nobis  
 Janua caeli, Ora pro nobis  
 Stella matutina, Ora pro nobis  
 Salus infirmorum, Ora pro nobis  
 Refugium peccatorum, Ora pro nobis  
 Consolatrix affictorum, Ora pro nobis  
 Auxilium Christianorum, Ora pro nobis  
 Regina angelorum, Ora pro nobis  
 Regina patriarcharum, Ora pro nobis  
 Regina apostolorum, Ora pro nobis  
 Regina martyrum, Ora pro nobis



Regina confessorum, Ora pro nobis  
Regina virginum, Ora pro nobis  
Regina Sanctorum omnium, Ora pro nobis  
Regina sine labe, Originali concepta, Ora pro nobis  
Agnus Dei qui tollis  
Exaudi nos, Domine  
Agnus Dei qui tollis  
Peccata mundi, misere nobis  
Ora pro nobis, misere nobis  
Peccata mundi, misere nobis  
Ora pro nobis, Sancta Dei Genitrix  
Ut digni efficiamur Promissionibus, Christi Amém.  
Pai nosso ...  
Ave Maria ...  
Salve Rainha ...  
Veni, Creator spiritus  
Mentes tuorum visita  
Emple superna gratia  
Quae tu creaste pectora  
Quae tu create pectora  
Acende lum em sénsibus  
Enfúnde amoórem cordibus  
Enfirma nostril córporis  
Virtúte firmas pérpeti  
Virtúte firmas pérpeti  
Deo part sit glória  
Et Filii qui a mórtis  
Surréxit ac paráclito  
Em saecularum saecula. Amém  
Divino Espírito Santo rogai por nós.

**ANEXO G – Cantos de trabalho****Macucauá**

Mangerona da panela  
Traz o galho repartido  
Macucauá  
Você me mandou cantar  
Pensando que eu não sabia  
Macucauá  
Cadê o nosso juiz  
Por ele pergunto eu  
Ninguém me respondeu  
De vergonha eu não chorei  
Cadê a nossa juíza  
Por ela pergunto eu  
Cadê o tarubá  
Despedida será hoje  
Amanhã não pode ser.

**Quebra macaxeira**

Quebra, quebra, quebra  
Quebra macaxiera  
Cheira cravo, cheira rosa  
Cheira flor de laranjeira  
Aurora Maria  
Maria levou  
Brinquinho de princesa  
Maria levou

**ANEXO H – Cantos de trabalho****Curimbó**

Camelão foi à festa  
Com a circula sem botão  
Amarra, amarra, amarra  
Amarra o cameleão  
Amarra, amarra, amarra  
Amarra de pé e mão  
Eu vi Manuel, eu vi  
Eu vi ronco do mar  
Suspende tua bandeira, Mané  
Bandeira da praia mar  
Antônio cravo roxo  
Cravo de manjerição  
Antônio nos meus braços  
Manuel no coração  
Não mexa com a cana verde  
Deixe a cana madurar  
Não mexa com a moça nova  
Que custou seu pai criar  
O lírio ainda que cresça  
Lá no céu não há de chegar  
Ainda que tu me deixes  
Nunca hei de te deixar  
Trepei na cana verde  
Pedi água pra beber  
Não foi sede não foi nada  
Foi vontade de te ver  
7 e 7 são quatorze  
E mais 7 vinte e um  
Não há escrivão que escreva  
A paixão de cada um.  
Amazonas corre água  
Bota areia no fundo como queres que te ame  
Se tu és de todo mundo.

**ANEXO I – Cantos de trabalho****Borboleta**

Eu vi borboleta  
Eu vi a voar  
Eu vi borboleta  
Nas ondas do mar  
A voar, a voar  
Borboleta nas ondas do mar  
Trepei pelo tronco  
Desci pelo galho  
Aguenta baiano  
Se não eu caio

**Baiano**

Baiano, baiano, baiano  
Meu baiano  
Minha mãe é uma baiana  
Eu também sou um baiano

**São Benedito**

O meu São Benedito  
Ele é santo de preto  
Ele bebe garapa  
Ele ronca no peito  
Inde re, re  
Ai Jesus Nazaré, inde, re, re  
O meu São Benedito  
Tem uma coroa  
Tem uma tolha  
Que veio de Lisboa  
Inde, re, re  
Ai Jesus Nazaré, inde, re, re  
Ele vai e vem  
Com muita atenção  
O meu São Benedito  
Vindo em procissão